

Universidade Federal de São Carlos

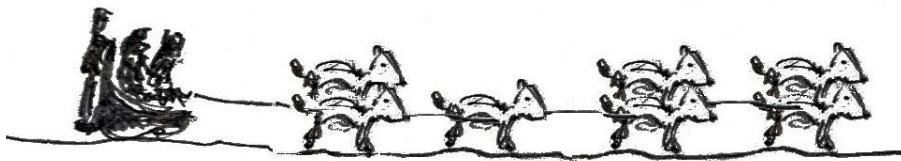
Centro de Educação e Ciências Humanas

Departamento de Ciências Sociais

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social



**“Os cães de trenó na Terra do Fogo (Argentina) e o que eles têm a nos ensinar
sobre o trabalho animal”**



Luisa Amador Fanaro

Orientador: Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden



São Carlos, outubro de 2019

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

**“Os cães de trenó na Terra do Fogo (Argentina) e o que eles têm a nos ensinar
sobre o trabalho animal”**

Luisa Amador Fanaro

Orientador: Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden

**Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em
Antropologia Social da
Universidade Federal de
São Carlos (PPGAS/
UFSCar) como requisito
para obtenção do grau de
mestre.**

São Carlos, outubro de 2019

Amador Fanaro, Luisa

Os cães de trenó na Terra do Fogo (Argentina) e o que eles têm a nos ensinar sobre o trabalho animal / Luisa Amador Fanaro. -- 2019.
290 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Felipe Ferreira Vander Velden

Banca examinadora: Carlos Emanuel Sautchuk, Pedro Augusto Lolli

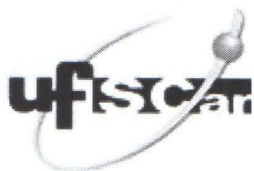
Bibliografia

1. Antropologia das relações humano-animais. 2. Trabalho animal. 3. Cães de trenó. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Luisa Amador Fanaro, realizada em 08/11/2019:

Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden
UFSCar

Prof. Dr. Pedro Augusto Lolli
UFSCar

Prof. Dr. Carlos Emanuel Sautchuk
UnB

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Carlos Emanuel Sautchuk e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ao) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden

Resumo:

Esta dissertação é fruto de pesquisa de campo cujo objetivo foi o estudo das relações entre humanos (especialmente *mushers* e turistas) e cães de trenó – que são, da perspectiva dos *mushers*, cães de trabalho – na atividade turística em Ushuaia (capital da Província da Terra do Fogo/Argentina), concentrando a etnografia, para tal, nas relações práticas e semióticas envolvidas nos passeios turísticos de trenó, na criação dos cães e no *Encuentro Musher*, pequena corrida de trenós local. Para além dos cães de trenó, no entanto, deparei-me, na Terra do Fogo, com vários outros cães em outros contextos, como os cães abandonados nas ruas de Ushuaia e os “cães selvagens” – que constituem um grande problema socioeconômico e, portanto, são passíveis de ser eliminados. Nesse sentido, sugiro que, em terras fueguinas, os diferentes estatutos dos cães (que vão do doméstico/de trabalho ao selvagem/feral, passando por categorias intersticiais) flutuam de acordo com a existência (ou não) de uma “função” social, quer seja, o trabalho animal. Deste modo, argumento que só é possível pensar os cães de trenó por meio da reflexão sobre estes outros cães que compõem as relações entre humanos e animais nesta porção do planeta. O escopo desta dissertação foi, então, a elaboração de uma etnografia multiespecífica que levasse em conta tanto humanos quanto cães (e trenós), bem como de uma reflexão sobre o trabalho animal, suas possibilidades e seus limites.

Palavras-chave: humano-animal; cães; cães de trenó; trabalho animal.

Abstract:

This dissertation is the result of field research whose objective was to study the relationships between humans (especially mushers and tourists) and sled dogs – which are, from the mushers’ perspective, working dogs – in tourism in Ushuaia (capital of *Tierra del Fuego* province/Argentina), focusing the ethnography on the practical and semiotic relationships involved in sled rides, dog breeding and the small local sled race, *Encuentro Musher*. Beyond sled dogs, however, in *Tierra del Fuego* I came across with several other dogs in other contexts, such as the stray dogs on the streets of Ushuaia and the “wild dogs” – which are a major socioeconomic problem and, therefore, are subject to being eliminated. In this sense, I suggest that in fuegian lands the different statuses of dogs (ranging from domestic/working to wild/feral to interstitial categories) fluctuate according to the existence (or not) of a social “function”, meaning animal work. Thus, I argue that in this context it is only possible to think of sled dogs by reflecting on these other dogs that make up the relationships between humans and animals in this part of the planet. This dissertation’s scope was, then, the elaboration of a multispecific ethnography that took into account both humans and dogs (and sleds), as well as a reflection on animal work, its possibilities and its limits.

Keywords: human-animal; dogs; sled dogs; animal work.

Resumen:

Esta disertación es el resultado de una investigación de campo cuyo objetivo fue estudiar las relaciones entre humanos (especialmente *mushers* y turistas) y perros de trineo – que son, desde la perspectiva de los *mushers*, perros de trabajo – en la actividad turística en Ushuaia (capital de la provincia de Tierra del Fuego/Argentina), enfocando la etnografía en las relaciones prácticas y semióticas involucradas en los paseos de trineo, en la cría de los perros y en el Encuentro Musher, una pequeña carrera de trineos en la ciudad. Sin embargo, además de los perros de trineo, me encontré en Tierra del Fuego con varios otros perros en otros contextos, como los perros callejeros en las calles de Ushuaia y los "perros salvajes", que constituyen un gran problema socioeconómico y, por lo tanto, están sujetos a eliminación. En este sentido, sugiero que en tierras fueguinas los diferentes estados de los perros (que van desde las categorías doméstico/de trabajo a salvaje, pasando por categorías intersticiales) fluctúan de acuerdo con la existencia (o no) de una "función" social, es decir, el trabajo animal. Por lo tanto, sostengo que solo es posible pensar en perros de trineo al reflexionar sobre estos otros perros que conforman las relaciones entre humanos y animales en esta parte del planeta. Así, el objetivo de esta disertación fue la elaboración de una etnografía multiespecífica que tuviera en cuenta tanto a los humanos como a los perros (y a los trineos), así como una reflexión sobre el trabajo animal, sus posibilidades y sus límites.

Palabras-clave: humano-animal; perros; perros de trineo; trabajo animal.

Agradecimentos:

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer imensamente ao orientador desta pesquisa, Felipe Vander Velden, que, desde 2012, é minha principal referência na antropologia e por quem guardo muita admiração. Muito tenho a agradecê-lo por todas as leituras, revisões e ideias que tornaram esta dissertação o que ela é.

Agradeço com muito carinho ao Leon, meu companheiro de vida, a quem muito devo, também, pelas muitas leituras e sugestões ao longo desses dois anos, e por sua parceria, apoio e paciência: sem ele, as horas e horas dedicadas a esta dissertação teriam sido extenuantes. Pela aconchegante companhia, nunca serei suficientemente grata!

Em São Carlos, agradeço aos companheiros do grupo de estudos Humanimalia – Antropologia das Relações Humano-Animais, Ariane Vasques, Bruno Guillard, Bruno Santos, Gabriel Sanchez, Izadora Acypreste, Miriam Stefanuto e Túllio Maia (que agora se encontra no além-mar), pelos sempre animados debates sobre os estudos multiespecíficos, e ao Diego Tomaz, pelos anos de divertida e afetuosa convivência. Também agradeço ao Fábio Urban (secretário do PPGAS), pelos muitos auxílios durante esses anos, e aos professores do PPGAS da UFSCar, por tudo que me ensinaram ao longo de todo esse tempo.

À Juliana Boldrin, que, mesmo à distância espaço-temporal, ainda muito me auxilia, um agradecimento especial. Aos meus amigos de Piracicaba, tenho muito a agradecer ao querido Kalil Abdalla (que, hoje em dia, vejo muito menos do que gostaria!), com quem, desde sempre, compartilho uma relação muito forte de companheirismo e amizade.

Aos membros da banca de qualificação, Pedro Augusto Lolli e Piero de Camargo Leirner, agradeço a leitura atenta de meu texto e as muitas ideias pertinentes. Agradeço novamente a Pedro Lolli, e a Carlos Emanuel Sautchuk, por terem aceitado participar da banca de defesa desta dissertação e por seus muitos comentários e sugestões valiosas a respeito de minha pesquisa.

Aos *mushers* e outros colegas em Ushuaia, a quem também devo esta dissertação, meus mais sinceros agradecimentos: Hugo Flores, que me acolheu da melhor maneira possível, seus filhos, Leonardo e Nahuel Flores, Jorge e Hernan, que também me receberam e fizeram de meu tempo com eles muito divertido e prazeroso. Aos meus companheiros caninos em *Siberianos de Fuego*, meu muito obrigada! Também muito tenho a agradecer a Nicolienne van Leeuwen (Nico) e a Luciano Campregher (Lucho), que, apesar da pouca convivência, muito me ensinaram. Também agradeço a Matias, Joel, Marlene e Miguel Isla Casares pelas conversas, aprendizados e compartilhamentos de experiências e conhecimentos. Por fim, gostaria de muito agradecer a Ariel, que, com muita paciência, me transportou mais de trinta vezes até os centros inverniais, e com quem também muito aprendi.

Aos meus pais, Aurelio e Angélica, e à minha irmã, Paula, também tenho muito a agradecer: sem eles, nada disso teria sido possível.

Agradeço à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo auxílio financeiro (processo de número 2017/13073-7) que tornou possível a pesquisa de campo desta dissertação.

Finalmente, gostaria de agradecer, para todo o sempre e com muito amor, meu companheiro canino Vicente e minhas companheiras caninas Totó e Preta (*in memoriam*). Sem vocês, qual seria a graça de viver?

Sumário:

Introdução	22
Capítulo 1 – Os centros inverniais: os criaderos de cães de trenó e aqueles (humanos e cães) que neles trabalham.	39
1.1 – Os centros inverniais e a importância do turismo em Ushuaia.	44
1.2 – <i>Valle de Lobos</i> : do pioneirismo às denúncias.	54
1.3 – <i>Siberianos de Fuego</i> : um negócio familiar.	69
1.4 – O entusiasta Miguel Isla Casares e o <i>Encuentro Musher</i>	90
Capítulo 2 – Os cães na Terra do Fogo: sobre raposas, expedições antárticas, animais daninhos e globos de neve.	110
2.1 – Os cães dos Yámana e dos Selk’nam: o que foi, de fato, o perro fueguino? ...	115
2.2 - Nascido e criado na Antártida, o Perro Polar Argentino.	129
2.3 – Os cães abandonados na cidade e os perros salvajes: sobre cachorros e animais daninhos.	141
2.4 – A América Invertida: os cães de trenó.	155
Capítulo 3 – Uma coreografia ontológica argentina: cães, trenós e humanos dançam tango.	178
3.1 – Sobre codomesticação e uma educação para a atenção: aprendendo a puxar (e conduzir) um trenó.	188
3.2 – “Entrenamos los perros con genética”: domesticação e naturalização dos cães na prática e no discurso do <i>mushing</i>	214
3.3 – A prática no turismo, para o mercado, e os turistas: sobre valor de encontro e capital vivo.	235
3.4 – O animal e o trabalho.	253
Considerações finais	272
Referências bibliográficas.....	279

Índice de Fotos:

Foto 1 - "A cruel imagem de cães famintos no centro invernal [Valle de Lobos/Ushuaia]". Fonte: <i>Actualidad tdf</i>	41
Foto 2 - Parque Nacional Terra do Fogo. Ao fundo, uma <i>turbera</i> . Acervo da pesquisadora.	46
Foto 3 - Foto aérea da estação de esqui <i>Cerro Castor</i>	47
Foto 4 - Avenida <i>San Martín</i> , Ushuaia.....	50
Foto 5 - Ushuaia. Ao fundo, centro turístico comercial. Acervo da pesquisadora.	52
Foto 6 - <i>Calle Provincia Grande</i> , rua na qual me hospedei na cidade. Acervo da pesquisadora.	52
Foto 7 - Foto aérea de Ushuaia. À frente, o aeroporto.	53
Foto 8 - Baía Ushuaia. Acervo da pesquisadora.....	53
Foto 9 - O centro invernal Valle de Lobos. Acervo da pesquisadora.....	57
Foto 10 - Os filhotinhos Alaskanos em seu passeio diário. Acervo da pesquisadora. ...	60
Foto 11 - Os canis em Valle de Lobos. Acervo da pesquisadora.	61
Foto 12 - À frente, Bella e Zeti, Huskies Alaskanos. Ao centro, Rafa sendo tranquilizado por Joel, e Buk ao lado. Acervo da pesquisadora.....	63
Foto 13 - A sede administrativa e o restaurante em <i>Valle de Lobos</i> . Acervo da pesquisadora.	66
Foto 14 - A entrada do centro invernal <i>Valle de Lobos</i> . Acervo da pesquisadora.	66
Foto 15 - Os canis em <i>Valle de Lobos</i> . Vista panorâmica de um dos canis. Acervo da pesquisadora.	67
Foto 16 - O chalé no qual moravam Matias e Marlene. Acervo da pesquisadora.....	67
Foto 17 - Os canis em <i>Valle de Lobos</i> . Parte interna de um dos canis. Acervo da pesquisadora.	68
Foto 18 - Os canis em <i>Valle de Lobos</i> . Frente de um dos canis. Acervo da pesquisadora.	68

Foto 19 - Picante, o jovem Alaskano briguento e dominante. Acervo da pesquisadora.	71
Foto 20 - À direita, Tundra, a "melhor" Alaskana, de acordo com Hugo. Acervo da pesquisadora.	74
Foto 21 - À frente, Mona, uma Husky Alaskana líder. Acervo da pesquisadora.	74
Foto 22 - Nenito, o Husky Alaskano briguento de nove anos de idade. Acervo da pesquisadora.	75
Foto 23 - À frente, Rupert, o Alaskano "tonto", de acordo com Leo. Acervo da pesquisadora.	75
Foto 24 - Pixie, a Husky Alaskana "falsa" e "causadora de conflitos". Acervo da pesquisadora.	76
Foto 25 - Leo saindo para um passeio, com uma equipe de sete cães. Acervo da pesquisadora.	78
Foto 26 - Passeio de carro puxado por cães em <i>Siberianos de Fuego</i> no verão. Fonte: <i>Siberianos de Fuego</i>	81
Foto 27 - No outono, antes da neve cobrir completamente o solo, os passeios de carro continuam. Fonte: <i>Siberianos de Fuego</i>	81
Foto 28 - O <i>Criadero Siberianos de Fuego</i> , seus 137 cães de trenó e a "arquitetura de relações" coconstituída entre cães e <i>mushers</i> . Acervo da pesquisadora.	85
Foto 29 - Pela manhã, os <i>mushers</i> se preparam para receber os primeiros turistas do dia. Ao fundo, Jorge escolhendo e atrelando ao trenó sua equipe de cães. Acervo da pesquisadora.	87
Foto 30 - Os canis fechados em <i>Siberianos</i> , nos quais as fêmeas no cio, bem como os cães "em reabilitação", como Pixie, ficam confinados. Acervo da pesquisadora.	88
Foto 31 - Nos últimos dias de setembro, a neve já começa a dar lugar a uma camada de gelo, o que torna a pista mais lisa e, portanto, mais perigosa. Acervo da pesquisadora.	88
Foto 32 - Mesmo quando há nevascas, os cães preferem dormir e ficar fora de suas casinhas. Acervo da pesquisadora.	89
Foto 33 - A equipe de cães de Hernan, pronta para partir para um passeio. Acervo da pesquisadora.	89
Foto 34 - Preparação dos competidores no dia da largada. Centro invernal <i>Tierra Mayor</i> . Acervo da pesquisadora.	96

Foto 35 - Equipe de cães de Hugo: Fresa e Lobo, como líderes, Zoon (sozinho), Yordi e Ginko, e Tundra e Piraña. Acervo da pesquisadora.	97
Foto 36 - O centro invernal <i>Tierra Mayor</i> . Acervo da pesquisadora.	99
Foto 37 - No dia da largada, antes de trazerem os cães, os competidores armam a <i>maroma</i> . Acervo da pesquisadora.	104
Foto 38 - A equipe de cães de Josefina Cabral. Acervo da pesquisadora.	105
Foto 39 - Miguel e seus cães formam a <i>Equipo Tres Cuartos</i> . Acervo da pesquisadora.	105
Foto 40 - Nahuel Flores durante o percurso do <i>Encuentro Musher</i> . Dia 01/09/2018. Fotografia de Nicolienne van Leeuwen (Nico).	106
Foto 41 - Hugo Flores no dia da largada. Fotografia de Nicolienne van Leeuwen (Nico).	106
Foto 42 - <i>Tierra Mayor</i> no segundo dia do <i>Encuentro Musher</i> . Acervo da pesquisadora.	107
Foto 43 - Vitória de Javier Alvarez. Acervo da pesquisadora.	107
Foto 44 - Família Selk'nam. No canto, à direita, um cão. Fonte: Charles Furlong, 1907-1908.	117
Foto 45 - Família Selk'nam com seu cão (provavelmente um cão europeu). Fonte: Alberto de Agostini, 1910-1920.	117
Foto 46 - Família Selk'nam e seu cão, provavelmente de origem europeia. Fonte: Charles Furlong, 1908.	118
Foto 47 - O perro fueguino (<i>fuegian dog</i>), espécime de canídeo. Acervo do <i>Museo Regional Fagnano</i> (Río Grande, Terra do Fogo). Fonte: Petrigh & Fugassa (2013)...	125
Foto 48 - Réplica de um trenó, de tamanho real de 3,9 metros de comprimento, utilizado nas expedições antárticas argentinas. <i>Museo Maritimo de Ushuaia</i> . Acervo da pesquisadora.	130
Foto 49 - Um Perro Polar Argentino adulto. Fonte: Urruty (2009).	131
Foto 50 - Perros Polares Argentinos atrelados a um trenó. Fonte: Urruty (2009).	132
Foto 51 - Filhotes de Perro Polar Argentino. Fonte: Urruty (2009).	133
Foto 52 - Um Perro Polar Argentino já adulto. Fonte: Urruty (2009).	136

Foto 53 - <i>Base Antártica Esperanza</i> (2001-2002). Fotografia: Dr. David Demer, NOAA/NMFS/SWFSC/AMLR.....	140
Foto 54 - Cães nas ruas de Ushuaia atacando um pedestre. Fonte: <i>El País</i>	143
Foto 55 - Negro, o cão Labrador abandonado e adotado por Aixa. Acervo da pesquisadora.	145
Foto 56 - Cão selvagem atacando animal de criação em fazenda fueguina. Fonte: <i>El Observador del Sur</i>	147
Foto 57 - Cão protetor trabalhando em fazenda na Terra do Fogo. Fonte: <i>La Nación</i> . ..	149
Foto 58 - Aviso em fazenda fueguina: "Cães protetores de gado trabalhando. Não atrapalhe". Fonte: <i>La Nación</i>	149
Foto 59 - "Os cães selvagens atacam as ovelhas, mas não as comem. Os criadores asseguram que isso é parte de um "jogo" instintivo". Fonte: <i>La Nación</i>	150
Foto 60 - Bigote, parte Alaskano, parte cão selvagem. Acervo da pesquisadora.....	152
Foto 61 - À esquerda, Luna, a Alaskana "docente" de nove anos. À direita, Bono, o Alaskano "preferido" de Hernan. Acervo da pesquisadora.	167
Foto 62 - À frente, da esquerda para a direita, Wind e Fresa, dois Alaskanos líderes da equipe de Hugo. Logo atrás, Nanuk e Nagao (não saberia dizer precisamente qual é qual, uma vez que os cães são praticamente idênticos para olhos não familiarizados). Acervo	169
Foto 63 - Ao fundo, à direita, Flucky latindo e procurando briga com Nenito, Alaskano (também briguento) de nove anos. Flucky tem apenas um ano. Acervo da pesquisadora.	171
Foto 64 - À frente, "bairro" formado pelos cães da equipe de Hernan. Mais ao fundo, "bairro" dos cães de Nahuel. Acervo da pesquisadora.....	173
Foto 65 - Bono, à frente e à esquerda, uiva na iminência de um passeio. Acervo da pesquisadora.	174
Foto 66 - India, a Alaskana "cheia de energia". Acervo da pesquisadora.	175
Foto 67 - O descanso dos cães após um passeio. Acervo da pesquisadora.	190
Foto 68 - Os trenós em <i>Siberianos de Fuego</i> são fabricados com canos, borracha, madeira e outros materiais reutilizáveis. Acervo da pesquisadora.....	193
Foto 69 - O mesmo acontece com os trenós em Valle de Lobos. Acervo da pesquisadora.	194

Foto 70 - Hugo e Nahuel reparando os trenós de passeio. Isso acontecia frequentemente, logo pela manhã, antes de os primeiros turistas chegarem ao <i>Criadero</i> . Acervo da pesquisadora.	195
Foto 71 - Nahuel e seus amigos fazendo reparos no trenó de corrida de Nahuel, às vésperas do <i>Encuentro Musher</i> . Acervo da pesquisadora.	196
Foto 72 - O trenó de corrida de Josefina Cabral. Acervo da pesquisadora.	197
Foto 73 - O trenó de corrida de Hugo. Acervo da pesquisadora.	197
Foto 74 - "Vamos comer!", era o que diziam os cães, de acordo com Hugo, quando latiam (incessantemente) quando estavam sendo alimentados. Acervo da pesquisadora.	201
Foto 75 - Hernan se esforçando para atrelar ao trenó um cão que não queria correr. Acervo da pesquisadora.	202
Foto 76 - Sequência de fotos registrando a saída de Hernan e seus cães para um passeio. Acervo da pesquisadora.	206
Foto 77 - Gema, à direita, e Hummer, os dois Alaskanos aposentados que têm o papel de sociabilizar os outros cães. Acervo da pesquisadora.	210
Foto 78 - Um dentre tantos dias de trabalho no <i>Criadero Siberianos de Fuego</i> . Acervo da pesquisadora.	212
Foto 79 - Ao centro, Rupert, Alaskano com pelagem "incomum", preta e branca. A seu lado, Lion, seu irmão, com pelagem "comum" (para um Alaskano). Acervo da pesquisadora.	223
Foto 80 - O Husky Alaskano e sua genética "aberta". Acervo da pesquisadora.	224
Foto 81 - O Husky Siberiano e sua "ancestralidade lupina". Acervo da pesquisadora.	224
Foto 82 - Tundra, a Alaskana com genética "boa". Acervo da pesquisadora.	226
Foto 83 - Um cão Greyster de <i>Llanos del Castor</i> . Fonte: <i>Llanos del Castor</i>	227
Foto 84 - Leo e seus cães retornando de um passeio. Na prática do trenó, cães e humanos trabalham juntos. Acervo da pesquisadora.	232
Foto 85 - Vicente, o Basset Hound teimoso, preguiçoso e temperamental. Acervo da pesquisadora.	234
Foto 86 - Hugo com dois filhotes na Sala Antártica, 2016. Fonte: <i>Siberianos de Fuego</i>	236

Foto 87 - Lalo, à esquerda, e Nona, os jovens irmãos Huskies Siberianos. Acervo da pesquisadora.	240
Foto 88 - Placa em <i>Siberianos de Fuego</i> : "proibido não ser feliz!". Acervo da pesquisadora.	241
Foto 89 - Placa em <i>Siberianos de Fuego</i> : "zona anti-stress!". Acervo da pesquisadora.	242
Foto 90 - Uma das propagandas no <i>Criadero Siberianos de Fuego</i> , na qual só aparecem Huskies Siberianos. Acervo da pesquisadora.	249
Foto 91 - Hernan e seus cães saindo para um passeio. Fotografia de Luciano Campregher.	251
Foto 92 - À direita, Tito, o Labrador que vivem em <i>Siberianos de Fuego</i> . Acervo da pesquisadora.	269
Foto 93 - Em meados de outubro, com o derretimento da neve e a chegada da primavera, cães e <i>mushers</i> podem, finalmente, descansar por algumas semanas. Acervo da pesquisadora.	271
Foto 94 - "Uma visão aérea do Canil Chocpaw, como mostrado no filme "Sled Dogs"".	272
Foto 95 - Um dos cães Malamute do Alasca que vivem em <i>Llanos del Castor</i> . Acervo da pesquisadora.	274

Índice de Figuras:

Figura 1 - Esboço dos espaços de Valle de Lobos. Acervo da pesquisadora.	62
Figura 2 - Esboço dos espaços do <i>Criadero Siberianos de Fuego</i> e dos <i>barrios</i> dos cães. Acervo da pesquisadora.	73
Figura 3 - Esboço do percurso dos passeios de trenó em <i>Siberianos</i> , feito a partir de um desenho de Hugo. Acervo da pesquisadora.	78
Figura 4 - À esquerda, cartaz da corrida de 2017. À direita, cartaz de 2018. Fonte: Miguel Isla Casares.	92
Figura 5 - Percurso do <i>Encuentro Musher</i> 2018. Fonte: Miguel Isla Casares.	98
Figura 6 - Os trenós aos quais se refere Leroi-Gourhan. Fonte: Leroi-Gourhan 1971.	127
Figura 7 - A América Invertida, de Joaquín Torres García. 1943.	155
Figura 8 - As partes que compõem um trenó, de acordo com os <i>mushers</i> em Ushuaia. Acervo da pesquisadora.	163
Figura 9 - Esboço de uma equipe de cães no trenó de Hugo: oito cães, formando quatro pares. Com exceção de Nanuk (Husky Siberiano), todos os outros cães são Alaskanos. De acordo com Hugo, Fresa é uma de suas melhores líderes. Acervo da pesquisadora.	163
Figura 10 - Esboço de uma equipe de cães no trenó de Jorge: sete cães, formando apenas dois pares. Flucky e Nenito são dois cães muito dominantes e briguentos, e, por isso, quase sempre vão sozinhos no trenó. Acervo da pesquisadora.	164
Figura 11 - Esboço de uma equipe de cães no trenó de Leo: oito cães, formando três pares. Picante, um Husky Alaskano jovem, foi resgatado de Valle de Lobos por Nico. Ele é briguento e quase sempre vai sozinho no trenó. Rupert e Lion, também Alaskanos, são irmãos: Rupert é esteticamente considerado “bonito”, mas é “tonto”, e Lion é esteticamente considerado “feio”, mas muito “inteligente”. Acervo da pesquisadora.	164
Figura 12 - Esboço de uma equipe de cães no trenó de Matias: oito cães, formando quatro pares. Zeus é um Husky Siberiano extremamente dominante, e briga constantemente com seus pares no trenó. Buk também. Acervo da pesquisadora.	164
Figura 13 - Em um primeiro momento, Hernan montou uma equipe de sete cães. Yordi e Luna era um par de cães-guia bastante utilizado. Acervo da pesquisadora.	165

Figura 14 - Depois de algumas poucas voltas, Hernan trocou Luna por Siberia. Luna é uma Alaskana de nove anos e, por isso, não pode ficar muito tempo tracionando um trenó. Acervo da pesquisadora.....	165
Figura 15 - Depois de algumas boas voltas, Hernan colocou India como par de Iosu e trocou Cinto por Anakin. Todos os cães da equipe escolhida por Hernan eram Huskies Alaskanos. Acervo da pesquisadora.	166
Figura 16 - Modelo das categorias e estatutos dos cães na Terra do Fogo. Elaborado pela pesquisadora.....	265
Figura 17 - Modelo de feralização. Fonte: Boitani et al. (2017).	266

Índice de Mapas:

Mapa 1 - Arquipélago da Terra do Fogo (Província da Terra do Fogo/Argentina). Localização de Ushuaia. Fonte: <i>Google Maps</i>	28
Mapa 2 - Localização dos centros invernais e outros principais pontos turísticos de Ushuaia. Fonte: < http://turismoushuaia.com >.	48
Mapa 3 - Localização do centro invernais <i>Valle de Lobos</i> , a partir da <i>Ruta 3</i> , Ushuaia. Fonte: <i>Google Maps</i>	64
Mapa 4 - Localização do <i>Criadero Siberianos de Fuego</i> , a partir da <i>Ruta 3</i> , Ushuaia. Fonte: <i>Google Maps</i>	87
Mapa 5 – Distribuição da ocupação da Terra do Fogo pelas primeiras populações fueguinas. Fonte: George Macdonald.....	116

Nota Inicial:

Nesta dissertação, todas as citações diretas de meus interlocutores foram transcritas e mantidas em espanhol. As citações indiretas, por sua vez, foram traduzidas para o português e deixadas entre aspas. As passagens advindas da bibliografia foram traduzidas para o português quando em destaque ou no corpo do texto e, quando em notas de rodapé, mantidas nas línguas originais. Finalmente, os termos em outras línguas, sem tradução para o português, bem como os termos nominais, foram deixados em itálico – tanto no corpo do texto quanto nas notas de rodapé.

*“He dicho Escuela del Sur; porque en realidad, **nuestro norte es el Sur**. No debe haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur. Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte”.*

Joaquín Torres García

“Um galo canta muito longe, e em seguida outro, mais próximo. Muitas vezes tenho vontade de lhes responder. Mas só sei emitir cacarejos humanos, não tangos de galo”.

Mario Benedetti

Introdução:

Avançam juntos, aos pares, em marcha elástica, não tanto conduzidos pelo humano pesadamente encapotado que vem no trenó atrás deles, mas trotando mais por vontade própria (Balzar 2008:8).

Minhas manhãs no *Criadero Siberianos de Fuego*, um dos quatro *criaderos*¹ de cães de trenó em Ushuaia (capital da Província da Terra do Fogo, na Argentina), sempre começavam estrondosamente. Por volta das dez horas, após a alimentação dos cães e a limpeza dos canis, os *mushers*² se incumbiam de preparar os cinco trenós para os passeios que, dentro em pouco, com a chegada dos primeiros turistas, teriam início. Ao mesmo tempo, os 137 cães de trenó que (con)vivem ali principiavam a latir ininterruptamente em uma sinfonia canina insólita. Para Hugo Flores, proprietário do *Criadero*³, os cães estavam dizendo, entusiasticamente: “quero correr!”, “vamos correr!”.

Para ele e para os outros quatro *mushers* que trabalham no lugar – seus dois filhos, Leonardo e Nahuel Flores, além de Jorge e Hernan –, a natureza desses cães é definida pelo trabalho. Do ponto de vista dos *mushers*, estes são cães que, “geneticamente” e “ancestralmente”, “amam correr” – e, portanto, trabalhar. Para eles, o que define esses cães como animais de trabalho é sua “necessidade natural” de correr e tracionar: puxar um trenó (ou seja, trabalhar), então, é uma forma de satisfazer uma necessidade canina “natural”. Cães de trenó, nesse sentido, são “naturalmente”

¹ *Criaderos* são os locais nos quais os cães de trenó são criados e treinados e onde acontecem os passeios turísticos de trenó.

² *Musher* é o termo utilizado, ao menos na prática turística e desportiva, para designar aquele (humano) que conduz o trenó. No inglês, sua definição é “the driver of a dog sled”. Presume-se que o termo seja uma derivação do verbo *mush*, “go on a journey across snow with a dog sled”, que, por sua vez, muito provavelmente deriva de uma alteração dos termos franceses “marchez!” ou “marchons!”, “imperatives of marcher ‘to advance’”. Informações disponíveis em: <<https://www.lexico.com/en/definition/mush>>.

³ *Siberianos de Fuego* é o único *criadero* de cães de trenó em Ushuaia no qual o próprio dono do lugar cuida dos cães e é o principal responsável por eles.

trabalhadores.

Além disso, treinar esses cães consiste em, principalmente, prepará-los geneticamente – por mais que a ideia pareça paradoxal –, como se verá, desde a escolha dos cruzamentos à concepção, para a prática do trenó: os *mushers*, assim, se responsabilizam pela manutenção da “natureza”⁴ desses cães que, de acordo com Hugo, têm uma necessidade instintiva de correr e tracionar. “Treinar com genética”, portanto, é “fazer um plano prévio” (Hugo), e, através da convivência e da observação com e dos cães – e da cocriação de uma terceira linguagem (uma linguagem própria e inteligível para e entre cães e *mushers*), como sugeriu Brandt (2004) em seu contexto de pesquisa com cavalos –, os *mushers* põem em prática o que, de seu ponto de vista, constituem os melhores cruzamentos para lograr e perpetuar bons puxadores de trenó (ou seja, bons trabalhadores). Como já afirmado por Haraway (2003b), a genética canina é um tema que rende muitas discussões.

No entanto, durante minha estadia em campo, outros aspectos dessa relação humano-canina *sui generis* também afloraram. Ali, para além desse “treino genético”, que, afinal, é uma prática direcionada a cães que contêm em si mesmos muito mais cultura que natureza – são perfeitas *naturezas* culturais, tal qual Haraway (2008) sugeriu –, os cães de trenó aprendem a tracionar, sobretudo, entre si: são eles que, através de latidos, rosnadas, olhares e mordidas, ensinam uns aos outros como se deve puxar um trenó e trabalhar em equipe – esses cães, como os *mushers*, têm de saber servirem-se de seus corpos (Mauss 2003). Por meio de uma espécie de “educação para a atenção” (Ingold 2000), então, cães “veteranos” orientam cães “novatos” a trabalhar com dedicação, atenção e a ir “siempre adelante”. Vander Velden (2016), entre os cães de caça dos Karitiana em Rondônia, notou algo similar.

⁴ “Natureza” era um dos termos utilizados pelos *mushers* para se referir às aptidões dos cães para o trabalho em questão – correr e tracionar um trenó.

Não obstante, os *mushers*, mesmo reconhecendo e afirmando que esses cães ensinam uns aos outros a prática do trenó, parecem reconhecer uma agência canina apenas quando os animais contrariam seus comandos – quando, principalmente, se recusam ou dificultam seu atrelamento ao trenó, quer dizer, quando não demonstram interesse e desejo de trabalhar. Sem embargo, para mais de uma “ação de resistência”, afirmo, nesta dissertação, que essa recusa canina tem mais que ver com uma forma de *negociação*, como sugeriu Hribal (2007), entre duas partes envolvidas e constituintes na e da mesma prática, uma vez que esses cães, antes de tudo, *concordaram* com trabalhar e conviver com esses humanos (como sugeriu Leirner, em manuscrito não publicado, para outros contextos)⁵ – se não fosse assim, a própria prática do trenó não seria possível, uma vez que ela se constitui e é dependente de uma *assemblage* muito particular entre *mushers*, cães e trenós.

Por outro lado, para os turistas, esses cães não são (ou, pelo menos, não deveriam ser) animais de trabalho – latem “desesperadamente” porque ficam presos o dia inteiro e puxar um trenó é sua única oportunidade de fazer exercício. Ora essa! Cães são animais de estimação, e não animais de carga! E, no entanto, de janeiro a janeiro milhares e milhares de turistas lá estão, em meio a lamentos (pelos animais) e reprovações (da prática do trenó), pagando para se divertir: após o choque inicial (não é todo dia que se vê um cachorro tracionando), parece até que se esquecem do fato de que estão pagando pelo trabalho dos animais. Ser ou não ser um animal de trabalho, eis a questão. Quiçá haja uma equação entre a percepção dos trabalhadores (*mushers*) sobre os cães como trabalhadores e dos turistas sobre os cães como... O que? Como meras partes da máquina-trenó? Como proletários, talvez mesmo servos ou escravos? De todo modo, deve-se admitir que é em torno do *trabalho animal* que gira esse

⁵ Como será discutido mais adiante nesta dissertação, sugere-se aqui que os animais concordaram em “(...) participar desse ato ímpar de agir com(o) humano, dispendendo sua vida no trabalho” (Leirner s/d).

conjunto de percepções dos cães de trenó, e é também em torno dele que a avaliação de outros cães na Terra do Fogo parece se constituir, como veremos.

Ao passo que os *mushers* estão trabalhando, os turistas estão pagando e se divertindo – e, já que estão pagando, têm o direito de usufruir (e, talvez, de subjugar) o que (e quem) quer que seja. Disseram-me os *mushers* que, a todo o momento, eram tratados com desrespeito pelos turistas: de acordo com eles, “só porque estão pagando as pessoas acham que podem tudo”. Os cães, por sua vez, recebiam carinhos, agrados e beijos dos turistas... Até serem atrelados aos trenós. Deste momento em diante, os cães perdiam seu estatuto de (potencial?) animal de estimação e passavam a constituir, como os *mushers*, mão de obra – e, portanto, deveriam entregar aquilo que prometiam: divertimento a qualquer custo. Fennell (2013) elaborou uma ampla discussão sobre animais trabalhando no turismo – e sobre o que turistas desejam e esperam dessa relação, como, por exemplo, ver animais saudáveis e felizes trabalhando para eles. Esse mesmo autor divulgou os seguintes números:

(...) [estima-se] que existem 120 bilhões de animais utilizados anualmente em todos os principais setores de animais (laboratórios, criação industrial) cujo bem-estar é afetado pelas ações humanas. Outros 100 milhões de animais são usados como trabalhadores ou para entretenimento e aproximadamente um milhão de animais são mantidos em zoológicos (Fennell 2013:325).

Sem embargo, outros cães em outros contextos, envolvidos em outras relações e práticas multiespecíficas, me fizeram conhecidos desde minhas primeiras semanas em campo. Ushuaia, assim como Río Grande e Tolhuin, as outras duas únicas cidades que constituem a Província da Terra do Fogo, têm problemas de longa data com o abandono de cães de estimação nas zonas urbanas. São, de fato, muitos animais vagando pelas ruas, quase sempre em condições de saúde lamentáveis. Esses cães, no

entanto, são em certo grau “aceitáveis” pela população fueguina, e, em Ushuaia, não são motivo de grandes preocupações – a não ser por algumas ONGs de proteção animal.

O que é motivo de real preocupação são os denominados *perros salvajes* (Schiavini & Narbaiza 2015). São aqueles cães que, a partir do abandono, formaram *jaurías* (matilhas) ferais nas zonas rurais e desabitadas da Ilha e que, para sobreviver, atacam os animais de criação – sobretudo ovelhas e carneiros – das fazendas fueguinas e aterrorizam turistas e *estancieros* (fazendeiros). Neste contexto, os *perros salvajes* foram excluídos dos domínios do que é humano: eles não mais tomam parte nas relações que poderiam lhes dotar de qualquer valor e poder agentivo. Sem uma função social a desempenhar (seja tracionando um trenó, seja “trabalhando” nas casas fueguinas como pets), ou seja, “desempregados”, por assim dizer, esses cães são um “problema a ser resolvido”: e “resolvido”, neste contexto, significa “eliminado”⁶.

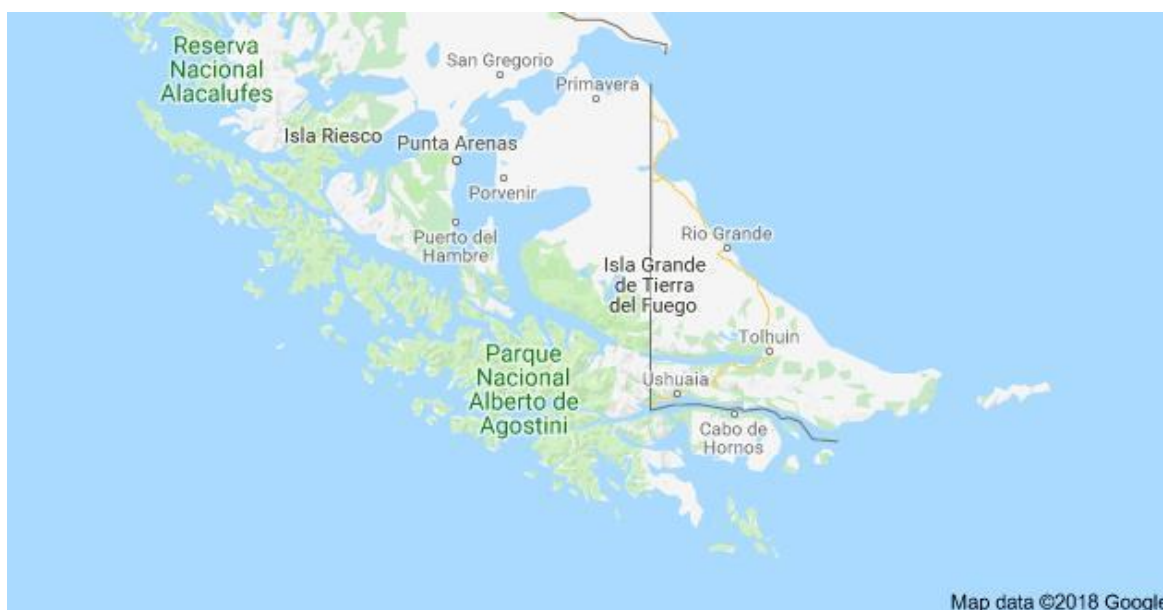
Por essas e outras razões, o objetivo principal desta dissertação é o de pensar esses cães no extremo sul do planeta a partir de uma reflexão sobre o trabalho animal (Cf. Coulter 2016; Haraway 2008; Porcher 2014; Savalois, Lescureux & Brunois 2013) – buscando, dessa forma, alargar, no campo disciplinar da antropologia, as discussões em torno da categoria “trabalho” (Cf. Coulter 2016) a partir da observação desses cães que têm a qualidade de serem puxadores de trenós, bem como daqueles que acabam por constituir um “problema” na Terra do Fogo justamente pela ausência do trabalho – e, portanto, de uma “função” social. Os estatutos dos cães, ali, parecem ser, em larga medida, definidos a partir da categoria “trabalho”.

⁶ Os cães abandonados nas ruas também são, em certo sentido, “desempregados”, pois perderam suas funções de “animal de companhia”. O problema desses cães selvagens, como “desempregados rurais”, é que atacam humanos e outros não humanos, ou que são cães – animais urbanos e humanos por excelência – vivendo em espaço “selvagem”, que não é (ou não deveria ser) para eles. Cães abandonados na cidade, tudo bem, é “normal”; agora, cães abandonados nas zonas rurais constituem graves problemas (para os humanos)...

Esta dissertação é fruto de pesquisa de campo, realizada ao longo dos meses de agosto, setembro e outubro de 2018, cujo objetivo foi o estudo das relações entre humanos (especialmente *mushers* e turistas) e cães de trenó em Ushuaia, concentrando a etnografia, para tal, nas relações práticas e semióticas⁷ envolvidas nos passeios turísticos de trenó, na criação dos cães e no *Encuentro Musher*, pequena corrida de trenós local que teve sua primeira edição em 2016. Para tanto, tencionei desvelar o que são esses cães e suas relações com os *mushers* e os turistas, bem como a relação entre cão, trenó e humano, a partir da etnografia das relações materiais e semióticas (Cf. Lien & Law 2011) constituídas entre humanos e não humanos naquele contexto. O escopo foi, então, a elaboração de uma etnografia multiespecífica (Kirksey & Helmreich 2010), que levasse em conta tanto humanos quanto cães (e trenós), e com a qual se espera contribuir para a antropologia das relações humano-animal, para a antropologia da técnica, e para a compreensão da miríade de relações possíveis entre seres humanos e caninos.

O projeto de pesquisa desta dissertação tomou forma depois que estive em Ushuaia, pequena cidade localizada no extremo sul da Argentina e capital da Província da Terra do Fogo, em março de 2015. Com quase sessenta mil habitantes, Ushuaia é uma das (apenas) três cidades que compõem a província mais austral daquele país. Ali, chamou-me a atenção o grande número de cães andando pelas ruas, soltos e sem a companhia de seus putativos donos. Naquele momento, a ideia de desenvolver uma pesquisa que tomasse por objeto esses cães e suas relações com humanos, ou mesmo quaisquer outros cães em qualquer outro lugar, não me passou pela cabeça.

⁷ Nesta dissertação, assumo as relações práticas e semióticas como indissociáveis e mutuamente constituídas: como sugeriram Lien e Law (2011:82), “realities and distinctions are always done in practices: (...) they simply do not exist outside the relations done in practices”.



Mapa 1 - Arquipélago da Terra do Fogo (Província da Terra do Fogo/Argentina). Localização de Ushuaia.
Fonte: *Google Maps*.

Somente alguns meses depois, após leituras acerca de cães de trenó motivadas por simples curiosidade, surgiu-me a ideia de compor uma pesquisa que tivesse por tema e objeto as relações entre humanos e os cães que puxam trenós em Ushuaia – e a pesquisa, nesse sentido, desvelou algo um tanto inusitado: seja em passeios turísticos ou competições desportivas, essa é uma prática que se pensa restrita ao norte do planeta (ao Ártico), mas que também é realizada no extremo sul, mais especificamente na Patagônia, argentina e chilena.

Além disso, após minha iniciação científica⁸, elaborada etnograficamente na comunidade quilombola do Carmo (São Roque/São Paulo) e na qual busquei compreender as relações entre os quilombolas e os animais (Fanaro 2016) – de criação, de estimação, de caça –, notei que os cachorros domésticos, no Carmo, em sua maioria não eram animais de estimação: não há um “aparentamento” ou “familiarização” (no sentido de se tornarem membros ou partes das famílias humanas, que se tornam então,

⁸ Realizada nos anos de 2015 e 2016 e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Número do processo: 2015/01893-4.

multiespecíficas) dos animais, por assim dizer, tal como costuma acontecer nos grandes centros urbanos (Oliveira 2006; Pastori 2012; Segata 2011, 2012). Em Ushuaia, minha hipótese preliminar era a de que cães de trenó estavam mais próximos do que Haraway (2003a, 2008) chamou de “animais de trabalho” quando refletiu sobre os animais no *agility*⁹ e no pastoreio – e, de fato, seja no turismo ou no esporte, cães de trenó são, para os *mushers*, cães de trabalho.

Esta dissertação se escora, principalmente, em três fontes de materiais: dados de campo, bibliografia antropológica e de outros campos do conhecimento, como a medicina veterinária e a biologia, e documentos históricos oriundos de bibliotecas¹⁰ e museus¹¹ na Argentina. A pesquisa de campo desenrolou-se principalmente no *Criadero Siberianos de Fuego*, onde mais de uma centena de cães de trenó convivem com *mushers* e turistas, e, com menor intensidade, por conta de graves problemas, no centro invernal *Valle de Lobos*¹² – como comentarei mais adiante, o antigo responsável pelos cães em *Valle de Lobos* foi denunciado por maus-tratos aos animais em meados de 2018.

Em ambos os *criaderos*, a observação participante sucedeu o mais longo tempo

⁹ O *agility* é um esporte canino que consiste em uma “(...) prova orientada para todos os cães, independentemente de seu tamanho, raça ou idade. Os cães correm com seus donos num percurso de obstáculos (...). Essa disciplina requer uma grande atenção por parte do binômio dono-cão” (Grandjean & Vaissaire 2001:413).

¹⁰ *Biblioteca Popular Sarmiento*, em Ushuaia, pequena biblioteca na qual pude encontrar alguns dos relatos acerca das primeiras incursões europeias à Terra do Fogo; e *Biblioteca Nacional Argentina* (<<https://www.bn.gov.ar/>>), em Buenos Aires, onde pude acessar outros documentos históricos sobre as primeiras populações fueguinas, bem como trabalhos arqueológicos a respeito daquela mesma região. Abordo tais materiais no segundo capítulo, principalmente.

¹¹ *Museo del Fin del Mundo* (<<https://mfm.tierradelfuego.gov.ar/>>), que guarda material arqueológico e histórico-bibliográfico a respeito das primeiras populações fueguinas e da formação da cidade de Ushuaia; e *Museo Marítimo y del Presidio de Ushuaia* (<<http://www.museomaritimo.com/>>), que contém informações preciosas a respeito das primeiras expedições antárticas. Ambos os museus se situam em Ushuaia. As informações coletadas nestes dois museus serão mais bem exploradas ao longo desta dissertação.

¹² Quando da escrita do projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação, minha intenção era realizar a etnografia com os cães e os *mushers* em *Valle de Lobos*.

possível junto aos encontros entre humanos e cães, de forma a lograr uma etnografia multiespecífica fortemente sustentada pelos dados de campo – com atenção nas relações práticas e semióticas entre cães e humanos, uma vez que estas constituem os principais momentos em que emergem os conceitos que definem as relações com os animais. Além disso, o trenó, nesta equação, aflora como constituinte substancial para a conformação do que os *mushers* denominam de *equipo* – sem ele, que seriam *mushers* e cães de trenó? –, e, portanto, as contribuições da assim chamada antropologia da técnica foram bem-vindas na realização deste trabalho: como sugeriu Ingold (2000), um objeto técnico (neste caso, um trenó), para além de mediar relações entre humanos e não humanos, co-constituem com eles essas mesmas relações.

Ademais, metodologicamente, a pesquisa de campo se respaldou – para além das técnicas clássicas já consagradas na antropologia, como a observação participante e as entrevistas – na fenomenografia (Vicart 2010) e na simples observação por meio do caminhar aparentemente descompromissado (Root-Bernstein 2016). De acordo com Vicart (2010:94), a fenomenografia, ao contrário da fenomenologia de Merleau-Ponty, parte do que é observado para assim alcançar uma reflexão mais abstrata sobre a existência: “Concretamente, a fenomenografia consiste em observar e descrever o homem e o cão na sua maneira de ser em situações comuns, nos detalhes de sua presença, nos seus encontros e fora deles”. Trata-se, nesse sentido, de realmente incluir o cão (ou qualquer que seja o animal ou não humano) – e toda a sua existência – em nossas análises do que é ser humano: uma existência não se separa da outra.

Como cães não falam, trata-se de segui-los, de seguir as interações (práticas e relacionais) deles com os humanos, com outros cães e outros não humanos e, disso, extrair conhecimento antropológico. Como sugere Root-Bernstein, “caminhar pelo campo se torna perambular entre campos” (Root-Bernstein, 2016:4). Em sua etnografia

com os Guarani-Mbya e seus cães no Jaraguá (SP), Santos (2018:55) também acompanhou os animais “em seu comportamento cotidiano”, de forma a contextualizar e tentar trazer para a pesquisa a “temporalidade do cão”.

Apesar de os cães de trenó em Ushuaia passarem seus dias em constante contato com humanos, sejam eles turistas ou *mushers*, prestar atenção às “situações comuns” (“situations ordinaires”) (Vicart 2010:96), nas quais humanos não estão necessariamente presentes, é de fundamental importância para que possamos compreender melhor o que são e o que podem esses cães:

Observar os animais somente nos momentos de manipulação humana seria vê-los apenas em sua função utilitária, quando sua presença é introduzida, pelo homem, em um “evento” muitas vezes dramático: situações de trabalho, de sacrifício, de morte, de crise alimentar, ou de conflito e disputa que se criam em torno do animal (Vicart 2010:97).

A presença humana, muitas vezes, pode vir a limitar nossa observação àquilo que é humano – ou que tem nossa atenção capturada pelo direcionamento feito por humanos – e, mesmo, cingir as possibilidades de ação dos animais – no caso aqui delineado, especialmente entre os próprios cães, uma vez que estes, à parte os momentos em que estão atrelados aos trenós ou em que conseguem, porventura, escapar, ficam presos e limitados às suas casinhas. Portanto, ao atentarmos a momentos como, por exemplo, o escape de um cão e sua busca imediata por briga (os cães sempre sabem com que outros cães desejam brigar, pois sempre que escapam procuram um cão específico sem vacilar), o “ensino prático canino” que opera constantemente nos trenós ao longo dos passeios (sobre o qual tratarei mais adiante) ou, mesmo, os momentos nos quais os cães simplesmente não estão fazendo nada, damos conta de saber “onde está o cão” (Vicart 2010).

Passava meus dias em *Siberianos de Fuego* perambulando: geralmente, chegava ao *Criadero* no momento em que os cães estavam sendo alimentados e ia embora logo após os cães serem novamente alimentados. Observava os cães latirem e se agitarem ao avistarem os *mushers* trazendo comida; observava-os comendo (rapidamente, para, de acordo com Hugo, não deixarem sobrar nada para uma eventual tentativa de furto por parte de um cão vizinho); seguia os *mushers* por entre as casinhas quando estavam escolhendo as equipes de cães que seriam atreladas aos trenós; observava os cães nos momentos dessas escolhas (havia aqueles que eram escolhidos e não queriam correr, aqueles que queriam, aqueles que não eram escolhidos mas gostariam de ter sido, e aqueles que simplesmente pareciam não se importar); movimentava-me pelos pontos de partida e de chegada dos passeios, para registrar o que os cães estavam fazendo nesses momentos; eventualmente, ajudava os *mushers* a colocar os arreios, a segurar os animais pela coleira enquanto aqueles tinham de resolver alguma outra coisa antes de levar os animais até os trenós; observava os turistas interagindo com os cães (tirando fotos com eles, segurando-os no colo, abraçando-os). O inventário de situações é infindável.

Assim, para além da descrição através da escrita etnográfica fundamentada nesses métodos de observação atenta e livre, recorri, também, aos registros audiovisuais; meu extenso uso da fotografia e do vídeo, ao longo dos trabalhos de campo, se esteia na ideia de que “os dados coletados por meio de métodos visuais vão muito além de fornecer mero material ilustrativo, permitindo a captura e a reprodução de informações não verbais, inclusive de não-humanos” (Bear, Wilkinson & Holloway 2016:7).

Também sugere Fijn (2011:39), em sua etnografia com pastores na Mongólia, que “as imagens visuais são particularmente relevantes para se transmitir as relações interespecies, pois há menos envolvimento por meio da linguagem e do diálogo e uma

maior confiança na linguagem corporal e no som para se transmitir intenção”. Assim sendo, distribuo, ao longo dos capítulos, para a sustentação de minhas análises, anotações de campo, fotos e sequências de fotos, e registros em vídeo (identificados cada qual por um código QR, sempre ao final das páginas onde são referidos)¹³, de forma a desvelar, o mais claramente possível, os encontros entre cães, humanos e trenós.

Dito isso, vamos aos capítulos. O primeiro deles consiste em um denso esboço dos principais sítios nos quais se assentou a pesquisa de campo. Nesse sentido, busco retratar o mais pormenorizadamente possível o *Criadero Siberianos de Fuego* e o centro invernal *Valle de Lobos*, bem como aqueles (humanos e cães) que neles (con)vivem e trabalham, além do *Encuentro Musher*, idealizado pelo *musher* autônomo Miguel Isla Casares. Além disso, como humanos, não humanos e ambientes constituem emaranhados vivos (Ingold 2000), neste primeiro momento da dissertação descrever episódios e espaços também significa fazer emergir algumas das questões e reflexões que proponho discutir, no terceiro capítulo, acerca das relações entre humanos e cães de trenó.

Também tentei, até onde me permitiram os dados de campo, explorar algumas das divergências e correlações entre os dois *criaderos*, o primeiro sendo um negócio “familiar”, administrado há vinte e sete anos por Hugo Flores, e o segundo gerido por uma agência turística da cidade. Apesar de, em ambos os *criaderos*, os *mushers* afirmarem que o mais importante para que se logre a prática do trenó é a “conexão” estabelecida entre eles e os cães (e essa conexão demanda, dentre outros aspectos,

¹³ Os vídeos têm acesso restrito. Para acessá-los é necessário baixar no celular um leitor de códigos QR. Após a leitura do código, basta inserir a senha **cãesdetrenó** (a senha é a mesma para todos os vídeos).

tempo), em *Valle de Lobos*, por conta da “distância” entre os animais e aqueles que administram o centro invernal, *mushers* estão sempre indo e vindo: são despedidos por cortes de gastos, por exemplo, e, por vezes, a curta convivência com os cães não lhes permite nem ao menos saber identificá-los todos por seus nomes – o que, de acordo com alguns dos *mushers*, aponta para a carência da constituição de uma relação de confiança e de parceria com os animais.

No entanto, antes de discutir os cães de trenó e o trabalho animal, creio ser preciso olhar para o que é ou o que pode um cão na Terra do Fogo. Durante minhas primeiras semanas em campo, para além dos cães de trenó, defrontei-me inesperadamente, como disse, com uma miríade de cães, bem como com impasses que abarcam, política, econômica, arqueológica e antropológicamente, seres humanos e caninos naquela região do país vizinho: o *perro fueguino* e a carência, até o momento, de evidências arqueológicas que comprovem a existência do cachorro doméstico (*Canis familiaris*) na Terra do Fogo no decurso dos mais de seis mil anos de ocupação desta pelas populações fueguinas humanas, apesar das detalhadas referências a esses animais nos relatos de viajantes dos séculos XIX e XX; o Perro Polar Argentino, produto do Exército daquele país, e seu atual papel propagandístico na prática turística do trenó em Ushuaia; o problema social do abandono de cães de companhia na Terra do Fogo e sua repercussão; e, finalmente, os *perros salvajes*, que habitam as zonas rurais do território e constituem, de acordo com os *estancieros* e com grande parte da população fueguina, “jaurías¹⁴ dañinas” economicamente muito prejudiciais à

¹⁴ *Jauría*, no *Diccionario mini de la lengua española Larousse*, tem por definição “conjunto de perros que cazan juntos”. A tradução para o português, no *Dicionário Michaelis*, é “matilha”. Foi um termo que apareceu, também, nos centros inverniais e na bibliografia acerca dos Perros Polares Argentinos – mas dotado de outro significado. No caso dos *perros salvajes*, *jauría* significa algo como “gangues” caninas, como foi sugerido por Santos (2018) entre os Guarani-Mbya no Jaraguá (São Paulo/SP). Tem, portanto, uma conotação negativa. Por outro lado, em referência aos cães de trenó (sejam eles os cães dos *criaderos* ou os já extintos Perros Polares Argentinos) o termo *jauría* carrega o sentido de “família”: cães de trenó gostam, de acordo com os *Mushers*, de viver “en *jauría*, en familia”.

Província, uma vez que, por um lado, atacam e matam ovelhas e carneiros, que constituem a base da pecuária na Terra do Fogo, e, por outro, desprestigiam certas atividades turísticas, como caminhadas e trilhas pelos bosques.

O segundo capítulo, então, diz respeito a essa pletera canina, que envolve diferentes cães em diferentes contextos (e como diferentes práticas material-semióticas produzem distintos cães) nesse extremo do continente americano – tendo sempre em vista a oposição entre doméstico e selvagem, tal como mediada pelo “trabalho”, bem como suas variações e nuances: como o foco aqui é o trabalho canino, tenciono discutir neste capítulo, para além dos cães de trenó, aqueles cães que não trabalham e como estes são pensados pela população fueguina.

Por fim, no terceiro e último capítulo, busco explorar meticulosamente as questões que me foram apresentadas, principalmente em *Siberianos de Fuego*, a respeito das relações práticas e semióticas entre humanos e cães propriamente ditas. As relações entre cães e *mushers* se definem, por um lado, pela manipulação genética dos primeiros pelos segundos, sempre tendo em vista o “aperfeiçoamento” das habilidades caninas para o trabalho; e, por outro, pelo reconhecimento de uma agência animal, marcada tanto pela ideia de que os cães fazem o que fazem (puxam trenós) por conta de sua “natureza”, quanto, ao contrário, quando demonstram resistência ou desobediência – quando os animais estão, de certa forma, negociando suas posições na relação. Além disso, esses cães são seres munidos (pelos humanos) de personalidade e individualidade: são “inteligentes”, “ciumentos”, “tontos”, “falsos”, “causadores de conflitos”, “preguiçosos” e “concentrados”, entre outros adjetivos caninos.

Cães e turistas, por sua vez, relacionam-se diversamente: os turistas, ao contrário dos *mushers*, dão grande importância à estética dos animais e, muitas vezes, assimilam a prática do trenó como uma prática de maus-tratos. Cães, para eles, não são animais

de carga ou tração: ao contrário do que pensam sobre cavalos, burros e bois, cães não são animais de trabalho. No entanto, como já mencionado, ao mesmo tempo em que desaprovam a prática eles não hesitam em pagar (caro) para se divertir com essa (em suas próprias palavras) “experiência maravilhosa” e “única”: a partir do momento em que os cães de trenó estão atrelados e prontos para cumprir sua função (que é, afinal, divertir os turistas), o incômodo de vê-los trabalhando e “sofrendo” desaparece e dá lugar à indiferença ao que esses animais estão sentindo e ao que estão sujeitos.

Finalmente, arremato o terceiro capítulo com uma discussão que diz respeito ao trabalho animal – tanto como categoria analítica na antropologia, tal qual proposta por Coulter (2016), quanto como questão motivada pelos dados de campo e pela convivência com cães de trenó e *mushers* em Ushuaia. Ali, seja nos centros invernais, seja na cidade, o trabalho (ou a sua ausência) é o que parece definir quem são e o que podem as diferentes qualidades de cães que coabitam a Terra do Fogo: àqueles que, de alguma forma, trabalham, permite-se um espaço nas estruturas sociais; àqueles que, por outro lado, não desempenham qualquer tipo de função, reservam-se os predicados “feral”, “selvagem” e “asselvajado”, ou “abandonado” e “callejero”. Para mais, também busco demonstrar que as próprias categorias doméstico/de trabalho, selvagem/feral, bem como aquelas intersticiais, não são estanques (Cf. Boitani et al. 2017): os cães na Terra do Fogo estão, a todo o tempo, se movimentando por entre elas. Pode-se dizer que são, em sua maioria, devires-cães.

Cães puxam trenós há milênios e, no entanto, o que sabemos sobre eles e suas relações com humanos concerne apenas ao Ártico (Cf. Balzar 2000; Kemp 1999; Kuhl 2011; Losey, Wishart & Looers 2018; Tester 2010; Willerslev 2007). Como já indicado mais acima, com esta dissertação espero contribuir para o conhecimento das

múltiplas formas de relação entre natureza e cultura e das relações entre humanos e animais, especialmente cães – sobre os quais ainda sabemos muito pouco, uma vez que os estudos voltam-se, majoritariamente, para as relações entre humanos e animais (cães e gatos, principalmente) de estimação ou companhia (Cf. Kulick 2009; Oliveira 2006; Pastori 2012; Segata 2012; Teixeira 2016). Espera-se, também, que esta pesquisa ofereça contribuições potenciais para a antropologia da técnica e da tecnologia, para as discussões sobre animais de trabalho e trabalho animal, e para as questões que envolvem animais, práticas e técnicas nativas em relação àquelas consideradas exóticas – uma vez que a prática do *mushing*¹⁵ em Ushuaia (e, mais amplamente, no Hemisfério Sul) foi uma prática importada (mas transformada) do Hemisfério Norte.

Sugiro, ao longo da dissertação, que as linhas que divisam cães de trenó e *perros salvajes* (que separam, afinal, o doméstico e o selvagem) – bem como as outras nuances de cães, como o cão abandonado nas ruas da cidade e o cão de companhia – dizem respeito, ao menos na Terra do Fogo, especialmente ao trabalho animal e às práticas e técnicas envolvidas nessa *assemblage* muito particular que é o *mushing*. O trabalho define o estatuto dos cães (de todo tipo) naquela região do planeta – e devemos ter em conta que carecemos, sempre, situar nossas conclusões, e não universalizá-las: portanto, minha maior contribuição com esta pesquisa é a etnografia de como as coisas sucedem na Terra do Fogo, e não necessariamente em qualquer outro lugar.

O trabalho, naquele contexto, bem como sua aprendizagem e execução, parece ser o aspecto que permite aos cães adentrarem os domínios do que, aparentemente, é exclusivamente humano – e a ausência do trabalho, contrariamente, é o que permite

¹⁵ *Mushing* é o termo utilizado para se referir à prática do trenó.

sua conseqüente expulsão destes domínios. Cães de trenó nascem, crescem e passam suas vidas nos *criaderos*; diariamente, eles acordam, comem, trabalham, brincam, comem e dormem naqueles locais. Como me sugeriu Piero Leirner (em comunicação pessoal), a rotina dos animais, em alguma medida, se assemelha a dos operários ingleses dos séculos XVIII e XIX – e, certamente, essa é a percepção da maioria dos turistas que visitam os *criaderos* (mas que, mesmo assim, não deixam de pagar pelos passeios – demonstrando que, talvez, a percepção das elites sobre a classe trabalhadora hoje também seja análoga àquela dos séculos XVIII e XIX...).

Assim sendo, minha intenção aqui foi desvelar o que são e o que podem os cães de trenó em Ushuaia – o que leva, tendo em vista a centralidade desses animais em específico na região, a definição, por meio de práticas material-semióticas distintas, de um conjunto de outras categorias de “cães” que não trabalham. Para tal, ao longo de minha permanência em campo, busquei investigar as relações e práticas constituídas entre eles, que são criados especialmente para puxar trenós, e aqueles (humanos) que conduzem e/ou são transportados por estes: como emerge e se distribui a agência nesse encontro? O que pensam os *mushers* a respeito da reprodução desses cães e como os escolhem para a tarefa de puxar um trenó? Na prática turística e desportiva, por que cães de trenó são cães de trabalho e o que os distinguem dos outros cães, como os *perros salvajes* e os cães de estimação? Que pensam os turistas sobre esses animais e sobre a própria prática do trenó? Enfim, como se relacionam, material e semioticamente, cão, trenó e humano? Tais foram as principais questões que me guiaram ao longo da trajetória desta pesquisa. E é sobre elas que me debruço a seguir.

Capítulo 1 – Os centros inverniais: os *criaderos* de cães de trenó e aqueles (humanos e cães) que neles trabalham.

Quando escrevi o projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação, minha intenção era registrar etnograficamente a criação dos cães de trenó e os passeios turísticos no centro invernal *Valle de Lobos*, além da *Sled Dog Race Ushuaia*, tradicional corrida que acontecia na cidade desde 1993. A pesquisa de campo, nesse sentido, havia sido programada para os meses de julho, agosto e setembro de 2018, de forma a abarcar tanto a “alta temporada”, durante a qual os passeios turísticos de trenó são mais frequentes, quanto o início da primavera, uma vez que a criação dos cães envolve práticas que transcorrem pelo ano inteiro, mesmo quando não há neve e, portanto, passeios de trenó. Ademais, de acordo com informações que obtive em sites turísticos argentinos¹⁶, a corrida de trenós acontecia, todos os anos, no mês de agosto.

No entanto, após alguns meses de contato com *Valle de Lobos*, descobri que a corrida não mais sucedia em agosto, nem se denominava *Sled Dog Race Ushuaia*: em 2017, por exemplo, foi apenas em meados de setembro que os times se organizaram e a corrida aconteceu. Além disso, o que antes era uma corrida reconhecida internacionalmente mostra-se, atualmente, mais como um “encontro” de *mushers* locais, que estão buscando, desde 2016, fomentar a prática do trenó (tanto como prática turística quanto desportiva) em Ushuaia: em comparação com as grandes corridas internacionais, como a *Iditarod*¹⁷ no Alasca, o alcance global desse encontro é muito pequeno (se restringe à Argentina) e, de acordo com Matias, atual responsável pelos cães em *Valle de Lobos*, a *Sled Dog Race Ushuaia* deixou de acontecer em meados dos

¹⁶ Como o <<http://turismoushuaia.com/pt/>>.

¹⁷ Criada em 1973, a *Iditarod – Last Great Race on Earth* é a corrida de trenós puxados por cães mais longa do mundo. Cães e *mushers* percorrem aproximadamente mil milhas (em um período que varia de nove a quinze dias), partindo de Anchorage e chegando a Nome, no Alasca. Informações disponíveis em: <<https://iditarod.com/>>.

anos 2000, e essa nova corrida (em espanhol, *carrera* ou *competencia*), denominada *Encuentro Musher* e organizada, precariamente (não há incentivo municipal), pelos próprios *mushers* da cidade, está apenas na sua terceira edição.

Mudanças também aconteceram na própria administração de *Valle de Lobos*. Durante meus primeiros meses de comunicação com o centro, a gestão e os cuidados com os cães eram responsabilidade do casal Glaucia de Giacomo e Walter Cayo, respectivamente. Mantive contato à distância com ambos, de meados de 2016 a outubro de 2017, quando, de repente, deixaram de me responder. Após meses tentando me comunicar com eles, em março de 2017 descobri que haviam deixado *Valle de Lobos* e estavam cuidando de uma agência de turismo na cidade: de acordo com Glaucia, haviam saído do centro invernal por conta de “discussões e discordâncias com o proprietário do centro [Gato Curuchet]”.

Contudo, chegando a Ushuaia, descobri que o problema havia sido muito mais grave: Walter Cayo foi, em meados de março de 2018, denunciado por maus-tratos aos cães de trenó por uma ONG de proteção animal (*Patitas Tolhuin*) sediada em Tolhuin, pequeno povoado localizado a aproximados cem quilômetros de Ushuaia. A partir de notícias em periódicos locais¹⁸, descobri que morreram, ao todo, 33 cães (os maus-tratos e a falta de cuidados já vinham acontecendo há alguns meses):

“É nosso dever protegê-los, pois que não há dúvidas que são sujeitos de direito e que, por tal razão, foram as únicas vítimas de maus-tratos”, assegura o funcionário do Ministério Público Fiscal.

¹⁸ Notícias disponíveis em:

<<http://cronicasfueguinas.blogspot.com/2018/03/denuncia-penal-contra-valle-de-los-lobos.html>>.
<<http://cronicasfueguinas.blogspot.com/2018/03/allanaron-valle-de-los-lobos-por.html>>.
<<http://cronicasfueguinas.blogspot.com/2018/04/valle-de-lobos-cayo-indagatoria-por-maltrato-animal.html>>.

Sobre Walter Cayo recai a imputação de maus-tratos e atos de crueldade – previstos na Lei Nº 14.346 de Proteção aos Animais –, contra 87 cães dos quais 33 morreram (...).

Sobre as 54 vítimas restantes “(...) o próprio Estado se ocupou de garantir a saúde e a sobrevivência dos demais cães maltratados (...).



Foto 1 - "A cruel imagem de cães famintos no centro invernal [Valle de Lobos/Ushuaia]". Fonte: *Actualidad tdf*.

Quando de meu retorno ao Brasil, em outubro de 2018, o processo contra Walter Cayo ainda estava em andamento. Abordarei novamente as denúncias contra Cayo na seção subsequente, bem como no terceiro capítulo desta dissertação. Após a acusação e a abertura do processo, *Valle de Lobos* passou a ser gerenciado por uma agência de turismo da cidade, chamada *Info de Ushuaia*, que oferece pacotes turísticos que incluem, além dos passeios de trenó puxados por cães, passeios em veículos 4x4 e

caminhadas na neve com *raquetas*¹⁹, bem como uma refeição (almoço ou jantar) no próprio centro invernal.

Após perder o contato com Walter Cayo e Glauca em meados de outubro de 2017, entrei em comunicação com o *Criadero Siberianos de Fuego*. Desde o princípio, Hugo Flores, proprietário do lugar, foi muito atencioso comigo: disse, tão logo começamos a conversar, que poderia realizar minha pesquisa de campo em *Siberianos* e que estava à disposição para me ajudar com o que fosse. De meados de abril até minha chegada a Ushuaia, então, comuniquei-me constantemente com Hugo, sempre muito solícito e até mesmo animado com o interesse de uma pesquisadora por seus cães. Destarte, foi por estes e outros fatores que tomei a decisão, desde minhas primeiras visitas aos *criaderos* em agosto de 2018, de concentrar minha etnografia em *Siberianos de Fuego* e não em *Valle de Lobos*.

Este capítulo, fundamentalmente descritivo, será dividido em quatro seções. Na primeira delas, busco descrever Ushuaia e a importância dos centros inverniais (e do turismo) para a economia e a cultura locais. Em seguida, ocupo-me de *Valle de Lobos* e daqueles (humanos e não humanos) que ali (con)vivem e trabalham. Além disso, a partir de informações encontradas em jornais fueguinos, bem como de narrativas compartilhadas comigo por aqueles com quem tive a oportunidade de conversar, apresento o que (infelizmente) aconteceu em *Valle de Lobos* e os cães que ali habitavam, quando a responsabilidade pelos animais ainda era de Walter Cayo.

Por sua vez, na terceira seção, o assunto é *Siberianos de Fuego*, Hugo Flores e seus então (na época da pesquisa) 137 cães de trenó (atualmente, diga-se de passagem, são 142 cães). Como concentrei minha pesquisa de campo em *Siberianos*, os dados de

¹⁹ *Raquetas* são calçados especiais para caminhadas sobre a neve. Têm um formato parecido com raquetes de tênis.

que disponho nesta etnografia dizem respeito, essencialmente, a este *criadero*. Finalmente, na quarta e última seção, o tema principal é o *Encuentro Musher*, realizado (e etnografado) nos dias 1 e 2 de setembro de 2018, e seu organizador e fomentador Miguel Isla Casares. A ideia, neste capítulo inicial, é contextualizar minha pesquisa ao leitor: compor um panorama para que se possa, ao longo da dissertação, situá-lo e, de certa forma, fazê-lo penetrar o mundo dos *criaderos*, dos *mushers*, e dos cães de trenó em Ushuaia. Assim sendo, iniciemos as discussões.

1.1 – Os centros inverniais e a importância do turismo em Ushuaia.

Magalhães e sua tripulação não tiveram encontros com seres humanos durante as cinco semanas que navegaram pelo estreito [de Magalhães], desde o Atlântico até o Pacífico, um total de 334 milhas náuticas. No entanto, avistaram fogueiras feitas por homens, ao sul da entrada ao estreito, na ilha que depois seria conhecida como Ilha Grande. É provável que os primeiros Selk’nam que viram as surpreendentes embarcações que avançavam silenciosamente ao largo da costa acenderam fogueiras para advertir seus vizinhos terra adentro que algo alarmante estava acontecendo. (...) Devido a estes fogos avistados por Magalhães e sua tripulação, a Ilha Grande e as demais ilhas ao sul do estreito foram denominadas “Terra do Fogo” (Chapman 1986:24).

Ushuaia é considerada a cidade mais austral do mundo – localizada a sudoeste da Ilha Grande da Terra do Fogo e rodeada pelas últimas cadeias montanhosas da Cordilheira dos Andes (seus dois montes mais conhecidos na região são o *Cerro Martial* e o *Monte Olívia*, a leste da zona urbana). Sua fundação oficial data de 1884, mas colonos europeus e suas missões catequizadoras já se encontravam na Terra do Fogo desde meados do século XIX (Canclini, 2015):

Em 28 de setembro de 1884 foi fundada na baía de Ushuaia a chamada “Divisão Expedicionária ao Atlântico Sul”, enviada pelo governo argentino. Chegava para concretizar a soberania nacional naquelas zonas, por meio do estabelecimento de subprefeituras marítimas na ilha dos Estados e em Ushuaia (Canclini 2015:99).

Quando da chegada dos primeiros missionários à Terra do Fogo, o território era habitado, há milênios, pelos grupos indígenas Yámana, Selk’nam, Haush e Alacaluf (Orquera & Piana 2015), sobre os quais tratarei em detalhe mais adiante nesta dissertação. Em 1886, após algumas décadas de contato (nada muito amistosos, vale

dizer), o número de habitantes indígenas na Ilha havia diminuído – e continuava a diminuir – drasticamente, principalmente por conta das doenças trazidas pelos os colonizadores e missionários:

Em 1886 foi feito um novo censo dos indígenas, que contou um total de 297 yaganes [Yámana] em todo o arquipélago. A diminuição era tão rápida como evidente, e não foi detida. Gusinde [padre e etnólogo austríaco] pôde contar somente quarenta e três indivíduos e em 1946 o número havia caído para vinte e oito (...). Pouco depois do citado censo de 1886, ocorreram algumas leves epidemias de pneumonia, escrófula²⁰ e tuberculose, matando um grande número de índios²¹ (Canclini 2015:107).

A partir de sua fundação, Ushuaia cresceu lentamente. Atualmente, são pouco mais de 56 mil habitantes, e a economia baseia-se principalmente no setor industrial – por ser uma zona franca, Ushuaia atrai muitas indústrias de eletroeletrônicos – e no turístico – que vem crescendo e buscando se diversificar desde a década de 1970:

Ushuaia, Patagônia, Argentina... Três nomes que despertam a fantasia de milhares de pessoas em todo o mundo. Essa região mítica, distante, imensa. Ao percorrê-la, o visitante pode observar o movimento da Mãe Terra. Terminando a estepe patagônica, já na Província da Terra do Fogo, Antártida e Ilhas do Atlântico Sul, a Cordilheira dos Andes se impõe na paisagem mostrando vales glaciares, turfeiras²², bosques milenários para finalmente chegar a um paraíso no sul²³.

²⁰ “Doença crônica e hereditária das glândulas linfáticas em que se alteram os fluídos que contêm, formando tumores que se podem ulcerar”. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org>>.

²¹ Importa indicar aqui que Arnoldo Canclini, apesar de ser membro da *Academia Nacional de la Historia* e do *Instituto de las Islas Malvinas y Tierras Australes Argentinas*, além de já ter publicado mais de oitenta livros (muitos deles a respeito da Terra do Fogo), é pastor evangélico – e sua perspectiva acerca da colonização missionária da Província, portanto, é deveras enviesada.

²² Turfeiras são definidas como “um ecossistema úmido, composto principalmente por plantas higrófilas que, ao crescerem e sucederem-se no tempo e no espaço, acumulam grande quantidade de matéria vegetal morta” (Silva et al. 2009:1386).

²³ Informações disponíveis em: <http://turismoushuaia.com/zonas/ciudad-ushuaia/?lang=es_AR>.



Foto 2 - Parque Nacional Terra do Fogo. Ao fundo, uma *turbera*. Acervo da pesquisadora.

Só em 2018, foram mais de 395 mil turistas (em média, 1.085 visitas por dia): “comparado com o ano anterior, em 2018 a renda econômica na cidade por despesa turística cresceu 39,65%”²⁴. Além disso, desde 2013 o Brasil é o primeiro mercado internacional de Ushuaia – turistas brasileiros são, atrás dos argentinos, os que mais visitam a cidade, mesmo o número sendo um pouco menor a cada ano. Conforme me contaram em campo, Ushuaia recebe turistas de diferentes países durante todo o ano, mas que na alta temporada – de junho a setembro, mais ou menos – o número de turistas argentinos é maior (visitam a Terra do Fogo em busca de neve para esqui, principalmente): há aproximadamente 30 quilômetros do centro da cidade, a estação de esqui *Cerro Castor* recebe milhares de turistas durante o inverno, “a temporada de neve mais extensa do hemisfério sul”²⁵.

²⁴ Informações disponíveis em: <<http://turismoushuaia.com/wp-content/uploads/2018/05/Sintesis-Anual-2018.pdf>>.

²⁵ Disponível em: <<http://turismoushuaia.com>>.



Foto 3 - Foto aérea da estação de esqui *Cerro Castor*. Fonte: <<https://www.cerrocator.com/>>.

A cidade, construída ao longo da Baía de Ushuaia, possui dentre seus principais sítios turísticos os centros invernais (com alguns dos quais se ocupa esta pesquisa), a estação de esqui *Cerro Castor*, o *Parque Nacional Tierra del Fuego*, o *Cerro Martial* e a *Laguna Esmeralda* (localizada nas proximidades de *Valle de Lobos*) – e, claro, o porto marítimo, que, além de oferecer passeios de catamarã até o “faro del fin del mundo”, é uma das principais portas de entrada para a Antártida.

Dentre as atividades oferecidas no inverno, a “alta temporada”, destacam-se:

A tradicional navegação pelo Canal Beagle; o passeio ao Parque Nacional Terra do Fogo; o Trem do Fim do Mundo; a visita aos Lagos Escondido e Fagnano, agradavelmente em um micro-ônibus ou em viagem em veículos 4 x 4 modernos; o sobrevoo pela cidade e seus arredores; o city tour; os museus; (...) uma cavalgada na neve; você pode vivenciar tudo isso desfrutando as cores do amanhecer e do entardecer, aproveitando ao máximo as horas de luz do inverno²⁶.

²⁶ Disponível em: <<http://www.turismoushuaia.com>>.



Mapa 2 - Localização dos centros inverniais e outros principais pontos turísticos de Ushuaia. Fonte: <<http://turismoushuaia.com>>.

E na “baixa temporada”, no verão:

O verão fueguino se caracteriza pela extensão do dia. Há quase 18 horas de luz para desfrutar todas as suas belezas ao máximo. (...) diversidade de atividades de contato com a natureza; caminhadas com a possibilidade de conhecer lagoas de montanha com as extraordinárias vistas panorâmicas de Ushuaia e seus arredores; sobrevoos; cavalgadas; mergulhos; mountain bike; tirolesa; caiaque; canoas; e a fascinante Antártida aguardam ser visitados²⁷.

Sobre o turismo, declarou o atual prefeito da cidade, Federico Sciurano, que:

(...) o turismo tem uma presença atualmente em torno de 50%, sendo que hoje há uma presença muito importante da atividade industrial muito semelhante ao caso da Zona Franca de Manaus no Brasil. (...) Atualmente em Ushuaia participam mais de 15 mil pessoas de forma direta da atividade turística; obviamente que o turismo é uma

²⁷ Disponível em: <<http://www.turismoushuaia.com>>.

atividade que está permanentemente em evolução, onde há investimento permanente tanto da parte privada como da parte pública (...)²⁸.

Os centros inverniais são um dos principais atrativos turísticos de Ushuaia. Tanto no inverno quanto no verão²⁹, a oferta de passeios é bastante diversificada. Dos oito que há na cidade, atualmente somente quatro têm passeios turísticos em trenós puxados por cães: *Las Cotorras (Siberianos de Fuego)*, *Valle de Lobos*, *Llanos del Castor*³⁰ e *Tierra Mayor (Nunatak)*³¹. O seguinte excerto é um ótimo indicador da importância dos centros inverniais para a economia local:

Em uma franja de 35 quilômetros de comprimento, sobre a Rota Nacional N° 3, o Circuito dos Centros Inverniais se veste de branco para que seus visitantes possam desfrutar das práticas dos esportes de inverno de várias maneiras. Esqui alpino, snowboard, esqui de fundo, trenós puxados por cães, moto de neve, caminhadas com raquetes de neve, fogueiras noturnas (...) ³².

O centro inverniais *Haruwen*, apesar de não mais dispor de cães e, portanto, não oferecer passeios de trenó, era o centro inverniais que tradicionalmente sediava a *Sled Dog Race Ushuaia*, uma vez que foi “o centro pioneiro para a realização de corridas de trenó puxados por cachorros (...) convertendo-se em sede da primeira corrida internacional [na Argentina] em 1993”³³. Por sua vez, o *Criadero Siberianos de*

²⁸ Entrevista realizada em 2012 para o endereço eletrônico *Diário do Turismo*. Disponível em: <<https://issuu.com/marcadesign/docs/entrevistapanoramican04>>.

²⁹ No inverno, a temperatura média de Ushuaia é de 1°C. No verão, por outro lado, a média é de 10°C. Informações disponíveis em: <<https://www.patagoniaexperience.com.br/blog/o-clima-em-ushuaia>>.

³⁰ Criam cães da raça Greyster.

³¹ Criam cães da raça Malamute do Alasca.

³² Disponível em: <<http://turismoushuaia.com>>.

³³ Disponível em: <<http://www.turismoushuaia.com>>.

*Fuego*³⁴, apesar de ser propriedade de Hugo Flores, encontra-se inserido no centro invernal *Las Cotorras*, que oferece, também, passeios de trenó motorizado, esqui e caminhadas na neve (o mesmo acontece com *Nunatak*, inserido no centro invernal *Tierra Mayor*). Os centros inverniais em Ushuaia costumam ser grandes complexos turísticos em que cada atividade é administrada, separadamente, por pessoas físicas ou agências turísticas distintas. Todos eles também dispõem de restaurantes.

Os passeios podem ser comprados nas agências turísticas ou diretamente com os proprietários dos centros inverniais. De acordo com uma lista divulgada pelo Departamento de Turismo de Ushuaia em junho de 2019, são, ao todo, 63 agências turísticas na cidade, espalhadas pelo pequeno centro comercial. De fato, ao caminhar pela *Avenida San Martín*, a principal avenida de Ushuaia, a relevância do turismo para a economia local é notória: afora as agências, são incontáveis as lojinhas especializadas em souvenirs e regalos (quase todos *made in China*, é claro).



Foto 4 - Avenida *San Martín*, Ushuaia. Fonte: <<https://www.brasileirosemushuaia.com.br/>>.

³⁴ Curioso notar que muitos dos nomes (dos centros inverniais e dos cães) se referem ao Hemisfério Norte de alguma forma – há como que uma “recriação” do Ártico no Hemisfério Sul. “Nunatak”, por exemplo, vem do inuíte “Nunataq”, e designa “an isolated mountain peak protruding through glacial ice” (*Collins Dictionary*). O mesmo pode ser dito da referência aos “castores”, inexistentes (não autóctones) na América do Sul.

Há agências como a *Brasileiros em Ushuaia*, a *Criollos*, a *Tolkeyen* e a *Antartur*, que vendem, na cidade, os passeios de trenó puxados por cães para os centros inverniais: tal sucede tanto em *Siberianos de Fuego* quanto em *Llanos del Castor* e *Nunatak*. Além disso, em *Siberianos de Fuego* se pode tanto comprar o pacote na cidade quanto por conta própria, entrando em contato (pessoalmente ou por telefone) com Hugo Flores ou sua companheira, Liliana. Por outro lado, em *Valle de Lobos* os turistas devem comprar o pacote exclusivamente com a *Info de Ushuaia*, uma vez que é a atual administradora do lugar; não há, ali, passeios sem agendamento prévio.

Os grandes atrativos, como os centros inverniais, ficam afastados da cidade – portanto, a locomoção até eles, por si só, já é muito custosa. O acesso a eles se dá a partir da *Ruta 3* – que atravessa inúmeros bosques de lenga³⁵ –, que é, também, a única via terrestre de entrada e saída de Ushuaia: *Siberianos de Fuego*, por exemplo, dista 25 quilômetros, cerca de 40 minutos de carro, do centro da cidade; *Valle de Lobos*, por sua vez, está a 18 quilômetros, percorridos em aproximadamente 25 minutos.

Meu deslocamento até os centros inverniais ficou por conta de Ariel, fuzileiro naval aposentado que mora em Ushuaia há sete anos e, agora, trabalha como transfer: Ariel faz o transporte de turistas tanto para as localidades turísticas mais afastadas quanto para o aeroporto. Como não me foi possível a hospedagem nos *criaderos*, instalei-me na cidade e desloquei-me até eles diariamente; foram, em média, três visitas por semana, totalizando vinte e sete idas à *Siberianos de Fuego* e quatro à *Valle de Lobos*, além do *Encuentro Musher*, nos dias 1 e 2 de setembro de 2018.

Assim, neste capítulo proponho-me descrever, de forma a contextualizar a pesquisa e entabular as discussões que serão o mote dos capítulos subsequentes, os dois *criaderos* de cães de trenó nos quais se baseia esta etnografia, *Valle de Lobos* e

³⁵ A lenga (*Nothofagus pumilio*) é uma das principais espécies de árvores de grande porte da região. De acordo com os *mushers*, é de sua madeira que a maioria dos trenós são fabricados em Ushuaia.

Siberianos de Fuego, e o *Encuentro Musher*, bem como aqueles (humanos) que vieram a ser meus principais contatos ao longo da pesquisa de campo e os cães com os quais tive a oportunidade de conviver.



Foto 5 - Ushuaia. Ao fundo, centro turístico comercial. Acervo da pesquisadora.



Foto 6 - *Calle Provincia Grande*, rua na qual me hospedei na cidade. Acervo da pesquisadora.



Foto 7 - Foto aérea de Ushuaia. À frente, o aeroporto. Fonte: <<http://ushuaiasobmedida.com.br>>.



Foto 8 - Baía Ushuaia. Acervo da pesquisadora.

1.2 – *Valle de Lobos*: do pioneirismo às denúncias.

Como já mencionado, meu primeiro contato em Ushuaia com respeito aos cães de trenó foi Walter Cayo, que, até o ano de 2017, ainda era o responsável pelo centro invernal *Valle de Lobos* e pelos cães que ali viviam e trabalhavam: em meados de 2017, eram mais de 90 cães. Conforme me contaram em campo, Cayo estava passando por problemas financeiros, devia dinheiro para muita gente (foi uma ex-amiga sua quem me informou sobre o caso), e, nesse contexto, abandonou os cães, que eram sua responsabilidade; deixou de vaciná-los, de exercitá-los devidamente, e, inclusive, de alimentar os animais. Por conta da fome que passaram, houve ocorrências de canibalismo: disseram-me que os cães adultos se alimentaram de muitos dos filhotes que nasceram à época. Além disso, quando a ONG *Patitas Tolhuin* interveio e Walter Cayo foi afastado e processado por maus-tratos³⁶, em março de 2018, havia mais de três cadelas prenhas (alguns meses antes, eram quatorze) – os cães estavam se reproduzindo sem qualquer intervenção humana. Sobre a ocorrência, contou-me Nico, a fotógrafa holandesa que conheci em *Siberianos de Fuego*, o seguinte:

Las hembras no estaban esterilizadas allí, y los perros estaban todos juntos. En Siberianos de Fuego, unas cuatro hembras son fértiles, y cuando están en celo, son separadas de otros perros. En Valle de Lobos nunca ha sido así, nunca controlaron las cruzas. Así que cuando hay cachorros nunca se sabe quién es el papá. Incluso hubo cruzas entre padre e hija, hay un total descontrol. Cuando Valle de Lobos ya estaba muy malo, cuando no había dinero para alimentar los perros, estaban todos muy flaquitos y catorce hembras estaban embarazadas (Nico, set. 2018).

³⁶ A lei 14.346, promulgada em 27 de outubro de 1954 na Argentina, estabelece que “será reprimido con prisión de quince días a un año, el que infligiere malos tratos o hiciere víctima de actos de crueldad a los animales”. Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/150000-154999/153011/norma.htm>> (Acesso em: 14/08/2018).

Em 11 de setembro de 2018, Walter Cayo foi processado e teve seus bens confiscados. No entanto, não foi preso, e os cães, vítimas dos maus tratos, não foram considerados sujeitos de direito (como havia argumentado um funcionário do Ministério Público Fiscal argentino) – como sugerido por Hribal (2007:102) em outras circunstâncias, foram tomados como “static victims” (vítimas estáticas):

O Magistrado ordenou o processamento e, além disso, ordenou travar embargo sobre seus bens [de Walter Cayo] até pagar a soma de \$1.525.250 pesos [cerca de 200 mil reais]. Deste modo, ele [Cayo] foi mantido sob estritas regras de conduta, sob aviso de se prosseguir com sua detenção caso não as cumprisse.

Ainda que não se conheça os fundamentos em detalhe, o Juiz considerou provado o delito de maltrato animal, devido a que, em mais de um caso, se constatou que os cães estavam desnutridos e em estado de saúde débil, indicaram fontes judiciais.

Por outra parte, De Gamas declarou a nulidade do ditame que havia feito o fiscal Fernando Ballester Bidau, no qual declarava os cães como sujeitos de direito e contabilizava-os como 83 vítimas ao mesmo nível que as pessoas³⁷.

O que sucedeu em *Valle de Lobos* não é algo muito comentado entre os *mushers*. Não foi tarefa fácil conseguir informações sobre o caso para além do que foi publicado em jornais da região. O que dizem (e não dizem) sobre o ocorrido nos centros invernais é sempre muito velado e sempre dito, evidentemente, com muita cólera – por um lado, porque isso degenera a prática do trenó puxado por cães em Ushuaia (importante atividade turística e econômica, como visto) e, por outro, por ter sido um episódio muito triste e infeliz, uma história desagradável de se contar – e, no entanto, não tão incomum assim. Fennell (2013), por exemplo, relatou algo semelhante no Canadá:

³⁷ Disponível em:
<<http://cronicasfueguinas.blogspot.com/2018/09/procesado-y-embargado-por-maltrato-animal-valle-lobos-ushuaia.html>>.

As Olimpíadas de inverno de 2010, em Vancouver, Colúmbia Britânica (BC), Canadá, foi, por muitos motivos, um evento de sucesso tremendo. Mas, não diferente de jogos anteriores, se manifestou oposição sobre diversas questões. Algumas delas incluíram o deslocamento de pessoas de baixa renda, a marginalização dos povos das Primeiras Nações, e denúncias à opressão colonial no que dizia respeito ao patrocínio corporativo. O que não foi antecipado foi uma disputa, menos de um ano após o término dos jogos, sobre o abate de cães de trenó (empresas de turismo [especializadas] em cães de trenó aumentaram sua capacidade em antecipação a um enorme fluxo de turistas para as Olimpíadas).

O turismo com cães de trenó oferece aos visitantes a oportunidade de experimentar como as viagens costumavam ocorrer no Canadá entre os povos tradicionais. Infelizmente, o interesse pelo turismo com cães de trenó nunca se desenvolveu totalmente durante e após as Olimpíadas, e os responsáveis foram confrontados com decisões sobre o que fazer com o excedente de cães. Demitir trabalhadores humanos é uma consequência da diminuição da demanda, mas o excedente de cães na Colúmbia Britânica foi tratado de maneira bastante diferente. No final de janeiro de 2011, estourou uma história sobre o massacre de 56 cães de trenó, pertencentes à empresa Howling Dog Tours. Robert Fawcett, o homem responsável por matar os cães (a tiros e facadas), foi acusado e condenado por causar dor e sofrimento desnecessários. Ele foi multado em CND \$1500, sem tempo de prisão (Fennell 2013:333).

Quando de minha primeira visita à *Valle de Lobos*, em 10 de agosto de 2018, os responsáveis pelos cuidados dos 57 cães eram Matias, jovem *musher* de cerca de 20 anos, e sua namorada, Marlene. Matias começou a trabalhar com cães de trenó há quatro anos, quando aprendeu a prática do *mushing* com Gato Curuchet, bem como a treinar os cães (os comandos) e a fabricar o trenó. Aprendeu “escutando e observando [Curuchet]”: é assim que se aprende a ser *musher*. De 2014 a 2017, Matias passou todas as altas temporadas (de junho a setembro) trabalhando como *musher* em *Valle de Lobos*;

este foi seu quinto (e último) inverno ali, e o terceiro (e último) de Marlene. Foi ele quem a ensinou a prática, em meados de 2018, e, além dos dois, trabalhavam também como *mushers* Joel e Serafim – todos muito jovens e prestativos.



Foto 9 - O centro invernal Valle de Lobos. Acervo da pesquisadora.

Como já mencionado, *Valle de Lobos*, ao contrário de *Siberianos de Fuego*, é um complexo turístico administrado integralmente por uma agência turística. Apesar de os cães pertencerem a Gato Curuchet, a administração dos passeios e pacotes turísticos oferecidos, bem como a contratação dos *mushers* e outros empregados, são de responsabilidade da agência. A *Info de Ushuaia* oferece pacotes no inverno que incluem, além do passeio de trenó puxado por cães, um passeio em veículo 4x4, almoço e caminhada na neve com *raquetas*. Ademais, é um guia turístico, e não os *mushers*, quem explica o roteiro dos passeios e cada uma das atividades a ser realizada.

Por conta de os passeios serem todos com agendamento prévio na cidade, *Valle de Lobos* é um centro invernal muito menos movimentado que o *Criadero Siberianos de Fuego* – e com um gerenciamento muito mais comercial: poucas semanas após minha chegada a Ushuaia, Matias, Marlene e Serafim foram despedidos, de acordo com Matias, por “cortes de gastos [da *Info de Ushuaia*]”. Eram Matias e Joel os responsáveis pelos passeios de trenó; Marlene estava afastada da prática por conta de uma lesão e trabalhava na cozinha, e Serafim cuidava de outros serviços no centro invernal. Após o ocorrido, contudo, os cuidados diários para com os cães, bem como a limpeza do centro e a refeição inclusa no pacote turístico, se tornaram responsabilidade unicamente de Joel.

Marlene é uma *musher* principiante de 20 anos, mas, quando a conheci, estava trabalhando na cozinha fazia algumas semanas: “Me mandaran para la cocina”, disse-me, sem muito entusiasmo. No pouco tempo de contato que pude ter com ela, estava preparando tanto o almoço incluso nos pacotes turísticos quanto o almoço dos outros *mushers*: quando a questioneei sobre o porquê de estar trabalhando na cozinha, e não como *musher*, Marlene respondeu que havia se machucado e, por conta disso, não podia conduzir o trenó. Depois de ter sido despedida de *Valle de Lobos*, perdemos contato e, quando por fim nos encontramos no *Encuentro Musher*, em setembro, Marlene foi um tanto evasiva com minhas perguntas e, com certa dose de rispidez (talvez por ter me relacionado com o fato de ter sido despedida), deixou claro que não queria mais conversa.

Quando Matias e Marlene ainda eram os encarregados dos cães em *Valle de Lobos*, a rotina com os animais, pela manhã, consistia em alimentá-los, por volta das nove horas, e recolher os dejetos deixados por eles nos canis. Os passeios turísticos de trenó, por sua vez, tinham início por volta das dez, e seguiam até o meio dia: de acordo

com Matias e Joel, os cães que eram escolhidos para puxar o trenó faziam, no máximo, seis voltas diárias. O percurso era de aproximadamente 1,3 quilômetros e levava aproximadamente cinco minutos – antes dos maus-tratos, conforme me informei no próprio site de *Valle de Lobos*, os percursos eram de mais de sete quilômetros.

Conforme me contou Joel, “los paseos son más cortos porque esto los deja más accesibles”. No entanto, isto é parcialmente verdade: o passeio, por pessoa, tem o custo de 990 pesos (cerca de 120 reais), mais o transfer até o centro invernal (450 pesos), e a média dos passeios nos outros centros inverniais, como em *Siberianos de Fuego*, é de 1300 pesos (150 reais). De fato, levando-se em conta as condições físicas e psicológicas em que se encontram os cães, os passeios são mais curtos para a preservação dos animais, que ainda se encontram em processo de recuperação: conforme deliberado pelo Ministério Público, os cães passam mensalmente por uma checagem veterinária³⁸.

Após o término dos passeios, por volta do meio dia, os animais eram novamente guardados nos canis para que descansassem. Eram 55 Huskies Alaskanos (sendo 12 filhotes) e dois Huskies Siberianos. Entre meio dia e uma da tarde, Matias levava os filhotes (com cerca de dois meses de idade, em agosto de 2018) e seus respectivos pais para uma caminhada. Por volta das cinco horas, os animais eram novamente alimentados – eram 400 gramas de comida por dia e, tanto de manhã quanto à tarde, os cães comiam alimento seco (ração) – e eram preparados (os que eram escolhidos) para os passeios de trenó noturnos, que aconteciam aproximadamente das sete às nove da noite. Não tive a oportunidade de participar de um passeio noturno: primeiro porque, como comento mais adiante, minhas visitas a *Valle de Lobos* duraram pouco tempo;

³⁸ Informações disponíveis em:
<http://criticasur.com.ar/nota/12646/fiscal_pidio_que_vaya_a_juicio_oral_el_caso_de_maltrato_animal_e_n_valle_de_lobos>.

segundo, porque a locomoção da cidade para o centro invernal, bem como do centro invernal para a cidade, à noite, era economicamente impraticável (a não ser que pagasse o passeio e o transfer para a *Info de Ushuaia*, não havia meios de chegar a *Valle de Lobos* no período noturno).

Em *Valle de Lobos*, são 22 canis para 57 cães. Antes, os mesmos 22 canis acomodavam mais de 90 cães. Os canis são fechados, cobertos e cercados, com alguns barris de plástico em cada um deles para que os cães possam se abrigar se desejarem (há menos barris que cães). Os animais não têm muito contato com os turistas, a não ser quando estão atrelados aos trenós: no restante do tempo, ficam confinados nos canis, que são um tanto quanto distantes do restante do centro invernal (da sede administrativa, do restaurante e, portanto, da área de maior circulação de pessoas). Além disso, em frente à entrada dos canis, lê-se, em letras garrafais, “não passar”.



Foto 10 - Os filhotinhos Alaskanos em seu passeio diário. Acervo da pesquisadora.



Foto 11 - Os cães em Valle de Lobos. Acervo da pesquisadora.

O acesso aos cães é restrito: em uma de minhas visitas, um grupo de turistas (adultos e crianças) pediu para ver os cães e Matias não permitiu, disse que os cães estavam descansando. Do ponto de vista de Joel, as habitações dos cães em *Valle de Lobos* são inadequadas: “Los perros tienen que tener su espacio propio, su lugar. A mí me gustan más las habitaciones de *Siberianos*” (onde cada cão tem sua própria casinha). Além dos cães, há um depósito, onde guardam a ração, os trenós (são dois) e outros equipamentos, uma pequena sede administrativa, um restaurante e dois chalés (um deles desabitado), onde moravam Matias e Marlene e, posteriormente, morou Joel (ver o esboço dos espaços de *Valle de Lobos* na próxima página).

A maior parte dos funcionários de *Valle de Lobos* não vive ali: apenas aqueles que são os principais responsáveis pelos animais (Matias e Marlene, depois Joel) moram permanentemente no local. Os outros *mushers*, como antes era o caso de Joel e Serafim,

vinham somente para trabalhar nos meses de alta temporada. Quando conheci Joel, por exemplo, fazia apenas duas semanas que estava trabalhando em *Valle de Lobos*: disse-me ele que gostava de trabalhar um pouco em cada lugar (já trabalhou, inclusive, em *Siberianos de Fuego*), e aprender o que há de melhor em cada um deles.

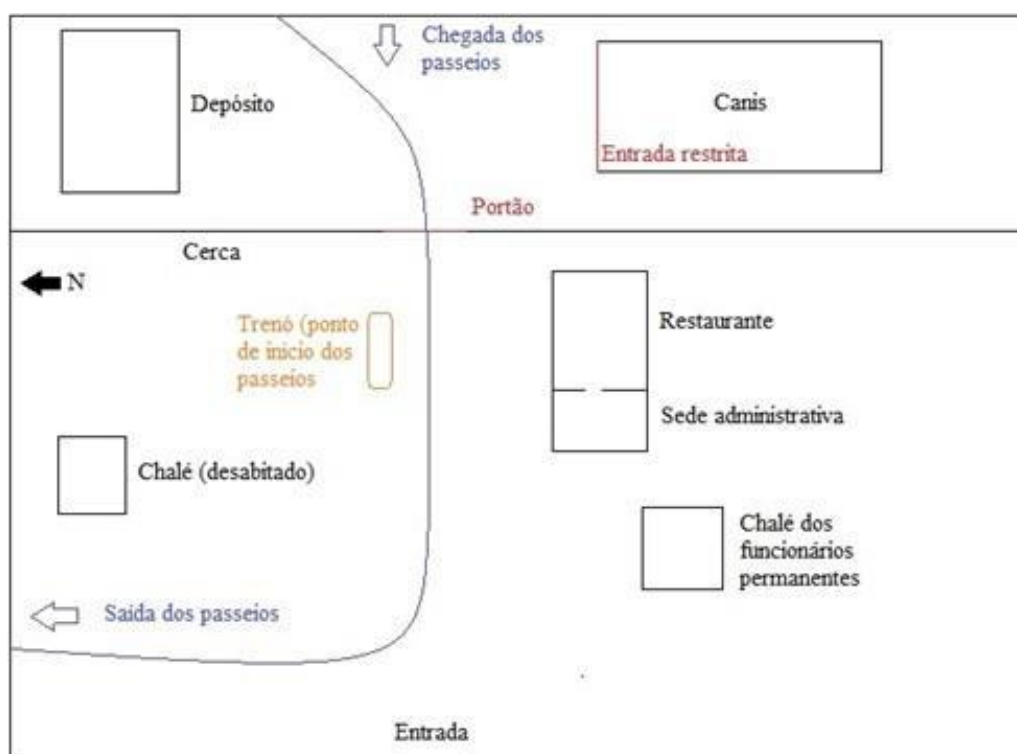


Figura 1 - Esboço dos espaços de Valle de Lobos. Acervo da pesquisadora.

De acordo com Matias, no verão os cães são levados para caminhadas diárias, para que se exercitem. Mesmo nos meses de alta temporada, quando porventura não há passeios, eles saem para puxar trenó diariamente, para que não fiquem “estressados” e “ansiosos”. Ou seja: supõe-se, entre os *mushers*, que os animais são feitos para o trabalho, e que, se não têm trabalho, se estressam e ficam inquietos – como se algo estivesse faltando em suas vidas.

No centro invernal, há passeios turísticos na baixa temporada, como trilhas e passeios em veículo 4x4, mas nenhum deles inclui os cães. Conforme Joel, os cães estão

se recuperando física e mentalmente dos maus tratos sofridos: ainda não socializam muito bem com humanos. Há cães que ainda não deixam os turistas se aproximarem. Disse-me ele que, para me aproximar de qualquer um dos animais, devo fazê-lo de costas, devagar, de forma a demonstrar ao cão que confio nele, e devo deixá-lo cheirar a minha mão; é o cão que deve se aproximar dos humanos, e não o contrário.



Foto 12 - À frente, Bella e Zeti, Huskies Alaskanos. Ao centro, Rafa sendo tranquilizado por Joel, e Buk ao lado. Acervo da pesquisadora.

Rafa, por exemplo, é um Husky Alaskano bastante inseguro: tem medo, inclusive, dos outros cães. Em uma de minhas visitas a *Valle de Lobos*, ele foi atrelado ao trenó ao lado de Buk, um Alaskano “dominante”, conforme Joel. Tão logo estavam lado a lado no trenó, Buk começou a rosnar ameaçadoramente para Rafa, que tentava desesperadamente sair de perto de seu companheiro canino. Joel, então, foi até o cão amedrontado e começou a conversar com ele, para “acalmá-lo e fazê-lo se sentir seguro”. Rafa, no entanto, não parecia estar se acalmando: deitava-se no chão

submissamente e continuava tentando sair do trenó – mesmo assim, Joel não o desatrelou e o cão teve de tracionar o trenó.

No dia 22 de agosto de 2018, quando me comuniquei com Matias para que marcássemos minha terceira visita a *Valle de Lobos*, descobri sobre as demissões – e mais um imprevisto aconteceu. Quando questionei Matias sobre a situação em *Valle de Lobos*, disse-me ele que não sabia: “Lo que sé es que hicieron una denuncia a Joel porque en un paseo [de trenó] con una turista le quebró la pierna”. Alguns dias após tais acontecimentos, quando estava a caminho de *Siberianos de Fuego*, reparei na entrada de *Valle de Lobos* e notei que estava impedida por cones.



Mapa 3 - Localização do centro invernal *Valle de Lobos*, a partir da *Ruta 3*, Ushuaia. Fonte: *Google Maps*.

Foi por conta desse pandemônio inesperado, e da dificuldade em contatar Joel ou quem quer que fosse, bem como em virtude da locomoção até os centros invernais ser muito custosa, que acabei por priorizar *Siberianos de Fuego* como principal lócus etnográfico: a estabilidade do *Criadero* (Hugo Flores está ali há 27 anos, e a

rotatividade de funcionários é baixa), suas proporções (são 137 cães de trenó) e a constante circulação de turistas fizeram com que o fluxo de dados coletados e de situações vividas e observadas bastassem para a feitura desta etnografia – de mais a mais, as chances de surgirem imprevistos que acabassem por interromper ou mesmo inviabilizar o desenvolvimento da pesquisa de campo, em *Siberianos de Fuego*, pareciam ser muito menores. Assim sendo, é de Hugo Flores e seus 137 cães de trenó que me ocupo na seção subsequente.



Foto 13 - A sede administrativa e o restaurante em *Valle de Lobos*. Acervo da pesquisadora.



Foto 14 - A entrada do centro invernal *Valle de Lobos*. Acervo da pesquisadora.



Foto 15 - Os canis em *Valle de Lobos*. Vista panorâmica de um dos canis. Acervo da pesquisadora.



Foto 16 - O chalé no qual moravam Matias e Marlene. Acervo da pesquisadora.



Foto 17 - Os canis em *Valle de Lobos*. Parte interna de um dos canis. Acervo da pesquisadora.



Foto 18 - Os canis em *Valle de Lobos*. Frente de um dos canis. Acervo da pesquisadora.

1.3 – *Siberianos de Fuego*: um negócio familiar.

O *Criadero Siberianos de Fuego*³⁹ insere-se no centro invernal *Las Cotorras*, que oferece, além dos passeios turísticos de trenó, passeios de trenó motorizado, esqui e caminhadas na neve (todos esses passeios concernem à agência turística *Ushuaia Blanca*). Há também um restaurante, cujo proprietário, há mais ou menos duas décadas, era dono de *Las Cotorras* – ele, no entanto, por conta de problemas na família, acabou vendendo ou arrendando todo o centro invernal, menos o restaurante. De acordo com Hugo Flores, *musher* e proprietário do *Criadero*, a prática turística do trenó em Ushuaia começou em 1991 e ele está aqui trabalhando com a atividade desde 1999, há quase vinte anos, quando se mudou de Río Grande (Província da Terra do Fogo) e dispunha de uma equipe de apenas 27 cães.



Atualmente, os 137 cães de Hugo são cuidados por mais quatro *mushers* (além de ele próprio): seus filhos, Nahuel e Leonardo Flores, de 25 e 28 anos, respectivamente, ambos adeptos desde muito novos de variadas modalidades esportivas envolvendo cães e humanos (*skyjoring*, *bikejoring* e *canicross*⁴⁰, por exemplo, além das corridas de trenó); Jorge, que trabalha com cães desde os 12 anos de idade (antes de ser *musher*, Jorge adestrava cães na cidade e também já trabalhou como cozinheiro e massagista em um *spa*); e Hernan, jovem *musher* de 22 anos, natural de Miramar (Província de Buenos Aires).

³⁹ Ler o código QR abaixo para ter acesso ao vídeo.

⁴⁰ *Skijoring*, *bikejoring* e *canicross* são todas práticas que envolvem um ou mais cães tracionando humanos e artefatos (respectivamente, um ski, uma bicicleta e o próprio humano em uma corrida ou caminhada).

Tanto Jorge quanto Hernan começaram a trabalhar em *Siberianos* há dois anos. A administração do *Criadero*, por outro lado, fica por conta principalmente de Liliana, companheira de Hugo, que há três anos deixou seu trabalho na cidade para assumir a gerência de *Siberianos*: é Liliana quem, por exemplo, agenda os passeios turísticos de trenó – tanto por telefone quanto presencialmente. Ela também é *musher*, mas opta por cuidar da administração; prefere andar sozinha no trenó, sem levar turistas, mas não tem tempo para isso ao longo da alta temporada. Ademais, Hernan e Leo me disseram que os *mushers* têm por volta de um mês, um mês e meio, de férias por ano – Hernan, por exemplo, saiu de férias no dia 25 de novembro e voltou a trabalhar no início de janeiro de 2019 –, mais uma dispensa semanal (cada *musher* tem sua folga num dia específico).

Além da equipe permanente, também trabalham em *Siberianos* o estudante de comunicação social Luciano Campregher (Lucho), como fotógrafo, e Nicolienne van Leeuwen (Nico), fotógrafa holandesa que mora em Ushuaia há três anos, e trabalha no *Criadero* há um⁴¹ – antes, Nico trabalhou por quase dois anos em *Valle de Lobos*, de onde saiu por conta de desentendimentos com Walter Cayo (que, além de lhe dever dinheiro, já não cuidava dos cães da maneira que Nico julgava a correta). De acordo com ela, Cayo nem sequer nomeava os animais. Após as denúncias contra ele, três Huskies Alaskanos que haviam sido maltratados foram levados a *Siberianos de Fuego*. Disse-me Hugo que nunca teve boas relações com *Valle de Lobos*, e que “los tres perros de allá que están acá fueron abandonados, por esto están acá, fueron rescatados”. Os cães já estão física e mentalmente recuperados e já estão trabalhando novamente. Picante, um deles, de apenas dois anos, foi resgatado por Nico – e ao qual ela se apegou como a um animal de estimação (seu afeto pelo cão era motivo de troça por parte dos *mushers*, que percebem os cães sobretudo como animais de trabalho):

⁴¹ Nico retornou à Holanda em meados de setembro de 2018, por conta de problemas de saúde.

Picante es mi perro, yo lo rescaté, es un alfa, un peleador. Pero con los humanos es muy cariñoso. Me gustaría mucho llevarlo para casa en la ciudad, pero sé que él está muy bien acá. Está con su familia [os outros cães do *Criadero*]. Luego me voy para Holanda, pero un día vuelvo para llevarlo (Nicoliene, ago. 2018).



Foto 19 - Picante, o jovem Alaskano briguento e dominante. Acervo da pesquisadora.

Por sua vez, Luciano Campregher (Lucho) é natural de Ushuaia, mas atualmente mora e estuda em Córdoba (capital da província homônima) e trabalha em *Siberianos de Fuego* somente em suas férias, nos meses de julho e agosto. Lucho, assim como Nico, são os responsáveis por fotografar os passeios – a saída e a chegada dos trenós, bem como alguns momentos do percurso (há, inclusive, uma parada dos trenós no meio do caminho, para que os turistas sejam fotografados, com o trenó parado, simulando conduzi-lo):

Hace varios años fui con mi familia, yo tenía 14 años, dimos una vuelta en trineo y a mí me gustó mucho, entonces pedí a Leo [Leonardo, filho de Hugo] que me de clases [de *mushing*], el accedió y me ofreció cuatro clases. En la última me ofreció que vaya los fines de semana a ayudarlo y a la tarde salíamos a dar una vuelta en trineo. Desde ese momento mi familia se hizo amiga de los Flores, un verano fui a ayudar mucho a Hugo porque sus hijos no estaban y luego compré mi cámara, ahora tengo mi propio emprendimiento fotográfico en *Siberianos de Fuego* ya que Hugo me da el espacio para que yo haga mi negocio (Luciano, ago. 2018).

As tarefas em *Siberianos* começam por volta das oito horas da manhã, quando um caldo (de arroz, carneiro e outros restos de comida) é preparado para os cães – que, às vezes, também ganham um osso para roer. Os ossos e os restos de carneiro são provenientes do próprio restaurante de *Las Cotorras*. Cada *musher* é responsável pela criação de um grupo de cães (que, no trenó, conformam inúmeras equipes), sobretudo ao que diz respeito à alimentação, à higiene, ao afeto e ao treinamento. As equipes são divididas espacialmente em bairros (*barrios*) de cães, e cada *musher* se responsabiliza por um desses “bairros”⁴²: afora algumas exceções, como quando um *musher* e um cão têm muita afinidade, como Hernan com Bono e Siberia, é Hugo quem distribui os cães entre os *mushers* (é sua escolha quem cuidará de quais animais).

Neste contexto, o ato de *criar* – e *criar* é um termo utilizado pelos próprios *mushers* – diz respeito aos cuidados rotineiros com os cães (alimentação, saúde, higiene e afeto), bem como à procriação controlada e à manipulação genética (responsabilidades exclusivamente de Hugo). O ato de treinar (ou exercitar), por outro lado, pode dizer respeito tanto às práticas estabelecidas entre humanos e cães – aos passeios de trenó propriamente ditos – quanto à genética: conforme Hugo, em uma formulação

⁴² Ver esboço na próxima página.

aparentemente paradoxal, “nosotros también entrenamos los perros con genética”.

Retorno a tais questões no terceiro capítulo.

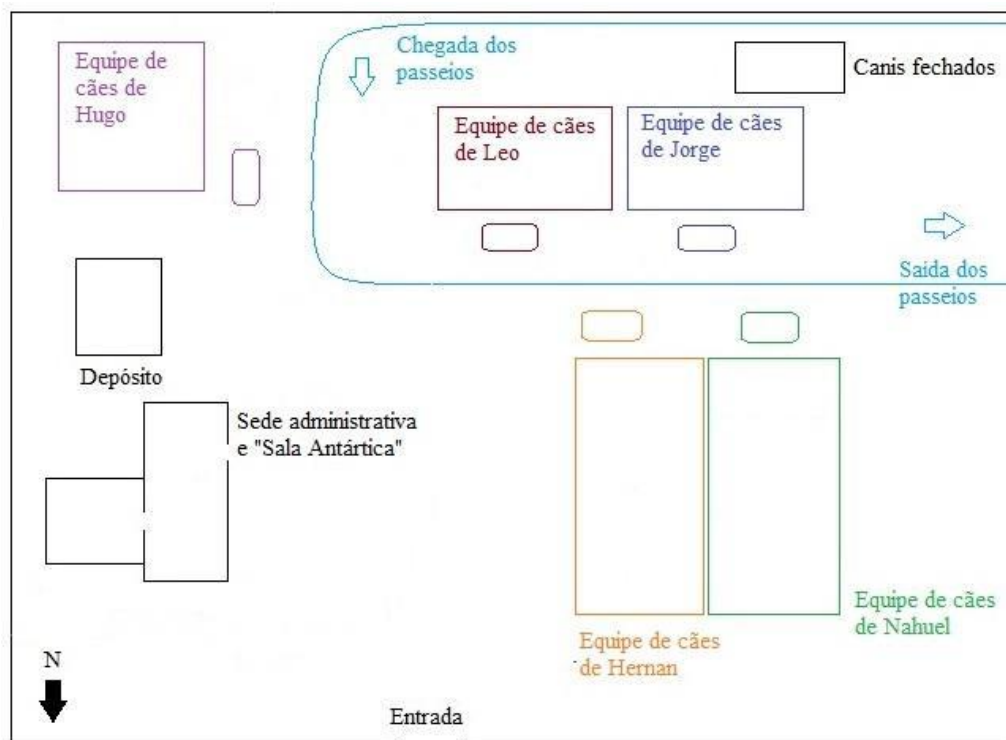


Figura 2 - Esboço dos espaços do *Criadero Siberianos de Fuego* e dos *barrios* dos cães. Acervo da pesquisadora.

Apesar, então, de os animais pertencerem a Hugo, a rotina diária para com eles é responsabilidade de todos: à vista disso, cada *musher* é encarregado, por exemplo, de recolher os dejetos dos cães duas vezes pela manhã, antes e depois de comerem, algumas vezes ao longo do dia, e depois que os passeios terminam. Os *mushers* carecem, também, conhecer muito bem cada um dos cães de sua equipe: como me disseram diversas vezes em *Siberianos*, os animais são muito diferentes uns dos outros, têm um “caráter” e uma “personalidade” singulares. Há, por exemplo, cães “celosos” (ciumentos), como Picante; “inteligentes”, como Siberia, Tundra, Fresa e Mona; “tontos”, como Rupert; “peleadores” (briguentos), como Flucky e Nenito; e até mesmo “falsos”, como Pixie.



Foto 20 - À direita, Tundra, a "melhor" Alaskana, de acordo com Hugo. Acervo da pesquisadora.



Foto 21 - À frente, Mona, uma Husky Alaskana líder. Acervo da pesquisadora.



Foto 22 - Nenito, o Husky Alaskano briguento de nove anos de idade. Acervo da pesquisadora.



Foto 23 - À frente, Rupert, o Alaskano "tonto", de acordo com Leo. Acervo da pesquisadora.

Pixie, por sua vez, é uma Alaskana que, de acordo com Leo, é “falsa”, pois gosta de causar conflitos entre os cães machos – ela, deliberadamente, gosta de fazê-los “testar sua dominância”. Disse-me Leo que ela não sabe socializar sem causar conflitos e, por isso, passava bastante tempo presa nos canis fechados (aqueles destinados às fêmeas no cio) com outros cães (como Roco e Flucky, que são cães com muita energia e, portanto, capazes de lidar com ela), que tinham como papel “reabilitá-la”. Leo me contou que estava difícil ensiná-la a puxar o trenó por conta de sua personalidade forte e que, às vezes, “parece que ella no sabe lo que es” (no caso, um animal de trabalho).



Foto 24 - Pixie, a Husky Alaskana "falsa" e "causadora de conflitos". Acervo da pesquisadora.

Além disso, no que se refere aos treinamentos, cada um dos *mushers* também é responsável por saber, dentre sua equipe de cães, quais precisam se exercitar ou não em determinado dia. No entanto, apesar de sempre terem em conta quais são os animais que precisam de exercícios, ou seja, quais são os que estão há mais tempo sem puxar o

trenó, alguns dos *mushers* nem sempre cumprem esse arranjo e acabam dando preferência a alguns dos cães em detrimento de outros tantos. Conforme me declarou, fortuitamente, um deles, “me gustan todos los perros por igual, pero yo salgo más con unos que con otros en el trineo y sé que esto no es algo bueno, todos los perros tienen que entrenar”.

Por volta das dez da manhã, após a alimentação dos cães e a limpeza do *Criadero*, os primeiros turistas começam a aparecer. Geralmente, são grupos grandes, de mais de dez pessoas, levados até ali por agências turísticas da cidade. Os passeios, então, saem incessantemente até às duas da tarde e voltam a suceder por volta das três e meia, até as cinco. O percurso, de 4,5 quilômetros⁴³, dura por volta de 20 minutos, e cada um dos cinco *mushers* tem seu próprio trenó. Saem, em média, de 25 a 35 passeios de trenó por dia, mais ou menos divididos equitativamente entre os *mushers*.

De acordo com Hugo, cada cão corre, no máximo, 30 quilômetros diários, e são duas pessoas por passeio no trenó, mais o *musher*. Sem embargo, vi passeios com dois adultos e duas crianças, e até mesmo três adultos no mesmo trenó (mais o *musher*): considerando que um trenó de turismo pesa, em média, 60 quilos, e que um adulto pesa, em média, 70 quilos, os cães (são de seis a dez cães no trenó, dependendo das condições da pista) chegam a puxar uma carga de mais de 300 quilos – cada cão, então, puxa individualmente entre 50 e 30 quilos. Conforme afirmou Leroi-Gourhan (1971:103), em percursos de longa distância “um cão robusto transporta [em um trenó] 20 quilos ou mais”.

⁴³ Ver esboço na próxima página.

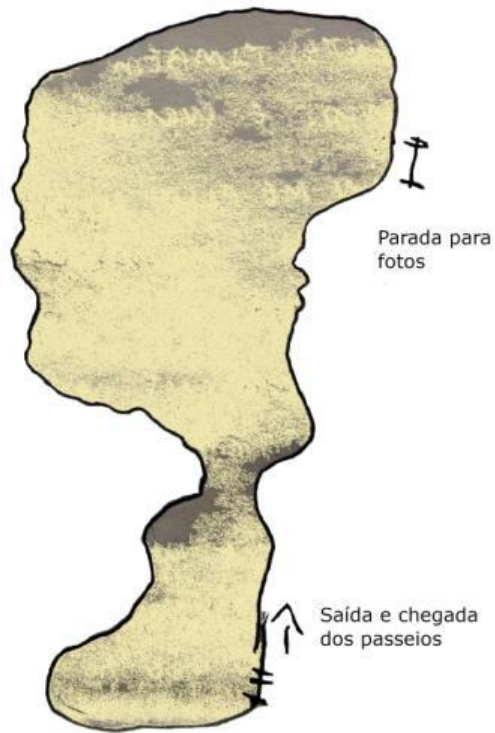


Figura 3 - Esboço do percurso dos passeios de trenó em *Siberianos*, feito a partir de um desenho de Hugo. Acervo da pesquisadora.



Foto 25 - Leo saindo para um passeio, com uma equipe de sete cães. Acervo da pesquisadora.

Após o término dos passeios, por volta das cinco, cinco e quinze, da tarde, os cães são novamente alimentados, dessa vez com um alimento seco (ração) balanceado. Como em *Valle de Lobos*, eles comem em média 400 gramas de ração por dia, uns mais, outros menos, a depender do metabolismo de cada um – e os *mushers* o sabem porque conhecem intimamente cada um dos cães de sua “equipo”. Os animais latem muito quando se aproxima a hora da comida: de acordo com Hugo, o que querem dizer é “quero comer!”, “vamos comer!”⁴⁴.



As porções de ração são colocadas com certa distância umas das outras, para evitar brigas. Disse-me Hugo que a busca por comida alheia é “instintiva”, vem da “herança genética dos lobos” – e essa associação com lobos é interessante: em geral, quem tem cães de estimação não costuma fazer esse tipo de sugestão. Depois de comer, os cães ficam tranquilos, brincam um pouco entre si e dormem – para que, no dia seguinte, estejam prontos para mais uma jornada de trabalho. Acabadas as tarefas, Hugo, Liliana, Jorge, Leonardo e Nahuel voltam para a cidade, e apenas Hernan passa a noite no *Criadero* – à exceção de uma noite na semana, sua folga, é Hernan, e não Hugo, quem vive ali. Essa é, basicamente, a rotina diária, de domingo a domingo – e os cães, portanto, ao contrário do que sucede com os *mushers*, não têm férias: o *Criadero* permanece aberto o ano inteiro, mesmo quando não há passeios de trenó.

Para Hernan, a prática do trenó é um trabalho, não um hobby ou um esporte. Disse-me ele que gosta muito do que faz: gosta dos cães e, além disso, “es mucho mejor

⁴⁴ Ler o código QR abaixo para ter acesso ao vídeo.

que trabajar en un supermercado”. Hugo, Liliana, Jorge, Leo e Nahuel costumam chegar em *Siberianos* por volta das oito horas da manhã. Diariamente, eles e Hernan tomam o desjejum todos juntos. O almoço, que não tem hora certa para acontecer (geralmente, os *mushers* almoçam entre às três e quatro horas da tarde), fica a cargo de Hugo, a depender da movimentação de turistas, ou de Liliana. Além disso, quando os passeios terminam, Hugo deixa a pista preparada para o dia seguinte: de acordo com ele, as pegadas dos turistas na neve ao longo de parte do trajeto do trenó deixam tudo desnivelado e, se a pista não for arrumada, os trenós balançam muito durante os passeios.

No verão, a partir de meados de dezembro/janeiro, a depender principalmente do clima, há passeios de carro puxado por cães – que acontecem até meados de maio. Como a circulação de turistas pelos centros invernais é menor durante esse período, os passeios de carro acontecem numa frequência muito menor que os passeios de trenó, além do que os cães não podem se exercitar muito no verão por conta das temperaturas muito altas: a média varia entre cinco e dez graus positivos, mas há dias em que os termômetros podem marcar vinte graus, e Huskies Siberianos e Alaskanos não toleram treinar com temperaturas acima de dezoito graus positivos.

O carro é pequeno, composto apenas por sua carcaça (armação de metal), o trajeto percorrido é menor (cerca de dois quilômetros) e o número de cães puxando, maior: são, em média, de dez a doze cães. De acordo com Leo, “manejar un carro no es muy difícil, es solamente manejar [imita uma pessoa dirigindo um carro] ¡y pronto! No es cómo manejar un trineo. Es más aburrido”.



Foto 26 - Passeio de carro puxado por cães em *Siberianos de Fuego* no verão. Fonte: *Siberianos de Fuego*.



Foto 27 - No outono, antes da neve cobrir completamente o solo, os passeios de carro continuam. Fonte: *Siberianos de Fuego*.

No trenó, por outro lado, o número de cães varia entre seis a dez, a depender da situação da pista – quando há muita neve, são necessários mais cães, uma vez que há mais atrito e a pista fica “mais devagar”; por outro lado, quando há mais gelo que neve, os *mushers* prendem ao trenó apenas meia dúzia de cães, pois a pista fica “lisa e muy rápida”, e podem acontecer acidentes. Não tive a oportunidade de observar os passeios de carro devido aos altos custos de minha permanência em campo, mas disse-me Hugo que a rotina dos cães, seu treinamento e criação são os mesmos durante todo o ano. Interessante notar que, para os *mushers*, as ações de correr e tracionar – seja um trenó, um carro ou uma bicicleta – remetem os cães a um passado “ancestral” no qual já eram animais domesticados e já trabalhavam com e para os humanos. Esses cães, nas suas origens, parecem já ser animais de trabalho: como me afirmou Hugo diversas vezes, “estos son perros que ancestralmente aman correr y tirar, fue por lo que fueron hechos por los pueblos esquimos”.

Na baixa temporada, que vai de novembro a maio, aproximadamente, os cães também são levados soltos para correr, sempre em pequenos grupos e acompanhados dos *mushers* – que, além de se ocuparem dos cuidados caninos diários, também têm de cuidar do espaço do *Criadero*. Por exemplo, após o término da temporada dos passeios de trenó, que em 2018 ocorreu no dia seis de outubro, Hugo, Liliana e os outros *mushers* passaram por volta de um mês, até mais ou menos meados de novembro, atarefados cortando e estocando lenha (que será utilizada para alimentar a *salamandra* no próximo inverno) e limpando o terreno – de acordo com Hernan, quando a neve e o gelo derretem “parece que pasó un huracán” –, enquanto a neve e o gelo acabavam de derreter para que os passeios de carro pudessem começar (em meados de dezembro). De acordo com Liliana, o carro não pode ser utilizado com neve, gelo e mesmo com o solo muito encharcado, uma vez que o freio do veículo pode não funcionar. Há dois carros

em *Siberianos*, mas somente um está funcionando corretamente. Além dos passeios de carro, há também trilhas turísticas na baixa temporada: grupos formados por turistas, *mushers* e cães saem para caminhar por entre os bosques nas cercanias do *Criadero*, até uma cascata (*cascada del Río Larsiparsahk*).

Disseram-me Hugo e Liliana que estava nevando muito pouco no inverno de 2018, e que a neve vem diminuindo sistematicamente a cada ano: de acordo com Hugo, há, no máximo, sessenta centímetros de neve (normalmente, no inverno esse acúmulo deveria ser de aproximadamente um metro) ao longo do percurso e, nas proximidades do rio *Larsiparsahk*, que passa dentro da extensão do *Criadero*, por volta de um metro. Hugo preocupa-se com a diminuição da quantidade de neve porque isso acaba encurtando a alta temporada (em 2018, foi somente no dia 26 de junho que caiu a primeira nevasca) e, de acordo com ele, o dinheiro necessário para que consigam manter o *Criadero* e os cães durante todo o ano seguinte advém da alta temporada, e, portanto, dos passeios de trenó. São consumidas, por exemplo, de uma a uma tonelada e meia de alimento seco (ração) por mês.

No que se refere ao espaço do *Criadero*, há a sede administrativa, onde fica Liliana (e às vezes Hugo) recebendo os turistas e cuidando das cobranças e da distribuição dos passeios entre os *mushers*; a “Sala Antártica”, que se situa no mesmo chalé da administração (são duas saletas com fotos de cães de trenó, quadros explicativos acerca da prática do *mushing*, troféus de competições de Hugo e de seus filhos, e dois trenós, um de competição e um original das expedições antárticas); e um pequeno depósito, no qual guardam os *arneses* (arreios) e algumas ferramentas para a manutenção dos trenós. Ademais, as instalações de Hernan, bem como uma cozinha e dois banheiros, localizam-se nos fundos do chalé.

Os cães, por sua vez, ficam presos por correntes às suas casinhas individuais: são casinhas de madeira ou plástico resistente. Há, também, alguns *pallets* espalhados por entre elas, para que os animais não fiquem diretamente na lama quando a neve começa a derreter. Mesmo que estejam sempre presos, pois podem fugir ou brigar uns com os outros quando são alimentados, os cães têm espaço para andar, brincar e socializar entre si. Por outro lado, as fêmeas no cio ficam presas, individualmente, em canis reforçados, para que não haja nenhum cruzamento indesejado, nem brigas; são canis de madeira e tela, cerrados com grades no telhado. Ademais, os cães ficam sempre em contato direto com os turistas, que são constantemente encorajados pelos *mushers* a acariciá-los, brincar com eles e tirar fotos – em outras palavras, encorajam os turistas a ver os cães não como animais de trabalho, mas como pets. Aqui, creio ser interessante pensar nos espaços de convívio multiespecífico do *Criadero* – bem como nos espaços de *Valle de Lobos* – a partir do que Anderson et al. (2017) denominaram “arquiteturas de domesticação” e “arquiteturas de relações”:

(...) propomos um relato etnograficamente informado, focando em estratégias de controle, mas, também, em cuidado e conforto, que são delineados por objetos e estruturas evocativos. Prestando atenção às arquiteturas materiais de domesticação – amarras, cercas e armadilhas –, damos destaque ao silenciamento dos inventários domésticos (Anderson et al. 2017:398).

Prestar atenção a estes dois espaços de convívio e às suas diferenças – como, por exemplo, as diferentes disposições e “arquiteturas” dos canis nos dois lugares – tornam aparentes as próprias relações entre humanos e cães, e mesmo entre os próprios cães entre si: “preferimos ver essas arquiteturas como inscrevendo as atividades de ambos, humanos e animais, nos lugares em que eles se encontram” (Anderson et al. 2017:399). Atentar aos artefatos – as casinhas dos cães e sua localização e acesso nos espaços de

convívio – fez-me ponderar até mesmo sobre os semblantes dos animais – se eram “felizes” ou levavam uma vida “melancólica”, como o operariado inglês ao qual se referiu Leirner – e sobre seus comportamentos para com os humanos – se demonstravam ser “inseguros” e “desconfiados”, como os *mushers* de *Valle de Lobos* qualificavam seus cães, ou se tinham “autoestima elevada”, como Hugo e os outros *mushers* de *Siberianos* declaravam sobre os seus companheiros caninos. Casinhas, correntes e grades, nesse sentido, são “(...) infraestruturas que criam relações” (Anderson et al. 2017:403) – e é por esse e outros motivos que, mais uma vez, os registros audiovisuais (especialmente fotografias e vídeos) são tão importantes para esta etnografia multiespécie.

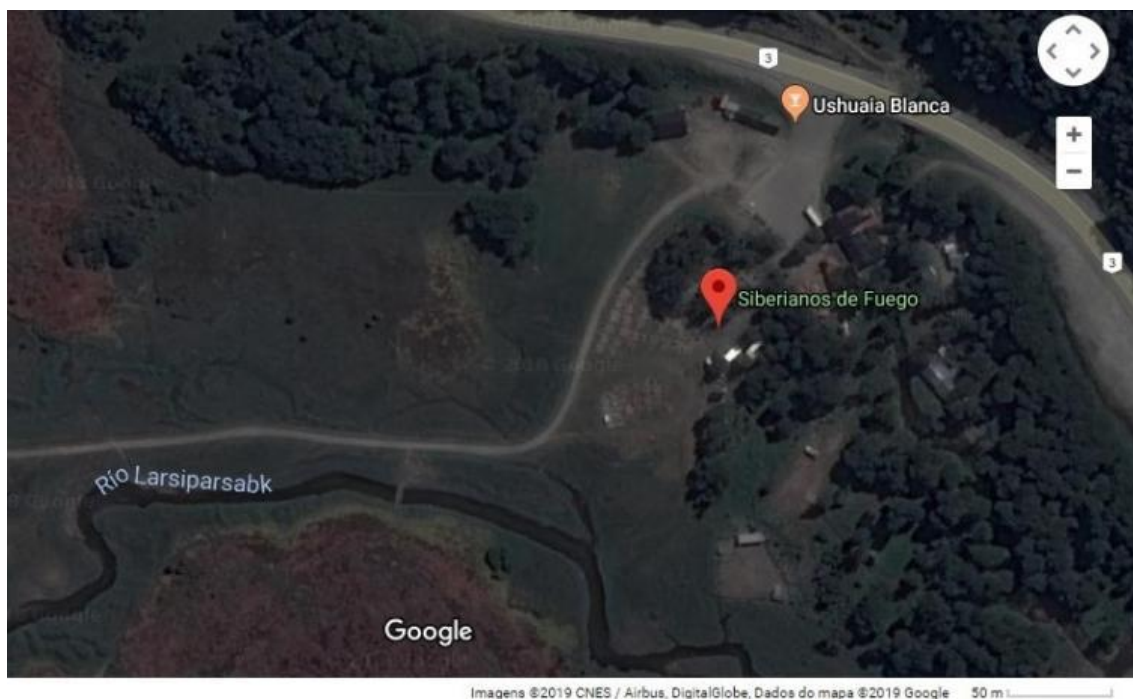


Foto 28 - O Criadero Siberianos de Fuego, seus 137 cães de trenó e a "arquitetura de relações" coconstituída entre cães e *mushers*. Acervo da pesquisadora.

Em Ushuaia, os cães de trenó nascem, crescem e passam suas vidas trabalhando (“trabalhar” é o termo utilizado pelos próprios *mushers* quando estão falando da ação canina de puxar um trenó) em seus respectivos centros inverniais. São cães categorizados, pelos *mushers*, como animais de trabalho. Conforme me contaram em *Siberianos*, os cães de trenó para o turismo são cães de trabalho, como o são no Ártico, mas, ao contrário do que se passa por lá, os cães de trenó ushuaiais são cães “mañosos”, não são “fríos” e “rústicos”, uma vez que lidam diretamente com turistas – e, portanto, não podem ser agressivos. São “descendentes de lobos”, são quase selvagens, mas têm de ser “lobos” mansos para lidar com turistas. No entanto, interessante notar que, quando os *mushers* se referem aos cães de trenó no Hemisfério Norte, desconsideram aqueles que, putativamente, lá trabalham na prática turística (Cf. Strecker 2018), e não necessariamente (ou não somente) no transporte de carga ou no esporte.

Todos os dias, logo pela manhã, quando o *Criadero* fica movimentado com a chegada de numerosos grupos de turistas, Hugo faz um breve discurso sobre a prática do trenó: os Perros Polares Argentinos, sobre os quais discutirei no próximo capítulo, seus cães, Huskies Alaskanos, Huskies Siberianos e dois Samoiedas (que vieram da cidade), e seu histórico na prática são os temas mais valorizados. Ele também comenta sobre o *Encuentro Musher*; mesmo que enalteça o evento de maneira desproporcional (faz, em seus discursos, o *Encuentro* parecer uma grande corrida), de forma a fazer propaganda da prática do trenó, Hugo e os outros *mushers* também demonstraram, em algumas de nossas conversas, encará-lo com outros olhos, uma vez que os dois dias em que sucede o *Encuentro* são dois dias nos quais o *Criadero* fica com staff reduzido – e isso significa, conseqüentemente, menos dinheiro, uma vez que a premiação da corrida, diferente das grandes competições no Hemisfério Norte, é apenas simbólica.

Assim sendo, passemos ao *Encuentro Musher*.



Mapa 4 - Localização do *Criadero Siberianos de Fuego*, a partir da *Ruta 3*, Ushuaia. Fonte: *Google Maps*.



Foto 29 - Pela manhã, os *mushers* se preparam para receber os primeiros turistas do dia. Ao fundo, Jorge escolhendo e atrelando ao trenó sua equipe de cães. Acervo da pesquisadora.



Foto 30 - Os canis fechados em Siberianos, nos quais as fêmeas no cio, bem como os cães "em reabilitação", como Pixie, ficam confinados. Acervo da pesquisadora.



Foto 31 - Nos últimos dias de setembro, a neve já começa a dar lugar a uma camada de gelo, o que torna a pista mais lisa e, portanto, mais perigosa. Acervo da pesquisadora.



Foto 32 - Mesmo quando há nevascas, os cães preferem dormir e ficar fora de suas casinhas. Acervo da pesquisadora.



Foto 33 - A equipe de cães de Hernan, pronta para partir para um passeio. Acervo da pesquisadora

1.4 – O entusiasta Miguel Isla Casares e o *Encuentro Musher*.

Me inicié en Ushuaia donde formé mis primeras impresiones en este deporte. Realizando paseos turísticos, después de unos años tuve la oportunidad de trabajar en la ciudad de Caviahue en la provincia de Neuquén⁴⁵. El *Criadero* “La Huella” abrió muchísimo mi cabeza. Me mostró, de la mano de Javier Alvarez, Josefina Cabral⁴⁶ y su jauría, la importancia del vínculo con tu equipo. Luego de dos inviernos en Neuquén tuve la chance de viajar a Noruega, en donde entrené junto con Sigrid Ekran⁴⁷. Al igual que Caviahue fue una gran apertura de cabeza. Esta vez enfocado cien por cien en el plano deportivo de la actividad (Miguel, set. 2018).

Conheci Miguel Isla Casares em *Valle de Lobos*. Principal organizador e maior entusiasta do *Encuentro Musher*, Miguel teve seu primeiro contato com a prática do *mushing* no inverno de 2005, quando a *Sled Dog Race Ushuaia* ainda acontecia na cidade. Depois de trabalhar por muitos anos em diferentes *criaderos*, em Ushuaia e em outros lugares, Miguel se estabeleceu como “*musher* autônomo” há quatro anos. Com sua equipe de doze cães, todos Huskies Alaskanos, ele realiza passeios turísticos “exclusivos”, mais longos (entre uma e duas horas de duração) e com rotas diferentes das oferecidas nos centros inverniais, além de participar eventualmente de corridas e treinar (sair em passeios de trenó) com seus cães diariamente:

Las actividades que yo realizo son en su mayoría deportivas o recreativas [turísticas]⁴⁸. Me enfoco en salir a correr con ellos [os

⁴⁵ Há passeios turísticos de trenó em outras regiões da Argentina e também no Chile.

⁴⁶ Javier Alvarez e Josefina Cabral foram dois dos participantes do *Encuentro Musher* 2018. Ocupar-me-ei deles e dos outros participantes mais adiante nesta seção.

⁴⁷ Sigrid Ekran, *musher* norueguesa, morou por muitos anos no Alasca e já correu a *Iditarod* diversas vezes.

⁴⁸ Para os *mushers* em Ushuaia, cães de trenó são cães de trabalho. O que os faz animais de trabalho, neste contexto, é o fato de serem puxadores de trenós – não importa se na atividade turística, desportiva ou recreativa. Ou seja: não é a finalidade da atividade (o esporte ou o turismo) que define esses cães como animais de trabalho ou não, mas a ação de puxar (um trenó, um carro, ou o que quer que seja). Certa feita, disse-me Miguel que “el título de perro de trabajo o mascota creo que se relaciona más con la intención del propietario. El llamar un perro de trabajo o mascota va más de la mano del trato”. Para ele, então, são

cães] y buscar llegar al máximo disfrute⁴⁹. Compito en las carreras que hay en Sudamérica siempre que me es posible y eventualmente realizo paseos de una o dos horas con turistas (Miguel, set. 2018).

De acordo com Miguel, o *Encuentro Musher* é importante porque “culturalmente, sigue alimentando un deporte⁵⁰ que está más impreso en nuestra cultura de lo que pensamos”. Esta é uma afirmação curiosa, uma vez que a prática do *mushing*, em Ushuaia, foi introduzida apenas na década de 1990 – é, portanto, extremamente recente. Mas o mesmo acontece em *Siberianos de Fuego*, e mesmo em *Valle de Lobos*: em detrimento dos “pueblos originarios” fueguinos, dá-se extremo destaque, em tudo que diz respeito à prática do trenó puxado por cães em Ushuaia, aos “pueblos originarios” do Ártico ou aos “nórdicos”. Há, nesse sentido, uma “articalização”, ou “nordicalização”⁵¹, da Patagônia, por assim dizer:

El mushing, aunque actualmente se considera un deporte o un atractivo turístico, ha sido y todavía es una forma de transporte nórdica caracterizada por el uso de perros de tiro ligados, mediante cuerdas y arneses, a un trineo o esquiador, que servía para desplazarse por superficies nevadas con rapidez. El término proviene de una orden, en lengua francesa, de indicar la marcha como “adelante”, “a correr”, “vamos”, para que el equipo empiece a tirar. En la actualidad, el término mush raramente se utiliza con los perros. Pero al corredor se denominó globalmente como musher (Miguel, set. 2018).

duas as categorias nas quais os cães podem ser incluídos: cães de trabalho ou “mascotas”. Sobre seus cães, disse que “todos tienen la capacidad de vivir tanto como mascota como perro de trabajo”.

⁴⁹ O disfrute, aqui, diz respeito aos cães: para Miguel, os cães têm de desfrutar o seu trabalho (tracionar um trenó). Disse-me ele que “la base del entrenamiento que yo realizo es mantener a los perros sanos y felices”, e cães “sãos” e “felizes”, neste contexto, são aqueles que tracionam trenós.

⁵⁰ O esporte, neste contexto, é algo como uma “subcategoria” do trabalho: disse-me Hugo que *perros deportivos* não deixam de ser *perros de trabajo*. Novamente, não é a atividade que define o estatuto do cão, mas sim aquilo que ele tem de executar (na atividade).

⁵¹ “Nórdico”, em espanhol, pode significar “del Norte o relativo a él” e “de los pueblos del Norte europeo o relativo a ellos”. Definições disponíveis em: <<http://www.wordreference.com/>>.

O *Encuentro Musher*, que, em 2018, logrou sua terceira edição, “deportivamente genera un marco donde se da lugar a la competencia, y, así, sacar todo lo bueno que ella tiene nos hace progresar y enfocarnos a todos [os *mushers*]” (Miguel, set. 2018). Além disso – e principalmente –, a corrida é uma forma de publicidade: em *Siberianos de Fuego*, por exemplo, Hugo mencionava o *Encuentro* diariamente para os turistas, de maneira a agregar valor à prática do trenó e, conseqüentemente, ao seu *Criadero*. Além disso, ele me disse que participar da corrida era importante porque “eso es lo que hacemos, es bueno para el lugar y para sacar fotos”.



Figura 4 - À esquerda, cartaz da corrida de 2017. À direita, cartaz de 2018. Fonte: Miguel Isla Casares.

No entanto, como já mencionado, dado o caráter ainda muito localizado e “amador” do *Encuentro*, ou seja, dada a carência de grandes patrocinadores e de um alcance internacional (e mesmo nacional), ele também é encarado pelos centros inverniais como uma “despesa extra”, uma vez que são dois dias de trabalho – e,

portanto, de faturamento – prejudicados. Sobre a indecisão de Hugo em participar ou não do *Encuentro*, disse-me Leo, seu filho, que:

Todo depende de la decisión que tome Hugo [sobre a participação no *Encuentro Musher*]. Lo que pasa es que es un día o dos días de carrera que, si nos vamos todos, el centro se quedará cerrado. Son estos días en que impera ganancia. Es una carrera que no es muy importante, no vale la pena (Leonardo Flores, ago. 2018).

E Miguel:

El *Encuentro* en el día a día es un objetivo con el cual motivarse en las actividades cotidianas. Esta actividad no tiene ni días libres ni horarios marcados, es un estilo de vida del cual dependen un montón de otras vidas. Este *Encuentro* busca reforzar los vínculos entre todos los *mushers* de la provincia y de la Patagonia. También así darle a distintos criadores y *criaderos* la exposición necesaria para ayudar y/o facilitar su exposición y darse a conocer para potenciales sponsors” (Miguel, ago. 2018).

Nesse sentido, apesar de, como indicou Marlene, as relações entre *mushers* e cães irem muito além do ganho pecuniário per se, a atividade turística do trenó (e, potencialmente, o *Encuentro Musher*) é o que efetivamente sustenta e na qual se fundamenta a própria existência dos cães em Ushuaia. Os cães, de fato, comem por conta do turismo, mas foram levados até ali por qual outra razão senão a atividade turística⁵² (e, em menores proporções, o esporte)? Sugiro que, entre os *mushers* em Ushuaia, há uma “naturalização”, tanto dos animais quanto da própria prática do trenó, como se os cães não tivessem sido deslocados até a região; como se fossem ambos, cães e prática, autóctones. Curioso que, com isso, acaba-se olvidando muito do que foram os Selk’nam, os Yámana e as outras populações patagônicas nativas, sobre as quais tratarei

⁵² Aqui, estou me referindo especificamente aos Huskies Alaskanos e Siberianos, e não ao Perro Polar Argentino, criado especialmente para as expedições antárticas, mas que já foi extinto. Retomo o tema no próximo capítulo.

no próximo capítulo, que não detinham trenós – e, ao que parece, nem mesmo (ou apenas tardiamente) cães.

Miguel e seus cães formam a *Equipo Tres Cuartos*, “un grupo de humanos y perros que vive hace años en la zona del Valle Carbajal⁵³ involucrados en la actividad de trineos tirados por perros”. Como principal organizador e fomentador do evento, ele alega que a missão do *Encuentro* “es seguir dando continuidad a la chispa que se supo encender en el 2016, potenciando así el interés por el deporte, el cuidado de los perros y su crecimiento en la cultura fueguina”. Miguel tenciona ao longo dos anos transformar o que hoje é um encontro local em um evento anual de caráter internacional, “en lo que se favorezca la difusión del mismo y también el intercambio informativo de los distintos aspectos de este complejo deporte”. Além disso, para ele é de suma importância, no *Encuentro*, “fomentar el respeto por los perros, compañeros de la actividad y de la vida, una vez que es el humano el privilegiado de salir a pasear con ellos” e “introducir el sentimiento de compromiso en cada criadero y musher, y contagiar la perseverancia que conlleva practicar este deporte, un trabajo de todos los días”.

Mais do que Hugo e de que qualquer outro *musher* que tive a oportunidade de conhecer, Miguel é um grande entusiasta da prática do trenó puxado por cães. Diversamente daqueles que trabalham nos *criaderos*, Miguel não tem o *mushing* como principal fonte de renda: para ele, que só realiza passeios turísticos ocasionalmente, a atividade é algo como um “hobby”, por assim dizer; é mais um esporte que um empreendimento rentável – isso, no entanto, não significa que suas relações com os cães e com o trenó estejam completamente destituídas de um “valor comercial”, uma vez que ele sabe que a prática do trenó, tanto desportiva quanto turística, demanda

⁵³ Localizado a aproximadamente 20 quilômetros de Ushuaia, o *Valle Carbajal* se insere na Cordilheira dos Andes de oeste a leste.

investimentos. Para o *Encuentro Musher*, por exemplo, Miguel buscou conseguir o maior número de patrocinadores possível.

O *Encuentro* que presenciei aconteceu nos dias 1 e 2 de setembro de 2018, sábado e domingo. No dia da largada, os competidores foram instados a chegar ao centro invernal *Tierra Mayor*, de onde partiriam, por volta das três horas da tarde – a corrida teria início às seis:

Es importante su asistencia con tiempo para poder acomodarse con todo el equipo (perros, trineos y demás). Se acomodarán en una zona perimetral especial donde los veterinarios tendrán espacio para trabajar con ellos y sus perros (Miguel, set. 2018).

No dia da largada, cheguei à *Tierra Mayor* por volta das três horas da tarde. Encontrei Hugo no estacionamento do centro invernal, e seus cães – quinze, no total, sete para o seu trenó e oito para o trenó de Nahuel – estavam todos presos em gaiolas adaptadas na carroceria de sua caminhonete. Alejo, seu neto, estava ajudando na organização dos equipamentos para a corrida. Acompanhei-os enquanto descarregavam os trenós – de Hugo e Nahuel – e, em seguida, fui com Alejo até o local onde os cães seriam instalados e aguardariam antes do *Encuentro* ter início para que ele armasse a *maroma*, uma corda grossa presa entre duas estacas de madeira fincadas na neve, ao longo da qual os animais seriam presos por correntes – já na sequência em que seriam atrelados aos trenós. Depois de armar a *maroma*, Alejo trouxe o trenó de Hugo e, em seguida, começou a trazer os cães, um a um. O primeiro deles foi Lobo, um *Husky Alaskano*, que ocuparia, ao lado de Fresa, também Alaskana, as últimas posições no trenó.

Os cães de Miguel, ao lado, já estavam todos em sua *maroma*, e, quando Alejo trouxe Lobo, principiaram todos a latir ferozmente para o animal vizinho. Lobo, sozinho, parecia intimidado com os latidos ameaçadores dos outros cães e procurava ficar o mais longe possível deles. No entanto, quando Hugo e Alejo trouxeram mais cães, seu comportamento mudou: agora, não mais sozinho, mas com sua *jauría*, Lobo e seus companheiros também começaram a latir impetuosamente. E, assim, conforme os competidores chegavam com seus cães, a sinfonia canina ia ganhando tom. De acordo com Jorge, isso acontece porque os animais “sabem que algo diferente está pasando”, e é por isso também que, nas corridas, os cães correm mais rapidamente, além do que estão em um “nuevo lugar, y esto los motiva” – e, obviamente, a carga que os animais têm de tracionar é muito mais leve (um trenó de corrida pesa cerca de um terço do peso de um trenó de passeio, e sua carga humana segue as mesmas proporções).



Foto 34 - Preparação dos competidores no dia da largada. Centro invernal *Tierra Mayor*.
Acervo da pesquisadora.



Foto 35 - Equipe de cães de Hugo: Fresa e Lobo, como líderes, Zoon (sozinho), Yordi e Ginko, e Tundra e Piraña. Acervo da pesquisadora.

O percurso, de aproximadamente 20 quilômetros (por trecho), foi percorrido por seis equipes (em ordem de largada): Miguel Isla Casares (*Equipo Tres Cuartos*), Hugo Flores (*Siberianos de Fuego*, “55 años, lo más antiguo”, de acordo com o narrador da corrida), Josefina Cabral (*La Huella – Caviahue*, “20 años, la única mujer”), Emiliano Castro (*Nunatak*, “participó de todas las ediciones”), Javier Alvarez (*La Huella – Caviahue*, “uno de los favoritos”) e Nahuel Flores (*Siberianos de Fuego*). Das seis equipes que participaram apenas Josefina e Javier não moram na cidade – vieram de Caviahue (Província de Neuquén, ainda na Patagônia argentina), distante mais de dois mil e quinhentos quilômetros de Ushuaia.



Figura 5 - Percurso do *Encuentro Musher* 2018. Fonte: Miguel Isla Casares.

Na sequência acima indicada, as largadas aconteceram com a diferença de três minutos entre cada uma delas, de forma a evitar ultrapassagens e colisões desnecessárias entre os trenós⁵⁴.



O trajeto, que muda todos os anos de acordo com as condições da pista, foi do centro invernal *Tierra Mayor* até um refúgio de montanhistas, no qual as equipes de cães e humanos passaram a noite.

⁵⁴ Ler o código QR abaixo para ter acesso ao vídeo.



Foto 36 - O centro invernal *Tierra Mayor*. Acervo da pesquisadora.

Na manhã seguinte, a largada aconteceu por volta das dez horas, e as equipes começaram a chegar a *Tierra Mayor* aproximadamente à uma da tarde – o caminho do segundo dia de corrida foi o mesmo. A ordem de largada no segundo dia respeitou a ordem de chegada das equipes ao refúgio no primeiro. O campeão foi Javier Alvarez, seguido de Miguel, Nahuel, Josefina, Emiliano e Hugo, que atribuiu seu resultado desfavorável a “ter se perdido no caminho”. Curioso que Hugo não ficou para a premiação. Tão logo chegou em *Tierra Mayor*, colocou seus cães na caminhonete e voltou para *Siberianos*. De acordo com Nico, “hay mucho ego aquí”, e foi por isso que Hugo foi embora rapidamente⁵⁵:

⁵⁵ No dia seguinte ao *Encuentro*, Hugo me disse, em tom de reclamação, que Miguel já conhecia o trajeto da corrida, que ele já o havia percorrido com seus cães, e que isso foi bom para ele, que chegou em segundo lugar. Além disso, para Hugo, o trajeto estava mal sinalizado.

Gato Curuchet, Hugo, mismo Walter Cayo. Hay mucho ego. Es como Picante⁵⁶, él también tiene mucho ego, pero también es inseguro. Hugo debería haberse quedado para la premiación. Pero es más fácil tener ego cuando ganas. Ninguno de ellos está abierto a aprender, a escuchar. La manera de cada uno es siempre mejor que la de los demás (Nico, set. 2018).

As normas do *Encuentro Musher*, estabelecidas previamente por Miguel, foram as seguintes:

1. La prioridad número uno del *Encuentro Musher* es el cuidado y respeto de los perros;
2. En según lugar está el bienestar de todos los participantes;
3. En el camino, todos los equipos deben respetar el trazado de la pista. Cada *musher* declara tener conocimiento de manejo del trineo y del cuidado, atención y manejo de los perros;
4. El *musher* está obligado a terminar con la misma cantidad de perros que largó, en caso de que un perro no pueda continuar deberá transportarlo en la bolsa del trineo hasta llegar a al checkpoint más cercano para comunicarse con los veterinarios y darle la atención que el perro necesite. Cualquier otra manera de quitar a un perro del equipo será motivo de descalificación: un perro en la bolsa del trineo sigue contando como un perro en el equipo. No se tolerará ningún tipo de maltrato⁵⁷, gritos o golpes hacia los perros (*Encuentro Musher*, “normas de comportamiento y convivencia” – Miguel, set. 2018).

Apesar de os participantes estarem extremamente ocupados nos dois dias preparando-se para a corrida, o que dificultou meu contato com eles, pude conversar muito brevemente com Javier Alvarez. Javier é proprietário do *Criadero La Huella*,

⁵⁶ Nico compara os *mushers* com os cães. Será possível que haja algum tipo de “totemismo” aqui, em que os cães servem para falar dos *mushers*? Afinal de contas, não estamos sempre dizendo que os cães (de estimação) são a “cara” dos seus donos?

⁵⁷ Walter Cayo apareceu nos dois dias da corrida, e isso provocou bastante incômodo nos *mushers*. Sobre sua presença, disse-me Nico o seguinte: “no sé cómo no tiene vergüenza de aparecer aquí. Está convencido de que no fue su culpa. Todos aquí saben lo que pasó en Valle de Lobos”.

localizado em Caviahue, pequeno povoado (são cerca de 600 habitantes) da Província de Neuquén. Ali, como em Ushuaia, é o turismo que movimenta a economia local; são estações de ski, resorts, trilhas e passeios de trenó puxados por cães:

A 1600 metros acima do nível do mar, Caviahue se localiza em um vale estreito e íngreme ao oriente da cordilheira e ao sul do vulcão Copahue, banhado pelo lago homônimo. Protegidos pelo Parque Provincial Copahue, seus córregos, cachoeiras e bosques de araucárias pré-históricas se estendem na pradaria, indo até a base das colinas que escalonam o maciço vulcânico⁵⁸.

Ademais, Javier e Josefina criam cães da raça Eurohound, que, como os Huskies Alaskanos, foram geneticamente produzidos para o trabalho de puxar um trenó. Assim como o Husky Alaskano, o Eurohound (bem como o Greyster) é uma raça não reconhecida pelas federações cinológicas internacionais, que foi lograda especificamente para a prática desportiva do trenó. Como sucede com os Alaskanos, a criação e reprodução do Eurohound visam não o estabelecimento de um “tipo” estético, de uma raça esteticamente “padronizada”, tal qual é exigido na cinofilia, mas sim cães com habilidades específicas de trabalho cada vez mais aperfeiçoadas – como força, resistência e velocidade. Conforme Matias:

Son perros muy flaquitos. Son como galgos, muy rápidos. Los Eurohounds son muy utilizados en Europa para tirar el trineo. Son perros más débiles, incluso que los Alaskanos, pero tienen mucha velocidad. Son perros ideales para las carreras de corta distancia. El Eurohound es una mezcla entre Alaskanos y pointers (Matias, set. 2018).

Também tive a oportunidade de conhecer Patricia, a veterinária responsável pelos cães no *Encuentro Musher*. De acordo com ela, curiosamente não há em Ushuaia

⁵⁸ Disponível em: <<http://www.caviahue-copahue.gob.ar/historia/>>.

nenhum veterinário especializado em cães de trenó – ela vem, há algum tempo e com o incentivo de Miguel, estudando esses cães e os problemas médicos que eles eventualmente podem vir a apresentar. Disse-me ela que, inclusive, “los mushers saben más que nosotros sobre los perros de trineo”. No *Encuentro*, Patricia e mais outros dois veterinários – que, no primeiro dia, não estavam presentes – foram os responsáveis por checar os animais (eram, ao todo, 46 cães) antes da largada, na chegada ao refúgio e na finalização da corrida, no dia seguinte:

Estamos haciendo un controle de que los perros no tengan heridas, de que no tengan ningún problema a nivel pulmonar, ruidos, pero como siempre traen los perros que corren mejor esto nunca sucede. Nosotros verificamos sobre todo el tren delantero, que es lo que más utilizan en las carreras. El tren delantero comprende el conjunto de los huesos de la muñeca. Buscamos por alguna crepitación en las articulaciones. Algunos de los perros tienen más de ocho años, entonces buscamos por algún principio de artrosis (Patricia, set. 2018).

Disse-me ela, também, que a tração do trenó recai toda no “tren delantero” dos animais e que, por isso, a verificação das patas e articulações dianteiras é o mais importante a se fazer. Além disso, examinam a mucosa dos cães em busca de feridas ou queimaduras (por conta do frio).

No entanto, como Patricia estava sozinha no primeiro dia da corrida, não teve tempo de examinar todos os cães – e, quando a questioneei sobre a checagem dos animais quando estes chegassem ao refúgio, Patricia ficou um tanto confusa e disse não saber nem como se chegava até lá, e que precisava conversar sobre isso com Miguel (depois, soube que ela logrou chegar até o refúgio e examinar os animais). No segundo dia, Patricia estava em *Tierra Mayor* acompanhada de mais dois veterinários. De acordo

com ela, o exame dos cães na chegada é mais rigoroso, uma vez que chegam cansados e desgastados após os 40 quilômetros percorridos:

Tenemos que ver cómo les dan agua, cómo los tratan, cómo llegan los perros, se comen, qué llevan para cuidar de ellos, para que descansen y hagan el camino de vuelta (Patricia, set. 2018).

“Estamos todos aprendiendo”, me afirmou Patricia. Ela, assim como todos os outros veterinários e veterinárias em Ushuaia, não é uma *expert* em cães de trenó: não há, na cidade, nenhum veterinário especializado em “perros desportivos”. Nesse sentido, os *mushers* acabam sabendo mais que os próprios profissionais sobre a saúde, as condições físicas e os problemas que podem vir a ter os animais (e isso foi Patricia mesma quem me declarou): o conhecimento sobre a saúde dos cães, então, deriva principalmente da prática, da convivência e da observação.

Patricia, inclusive, estava lendo um pequeno guia, intitulado “Mush with P.R.I.D.E – sled dog care guidelines”⁵⁹, para aprender um pouco mais sobre os cães que agora têm de examinar – noto que ela mora em Ushuaia há pouco tempo. Basicamente, o guia traz informações a respeito de como deve ser (arquiteticamente) o *criadero* de cães de trenó ideal⁶⁰ (como e de que materiais devem ser as casinhas dos cães, por exemplo), da alimentação e hidratação dos animais e de como treiná-los corretamente (o principal, de acordo com o guia, é saber “respeitar os animais”).

Como evento promotor da prática do trenó em Ushuaia, o *Encuentro Musher* não me pareceu alcançar nem a população fueguina, nem os turistas. Nos dois dias da corrida, a grande maioria daqueles que foram prestigiar os competidores eram

⁵⁹ O Guia data de 2009 e foi traduzido por Miguel para o espanhol. A versão em inglês está disponível em: <<https://mushwithpride.org/>>.

⁶⁰ Ideal no sentido de prover aos animais a melhor qualidade de vida possível, e isso concerne, também, como já mencionado, à qualidade da relação que se espera constituir com os animais – conforme Anderson et al. (2017:403), determinadas infraestruturas criam determinadas relações.

conhecidos, amigos ou auxiliares das equipes. Não disponho de dados para afirmá-lo com exatidão, mas creio que havia, no limite, cinquenta espectadores (também não saberia informar o leitor sobre os *Encuentros* de 2017 e 2016). No entanto, Miguel e os outros *mushers*, bem como outras pessoas envolvidas diretamente com o *mushing*, como Luciano Campregher e Nico, acreditam que o *Encuentro* vem crescendo ao longo dos anos e tornando a prática do trenó gradativamente mais evidente na Terra do Fogo, como ela já o foi nos primeiros anos da década de 1990⁶¹:

La práctica en Ushuaia evoluciona constantemente. La actividad que predomina hoy en día es la turística. En sus comienzos el aspecto deportivo se impuso y hoy en día comienza a verse nuevamente el plano deportivo manifestándose (Miguel Isla Casares, ago. 2018).



Foto 37 - No dia da largada, antes de trazerem os cães, os competidores armam a *maroma*. Acervo da pesquisadora.

⁶¹ Como já mencionado, durante alguns anos da década de 1990 e 2000 aconteceram em Ushuaia algumas edições da *Sled Dog Race Ushuaia*, corrida que, ao contrário do *Encuentro Musher*, era reconhecida internacionalmente.



Foto 38 - A equipe de cães de Josefina Cabral. Acervo da pesquisadora.



Foto 39 - Miguel e seus cães formam a *Equipo Tres Cuartos*. Acervo da pesquisadora.



Foto 40 - Nahuel Flores durante o percurso do *Encuentro Musher*. Dia 01/09/2018. Fotografia de Nicolienne van Leeuwen (Nico).



Foto 41 - Hugo Flores no dia da largada. Fotografia de Nicolienne van Leeuwen (Nico).



Foto 42 - *Tierra Mayor* no segundo dia do *Encuentro Musher*. Acervo da pesquisadora.



Foto 43 - Vitória de Javier Alvarez. Acervo da pesquisadora.

Neste primeiro capítulo, busquei contextualizar e introduzir o leitor nesse mundo muito particular que é o *mushing* na Terra do Fogo. A partir de narrativas e de dados etnográficos sobre aqueles seres humanos e caninos com os quais pude conviver, bem como de descrições o mais minuciosas possível dos espaços nos quais essa prática acontece – o centro invernal *Valle de Lobos*, o *Criadero Siberianos de Fuego* e o *Encuentro Musher* –, a intenção aqui foi, principalmente, apresentar os *mushers* e os cães de trenó em Ushuaia – produzidos por um conjunto específico de relações materiais e semióticas. Sua rotina de trabalho, suas atividades dentro e fora dos *criaderos*, o status da prática para a economia local (e para a cultura fueguina) e as relações, práticas e simbólicas, coconstituídas por cães e *mushers*.

Se os esforços, neste capítulo de abertura, consistiram em desvelar os cães de trenó, os *mushers* e os espaços nos quais eles se relacionam, o segundo capítulo tem como mote principal apresentar os outros cães na Terra do Fogo – aqueles que não trabalham –, produzidos, na região, por práticas materiais e semióticas distintas. Ao fazê-lo, tenciono demonstrar que é, de fato, o trabalho (seja na prática turística ou no esporte – ou seja, em alguma *função* canina) que faz a diferença e orienta a formulação e a percepção de distintas categorias de cães naquela pequena porção do extremo sul do planeta: o ponto está em que os animais “sirvam” para alguma coisa (pois *perros salvajes* e, eventualmente, animais de estimação, não têm ou passam a não ter serventia alguma).

Dessa maneira, após apresentar os cães de trenó e seus trabalhos volto-me para aqueles outros cães que, por alguma razão, deixaram de ser pertinentes para seus companheiros humanos e passaram a constituir em um “problema” a ser resolvido – ou

foram olvidados, como é o caso do *perro fueguino* que, ao que tudo indica, convivia com as primeiras populações que habitaram a Terra do Fogo e consiste, atualmente, em um grande enigma para as pesquisas arqueológicas e antropológicas. O que são, o que podem e o que fazem, afinal, esses cães na Terra do Fogo?

Capítulo 2 – Os cães na Terra do Fogo: sobre raposas, expedições antárticas, animais daninhos e globos de neve.

O tema de minha dissertação, de fato, são os cães que puxam trenós em Ushuaia e suas relações materiais e semióticas com seus criadores, que também são os próprios condutores dos trenós – os *mushers* –, e com os turistas, para os quais ambos trabalham. Os cães, claramente, também trabalham para os *mushers*, o que faz com que os animais tenham dois patrões, por assim dizer. Todavia, o trenó puxado por cães foi uma prática importada para a Patagônia, visto que as populações nativas que habitavam a região não se valiam de trenós para se locomover e transportar cargas – e o simples fato de não utilizarem trenós, por si só, já é um bom motivo para se tecer alguns comentários sobre a presença e o convívio de cães entre tais grupos humanos.

De mais a mais, chamou-me a atenção o grande número de cães andando pelas ruas de Ushuaia, soltos e sem a companhia de seus putativos donos. Após poucos dias em campo, descobri que as três cidades que compõem atualmente a Província da Terra do Fogo (Ushuaia, Río Grande e Tolhuin) têm problemas notáveis com o abandono de cães: para além dos que são abandonados nas zonas urbanas⁶², há aqueles que são deixados em território desabitado e, por conta disso, fazem-se cães ferais⁶³.

Desde meus primeiros dias em campo, seja na casa onde me hospedei, nos *criaderos* de cães de trenós, ou nas ruas da cidade, diferentes cães me foram tornando-se conhecidos. Cada um deles, à sua maneira, fez-me refletir a respeito dos próprios cães de trenó. Mesmo quando me refiro a todos esses outros cães que tive a oportunidade de

⁶² O trabalho de Ferreira (2019) apresentado na VII ReACT – Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, intitulado “Antropozoogénesis en las ciudades de Chile o la Domesticación Cosmopolitana”, esmiuça a situação de cães vivendo nas ruas de cidades chilenas.

⁶³ Boitani et al. (2017) e Morey (2010) definem os cães ferais como aqueles que vivem “(...) in a free state with no direct food or shelter intentionally supplied by humans and showing no evidence of socialization to humans” (Boitani et al. 2017:343).

encontrar na Terra do Fogo, os cães de trenó são o tema medular desta dissertação e estão sempre e de alguma forma em conexão com todos os outros. Para que possamos entender os cães de trenó, carecemos olhar para todos os outros cães naquela região, uma vez que, consoante ao que pude ouvir e observar em campo, é o trabalho e a domesticidade (enquanto práticas material-semióticas) que definem os parâmetros de percepção e de classificação desses animais, e orientam muitas das relações com esses mesmos animais ali.

É nesse sentido que, por exemplo, ponderar sobre a inexistência de trenós entre os Yámana e os Selk'nam, mesmo que muitos relatos históricos tenham apontado para a existência de cães entre eles, levou-me a atentar para o fato de que a prática do trenó é, na Patagônia, uma prática importada – e que, por conta disso, o *perro fueguino* e as primeiras populações que habitaram a Terra do Fogo foram olvidados; que notar que o Perro Polar Argentino, uma raça criada a partir de raças caninas não autóctones especialmente para puxar trenós na Antártida, foi produto de um “aperfeiçoamento” genético similar ao que encontrei em campo nos *criaderos*, uma vez que visava não a um padrão estético, mas ao desenvolvimento de características específicas, como resistência e força, afeitas a seu potencial uso militar; e que, por fim, a partir dos *perros salvajes*, pude (re)pensar o controle humano – ou a falta dele – sobre os próprios cães de trenó, sobre as relações, muito especiais, que envolvem estes, *mushers* e turistas, e sobre o conceito de trabalho animal.

Permite-se aos cães na Terra do Fogo que sejam animais de companhia, puxadores de trenós, “fujões” e, mesmo, animais abandonados – não por lei, é claro, mas a enorme quantidade de animais vagando pelas ruas de Ushuaia, bem como os discursos daqueles (humanos) que tive a oportunidade de conhecer ao longo da pesquisa de campo, aponta para certo “desmazelo” ou “ineficiência” estatal em

“resolver” o problema do abandono de animais domésticos. Como sugerido a Osório (2013:157) em seu contexto de pesquisa, em Ushuaia muito escutei que “animais de rua são animais abandonados e animais com dono que têm acesso à rua são animais não geridos pela posse responsável”. No entanto, essa *tenencia responsable*, que envolve o afeto e os cuidados para com os cães e, portanto, seu controle – sejam eles de companhia, de trenó ou *perros callejeros* –, não é estendida aos tais dos *perros asilvestrados* que habitam as zonas rurais e as regiões desabitadas (por humanos) na Terra do Fogo: ali, pareceu-me que os fueguinos tendem a se preocupar mais com os cães ferais – e os problemas econômicos que eles supostamente provocam – que com os cães abandonados nas ruas.

Aqueles que tanto repudiam a prática do trenó puxado por cães, que proclamam que “perros no son caballos, no son burros de carga”, são os mesmos que defendem o controle (leia-se, a dizimação) dos *perros salvajes* – e que, simultaneamente, exigem soluções para os “pobres coitados” dos cães que vivem nas ruas da cidade. Por outro lado, para aqueles que praticam o *mushing* e trabalham diretamente com os cães de trenó, ou seja, que não consideram o trabalho canino um maltrato ou uma exploração, os cães ferais também representam uma ameaça que deve ser “controlada” – pois podem colocar seus cães e os turistas em risco –, *a não ser* quando, porventura, um cão asselvajado o deixa de ser: quando, por exemplo, um filhote de *perro salvaje* aparece pelas bandas do *Criadero*, sozinho, e é “adotado” e treinado para o trabalho de tracionar um trenó. Nesse sentido, a partir do momento em que o cão aprende a “tirar un trineo”, a partir do momento em que aprende a trabalhar, ele abandona sua condição de *perro salvaje* – e, portanto, de cão feral e de “especie exótica invasora” (Schiavini & Narbaiza 2015) – e passa a ser um cão de trabalho. Ou seja: o trabalho domestica.

Obviamente, não tenho a pretensão de responder todas as questões, relativas aos outros diferentes cães que encontrei na Terra do Fogo, apontadas até aqui; mas creio valer a reflexão sobre elas e sobre todas as outras que me surgiram ao longo da pesquisa de campo, uma vez que foi a partir de tais questões que ponderei sobre a categoria do trabalho animal e sobre a fluidez das fronteiras entre aquilo que se denomina doméstico, por um lado, e selvagem, por outro. Muito se escreve, na antropologia, sobre cães de companhia nos grandes centros urbanos, mas e os outros cães – os cães ferais e os cães de trabalho, por exemplo? Algo similar foi notado por Vander Velden na etnologia brasileira:

Em que pesem esses esforços, ainda restam enormes lacunas no nosso conhecimento histórico e etnológico da chegada e permanência dos animais originários do além-mar no seio das comunidades ameríndias sul-americanas, mesmo em se tratando das espécies mais investigadas, como o cachorro (...). Existe, sim, muita informação dispersa nos trabalhos de pesquisa, espalhada pelos textos aqui e ali (em geral nas seções que descrevem as aldeias e moradias, ou a vida produtiva das comunidades), fruto da observação casual de etnógrafos e etnógrafas em campo, poucos deles genuinamente interessados na questão, talvez porque julgada excessivamente cotidiana, irrelevante e próxima da realidade dos pesquisadores (Vander Velden s/d).

Aqui, para além das “conexões caninas”, que me despertaram reflexões muito profícuas sobre os cães de trenó, creio que abordar todos os outros cães com os quais me deparei na Terra do Fogo é fazer aflorar a miríade de possibilidades, quando as categorias “animal de companhia”, “pet” e “animal de estimação”⁶⁴, correntes na

⁶⁴ Como já apontado por Segata (2012:69): “A literatura de origem francesa usa o termo ‘animal de companhia’, já a literatura anglo-saxã usa o termo ‘pet’ que é traduzido diretamente para a língua portuguesa como ‘animal de estimação’ – como verbo, no inglês, ‘pet’ significa ‘acariciar’, ‘mimar’”. No

maioria das análises antropológicas até o momento (Oliveira 2006; Pastori 2012; Segata 2011, 2012), deixam de dar conta da tarefa do que é e do que pode (vir a ser) um cão. Como já sugeriram Lien e Law: “(...) uma vez que existem muitas práticas diferentes, o que emerge vai provavelmente variar entre essas práticas. O que é um salmão em um lugar será diferente do que ele é em outro [lugar]” (Lien & Law 2011:82). Portanto, inicio as discussões com aqueles (muitos) cães que me permitiram escrever, cada qual com sua contribuição, esta dissertação.

contexto desta pesquisa, tanto os *mushers* quanto os meus outros contatos em campo utilizavam, em espanhol, o termo “mascotas” para se referirem aos cães “de estimação”.

2.1 – Os cães dos Yámana e dos Selk’nam: o que foi, de fato, o *perro fueguino*?

O único animal doméstico era o cão, de vários tipos, todos muito valorizados e quase indispensáveis para seguir as pegadas e ficar em silêncio até o guanaco ser encurralado (Chapman 1986:42).

O arquipélago da Terra do Fogo, formado pela Ilha Grande (de 48.000 quilômetros quadrados de extensão) e por mais de 200 pequenas ilhas, foi habitado por cerca de seis mil anos (até meados do século XX) por populações caçadoras-coletoras e pescadoras⁶⁵. De acordo com os dados arqueológicos, antropológicos e históricos disponíveis (Chapman 1986, 2012; Gallardo 1910; Gusinde [1937] 1982; Maldonado 2018; Tivoli 2014; Orquera & Piana 2015; Orquera et al. 2017; Tessone 2014), habitavam a Ilha Grande quatro diferentes grupos humanos: os Yámana (Yahgan), ao sul, os Selk’nam (Ona), a nordeste, os Haush, na Península Mitre (extremo sudeste da ilha), e os Alacaluf, a noroeste e sudoeste (ver mapa na página seguinte). Conforme Orquera e Piana (2015), o primeiro contato entre os Yámana e os europeus sucedeu em 1624, mas até meados do século XIX as relações entre eles eram limitadas – tornando-se permanentes somente a partir da metade do mesmo século:

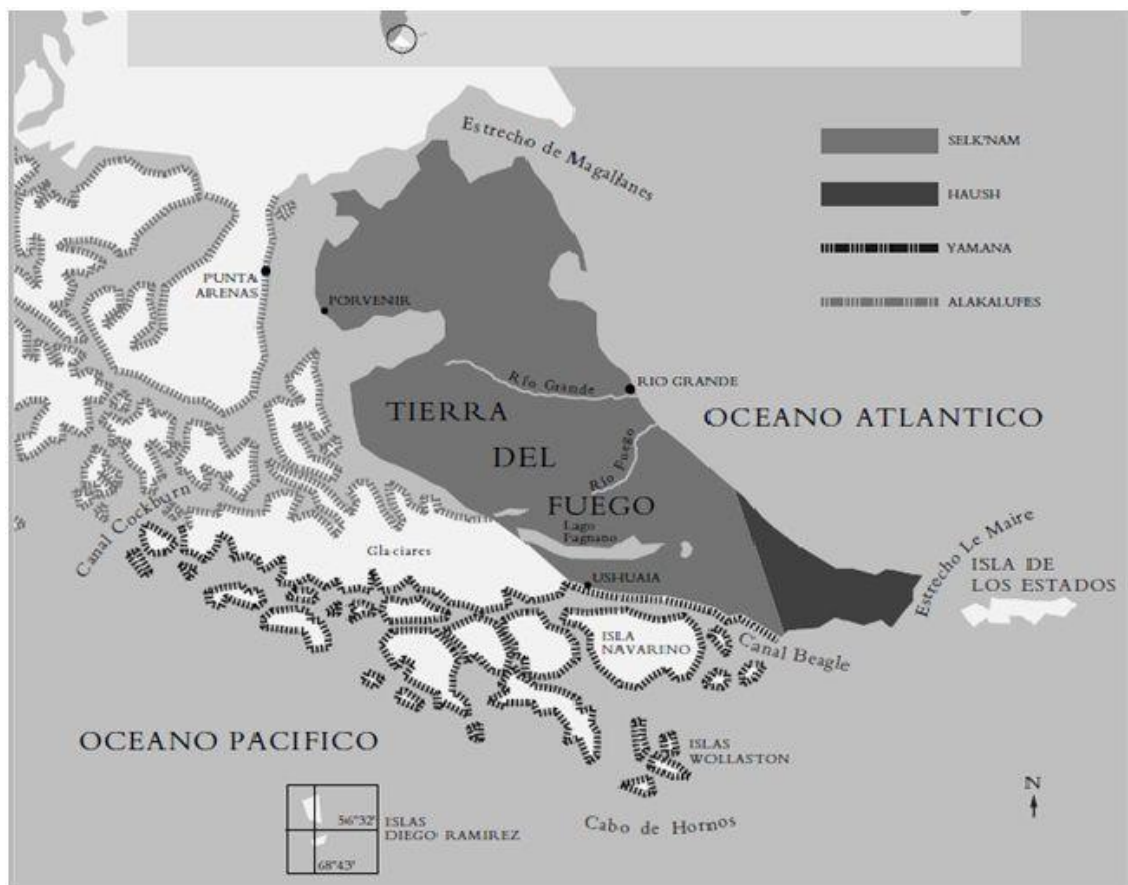
Entre 1830 e 1868, foram registradas as viagens de Fitz Roy – de uma das quais participou Darwin – e, principalmente, um primeiro momento da atividade missionária anglicana na Terra do Fogo, durante o qual os contatos com os indígenas eram esporádicos.

(...)

Finalmente, pode-se postular (...) um período com a chegada dos etnógrafos na região, com as campanhas de Gusinde entre 1919 e 1924. (...) a população Yámana sofreu grandes mudanças em sua

⁶⁵ No entanto, alguns poucos indivíduos dessas populações ainda habitam a Terra do Fogo (Maldonado 2018).

organização social e um declínio demográfico profundo, produto do contato com os colonizadores (Tessone 2014:151).



Mapa 5 – Distribuição da ocupação da Terra do Fogo pelas primeiras populações fueguinas. Fonte: George Macdonald.

Para os fins desta dissertação, destacar-se-ão os Yámana e os Selk'nam, por conta da quantidade de dados acerca da coexistência destas populações com cães domésticos. Ambos os grupos, de acordo com numerosos relatos dos séculos XIX e XX (Chapman 1986, 2012; Gallardo 1910; Gusinde, 1982; Orquera & Piana 2015), conviviam com cães, domesticados e treinados para a prática da caça, principalmente de guanacos:

Para ensiná-lo a caçar, o Ona [Selk'nam] joga [no cão] sangue de algum animal, afim de que, lambendo-se, tome gosto por essa iguaria. Essa é a primeira lição; depois, com a força da paciência, instila as demais noções que consistem em seguir o rastro e,

sobretudo, em não latir enquanto está caçando. Sobre este último ponto, é de se notar que, sendo o cão fueguino um ladrador eterno e incansável, quando está caçando, não se o ouve (Gallardo 1910:200).

Essa ajuda extraordinária que se reivindica do cão também nos demonstra que ele é imprescindível para os Selk'nam, dado que tanto os aborígenes meridionais como, em parte, os setentrionais, dependem do guanaco. Além disso, o cão é um guardião, um protetor e um defensor seguro de seu mestre (Gusinde 1982:256).



Foto 45 - Família Selk'nam com seu cão (provavelmente um cão europeu). Fonte: Alberto de Agostini, 1910-1920.



Foto 44 - Família Selk'nam. No canto, à direita, um cão. Fonte: Charles Furlong, 1907-1908.



Foto 46 - Família Selk'nam e seu cão, provavelmente de origem europeia. Fonte: Charles Furlong, 1908.

Ademais, sobre os Selk'nam e seus cães escreveu Chapman (1986, 2012) que:

Embora nomeassem os cães⁶⁶, [os Selk'nam] não os tratavam como animais de estimação (Chapman 1986:42).

Entre os meios de trabalho, mencionamos primeiro o cão, em sua função de assistente de caça. Embora domesticado, também se reproduzia sozinho, apesar de que se fizesse necessário um trabalho de adestramento.

(...)

Somente aos homens se ensinava, desde a infância, a prática da caça, o desenvolvimento de suas habilidades físicas e psíquicas, o conhecimento dos hábitos das presas, a resistência à fadiga e às

⁶⁶ Sobre os nomes dos cães dos Selk'nam, escreveu Gallardo (1910:201) que “los indios tienen nombres especiales para poner a los perros, pero generalmente le ponen el del color que tiene el pelaje o el nombre de un pájaro cuyas plumas tengan el mismo tinte que el pelo del perro”.

inclemências do tempo, e sobretudo o manejo eficaz do arco, da flecha e dos cães (Chapman 2012:110-111).

Conforme Orquera e Piana (2015:188), os Yámana não se alimentavam de seus cães⁶⁷, uma vez que estes, como as raposas, desenterravam e comiam cadáveres – inclusive humanos –, e o “receio por contaminação com a morte humana ou pelo consumo de carniça” era uma das principais razões yámana para se evitar certos alimentos: eles, inclusive, “matavam de imediato os cães que surpreendiam tentando desenterrar cadáveres humanos” (Orquera & Piana 2015:204). Ademais, os cães coabitavam as moradias humanas, além de serem transportados, muitas vezes, nas canoas Yámana – interessante notar que, quando um Yámana morria, seu corpo era cremado e era comum que se lhe queimassem também os bens materiais (como sua cabana e canoa) e seus cães.

Entre os Selk’nam e os Yámana, o adestramento dos cães para a caça era responsabilidade dos homens (Chapman 2012; Gallardo 1910; Orquera & Piana 2015), mas, entre os Yámana, “qualquer integrante da família podia ter cães como pertences⁶⁸ individuais” (Orquera & Piana 2015:492), inclusive as crianças. Conforme Chapman (2012:117), entre os Selk’nam “os meios [econômicos e sociais] eram o cão e as ferramentas. Os cães eram propriedade do caçador e de sua família”. Gusinde, no entanto, fez a seguinte (e muito pertinente) afirmação:

Todo índio possui varios [cães], *alguns mais úteis e eficazes que outros*, e este é o critério segundo o qual se valoriza o cão. É o único animal doméstico do selk’nam, não se tem por costume adestra-

⁶⁷ Os termos Yámana para denominar seus cães eram *yashala*, *yöshol-aiamalim* ou *yëshêla* (Orquera & Piana 2015:175).

⁶⁸ Apesar de existirem, especialmente na etnologia, muitas controvérsias a respeito da ideia de propriedade entre populações indígenas, bem como de outras categorias analíticas apresentadas nesta seção, não me aprofundarei aqui em tais discussões, uma vez que escapam às intenções desta dissertação.

lo especialmente, *o único que se faz é levar os animais jovens para caçar junto com os velhos, pois assim aprenderão, observando e imitando*, até conseguir eles mesmos um aperfeiçoamento maior ou menor [na caça]. O próprio *instinto* e a *predisposição natural* ajudarão [os cães] a alcançar rápidos progressos (Gusinde [1937] 1982:256, *itálicos meus*).

Como sucede entre os cães de trenó na atividade turística em Ushuaia, os cães dos Selk'nam aprendiam (no caso, a caçar) fazendo – em uma espécie de “educação para a atenção” (Ingold 2000) e, principalmente, com outros cães já experientes na prática: como os cães de trenó, o *perro fueguino* aprendia a caçar *observando* outros *perros fueguinos*. Vander Velden (2016), entre os cães caçadores dos Karitiana em Rondônia, notou algo semelhante; Loovers (2015), entre os cães de trenó dos Gwich'in no Norte do Canadá, também. Além disso, curioso notar também que os cães dos Selk'nam e dos Yámana só eram valorizados por estes se se fizessem bons caçadores – e, à vista disso, caso caçassem por conta própria e em demasia, os cães eram, via de regra, punidos severamente ou, mesmo, mortos:

O cão fueguino não é muito inteligente, e seu caráter indômito é um gravíssimo inconveniente para se obter obediência. No entanto, bem treinado, por sua própria conveniência [o cão] se faz excelente caçador. Seu mestre o castiga muitas e muitas vezes, chegando até à crueldade (Gallardo 1910:2000).

Como o cão por si só é efetivamente capaz de caçar um guanaco, é frequente que saia caçar por sua própria conta, quando tem fome e quer compensar o descuido de seu mestre. (...) Ainda que deva tolerar algumas pedradas ou uma surra, retornará às suas andanças quando a fome o atingir. (...) se condena a caça gratuita e indiscriminada do guanaco por parte de um cão (...). Geralmente, se

exige matar o cão que costuma caçar guanacos por conta própria⁶⁹
(Gusinde [1937] 1982:256).

Outra questão deveras interessante diz respeito ao fato de que, como acontece atualmente com os *perros salvajes* e os cães de trenó em Ushuaia, os cães das primeiras populações fueguinas eram, parece-me, separados entre aqueles que ocupavam uma posição social – como os “bons” caçadores e os cães de trenó – e aqueles que causavam “problemas” – os cães caçadores com “mal costume” (*mala costumbre*) (Gusinde [1937] 1982:256) e os *perros salvajes*. Em ambos os contextos, os cães sobre os quais se detinha controle (humano), ou seja, aqueles que eram adestrados para desempenhar um trabalho específico, seja a caça antigamente ou a tração de um trenó hoje, eram (e são) valorizados: produziam, ao lado dos humanos, trabalho. De outra parte, aqueles que caçavam por conta própria e estorvavam a economia – seja na caça dos Selk’nam e dos Yámana ou na pecuária fueguina atual – careciam (e carecem, hoje em dia) ser eliminados: como já mencionado, atualmente os *perros salvajes* são classificados na Terra do Fogo como “espécie exótica invasora” (Schiavini & Narbaiza 2015). Como já mencionado, foram questões como essas que me fizeram refletir, em relação aos cães de trenó, sobre o trabalho animal e, por conseguinte, a porosidade do que se classifica como selvagem e, em contrapartida, doméstico.

As alusões aos cães domésticos dos Yámana e dos Selk’nam, bem como às relações entre eles e os humanos, são abundantes nos relatos das primeiras viagens ao interior da Terra do Fogo, nos séculos XIX e XX (Cf. Gusinde [1937] 1982; Orquera & Piana 2015), mas, apesar das muitas menções a esses animais, seu registro visual

⁶⁹Nos contextos de pesquisa de Teixeira e Ayoub (2016), em zonas rurais no Ceará e no Paraná, respectivamente, cães domésticos que atacavam animais de criação de moradores vizinhos eram muito comumente mortos por seus donos ou por aqueles criadores que sofreram as perdas: “Ora bons companheiros, ora terríveis predadores, eles [os cães] possuem um estatuto ambíguo, podendo ser amigos ou rivais, tais como vizinhos também o são” (Teixeira & Ayoub 2016:136).

(desenhos e fotografias) é escasso, além do que foram substituídos, já nos primeiros anos do século XX, por cães de origem europeia (Orquera & Piana 2015) – o que dificulta sua identificação. Sem embargo, não há, ainda, qualquer evidência arqueológica que comprove a existência desses animais entre as populações em questão: investigações arqueológicas sucedem ali desde meados da década de 1970 e, até hoje, nenhuma prova concreta foi encontrada. Fernando Santiago, arqueólogo do *Centro Austral de Investigaciones Científicas (CADIC-Ushuaia)* que tive a oportunidade de conhecer em campo, contou-me que uma das hipóteses arqueológicas para a ausência de evidências que corroborem a existência do *Canis familiaris* na Ilha Grande da Terra do Fogo é a sua possível hibridização com uma espécie de raposa (*Dusicyon avus*), já extinta, que habitava a região há 3.000 anos (Prevosti et al. 2011). Apesar de vestígios da *Dusicyon avus* serem comumente encontrados nos sítios arqueológicos, a hipótese ainda carece de validação:

Não há evidências de hibridação nos restos osteológicos da *Dusicyon avus* do Holoceno tardio. A anatomia dentária, craniana e craniana posterior têm diversas semelhanças com as raposas da América do Sul, e não possui nenhuma das características típicas do *Canis familiaris* (Prevosti et al. 2011:215).

Outra controvérsia envolvendo os cães fueguinos diz respeito a sua origem. De acordo com Loponte e Acosta (2016:433), “na América do Sul, os exemplares pré-coloniais do *C. familiaris* foram registrados preponderantemente ao longo do eixo da Cordilheira dos Andes, incluindo Equador, Peru, Bolívia e o noroeste da Argentina”. Além disso, “ao sul, nas regiões dos Pampas e da Patagônia, as primeiras citações históricas a respeito do *C. familiaris* pré-hispânicos são nulas” (Loponte & Acosta 2016:448). Assim sendo, os relatos históricos, apesar de serem muitos, e seu contraste

com a falta de provas arqueológicas, não permitem precisar se esses animais eram pré-colombianos ou se foram introduzidos na região após o contato com os europeus em meados do século XVIII:

Um caso ainda muito pouco claro, e que pode se relacionar com situações de contato indireto, é a da presença de cães entre os fueguinos [Yámana, Selk'nam, Haush e Alacaluf]. Existem numerosas referências, algumas muito recentes, à posse de cães pelas distintas populações. Devemos explicar tais referências como um caso de dispersão de cães pré-hispânicos, dos quais existem registros em outros lugares da América, ou eram animais que foram abandonados após uma incursão europeia, sem necessidade de que esta tenha qualquer relação com as populações locais? (Borrero 2001:146).

Encontrei, também, as seguintes referências a respeito da mitologia Selk'nam, que parecem apontar para a magnitude da convivência entre essa população e os seres caninos, sobretudo no que diz respeito às práticas cinegéticas. Sem embargo, não se pode afirmar decisivamente, por falta de evidências, que os animais aos quais se referem os mitos tenham sido, de fato, cães (*Canis familiaris*) – e, além disso, não se pode indicar com precisão as dimensões temporais dos mitos Selk'nam:

Não é difícil compreender que um selk'nam não poderia prescindir, de modo algum, de seu cão, quando vai caçar guanacos. A própria mitologia [selk'nam] reconhece sua colaboração inestimável; o primeiro europeu que o menciona é Banks, no relato de sua visita em 1769. Nos últimos tempos, os fazendeiros substituíram sistematicamente a raça canina indígena por animais europeus (Gusinde [1937] 1982:256).

Čáskels [espírito maligno da mitologia Selk'nam] possuía vários cães fortes. Havia-os treinado especialmente. Eram muito resistentes para correr. Primeiro, os cães corriam por muito tempo atrás das pessoas, até que estas se cansavam. Assim, os cães se

aproximavam cada vez mais, até que finalmente alcançavam um homem. Como o homem havia ficado sem forças de tanto correr, o cão o derrubava e o matava de imediato. O cão devorava no ato a esse pobre homem, ou o arrastava até a cabana de Čáskels”. Resulta significativo que, tanto neste como em outros relatos, o cão, desde a mais remota era mitológica, já ajudava na caça com êxito notável (Gusinde [1937] 1982:569).

Para mais, algo a se pensar: Orquera e Piana (2015:176), referindo-se aos cães domésticos dos Yámana, notaram que “muitos observadores os achavam semelhantes a raposas, (...) um cruzamento de terriers com raposas (...) uma mistura de raposas e lobos (...) se assemelhavam a raposas ou a chacais”. Petrigh e Fugassa (2013), a partir de uma análise genética comparativa, sugerem que muito provavelmente o animal domesticado pelos Selk’nam era uma espécie de raposa, e não o *Canis familiaris*, uma vez que os resultados da comparação genética de um canídeo domesticado pelos Selk’nam com outras espécies canídeas da Patagônia, bem como com o cão doméstico, apontaram para a semelhança entre o primeiro e a raposa sul-americana (gênero *Lycalopex*). Nesse sentido, o que hoje, a partir dos relatos históricos, se denomina por “perro fueguino”, pode vir a ser, em verdade, uma espécie de raposa – ademais, como me sugeriu Vander Velden (em comunicação pessoal), que queriam dizer os viajantes quando se referiam aos “cães” dos Selk’nam e dos Yámana? O que era um cão para eles? Nada garante que o “cão fueguino” fosse, de fato, um “cão” (*Canis familiaris*) tal como concebemos hoje em dia:

Embora a domesticação possa ser considerada como um evento histórico intencional, alternativamente os animais poderiam ter colonizado o ambiente humano e passado pelo processo de domesticação (...). Essa perspectiva expande o número de espécies potencialmente domesticadas durante alguns períodos de tempo que

podem ser caracterizados cultural e ecologicamente. A origem do *Cão Fueguino* pode representar um caso atípico de domesticação canídea da *Lycalopex* por caçadores-coletores. De acordo com relatos etnográficos, a raposa teria permanecido em estreita associação com esses caçadores-coletores (Petriugh & Fugassa 2013:4, *italico no original*).



Foto 47 - O perro fueguino (*fuegian dog*), espécime de canídeo. Acervo do *Museo Regional Fagnano* (Río Grande, Terra do Fogo). Fonte: Petriugh & Fugassa (2013).

Por fim, gostaria de abordar nesta seção um último aspecto, relevante para esta dissertação, a respeito dos povos Selk'nam e Yámana. De acordo com a bibliografia disponível, os primeiros eram caçadores-coletores; os últimos, pescadores. Locomoviam-se a pé e utilizavam canoas, respectivamente (Cf. Chapman 1986, 2012; Gusinde 1982; Orquera & Piana 2015); desconheciam ou ignoravam, portanto, o trenó como meio de transporte:

Além das canoas, sua tecnologia consistia em uma variedade de artefatos fabricados com ossos, pedras, madeira, couros, conchas e juncos. Embora apenas ossos, rochas e conchas tenham sido preservados nos sítios arqueológicos da região, conhecemos o uso dos outros materiais através das fontes históricas ou de interpretações por meio de indicadores indiretos (Tivoli 2014:86-87).

Nesse sentido, a prática do trenó consiste em prática importada do Hemisfério Norte, chegando a Ushuaia com as primeiras expedições antárticas em meados do século XX. Aqui, o que importa destacar é que a inexistência de trenós entre as populações fueguinas acabou por obliterá-las, hoje em dia, no que diz respeito à atividade turística do *mushing*: nos centros invernais, ao invés de comunicarem aos turistas informações a respeito dos Selk'nam e dos Yámana, por exemplo, fala-se (e muito) sobre os Inuítes e os “pueblos originarios” do Hemisfério Norte – e, conseqüentemente, sobre seus cães. À parte o Perro Polar Argentino, nada se diz a respeito da Argentina e daqueles que habitavam a Terra do Fogo: como já mencionado, os próprios nomes dos centros invernais, bem como de alguns dos cães dos *criaderos*, remetem ao Norte, e não ao Sul, como se suporia, uma vez que a Terra do Fogo representa, para aqueles que a visitam, o “exótico”, o “selvagem” – o “fim do mundo” por excelência.

Populações no Ártico, tanto na América do Norte quanto na Eurásia, milenarmente empregam cães como puxadores de trenó: por que o mesmo não sucedeu na Patagônia, onde as condições climáticas são muito semelhantes às zonas setentrionais do planeta? Será que é por que essas populações, apesar de habitarem a região por mais de seis mil anos, só mantiveram contato com cães tardiamente, após estes terem sido introduzidos pelos europeus? Ou será que seus cães eram, sim, animais pré-colombianos? Ou, talvez, consistiam, diversamente do que relataram muitos viajantes, raposas? Ou trata-se, tão somente, de uma questão da inexistência do conjunto de passos técnicos necessários para a confecção do trenó, incluindo sua estrutura material e sua acoplagem aos animais de tração?

Talvez a própria ideia de “animal de tração” fosse totalmente estranha a essas populações, afinal – como parece ter sido, de resto, por toda a América do Sul? Na

América do Norte, por sua vez, o uso de trenós para o transporte era algo deveras comum. Schwartz (1997), por exemplo, traz inúmeros dados sobre populações no Ártico⁷⁰ que se valiam da tração de cães para o transporte de carga (humana ou não), seja em trenós ou em *travois*: “Na América pré-Contato, cães carregavam cargas puxando trenós, vestindo fardos em suas costas, ou puxando um *travois*⁷¹” (Schwartz 1997:51-52). Leroi-Gourhan (1971) também dedicou algum espaço em seus trabalhos aos “transportes por arrastamento”:

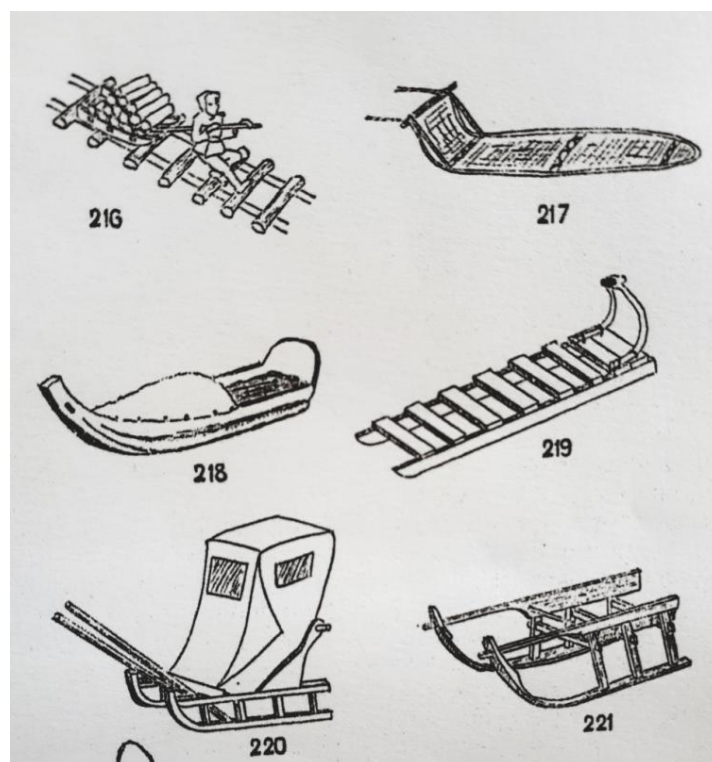


Figura 6 - Os trenós aos quais se refere Leroi-Gourhan. Fonte: Leroi-Gourhan 1971.

O transporte por arrastamento é geralmente exemplificado pelo *trenó*; não é um elemento de cultura exclusivamente invernal ou ártico, pois na Madeira os trenós são usados sobre um pavimento de

⁷⁰ Muitíssimo interessante notar que a palavra Hopi (população que habitou e habita o que hoje é o estado de Arizona nos Estados Unidos) para cão é *pohko*, que também significa automóvel (Schwartz 1997:164-165).

⁷¹ “The *travois*, from the French word *travail*, or work, consisted of two straight poles produced from tree trunks that had been dried and debarked” (Schwartz 1997:53).

seixos; tanto na Alsácia como no Japão (216) os lenhadores fazem descer a lenha sobre trenós que deslizam numa via de toros (...). Os Índios da América do Norte possuem o tobogan (217) com fundo chato, o qual foi aperfeiçoado transformando-se no trenó puxado por cães Europeus do Canadá. Os Lapões têm um trenó com quilha (218), com um patim largo.

O trenó com dois patins pode ser baixo, com travessas assentes nos patins (219), ligeiramente levantado quando os pés ficam entre os patins e a plataforma (220) ou francamente alteado (221) nas formas mais aperfeiçoadas como as dos Samoyedas e dos Tchuktchi (Leroi-Gourhan 1971:106-107, *italico no original*)⁷².

Na Patagônia, portanto, e ao contrário do que sucedeu no Ártico, as primeiras relações entre trenós, humanos e cães foram muito tardias, num contexto de exploração que, afinal, introduziu ali o que hoje se nos apresenta como uma prática turística e como um elemento mesmo da “cultura fueguina”. No que diz respeito às expedições antárticas, importa destacar aqui o Perro Polar Argentino, raça criada em meados da década de 1960 por oficiais do Exército Argentino especialmente para puxar os trenós das expedições. É o que explorarei a seguir.

⁷² Os trenós de passeio de *Valle de Lobos* e de *Siberianos de Fuego*, bem como os trenós que eram utilizados nas expedições antárticas, como se verá a seguir, se assemelham aos trenós das populações siberianas Samoyeda e Chukchi (ver referência 219 dos desenhos de Leroi-Gourhan).

2.2 - Nascido e criado na Antártida, o Perro Polar Argentino.

Alguém argumentou que, se “a pátria se fez a cavalo”, como geralmente se lê nos livros de história, não é menos certo que “a Antártida se fez com cães de trenó” (Urruty 2009:3).

Nos centros invernais, lócus principal desta etnografia, se, por um lado, nada se diz a respeito das populações e dos cães que habitavam a Terra do Fogo, por outro se remete a prática turística do trenó aos “pueblos originarios”⁷³ do Ártico, às expedições antárticas e ao Perro Polar Argentino, sempre com certa dose de saudosismo – e alto teor propagandístico. No *Criadero Siberianos de Fuego*, por exemplo, há, na sede administrativa, a intitulada “Sala Antártica”, um pequeno acervo de fotografias e dados históricos sobre os primeiros expedicionários antárticos, seus cães, e, sobretudo, sobre o Perro Polar Argentino. Destarte, os dados de que disponho acerca desses cães são provenientes, para além das fontes bibliográficas disponíveis (Cf. Maida 2015, Urruty 2009), da “Sala Antártica” e do que pude ouvir e observar, especialmente, em *Siberianos*.

Apesar de deter instalações permanentes no litoral antártico desde 1904, a primeira base argentina de exploração continental foi inaugurada apenas em 1951. E foi ali, na *Base Antártica General San Martín*, que oficiais e suboficiais⁷⁴ do Exército Argentino criaram, nesse mesmo ano, o Perro Polar Argentino (PPA) – o “cão ideal” para o trabalho de tracionar um trenó:

⁷³ Conforme me diziam os *mushers* em *Siberianos de Fuego e Valle de Lobos*.

⁷⁴ Se, de acordo com Urruty (2009), o Perro Polar Argentino foi criado por veterinários do Exército Argentino, Maida (2015:16), por sua vez, curiosamente afirma que não houve sequer a presença destes nas Bases Antárticas Argentinas: “Los encargados (...) siempre fueron Suboficiales, y nunca integró las dotaciones antárticas un Oficial de Veterinaria mientras hubieron perros polares, a excepción de una breve comisión de catorce días en la Base General San Martín, durante el verano del año 1956”.

Sabendo-se que o meio de transporte comum nas regiões polares era o trenó, e que sua tração se efetuava com cães especiais, especiais por conta de seus antecedentes ancestrais e suas virtudes desenvolvidas durante o tempo em que foram utilizados por outras nações para tracionar, se fez necessário, em meados do século XX, adquirir, manter e aumentar, por compras e criações próprias, um plantel excelente de cães polares com o objetivo de contribuir com a logística das missões impostas (Maida 2015:15).

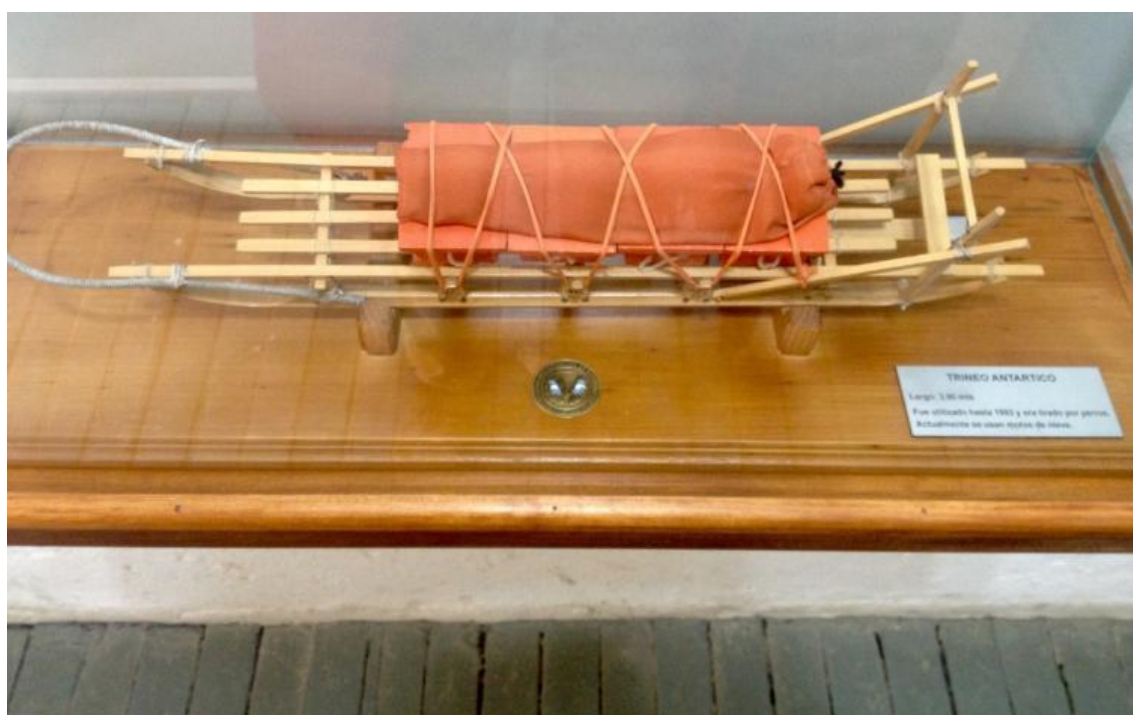


Foto 48 - Réplica de um trenó, de tamanho real de 3,9 metros de comprimento, utilizado nas expedições antárticas argentinas. *Museo Marítimo de Ushuaia*. Acervo da pesquisadora.

De acordo com Maida (2015:16), foi a partir de 36 cães da raça Malamute do Alasca e, posteriormente, de seleções genéticas e cruzamentos destes com outras três raças (Husky Siberiano, Cão da Groenlândia e Samoieda)⁷⁵, que “se foi criando uma variedade mestiça de cão polar autóctone, nascido e criado nas Bases Argentinas, que,

⁷⁵ No entanto, de acordo com Bostelmann (1976b:25) “the Argentinians at Esperanza used St Bernards to increase the size of their dogs but the resulting offspring were too big and quickly tired when working”.

embora tivesse ascendência de diferentes raças polares, não pertenceu a nenhuma delas em particular”. Também afirma ele que:

A origem do PPA remonta ao ano de 1951, quando o então Coronel Hernán Pujato levou os primeiros 36 cães da raça Malamute do Alasca ao continente Antártico, dos 40 comprados por ele no Alasca quando realizou o “Curso de Sobrevivência Polar”, no primeiro trimestre do ano de 1949, ordenado pelo Exército dos Estados Unidos e desenvolvido nos gelos da Groenlândia e do Alasca, ao Norte do Círculo Polar Ártico (Maida 2015:16).



Foto 49 - Um Perro Polar Argentino adulto. Fonte: Urruty (2009).

Nesse sentido, as bases polares se converteram “em verdadeiros centros de reprodução, criação e adestramento de cães de trabalho, especializados na tração de trenós”. Sobre o cão de trenó “mais famoso” das bases antárticas argentinas, Poncho, nascido em 1961 na *Base Esperanza*, afirmou Urruty (2009) que:

“Coca”, sua mãe, era uma linda cadela, de expressão vivaz, muito veloz e obediente. “Flecha”, seu pai, era um animal de porte imponente, e com seus quase 50 quilos tracionava um trenó com grande energia. Ambos mostravam em sua fisionomia uma mescla de

traços característicos das raças caninas tradicionais do Polo Norte, Sobretudo do Malamute do Alasca, e também do Cão da Groenlândia e do Husky [Siberiano] (...).

Presentes nos genes de todos os cães das bases argentinas, estas três raças – em conjunto com menores contribuições de outras castas árticas primitivas, como o antiquíssimo Bjelkier (“cão branco”, dos nômades do norte da Rússia) ou o Cão Esquimó do Canadá (o “qimmiq” dos inuit) – haviam formado um *tipo de animal perfeito para viver e trabalhar na Antártida*⁷⁶. Os pais de Poncho eram claros expoentes dessa fusão de sangues e, como tais, estavam servindo bem, *por natureza e treinamento*, fazendo o que deles se esperava (Urruty 2009:6-7, itálicos meus).



Foto 50 - Perros Polares Argentinos atrelados a um trenó. Fonte: Urruty (2009).

⁷⁶ Apesar de não dispor de dados suficientes para uma análise fortemente amparada, isso é muito interessante: se tudo, hoje, na prática do trenó na Argentina, remete ao Norte, esses militares tentaram, por sua vez, criar um cão adaptado ao Sul (ao invés de apenas trazerem as raças do norte), como que a mostrar que o Sul e o Norte são diferentes (ao contrário do que se vê atualmente). Será que seria porque eram militares? Ou tentou-se criar algo genuinamente do Sul, mas a hegemonia do Norte acabou com essas intenções?



Foto 51 - Filhotes de Perro Polar Argentino. Fonte: Urruty (2009).

Chamo atenção, aqui, para a importância facultada aos “antecedentes ancestrais” dos cães que puxam trenós e à genética – e, conseqüentemente, seu controle e manipulação humanos: tal como se descreve, na bibliografia, os “cruzamentos seletivos e deliberados” (Maida 2015:16) do Perro Polar Argentino, se define, nos centros inverniais em Ushuaia, a criação dos cães de trenó para o turismo. Criação, aqui, compreende desde os cuidados diários com os cães até seu treinamento para a prática do trenó e sua reprodução. Como tenciono demonstrar ao longo da dissertação, a ideia de genética perpassa toda a teia de relações que envolve, neste contexto, cães, humanos e trenós. Além disso, ressalto também a ideia, compartilhada pelo Exército Argentino à época das explorações antárticas e pelos *mushers* nos centros inverniais atualmente, de uma “natureza” canina orientada para o trabalho: como escreveu Urruty, o Perro Polar Argentino desempenhava sua função não somente por

ser um animal adestrado e treinado (por humanos e por outros companheiros caninos), mas, também, por conta de sua *natureza*.

Outro aspecto notável a respeito do Perro Polar Argentino e seu “aperfeiçoamento genético” pelos humanos diz respeito a suas características físicas e de comportamento. Esses cães, de acordo com Maida (2015) e Urruty (2009), bem como com alguns dos *mushers* com os quais mantive contato em campo, não possuíam, como não o possuem os Huskies Alaskanos, um “standard”, um padrão estético – ao contrário dos cães de raça para competições de beleza canina (Cf. Teixeira 2016), por exemplo. Tanto os extintos Perros Polares Argentinos quanto os Huskies Alaskanos são cães que diferem muito entre si – seus tamanhos, pelagens e pesos, bem como seus comportamentos e “inteligência” (definida, de acordo com os *mushers*, pelo grau de atenção e concentração dos animais), variam mesmo entre irmãos –, o que não acontece, ao menos não tão acentuadamente, entre os Huskies Siberianos, uma raça definida. E, no entanto, o que faz de todos esses animais – incluídos os Huskies Siberianos – cães exemplares e mesmo “belos” – no caso dos Perros Polares Argentinos e dos Alaskanos – são suas características comportamentais e seu bom trabalho em equipe, em “jauría”:

O PPA [Perro Polar Argentino] se caracterizou por sua beleza e excelência. Os cruzamentos experimentados nas bases antárticas argentinas tiveram como objetivo a obtenção de exemplares zootecnicamente “belos”, e “beleza” significa “qualidade” para sua função específica. Um belo exemplar de cão não era um cão de olhos azuis, orelhas cobertas [caídas, com pelo] e cauda curvada.

O cão de trenó para serviço na Antártida devia ser robusto, dócil, comedido, trabalhador e rústico, ou seja, adaptado à dureza da região. Se um cão tivesse essas características, era um exemplar que detinha “beleza” (Maida 2015:16-17).

E mais:

Esse cruzamento de sangues resultou em uma nova raça de cães de trabalho, criada e desenvolvida pelo Exército Argentino para atuar na Antártida. Eram animais robustos, resistentes, dóceis e inteligentes (...). Foi o produto do trabalho de aproximadamente trinta suboficiais enfermeiros veterinários (Urruty 2009:2).

Para Urruty, a noção de beleza é outra, e relaciona-se diretamente com o trabalho. Belo é o cão que trabalha bem: no mundo do trabalho, portanto, o “belo” é o “produtivo” ou “eficiente”. Em *Siberianos de Fuego*, ao contrário do que sucede com os Huskies Siberianos, que são esteticamente “belos” especialmente para os turistas – e esta também é uma de suas funções (agradar os turistas) –, a beleza dos Alaskanos emana de suas habilidades no trabalho de tracionar. Todos os *mushers* no *Criadero* tinham seus cães preferidos, e essa preferência se escorava, em todos os casos, nas qualidades comportamentais dos animais: todos os cães favoritos eram Huskies Alaskanos, e eram favoritos porque eram mais “inteligentes” (e, portanto, trabalhavam melhor) que os outros. Siberia, por exemplo, era a Alaskana preferida de Hernan; de acordo com ele, ela tem uma ótima “actitud”, é inteligente e sabe o que tem de fazer quando está atrelada ao trenó: em suas palavras, “es la actitud del perro lo que lo hace un perro líder, es el hecho de que quiere correr, siempre adelante”. Bono, outro Alaskano guia de Hernan, também era um de seus preferidos, mesmo que, ocasionalmente, o cão fosse atrelado como cão-tronco porque “se ponía medio tonto” (em outras palavras, não puxava para frente). Portanto, um cão que sempre “vai adiante” tem grandes chances de ser um bom cão guia. Nesse mesmo sentido, afirmou Urruty que:

(...) Em 1951 (dez anos antes de Poncho nascer), cerca de trinta suboficiais enfermeiros veterinários do Exército foram convocados para trabalhar em uma rigorosa seleção de animais e para levar adiante um cruzamento sistemático, afim de criar uma base genética e um padrão para a futura raça de cães. Na realidade, *mais que um padrão, e longe de querer criar animais de companhia ou “acessórios de moda” (como parecem ser algumas raças caninas atuais), o que se buscava era que os perros polares argentinos fossem animais funcionais, fortes, inteligentes e obedientes, que realmente servissem para a tração de trenós.* Era o mesmo critério que haviam seguido por gerações os antigos povos árticos na criação de seus próprios cães. *Não importava demasiadamente o aspecto do animal ou a cor de sua pelagem, mas sua atitude em relação ao trabalho e sua eficiência na tração* (Urruty 2009:7, itálicos meus).



Foto 52 - Um Perro Polar Argentino já adulto. Fonte: Urruty (2009).

Sobre o trabalho em equipe, afirma Urruty (2009:5) que “animais e humanos se uniam no trabalho em comum. Aprendiam a se reconhecer pela voz e pelos latidos, pelo cheiro, pelos gestos, pelos olhares. Era de seu gosto, e seu dever, conhecer-se profundamente, *formar uma equipe*, confiar uns nos outros (...)”. Tal-qualmente, em

Siberianos de Fuego “equipo” era o termo mais utilizado pelos *mushers* quando estavam se referindo aos conjuntos formados por eles e seus cães: diziam-me, muitas vezes, que formavam uma equipe, e que para lograr a prática do *mushing*, eles e os cães carecem conhecer uns aos outros (através de gestos, latidos e comandos verbais) e se comunicar constantemente. Em ambos os casos supracitados, as percepções sobre como são (ou deveriam ser) as relações entre cães de trenó e aqueles (humanos) que trabalham com eles são tão próximas que o pequeno excerto acima poderia muito bem ter sido proferido por um dos *mushers* que pude conhecer ao longo da pesquisa de campo.

Ademais, como sucede atualmente nos centros inverniais, aqueles que escrevem sobre os Perros Polares Argentinos também valorizam os “perros nórdicos” e os “pueblos originarios del Ártico” em detrimento das populações que habitavam a Terra do Fogo, sobre as quais nada se diz a respeito. Além disso, é deveras curioso pensar que, apesar de a Terra do Fogo consistir hoje em destino “exótico” e “selvagem” – Ushuaia é conhecida como o “fim do mundo” –, tanto os *mushers* quanto Maida e Urruty, que descreveram e relataram os feitos dos Perros Polares Argentinos, parecem “fetichizar”, por assim dizer, o Ártico – e, por esse ângulo, a sugestão de que parece haver uma “articalização” da Patagônia faz todo o sentido. Ao lado do castor e da raposa-cinzenta, ambas espécies não autóctones e introduzidas na Terra do Fogo, os cães de trenó de ontem e de hoje parecem fazer parte de uma tentativa (humana) de compor, na Patagônia, um cenário símile à paisagem Ártica:

Certamente, Poncho pertencia a uma linhagem irrepitível, agora extinta. Descendia diretamente de cães nórdicos, cujas características haviam sido moldadas ao longo de milhares de anos para sobreviver no hostil ambiente polar. *Corria pelas veias de Poncho um sangue rico em contribuições diversas, uma mistura de várias raças de cães que os antigos povos do Ártico, através de muitíssimas gerações, haviam especializado para a tração de trenós*

no gelo e na neve, e para trabalhar sob as mais baixas temperaturas, que somente são registradas nos polos da Terra (Urruty 2009:1, *itálicos meus*).

A utilização de cães como puxadores de trenó na Antártida foi proibida em 1991 em virtude de um protocolo do *Tratado Antártico sobre la Protección del Medio Ambiente*, que proibiu a introdução, em território antártico, de espécies não autóctones (Urruty 2009) – e isso apesar de o Perro Polar Argentino ser classificado, por alguns, como espécie autóctone⁷⁷ (Maida 2015). De acordo com Maida (2015:15), “em dita norma se assegurava que os cães polares ‘transmitiam cinomose às focas’, que ‘depredavam as colônias de pinguins’ e que ‘abrigavam em sua pelagem parasitas capazes de alterar o equilíbrio ecológico da Antártida’”. Por conta dessa proibição, os Perros Polares Argentinos que se encontravam nas bases antárticas (*Base Antártica General San Martín e Esperanza*) foram levados à Argentina, onde morreram por conta das altas temperaturas e de sua baixa resistência às doenças do novo continente:

(...) o SCAR [Comitê Científico de Investigações Antárticas] estabeleceu enfaticamente a evacuação dos cães polares de todo o continente antártico, dispondo que no mais tardar no dia primeiro de abril de 1994 não seria permitido restar nenhum. Se algum dos cães não fosse retirado, teria que ser sacrificado. A Argentina acatou essa resolução⁷⁸. Assim foi que, no final de 1991, a Base Antártica General San Martín evacuou os últimos 22 cães de que dispunha, que logo foram entregues a um destacamento da Guarda Nacional da cidade de Puente del Inca, na Província de Mendonça. Igualmente, a Base Antártica Esperanza, no mês de fevereiro de 1993, retirou seus 13 cães

⁷⁷ Classificar o Perro Polar Argentino como espécie autóctone é algo deveras interessante para se pensar a relação entre o que é nativo e o que é exótico ou introduzido, que parece ser questão perpétua quando o assunto são os cães na Patagônia.

⁷⁸ Disse-me Hugo que a Argentina foi o único país que acatou essa resolução – e, portanto, foi o único que não sacrificou os cães.

restantes e os entregaram à Guarda Nacional de Ushuaia, província da Terra do Fogo (Maida 2015:15).

O último Perro Polar Argentino morreu em meados dos anos 2000, no centro invernal *Haruwen*, em Ushuaia. Os cães (ou, pelo menos, aqueles que não pereceram de imediato) que foram retornados ao continente participaram, em Ushuaia, de desfiles cívico-militares e de “exibições invernaís”: Poncho, por exemplo, chegou à cidade em fins da década de 1970, “retirado” (isto é, aposentado), e ali trabalhou esporadicamente puxando trenós, “carregando crianças fueguinas como passageiros” (Urruty 2009:5). Não se tem muitos registros sobre o que, de fato, sucedeu a esses cães depois de sua transferência à Argentina: foram entregues à “Gendarmería Nacional”, mas, e posteriormente? O que foi feito desses animais? Foram dispostos à adoção? Ou foram abandonados? Sem maiores detalhes, Urruty fornece as seguintes informações:

Alguns foram levados à província de Mendonça, e entregues em custódia ao destacamento da Guarda Nacional em Puente del Inca. Outros foram levados à Copahue, na província de Neuquén, e outros foram enviados à província da Terra do Fogo, mais exatamente à Ushuaia, onde foram distribuídos entre distintas pessoas e entidades que ofereceram para cuidar e manter os cães: o Esquadrão 44 da Guarda Nacional, o Centro Invernal “Tierra Mayor” (da família Giró), o Centro de Atividades Invernaís “Haruwen” (da família Muriel). Assim passaram seus últimos anos de vida, aqueles que conseguiram sobreviver, que foram poucos (Urruty 2009:23).

Após perderem suas funções – de animais de tração na Antártida –, os Perros Polares Argentinos foram, em certo sentido, abandonados: é claro que muitos deles, após serem levados ao continente, foram realocados (como é o caso daqueles que viveram o resto de suas vidas no centro invernal *Haruwen*). No entanto, a própria falta

de informações a respeito do que sucedeu a esses cães, quando na Argentina, aponta para certa falta de interesse (por parte da população fueguina e argentina no geral) por eles – minhas únicas fontes sobre o PPA foram Hugo Flores, Urruty (2009) e Maida (2015).

Algo interessante a se notar na Terra do Fogo é o problema do abandono de cães domésticos nas cidades, bem como nas zonas rurais, e seus resultados, que refletem inclusive na economia da Província: muitos cães domésticos são largados à própria sorte nas zonas desabitadas do território fueguino, formando, conforme me contaram em campo, “jaurías de perros salvajes”, que atacam não apenas humanos, mas, principalmente, animais de criação – rebanhos de ovelhas e carneiros. Assim sendo, dedico-me aos cães abandonados na Terra do Fogo e seus descendentes cães asselvajados na seção subsequente.



Foto 53 - Base Antártica Esperanza (2001-2002). Fotografia: Dr. David Demer, NOAA/NMFS/SWFSC/AMLR.

2.3 – Os cães abandonados na cidade e os *perros salvajes*: sobre cachorros e animais daninhos.

Desembarquei em Ushuaia no dia cinco de agosto de 2018, por volta das nove horas da manhã. Já em meus primeiros dias de permanência em campo, a presença copiosa de cães nas ruas da cidade, seja no centro ou nos bairros mais afastados, chamou-me a atenção. Esses cães têm dono? São cães abandonados? E, conversando com Aixa, a proprietária da casa na qual me hospedei ao longo da pesquisa, bem como com Ariel, o senhor responsável por meu transporte até os centros invernais, descobri que esses cães são, sim, em sua maioria, cães abandonados, “perros callejeros”.

De acordo com Aixa, Ushuaia tem um grande problema com cães abandonados, uma vez que os projetos cívicos e as ordenanças municipais que visam à manutenção e aos cuidados desses animais não funcionam na prática: os serviços gratuitos oferecidos pelo *Departamento de Zoonosis*, como a esterilização e a implantação de chip, bem como a penalização daqueles que deixam seus cães soltos nas ruas, não são medidas suficientemente empregues. Seu cão labrador, Negro (que tem por volta de sete anos de idade), por exemplo, foi abandonado – e adotado por Aixa há cerca de um ano. Além disso, conforme me contou Ariel, “Ushuaia es una ciudad con mucha gente en tránsito, gente que vino a trabajar, se queda sin trabajo y se va. Y dejan sus perros tirados”.

O abandono de cães em Ushuaia é uma questão de longa data, não é algo recente: os primeiros registros de ataques de “perros salvajes” remontam à década de 1970 (Schiavini & Narbaiza 2015). Tanto Aixa quanto Ariel mencionaram as “jaurías de perros salvajes”. Sobre essas *jaurías*, disseram-me que são muito agressivas: matam animais das *estancias*, como cavalos, ovelhas, carneiros e vacas, além de atacarem humanos. Segundo Ariel, esses são cães que descendem de cães citadinos abandonados,

que vêm se reproduzindo há muitas gerações, nascendo e vivendo sem qualquer contato com humanos:

La gente los lleva de la ciudad y los tira, porque ya no los quieren. Los llevan al campo, los tira, y el animal, después, sobrevive, y se hace salvaje, se conforma una manada⁷⁹, busca a un macho alfa.

Lo que pasa es que en la isla hay una zona llamada Península Mitre. Esta zona está deshabitada prácticamente, es salvaje. Entonces hay mucho animal que ha ido a este lugar y se criado solo. Hay no solo perros, hay caballos salvajes, hay toros y vacas salvajes. Ocho mil cabezas de ganado asilvestrado, de acuerdo con los estancieros. Y ellos se van reproduciendo. Y lo mismo pasa con los perros. Una vez que ellos se adaptan al lugar, también van se reproduciendo de manera exponencial (Ariel, ago. 2018)⁸⁰.

De acordo com o censo nacional de 2011⁸¹, a Província da Terra do Fogo tem por volta de 127 mil habitantes, dos quais 57 mil vivem em Ushuaia, 66 mil em Río Grande, três mil em Tolhuin e 1.200 nas zonas rurais mais afastadas dos centros urbanos. Por outro lado, conforme informações que me foram disponibilizadas no *Departamento de Zoonosis* de Ushuaia⁸², se estima que, na cidade, haja mais de dezoito mil cães, ainda que não se saiba com precisão quantos têm dono e quantos não têm (em Río Grande, por sua vez, calcula-se a existência de trinta e três mil cães)⁸³. Além disso, durante minha estada em campo, tive a oportunidade de conhecer Tolhuin, pequeno

⁷⁹ O termo *manada*, aqui, tem o mesmo sentido de *jauría*. Em português, quando associado a cães, também é traduzido por “matilha”.

⁸⁰ Isso é interessante: é como se a Terra do Fogo ainda estivesse vivendo o processo, comum nos primórdios da conquista, da feralização em larga escala de animais domésticos introduzidos – como aconteceu em Cuba (Borroto-Páez 2009) e na Ilha de Hispaniola (Street 1962), por exemplo. Sobre Hispaniola, escreveu Street (1962:400) que “shortly after the Spaniards discovered Hispaniola in 1492, they introduced European domestic animals. As a matter of course, some of these creatures escaped the restraints of domesticity”.

⁸¹ Disponível em: <<https://www.indec.gov.ar/>>.

⁸² Para outras informações: <<https://www.ushuaia.gob.ar/zoonosis>>.

⁸³ De acordo com uma notícia do jornal *El Cronista*, a Argentina é o país que mais tem cães de estimação no mundo: 80% da população têm uma ou mais “mascotas”. Informações disponíveis em: <https://www.cronista.com/informaciongral/Vida-de-perros-Argentina-es-el-pais-con-mas-mascotas-por-habitante-del-mundo-20160606-0018.html>

povoado localizado a aproximados cem quilômetros de Ushuaia: ali, o abandono de cães, somado à inexistência de um canil municipal, resultam numa superabundância de animais vagando pelas ruas⁸⁴.



Foto 54 - Cães nas ruas de Ushuaia atacando um pedestre. Fonte: *El País*.

Em Ushuaia, o *Departamento de Zoonosis* disponibiliza gratuitamente os serviços de castração, registro e identificação dos animais por implantação de microchip (gratuito e obrigatório, no caso dos cães domésticos⁸⁵), assistência para adoção e aplicação de antiparasitários de amplo espectro. De mais a mais, o *Departamento* também se responsabiliza pela fiscalização e controle dos cães soltos e sozinhos nas vias e espaços públicos. E informa:

⁸⁴ Estima-se que, no Brasil, haja mais de 20 milhões de cães abandonados. Para fins de comparação, se calcula que na cidade de Presidente Prudente, localizada no interior de São Paulo e com pouco mais de 200 mil habitantes, haja por volta de 2.600 cães abandonados (são, ao todo, 52 mil animais). Ou seja: Presidente Prudente, um município mais de três vezes maior que Río Grande, tem menos que o dobro de cães. Informações disponíveis em: < <https://anda.jusbrasil.com.br/noticias/100681698/brasil-tem-30-milhoes-de-animais-abandonados>>.

⁸⁵ O mesmo serviço, para gatos, é tarifado e opcional.

Mantenha seu animal de estimação dentro dos limites de sua casa, a Portaria Municipal N° 4800 proíbe a circulação de cães acompanhados por seu dono responsável sem estarem sujeitos à coleira e à correia. Nos casos de cães cujo perigo é razoavelmente previsível, dada a sua natureza e características (cães agressivos com outros cães ou pessoas), também deverão utilizar focinheiras.

A Portaria Municipal N° 4800, sancionada no dia 10 de dezembro de 2014, regula a “posse responsável das espécies domésticas (cães e gatos) que o homem utiliza como companhia”. Para além da Lei Nacional 14.346⁸⁶, que estabelece que o proprietário de um animal de companhia (cães e gatos) deve prover-lhe “alimentação, água, assistência médica, e fornecer-lhe as instalações mínimas adequadas às suas necessidades fisiológicas”, a ordenança prevê, dentre seus 41 artigos e para os fins desta pesquisa, que:

Artigo 4° – Os donos responsáveis de ADC [animais domésticos de companhia] devem tomar as precauções necessárias para evitar: a) que os animais perambularem sem controle pela via pública; b) que se produza qualquer contato eventual entre o animal e os transeuntes.

Artigo 7° – É expressamente proibido: a) a circulação de ADC na via pública sem o acompanhamento de seu dono responsável; b) a circulação de cães acompanhados por seus donos responsáveis sem estarem sujeitos à coleira e à correia.

Apesar de o descumprimento normativo resultar em multas e outras penalidades, essas medidas, na prática, não parecem ter a eficácia necessária para resolver o problema dos numerosos cães nas ruas – ou seja, no limite, o problema da transformação de cães de companhia em *perros salvajes*. Os cães abandonados, assim,

⁸⁶ Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar>>.

parecem ser (como permite supor a fala de Ariel na página 138) uma espécie de etapa de transição entre a casa/doméstico e a selvageria/feralidade. Além disso, ainda de acordo com Ariel, os cães em Ushuaia são muito fujões porque “sus dueños no dan cuenta de mantenerlos presos [em suas casas]”. O cão labrador Negro, por exemplo, passava horas, todos os dias, solto nas ruas sem seus donos – além de escapar frequentemente, era, muitas vezes, solto deliberadamente. A questão, então, vai muito além do que comumente designamos por “abandono” e “maus-tratos”, pois Negro não era um cão abandonado, e tampouco maltratado.



Foto 55 - Negro, o cão Labrador abandonado e adotado por Aixa. Acervo da pesquisadora.

Beck (2002), na década de 1970, a partir de sua pesquisa com os cães nas ruas em Baltimore (Estados Unidos), elencou os principais motivos pelos quais os animais se encontravam na condição de “cães vadios” (“stray dogs”): cães que foram soltos, cães que escaparam, reprodução, cães abandonados após pessoas se mudarem e cães soltos ou que escaparam após terem sido roubados foram as categorias que elaborou (Beck 2002:4-5). Como em Baltimore, na Terra do Fogo a presença dos cães nas ruas constitui, apesar de os fueguinos não reconhecerem ou não se importarem, em um “artefato” (Beck 2002:13) humano: “Não está claro o quanto da atividade canina é inerente às espécies de *Canis* em consideração e o quanto está relacionado à influência humana; mas é obvio que o homem tem grande participação na ecologia do cão” (Beck 2002:16). Ou seja: os cães nas ruas ali estão porque foram, a princípio, abandonados por seus donos humanos.

Ademais, como já mencionado, na Terra do Fogo os cães também são amiúde abandonados nas zonas rurais e nas extensas áreas desabitadas da Ilha (como a Península Mitre, por exemplo, de acordo com Ariel). Esses cães, que por décadas vêm se reproduzindo e vivendo afastados dos centros urbanos, constituem, conforme o que me foi contado em campo e a bibliografia disponível (Schiavini & Narbaiza 2015)⁸⁷, “jaurías de perros salvajes”:

O cão doméstico constitui uma parte integral das comunidades urbanas e rurais. No entanto, em todo o mundo os cães soltos e abandonados não contam com alimentação, refúgio e cuidados de saúde necessários, e geram impactos na sociedade, afetando a saúde pública, o meio ambiente e as atividades produtivas. Nas áreas rurais, o problema se agrava com a conversão de cães soltos em cães selvagens, cães que não dependem do homem para seu sustento, refúgio e reprodução (Schiavini & Narbaiza 2015:1).

⁸⁷ Adrián Schiavini é biólogo do *Centro Austral de Investigaciones Científicas* (CADIC).



Foto 56 - Cão selvagem atacando animal de criação em fazenda fueguina. Fonte: *El Observador del Sur*.

Conforme Schiavini e Narbaiza (2015), nos anos de 2012 e 2013 foram detectados 1213 cães asselvajados na Província – e, claro, há aqueles (muitos, provavelmente) que não foram contabilizados. Classificados pelos fueguinos como *perros salvajes*, *perros asilvestrados* e *perros cimarrones*⁸⁸, esses cães ferais são, para além de um problema social, uma questão econômica na Terra do Fogo: “o impacto do cão selvagem forçou a maior parte dos estabelecimentos rurais a converter a atividade pecuária de ovinos a bovinos” (Schiavini & Narbaiza 2015:4). Por conta dos frequentes ataques caninos às criações, os *estancieros* estão deixando de criar ovelhas e carneiros, duas espécies animais que “tradicionalmente” caracterizam a Patagônia – mas que, veja-se, também são animais introduzidos! –, e passando a criar gado bovino. Ademais, esses

⁸⁸ Os cães ferais que habitam a Terra do Fogo foram, muitas vezes, denominados de “perros cimarrones” por aqueles com quem pude conversar. Fato curioso, uma vez que “cimarrón” é um termo que designava, na América Colonial, o escravo que lograva fugir e se estabelecer em locais de difícil acesso e localização. No que diz respeito aos animais, “the Spanish term cimarrones – the ‘wild ones’ – [was] originally applied to escaped cattle, pigs, and horses” (Hribal 2003:448-449). Conforme me disseram em campo, o *perro cimarrón* (ou *salvaje*) é fruto do cão doméstico que escapa, foge ou é abandonado, passa a viver nas zonas desabitadas (por humanos) da Província, e torna-se *asilvestrado*.

cães passaram a ser definidos como uma “espécie exótica invasora”, ao lado de outros animais não autóctones, como o castor⁸⁹, o rato almiscarado e a raposa-cinzenta:

Mais Recentemente, o Conselho Provincial do Meio Ambiente emitiu, em outubro de 2014, um Ditame no qual se declara emergência socioambiental na Terra do Fogo por conta do problema gerado pelos cães soltos e selvagens, que foram denominados como “espécie exótica invasora” (Schiavini & Narbaiza 2015:5).

O cão, como “espécie exótica invasora”, deixa de ser um animal de estimação, uma “mascota”, o que nos leva a crer que a definição de “exótico invasor” não diz respeito à procedência dos animais, mas aos seus efeitos e em como eles são sentidos: cães soltos, sem nenhum tipo de controle humano, são “exóticos invasores”; conformam, como aponta Silva (2018) entre os Guarani-Mbya no Jaraguá (São Paulo/SP), “ganges” caninas. Por outro lado, “mascotas”, cães de trenó e o Perro Polar Argentino, não configuram “ganges”, *jaurías* ferais, nem qualquer coisa do tipo: são, sim, “companheiros”, “melhores amigos do homem”, e/ou cães de trabalho e bons puxadores de trenós. Como se transforma um animal familiar em um animal exótico? É um processo, evidentemente, no qual a população fueguina tem sua parte: se cães domésticos não fossem abandonados, existiriam cães asselvajados? Novamente, como Lien e Law, defendo aqui que “realidades são feitas em práticas” (Lien & Law 2011:82).

Criadores de ovelhas na Terra do Fogo estão, inclusive, empregando cães protetores (de trabalho), para defender seus rebanhos dos ataques de *perros asilvestrados*. São cães criados e treinados para tal tarefa: apesar de o número de cães protetores na Terra do Fogo ainda ser muito pequeno, vê-se germinar uma conjuntura

⁸⁹ Introduzido na Terra do Fogo desde o Canadá em 1946, com a finalidade de se comercializar a sua pele.

em que cães são treinados especificamente para proteger rebanhos e atacar (e mesmo eliminar) outros cães. Além disso, Ariel, militar aposentado, contou-me que, quando ainda trabalhava no Exército e realizava treinamentos nas regiões ermas da Ilha, como a Península Mitre, os *estancieros* lhe diziam que, quando avistasse um *perro salvaje* ou uma *jauría*, deveria abatê-lo(s) de imediato.



Foto 57 - Cão protetor trabalhando em fazenda na Terra do Fogo. Fonte: La Nación.



Foto 58 - Aviso em fazenda fueguina: "Cães protetores de gado trabalhando. Não atrapalhe".
Fonte: La Nación.



Foto 59 - "Os cães selvagens atacam as ovelhas, mas não as comem. Os criadores asseguram que isso é parte de um "jogo" instintivo". Fonte: La Nación.

O que é um cão sem o humano? Ao que tudo indica, neste contexto, cães se reproduzindo e vivendo sem controle humano tornam-se “moléstias”, “infratores”, “animais daninhos”, e “predadores onívoros e carniceiros” (Schiavini & Narbaiza 2015):

Abarcando desde animais de companhia a animais de trabalho, é impensável imaginar uma sociedade humana sem cães. No entanto, os cães que não são adequadamente supervisionados e aqueles que são deixados a sua sorte passam a representar desde uma moléstia para as pessoas até um risco para a saúde humana, o ambiente e as atividades produtivas da sociedade (Schiavini & Narbaiza 2015:7).

Durante uma viagem a Florianópolis/Santa Catarina em maio de 2019, ocorreu algo curioso. Em uma praça da cidade, havia uma placa com a seguinte recomendação: “não torne seu animal um fora da lei”. Ou seja, não o deixe solto, nem sozinho, não o deixe fazer suas necessidades nos jardins da praça, e por aí vai. Pensando

nos cães (sejam eles quais forem) como possíveis “infratores” da lei (humana), parece-me que os *perros salvajes* não são “fora da lei”. Parece-me que, antes, eles se encontram fora dos domínios dessa lei e, por isso, não podem (e não são) protegidos por ela – eles são uma espécie de *homo sacer* (*sensu* Agamben 2007)⁹⁰: *canis sacer*, pode-se sugerir. Nesse sentido, o que se procura na Terra do Fogo é a solução de um “problema” – e, no caso, a solução (mesmo que não dita) é o extermínio.

Como se contém uma espécie exótica invasora? No caso dos castores, por exemplo, disse-me Ariel que a Prefeitura de Ushuaia estava elaborando um projeto de treinamento para guarda-parques e outros civis para o “manejo” (leia-se, a erradicação) dos castores (Cf. Schiavini et al. 2016). Guillard (2019), sobre o “manejo” de javalis no Brasil, aponta para o fato de que se emprega o termo “manejo” na legislação brasileira em razão de este ser o modo legal de se dizer o que, na prática, constitui-se como “caça”, “morte” e “extermínio” (que a lei não pode mencionar, é claro). Nesse sentido, pode-se caçar um animal (originalmente, e sempre pensado como) doméstico? Cães podem ser caçados, ou mesmo “manejados”?

Além de afetar a atividade pecuária, o *perro salvaje* tem sido acusado de acoessar o setor turístico e acometer, negativamente, a “imagem” da cidade:

(...) nos últimos anos, os estabelecimentos rurais que se dedicam à atividade turística optaram por deixar de oferecer certas atividades, como passeios de reconhecimento da flora e da fauna fueguina nos bosques patagônicos, por considerar que a existência dos

⁹⁰ “Observemos agora a vida do *homo sacer*, ou aquelas, em muitos aspectos similares, do bandido (...). Ele foi excluído da comunidade religiosa e de toda vida política: não pode participar dos ritos de sua *gens*, nem (se foi declarado *infamis et intestabilis*) cumprir qualquer ato jurídico válido. Além disto, visto que qualquer um pode matá-lo sem cometer homicídio, a sua inteira existência é reduzida a uma vida nua despojada de todo direito, que ele pode somente salvar em uma perpétua fuga ou evadindo-se em um país estrangeiro. Contudo, justamente por ser exposto a todo instante a uma incondicionada ameaça de morte, ele encontra-se em perene relação com o poder que o banuiu” (Agamben 2007:189, itálicos no original).

cães selvagens pode por em risco a segurança de seus passageiros [turistas] (Schiavini & Narbaiza 2015:27).

Para os *mushers* nos *criaderos*, no entanto, cães ferais o deixam de ser (deixam de ser uma ameaça, um problema) no momento em que aprendem a tracionar um trenó e passam a constituir o *equipo* – quando aprendem a trabalhar. Em *Siberianos de Fuego*, por exemplo, há Lonely, uma cadela feral encontrada sozinha nas cercanias do centro invernal, quando ainda era filhote, e “entrenada” na prática do trenó; e Bigote, fruto de um cruzamento entre uma cadela Husky Alaskana do *Criadero* e um cão feral, que certa feita logrou invadir os canis cercados nos quais as fêmeas no cio ficam confinadas.



Foto 60 - Bigote, parte Alaskano, parte cão selvagem. Acervo da pesquisadora.

Afirma Morey (2010:199) que “cães, simplesmente, não prosperam quando privados de cuidados e interação humanos regulares”. Sem embargo, o número

crecente de cães ferais na Terra do Fogo parece estar apontando para o contrário: em 2012, foram contabilizados mais de 1.200 “perros salvajes”, e se estima que os números sejam ainda maiores (Schiavini & Narbaiza 2015). Cães, então, não (necessariamente) carecem da companhia humana (apesar de se alimentarem principalmente dos animais de criação nas *estancias*) para, nas palavras de Morey, “prosperar”: de acordo com Schiavini e Narbaiza (2015:3), *perros salvajes* mantêm “interações de comensalismo com a raposa-cinzenta, outra espécie exótica, e com aves carniceiras”. Além disso, afirmaram Orquera e Piana (2015:54) que a raposa fueguina, autóctone da Ilha Grande da Terra do Fogo, está “(...) atualmente em retração, devido à expansão de cães selvagens e raposas cinzentas introduzidas, e à ação de caçadores [humanos]”.

À parte as críticas – dos turistas, principalmente – sobre o trabalho canino, para quem, via de regra, cães não são animais de trabalho, proponho-me aqui a pensar a dicotomia doméstico/selvagem e a sua fluidez. Cães de trabalho são comumente definidos como animais que desempenham (ou têm de desempenhar) uma função social. Nessa acepção, cães que não ocupam qualquer “posição” nessas relações, como os cães ferais, passam de *mascotas* a pragas. O que interessa, tanto para aqueles (humanos) que trabalham nos *criaderos* quanto para os turistas e a população fueguina em geral, é que o “problema” seja resolvido – salvo nos casos em que *perros asilvestrados* se incorporam e são incorporados à equipe de cães de trenó, ou seja, se criam e são criados cães de trabalho. Diferente do que acontece com os cães de trenó – que, para os *mushers*, são estritamente animais de trabalho e para os turistas, que “aparentam” ou “familiarizam” os cães, são animais de companhia que não deveriam ser animais de tração –, os cães ferais são, unanimemente, uma moléstia.

Em Ushuaia, se por um lado a presença dos cães ferais tem colocado em risco certos nichos econômicos, como a pecuária e o turismo, além de ser indesejada e

combatida pela sociedade fueguina, por outro lado há o fomento entusiasmado da prática turística do trenó puxado por cães, que é uma das atividades mais buscadas pelos turistas na temporada de inverno; nesse sentido, o que é ou pode ser um cão deriva do conjunto de distintos encontros e práticas materiais e semióticas entre humanos e não humanos: como sugerem Lien e Law (2011:70, itálico no original), “se um objeto (...) emerge nas relações práticas, é preciso lembrar que existem *muitas práticas*”.

Cães ferais foram feitos e se fizeram “selvagens” desde as práticas do abandono; neste contexto, parece não haver espaço para cães asselvajados: parece, aqui, que o *perro salvaje* não faz sentido e, portanto, deve ser (ou é passível de ser) eliminado. Não faz sentido por quê? Por que o cão ou deve ser “mascota” ou animal de trabalho? Por que sempre doméstico, e nunca selvagem, como se cães não pudessem ser parte da fauna? Por que os fueguinos conseguiram tão facilmente naturalizar o trenó, mas parecem incapazes de fazer o mesmo com os cães ferais?

Os cães de trenó, por sua vez, apesar de constituírem espécie exótica (como o próprio trenó), são também um símbolo turístico muito rentável; como me foi sugerido pelos *mushers* diversas vezes, esses cães foram (ou estão em vias de ser) tornados nativos: já são, como a prática do trenó, parte da “cultura patagônica”. Como principal mote de minha pesquisa, é deles que me ocupo na próxima seção (e no próximo capítulo) desta dissertação. De “moléstias” e “invasores” a estampas de camisetas, globos de neve e outros souvenirs, o que é e o que pode um cão na Terra do Fogo?

2.4 – A América Invertida: os cães de trenó.

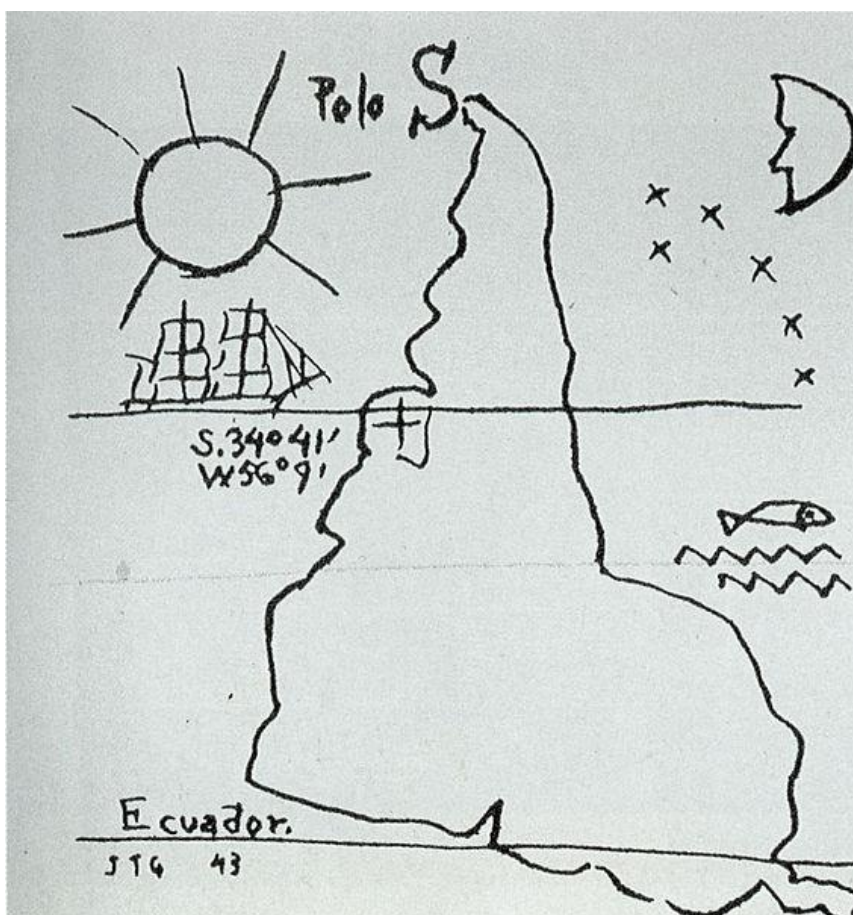


Figura 7 - A América Invertida, de Joaquín Torres García. 1943.

Cães assim, que compartilham os tempos difíceis e o trabalho árduo do homem, não podem ser visto apenas como animais. Eles são apoiadores e amigos. Não existe isso de fazer de um cão de estimação um cão de trenó; esses animais valem muito mais. Eu tomava aquela pequena cadela como uma camarada de confiança; mais leal e confiável que um ser humano (Hanssen 1937:58, itálicos meus).

Foi no início da década de 1990 que se introduziu em Ushuaia a prática desportiva e turística do trenó puxado por cães. O argentino Pedro Esteban Curuchet (ou, como é mais conhecido, Gato Curuchet), fundador do centro invernal *Valle de*

Lobos (antes chamado *Altos del Valle*) e pioneiro da prática em terras fueguinas, consagrou-se como *musher* após ser o primeiro sul-americano a participar da maior corrida de trenós do mundo, a *Iditarod*, no Alasca, e alavancou a atividade na Terra do Fogo: em 1993, dois anos após a inauguração do centro, aconteceu na cidade a primeira corrida internacional de trenós, a *Sled Dog Race Ushuaia*, e, no turismo, a prática já se fazia notar.

Não tive a oportunidade de conhecer Gato Curuchet; conforme me contaram em campo, ele mudou-se para Buenos Aires em 2015, por conta de problemas de saúde na família, e arrendou *Valle de Lobos* a Walter Cayo, que passou a ser o principal responsável pelos cuidados de seus cães – e meu primeiro contato no início da pesquisa. Curuchet aprendeu a ser *musher* no Alasca, em virtude da prática do trenó ser muito forte e ter suas origens no Hemisfério Norte – daí o destaque conotado, nos centros inverniais em Ushuaia, aos “pueblos esquimales” (Inuítes) e “nórdicos”, em detrimento das populações fueguinas, sobre as quais nada se alude.

Apesar de muito pertinente, a bibliografia sobre cães de trenó é escassa, quer na antropologia ou em qualquer outra ciência. Salvo os trabalhos de Kemp (1995) e Kuhl (2011) com cães de trenó no esporte em Minnesota (EUA) e Ontário (Canadá) respectivamente, de Losey, Wishart e Loovers (eds. 2018) e Tester (2010) entre os Inuit no Ártico, e de Willerslev (2007) entre os Yukaghir na Sibéria, quase nada se diz a respeito desses cães que, nomeadamente, são puxadores de trenó – e que, certamente, têm muito a nos revelar. Seja no esporte, no turismo, ou no transporte, esses cães permeiam, constantemente, as fronteiras entre humanos e não humanos:

O cão claramente se destaca de outras pessoas não humanas. É o único animal domesticado dos Yukaghir e, portanto, ocupa uma estranha posição entre os reinos humano e não humano. (...) caçadores

são financeiramente dependentes de seus cães, não apenas para caçar, mas também para o transporte (Willerslev 2007:76).

E mais:

A forma como a paisagem física do Ártico era vista, sentida e experienciada estava ligada às relações entre os Inuit e seus cães. Cães são sensíveis a mudanças nas condições ambientais, como montes de gelo, gelo fino, a presença próxima de um urso polar ou de outros Inuit (...). Há uma enorme diferença entre encontrar o caminho de casa com uma equipe de cães e tentar o mesmo com um trenó motorizado e um GPS, no qual se lê um *proxy* (números advindos de um satélite) em vez da paisagem circundante (Tester 2010:134).

Nesta dissertação, limito-me aos cães Huskies Siberianos e Huskies Alaskanos, ambos amplamente empregados na prática turística do trenó em Ushuaia. De acordo com Fogle (2009:160), a miríade de raças que conhecemos hoje concerne apenas aos últimos trezentos anos. Por seu turno, os Huskies Siberianos, uma das raças mais antigas de que se tem conhecimento⁹¹, “foram usados por séculos para puxar trenós dos povos nativos chukchi e talvez dos koryak e kamchadal [na Rússia]. Geneticamente próximos do lobo, uivam em matilha e latem pouco”. Foram levados para o Alasca em fins do século XIX/início do século XX⁹² e, desde então, utilizados ali como puxadores de trenó em larga escala – tanto no transporte de pessoas e cargas quanto em corridas de

⁹¹ O Husky Siberiano, originário da Sibéria do Norte, foi uma raça canina reconhecida em 1966 pela *Fédération Cynologique Internationale* (FCI). Contrariamente à miríade de raças reconhecidas atualmente, o Husky Siberiano, assim como o Malamute do Alasca, o Samoieda e o Cão da Groenlândia, não foi uma raça produzida (seja para qual fim), como o Husky Alaskano. Assim sendo, essas quatro raças caninas fazem parte do grupo “cães de tipo Spitz e de tipo Primitivo” e constituem o subgrupo “cães nórdicos de Trenó” (Grandjean & Vaissaire 2001:16). A FCI reconhece e classifica as raças caninas em dez grupos distintos.

⁹² Antes da introdução do Husky Siberiano, o cão mais utilizado no Alasca era o Malamute do Alasca, conhecido como a “locomotiva das neves” ou a “locomotiva do ártico”. O Malamute, “mais lento que o Husky [Siberiano], é o mais forte dos cães de trenó” (Grandjean & Vaissaire 2001:152). Para aqueles que desejam um companheiro canino dessa estirpe, sugere-se que “para seu equilíbrio físico e psíquico, necessita de saídas longas e frequentes e se possível puxando cargas” (Grandjean & Vaissaire 2001:152, *italicos meus*).

reconhecimento internacional. É uma raça descendente do *Canis familiaris intermedius* que, por sua vez, descende do *Canis familiaris* (cachorro).

“Cães serviram como sentinelas, parceiros de caça e companheiros de humanos desde aproximadamente 11.000 anos atrás” (Hobgood-Oster 2014:108). Por mais controversa e inexata que seja a data dos primeiros encontros mais íntimos, por assim dizer, entre humanos e cães, eles remontam há milênios (Haraway 2003b). No entanto, a grande quantidade de raças que conhecemos hoje é fruto apenas dos últimos três séculos, quando começamos, seja por estética, seja por conveniência, a criar inúmeras misturas genéticas. Além disso, como afirmou Leal (2018:46) sobre os processos de raceamento de bovinos no Brasil, sugiro aqui que “raça”, também, é indissociável da cultura:

Processos de produção de raças zootécnicas, tal como as estratégias de azebuamento ou de “desazebuamento” sugerem, não se realizam exclusivamente por meio do controle da transmissão de caracteres hereditários pela reprodução, mas com auxílio de outros enunciados – da economia, da política, da tradição – que, como os da genética ou da biologia, também produzem os atributos de um determinado tipo e, não obstante, aparecem conjuntamente em manuais e outros documentos zootécnicos (Leal 2018:49).

No caso das raças caninas, os processos de raceamento muito tem que ver, política e economicamente, primeiro com as classes mais altas das sociedades europeias e, em seguida, com a classe média europeia (Hobgood-Oster 2014):

As raízes desse crescimento no raceamento de cães já eram evidentes no final do século XVIII, quando as primeiras raças caninas, ao menos da forma como são referenciadas no Ocidente moderno, foram classificadas em categorias cada vez mais formalizadas. Naquele momento, cães eram frequentemente utilizados na caça

esportiva, e menos na caça de subsistência, uma vez que outros animais haviam sido domesticados para prover carne. Esses cães de caça esportiva eram de propriedade da elite econômica humana: eles eram um luxo. No final do século XVIII pedigrees foram mantidos para cães de caça e, portanto, esses cães ganharam o prêmio de primeira “raça” definida na Grã-Bretanha. Àquela altura, o raceamento de cães era, ainda e principalmente, competência da elite, mas rapidamente foi transformada em um dos marcadores da crescente classe média britânica, para o desgosto da classe alta. (...) O símbolo de status de possuir um cachorro com uma árvore genealógica identificável era um dos marcadores sociais da classe média. Cães eram, cada vez mais, classificados em raças e grupos muito específicos (Hobgood-Oster 2014:110-111).

Hoje, são mais de 400 raças reconhecidas pelas federações cinológicas internacionais (Fogle 2009):

Distintos tipos de cães, ligados por diversas taxas de troca de genes parcialmente controlada por humanos, existem há um longo tempo em todo o mundo; mas a raça institucionalizada tem um pedigree recente. O studbook⁹³, os registros escritos dos padrões de raças, os clubes de criações e as exposições caninas constituem uma tecnologia genética historicamente específica para a produção de cães nas sociedades urbana-industriais. É uma tecnologia que reformulou os cães em todas as paisagens, urbanas e rurais, e em todos os trabalhos caninos nessas sociedades. Se os cães são, talvez, os principais agentes de sua própria domesticação, a partir de seus antepassados lobos, (...) as raças modernas são, certamente, uma invenção social na qual tipos específicos de humanos dão as ordens (Haraway 2003b:112-113).

O Husky Alaskano, uma mistura de diversas raças, foi criado em meados do século XX com o propósito de potencializar o desempenho dos cães no trabalho e nas

⁹³ Livro de registros genealógicos.

corridas de trenó no Alasca, bem como no Canadá e em países europeus. Malamute do Alasca, Husky Siberiano, Pointer, Saluki e Pastor da Anatólia foram as principais raças que, inicialmente, compuseram o Husky Alaskano geneticamente:

Mushers no Alasca e no Canadá criaram o cão conhecido como Husky Alaskano para realizar muitos trabalhos diferentes: transportar toras, entregar suprimentos para locais remotos, transporte e competir em corridas por dinheiro. Começando com cães encontrados nas aldeias Inuit, eles criaram muitos tipos diferentes de cães alcançar as qualidades que desejavam, quais sejam velocidade, resistência, uma marcha particular, patas boas ou um tamanho ou tipo de pelagem específicos. Entre as raças utilizadas estavam o Husky Siberiano, o Greyhound e o Pointer Alemão de Pelo Curto. Não há clubes de raça para Huskies Alaskanos, e eles não são reconhecidos por nenhum Kennel Club (Huson et al. 2010:1)⁹⁴.

No entanto, a composição genética do Husky Alaskano pode variar (e muito); não se segue uma “receita” pronta na sua reprodução. Não é uma raça reconhecida nem pelo *American Kennel Club* (AKC), nem pela *Fédération Cynologique Internationale* (FCI), as duas principais federações cinológicas do mundo. De acordo com alguns dos *mushers* em *Siberianos*, o Alaskano é mais um tipo de cão, inventado especialmente para puxar trenós em corridas, do que uma raça, uma vez que são cães que não têm um “standard”, um padrão estético. “Tipo”, neste contexto, foi o termo utilizado pelos *mushers* para classificar os cães de trenó: diferente de “raça”, pareceu-me uma categoria que diz respeito, especificamente, à aptidão dos cães no desempenho de um trabalho específico – no caso, de tracionar um trenó. Curioso notar que a categoria “raça”, na cinofilia, foi criada com o propósito de classificar os cães a partir dos trabalhos – caça, pastoreio, tração e guarda, por exemplo – para os quais foram criados (Fogle 2009).

⁹⁴ Disponível em: <<http://bmcgenet.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2156-11-71>>.

Hoje em dia, no entanto, conforme me foi sugerido em campo, “raça” diz muito mais respeito às qualidades estéticas dos animais:

(...) a partir de alguns poucos milhares de anos atrás, humanos começaram a selecionar traços muito particulares. E nos últimos séculos, essa prática de seleção se tornou intensa e agressiva. Humanos buscavam traços muito particulares, geralmente julgados apenas pela aparência, e não pela utilidade (Hobgood-Oster 2014:107).

De acordo com Hugo Flores, os Huskies Alaskanos (bem como os Siberianos) foram trazidos à Patagônia por franceses e americanos nas últimas décadas do século XX. Diferente dos Huskies Siberianos, que são uma “raça originária”, descendentes, geneticamente, próximos do lobo asiático (Fogle 2009), os Alaskanos são fruto de um intenso e contínuo aperfeiçoamento genético. Como sugeriu Coulter (2016:6), “as pessoas começaram a moldar não apenas a vida dos animais, mas, também, seus futuros biológicos e composição genética através de cruzamentos seletivos e outras práticas que continuam até hoje”.

Disse-me Hugo que tanto Huskies Siberianos quanto Alaskanos são cães geneticamente preparados para temperaturas muito baixas. Como outros cães de trabalho, são cães que “devem responder com habilidade e julgamento, frequentemente especializados, a todos os tipos de pessoas, outros cães, equipamentos e máquinas, e a diversas espécies e paisagens” (Haraway 2003b:114). A temperatura ideal para um Husky Siberiano (bem como para um Alaskano) beira os 30 graus negativos: são cães que têm pelagem dupla, “pelagem composta por subpelo quente e impermeável e sobrepelo resistente a condições climáticas” (Fogle 2009:334) e uma densa camada de gordura, encontrada principalmente nos Siberianos. No entanto, ao contrário do que

sucedem no Ártico, as temperaturas em Ushuaia, mesmo no inverno, raramente chegam aos 10 graus negativos:

O calor e a umidade afetam bastante os Huskies. As temperaturas acima dos 18 °C (65 °F) estão no limite do que se considera uma temperatura muito quente para exercitá-los. Se houver brisa, pouca umidade ou se seu cão puder se refrescar facilmente com água, pode exercitá-lo nestas temperaturas. Lembre-se de que os cães criados para correr com trenós não trabalham muito bem a menos que a temperatura seja menor que -6 °C⁹⁵.

Ao longo de minha permanência em campo, a temperatura média nos centros inverniais foi de aproximadamente 0 grau, com sensação térmica de 4 graus negativos. Disseram-me também que se chega, quando muito, a 12 graus negativos em alguns poucos dias de inverno. Além disso, no verão, há dias em que o termômetro bate os 23 graus positivos. Nesse sentido, os cães de trenó, ali, ao contrário do que sucedia com os cães que tracionavam trenós nas expedições antárticas (Cf. Bostelmann 1976a, 1976b) e no Ártico, têm de trabalhar com temperaturas acima do ideal, na maior parte das temporadas. É por isso que, de acordo com Hugo, “cuando hace frío los perros pueden correr seis vueltas, y cuando hace calor solamente una o dos vueltas”. Quando já em minhas últimas semanas em campo, com as temperaturas consideravelmente mais altas, a rotatividade dos animais nos trenós era notadamente maior: a cada uma ou duas voltas, de dois a três cães tinham de ser substituídos por outros.

Nos trenós, cada *musher* arranja seus cães da maneira que lhe convém melhor; cada um “tiene su propia manera”, conforme me diziam. Apesar de a formação utilizada

⁹⁵ Disponível em: <<https://valledelobos.com/>>.

nos passeios turísticos ser a denominada “formación lineal”⁹⁶ – na qual os cães são atrelados ao “cabo central” (“tiro central”), formando duas fileiras paralelas –, que habitualmente é a formação empregada quando o trajeto a ser percorrido é pré-estabelecido, ela tem suas variações; o número de cães, por exemplo, bem como a formação ou não de pares de cães, tudo depende tanto das condições da pista quanto das preferências dos *mushers* e das animosidades caninas:

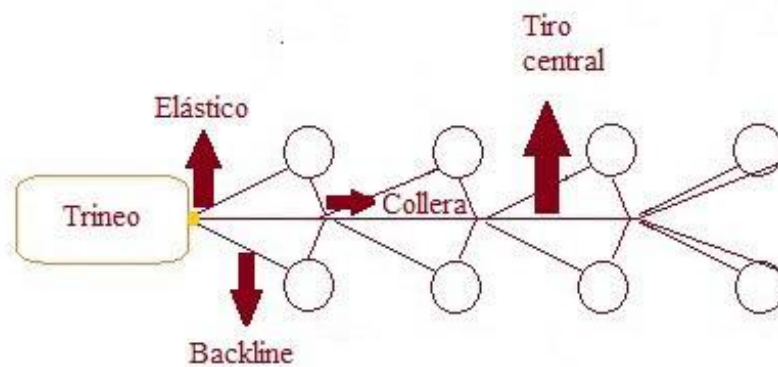


Figura 8 - As partes que compõem um trenó, de acordo com os *mushers* em Ushuaia. Acervo da pesquisadora.

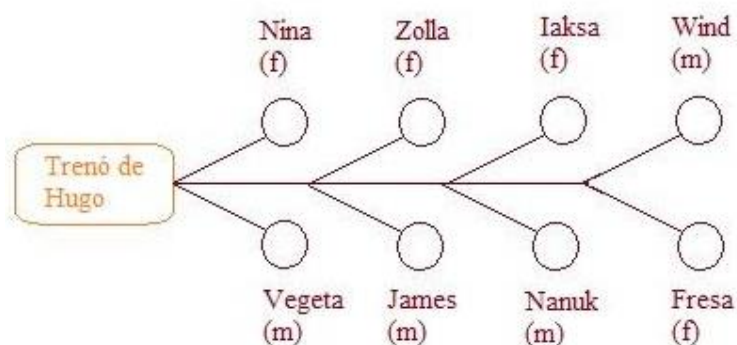


Figura 9 - Esboço de uma equipe de cães no trenó de Hugo: oito cães, formando quatro pares. Com exceção de Nanuk (Husky Siberiano), todos os outros cães são Alaskanos. De acordo com Hugo, Fresa é uma de suas melhores líderes. Acervo da pesquisadora.

⁹⁶ De acordo com Joel, há também a “formación abanico”, um arranjo inuíte no qual nem sempre há cães-guia e o trajeto a ser feito geralmente não é pré-estabelecido. Nesta formação, são principalmente os cães, e não o *Musher*, que escolhem e fazem o trajeto.

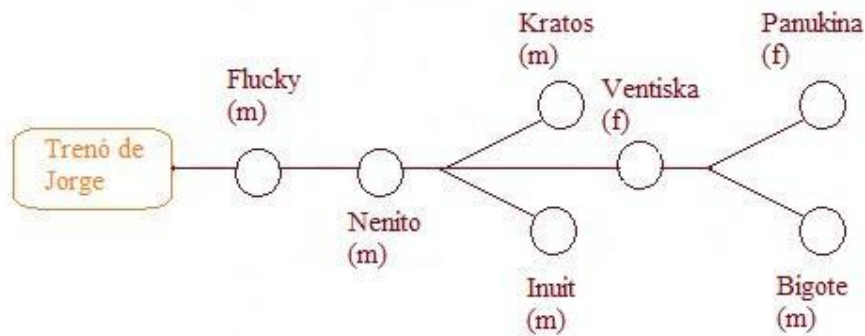


Figura 10 - Esboço de uma equipe de cães no trenó de Jorge: sete cães, formando apenas dois pares. Flucky e Nenito são dois cães muito dominantes e briguentos, e, por isso, quase sempre vão sozinhos no trenó. Acervo da pesquisadora.

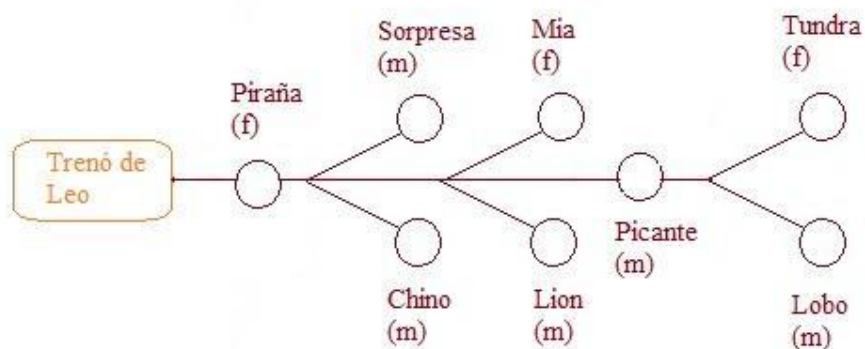


Figura 11 - Esboço de uma equipe de cães no trenó de Leo: oito cães, formando três pares. Picante, um Husky Alaskano jovem, foi resgatado de Valle de Lobos por Nico. Ele é briguento e quase sempre vai sozinho no trenó. Rupert e Lion, também Alaskanos, são irmãos: Rupert é esteticamente considerado “bonito”, mas é “tonto”, e Lion é esteticamente considerado “feio”, mas muito “inteligente”. Acervo da pesquisadora.

A título de exemplo do que habitualmente acontece no *Criadero* diariamente, esbocei três diferentes formações (caninas) do trenó de Hernan ao longo de uma mesma manhã:

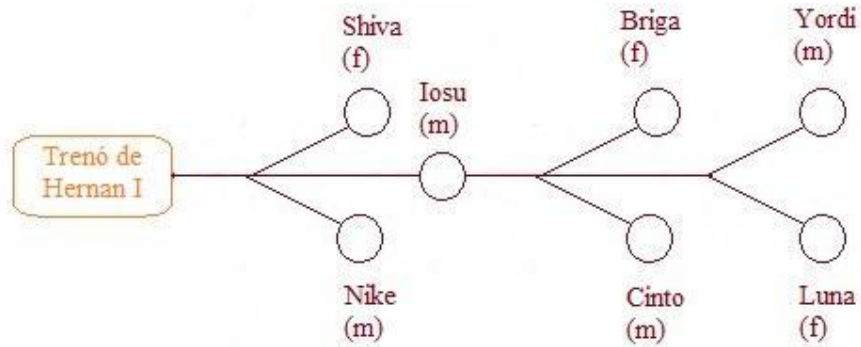


Figura 13 - Em um primeiro momento, Hernan montou uma equipe de sete cães. Yordi e Luna era um par de cães-guia bastante utilizado. Acervo da pesquisadora.

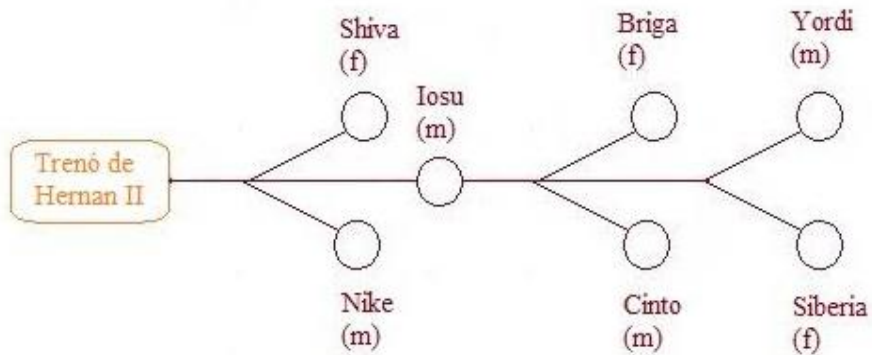


Figura 14 - Depois de algumas poucas voltas, Hernan trocou Luna por Siberia. Luna é uma Alaskana de nove anos e, por isso, não pode ficar muito tempo tracionando um trenó. Acervo da pesquisadora.

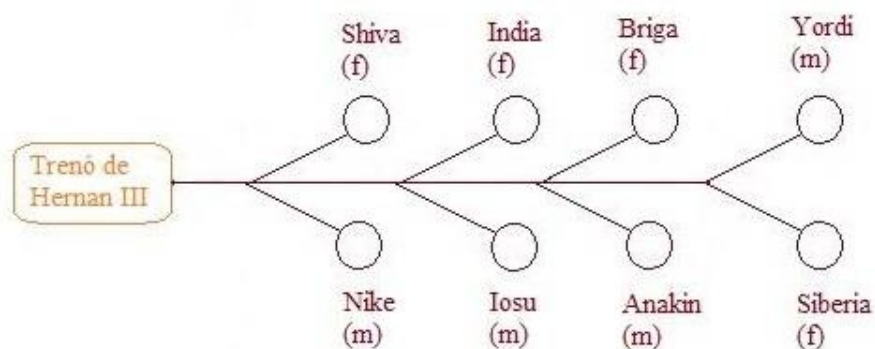


Figura 15 - Depois de algumas boas voltas, Hernan colocou India como par de Iosu e trocou Cinto por Anakin. Todos os cães da equipe escolhida por Hernan eram Huskies Alaskanos. Acervo da pesquisadora.

Como mencionado acima, o número de animais também varia de acordo com o piso: quando a neve está bastante compactada e deslizando bem, ou quando o piso está coberto de gelo, os *mushers* atrelam de seis a oito cães no trenó; quando há muito acúmulo de neve, são de oito a dez cães. Eventualmente, quando há necessidade, os *mushers* dispõem dos cães uns dos outros – sempre pensando nos pares de cães que visam formar, para que, principalmente, não haja brigas (embora elas sempre aconteçam): “(...) os huskies não apresentam perigo para humanos e desfrutam da companhia e da atenção humanas tanto quanto animais de estimação, mas brigam entre si” (Bostelmann 1976a:257)⁹⁷. Mas, mesmo que, de início, os cães possam “desentenderse”, afirmou Hugo que esse estranhamento logo passa, uma vez que “los perros de trineo forman una jauría, ellos son una familia” – uma família de cães, sejam eles Alaskanos, Siberianos, Samoiedas e mesmo Labradores⁹⁸, que convivem e coabitam um mesmo espaço e trabalham juntos por toda a vida.

⁹⁷ No original: “(...) the huskies are not vicious to humans and enjoy human company and affection as much as pet dogs but they fight between themselves” (Bostelmann 1976a: 257).

⁹⁸ Tratarei de Tito, o Labrador que (con)vive em *Siberianos de Fuego*, mais adiante.

Num trenó, os cães são classificados, segundo me disseram os *mushers* em ambos os *criaderos*, em “cães-tronco” e “cães-guia”. Disse-me Hernan que os cães-guia ficam quase sempre na mesma posição no trenó, sempre nas primeiras e segundas posições; são os cães que têm por tarefa “guiar” os outros cães ao longo do trajeto. Há os cães-guia “primários”, que geralmente são Alaskanos e Alaskanas adultos (com mais ou menos três anos de idade), e os “secundários”, atrelados logo atrás, em geral Alaskanos e Alaskanas mais velhos e experientes, porém mais “flaquitos” e com menos resistência (como Luna, uma Alaskana de nove anos, e Nix, de onze). Hernan tem seis cães-guia em sua equipe: Bono, Siberia, Luna, Yordi, Nix e Amarok (que é um bom guia, mas trabalha melhor como tronco).



Foto 61 - À esquerda, Luna, a Alaskana "docente" de nove anos. À direita, Bono, o Alaskano "preferido" de Hernan. Acervo da pesquisadora.

Os cães-tronco, por sua vez, estão sempre sendo rearranjados no trenó, “para que no se aburren”. São cães “menos atentos”, “mais briguentos” e “menos inteligentes” –

são cães com uma “actitud” não muito desejável para guiar um trenó (como Flucky, Alaskano de apenas um ano de idade, e Nanuk e Nagao, irmãos Huskies Siberianos).

Essa classificação se baseia, para além das características físicas dos animais, na “personalidade singular” de cada cão, uma vez que as relações dos próprios cães entre si são cambiantes – não que o porte físico seja atributo dispensável na especificação, mesmo porque é mais comum que cães-tronco sejam Huskies Siberianos, e não Alaskanos, por conta de sua força, tamanho e resistência. Assim, a classificação dos animais também se escora nas relações entre eles, inclusive em relações um a um, envolvendo dois cães, que é preciso combinar com certa sabedoria. Parece que, no final das contas, o cão não pode ser definido sozinho, mas apenas em relação com outros cães, seja na comparação entre dois animais, seja na combinação de uma equipe. A relação, afinal, precede os termos: há aqueles que se dão bem e puxam o trenó “em harmonia”, como Luna e Yordi, Yordi e Siberia e Wind e Fresa, e aqueles que brigam por liderança, tal qual acontece, por exemplo, com Picante, Flucky, Nenito (em *Siberianos de Fuego*) e Zeus (em *Valle de Lobos*) – por conta disso, todos eles, geralmente, vão sozinhos no trenó, sem um par.

No entanto, cães-tronco e cães-guia são diferenciados, principalmente, pela “inteligencia” e pela “actitud”: os primeiros cooperam com trabalho bruto, os últimos com trabalho intelectual. Nesse sentido, os próprios cães de trenó são matizados pelos *mushers*, de acordo com suas funções no trenó, e o trabalho canino mais valorizado é o intelectual – como já mencionado, os cães preferidos pelos *mushers* costumam ser aqueles que trabalham como cães-guia.



Foto 62 - À frente, da esquerda para a direita, Wind e Fresa, dois Alaskanos líderes da equipe de Hugo. Logo atrás, Nanuk e Nagao (não saberia dizer precisamente qual é qual, uma vez que os cães são praticamente idênticos para olhos não familiarizados). Acervo

Os cães-tronco têm de ser cães fortes, mais resistentes que velozes, uma vez que são aqueles que devem “absorver os solavancos e o balanço do pesado trenó logo atrás” (Balzar 2000:47). São, em sua maioria, Huskies Siberianos, cães mais pesados que, apesar de serem mais resistentes⁹⁹, são mais lentos. De acordo com Hugo, os Huskies Siberianos podem correr a até vinte quilômetros por hora; os Alaskanos, por sua vez, chegam a alcançar os trinta. Conforme me disseram, cães-tronco, geralmente, são cães menos inteligentes e atentos e, portanto, acabam por carecer de um maior controle humano ao longo dos passeios – e, portanto, devem ser atrelados nas posições mais próximas do trenó. Os cães-guia, por sua vez, ficam a uma distância de até dezesseis

⁹⁹ De acordo com Hugo, os Huskies Siberianos são capazes de correr até 70 quilômetros em um mesmo dia.

metros do trenó – e, portanto, do *musher* –, o que denota, de acordo com Hugo, uma relação de maior cumplicidade e confiança entre cães e *musher*. Além disso, são cães que, além de mais velozes, são mais inteligentes, atentos e concentrados – têm, de acordo com Hugo, mais “actitud”:

Los Alaskanos son más inteligentes y concentrados que los Huskies Siberianos, no se quedan mirando hacia atrás durante un paseo, buscando peleas y distrayéndose con olores o ruidos. Los perros menos concentrados y más peleadores tienen que estar más cerca del *musher*, para que si es necesario podamos fácilmente alcanzarlos (Hernan, set. 2018).

E, conforme Jorge:

No hay preferencia para un perro-guía [entre Huskies Siberianos e Alaskanos]¹⁰⁰. Lo que importa es la atención y la concentración del perro. Él no puede dar la vuelta, voltear hacia atrás, para no enrollar las colleras de los otros perros y así iniciar una pelea y causar un accidente. El perro no puede ser inseguro (Jorge, ago. 2018).

De acordo com Matias, “Zeus es el líder de la jauría, él tira el trineo como perro tronco, porque es muy peleador y dominante, es un prepotente”¹⁰¹. Nos *criaderos*, brigas entre cães e afrontas aos *mushers* são frequentes. Num dia qualquer, por exemplo, Jorge estava deslocando seus cães atrelados ao trenó para longe da pista, de forma a não atrapalhar os trenós que chegavam e partiam. Seus cães estavam todos deitados, descansando após um passeio. Jorge deu um comando e os cães se levantaram e mudaram de lugar. Flucky foi o único que não se levantou, ficou deitado, de barriga

¹⁰⁰ No entanto, conforme discuto na seção subsequente, há, sim, de certa forma, uma “preferência”.

¹⁰¹ Ler código QR na próxima página para ter acesso ao vídeo.

para cima, “haciendo gracia”, testando a liderança de Jorge, que, para que o cão se movesse, precisou ir até ele e levanta-lo:

Flucky está aprendiendo, tiene sólo un año y por eso desafía mi liderazgo. Algunos aprenden y cambian el comportamiento, otros no, como Nenito, que tiene nueve años y sigue peleando. Flucky es un alfa, pero es joven y estaba ansioso por correr, por lo que estaba peleando con Nenito (Jorge, ago. 2018).



Foto 63 - Ao fundo, à direita, Flucky latindo e procurando briga com Nenito, Alaskano (também briguento) de nove anos. Flucky tem apenas um ano. Acervo da pesquisadora.

Em outra situação, Flucky estava atrelado ao trenó e brigando com Nenito, Alaskano veterano de nove anos (também briguento). Jorge, então, foi até o cão, deu-lhe uma bronca, e voltou a seus afazeres. Flucky, tão logo Jorge se afastou, voltou a brigar (energicamente) com Nenito¹⁰². Para Nico, as brigas entre os cães são uma forma de comunicação: “entre ellos también hay reglas”.

Certo dia, Picante e Lion quase brigaram. Estavam parcialmente atrelados ao trenó (não estavam completamente presos ao *tiro central*, o que lhes permitia certo grau de movimento), Picante atrás e Lion à frente, ambos como cães-tronco. Nico estava acariciando Picante, e Lion se aproximou para, de acordo com ela, “saludarla”. Picante, por ser um cão “celoso”, não gostou da atitude do outro cão e, então, tentou iniciar uma briga – logo interrompida por Jorge e Hernan. Após esse episódio, Nico narrou-me outra ocorrência na qual Picante não se comportou da maneira correta e esperada pelos *mushers*: certa feita, o cão foi colocado como líder no trenó (para testar suas habilidades) e, durante um passeio, avistou Nico ao longe, fotografando os turistas. Picante, então, decidiu se desviar do trajeto que tinha de fazer e foi até ela, levando consigo os outros cães, trenó, turistas e *musher*. Para o cão terminar sua incumbência, Nico precisou ir correndo ao lado do trenó, de forma que ele a seguisse. É por essas e outras que Picante, por enquanto, não pode ser um cão-guia.



Hugo, Hernan e Jorge me disseram que o líder da equipe é sempre o humano: por isso, apesar de muitas vezes, em nossas conversas, se referirem aos cães-guia como

¹⁰² Ler código QR abaixo para ter acesso ao vídeo.

cães-líderes, sempre me afirmavam que cães-líderes são guias, e não líderes *ipsis litteris*. O “macho-alfa” da *jauría* é o *musher*, e não aquele cão dominador, briguento e territorialista – e, para os *mushers*, o precisa ser, para que a própria prática do trenó aconteça, o que é curioso, uma vez que isso contrasta um pouco com a ideia de que esses cães são “naturalmente” puxadores de trenós: sem trenó e *musher*, que puxariam eles?. Esses cães, conforme me contaram, podem até vir a assumir um papel de liderança nos “bairros” formados pelas casinhas – cada agrupamento de casas forma, de acordo com Jorge e como já mencionado, um “bairro”, e cada um deles têm seus cães líderes, geralmente os mais dominantes –, mas, no trenó, a liderança é sempre humana:

Los perros viven en las mejores condiciones, ellos están muy contentos. Lo principal de este laboro es lo que los le transmitís al perro, acá no hay perros alfa. El alfa tengo que ser yo, y demostrarlo y que ellos lo sepan. Hay veces que se ligan un correctivo, ojo no es un maltrato, si un sacudón o un pellizco, algo como para que sepan que algo hacen mal (Hernan, out. 2018).



Foto 64 - À frente, "bairro" formado pelos cães da equipe de Hernan. Mais ao fundo, "bairro" dos cães de Nahuel. Acervo da pesquisadora.



Foto 65 - Bono, à frente e à esquerda, uiva na iminência de um passeio. Acervo da pesquisadora.

Jorge e Hernan me disseram que os cães, às vezes, precisam ser punidos, mas no tempo justo e sem exageros. Certo dia, Hernan me contou que estava aplicando um “correctivo” em India, uma Husky Alaskana. De acordo com ele, ela estava atrelada e procurando briga com os outros cães no trenó (com os cães de trás e a seu lado), e ele, então, beliscou sua bochecha para que sentisse dor e parasse. Para Hernan, isso não é uma agressão, apenas um “correctivo”. No entanto, assim que Hernan saiu, India continuou a procurar briga com os cães atrás de si, virando-se para eles e latindo ameaçadoramente. Além disso, disse-me ele também que costuma colocar India no trenó junto com outros cães enérgicos, uma vez que ela está sempre “incomodando” os outros cães, principalmente os machos, porque tem “muita energia”. De acordo com Hernan, essa é uma maneira de deixar India e outros cães agitados e briguentos mais

tranquilos. Ou seja: às vezes, são os próprios animais que aplicam “correctivos” uns nos outros. Ocupo-me desse “ensino prático” canino no capítulo subsequente.



Foto 66 - Índia, a Alaskana "cheia de energia". Acervo da pesquisadora.

Já notava Torres García que “a ponta da América, a partir de agora, prolongando-se, aponta insistentemente para o Sul, nosso norte”. Muito têm a dizer, na Terra do Fogo, os cães de trenó: eles nascem e vivem para trabalhar, ensinam uns aos outros a prática do trenó, forjam amizades e inimizades uns com os outros e com os humanos, brigam, aplicam “correctivos”, se reproduzem, “amam correr e tracionar”, competem, contribuem para a economia local, são mercadorias, de certa forma, mas mercadorias amadas e cuidadas, aparecem nas fotos dos turistas, ganham beijos, abraços e carinhos, e, eventualmente e infelizmente, são vítimas de maus-tratos e por vezes abandonados a sua sorte. Por outro lado, os outros cães, aqueles que não trabalham, também têm muito a nos ensinar: sem eles, refletir sobre como o trabalho animal, no

extremo sul do planeta, é o aspecto pelo qual os cães são classificados (entre aqueles que são úteis e aqueles que são um problema), não teria sido factível. Foram todos eles que, juntos, revelaram-me que o que faz um cão, o que define o estatuto de um cão, naquela região, são as práticas coconstituídas por e entre eles, por humanos, e por outros não humanos.

Entre os cães fueguinos, as dicotomias doméstico/selvagem e natureza/cultura estão mais para emaranhados que para domínios estanques. Como sugere Vander Velden (2018:43), reconhecer “a riqueza e a porosidade das fronteiras entre natureza (selvagem/silvestre) e cultura (doméstico/domesticado)” nos leva, por exemplo, “a repensar a domesticação como processo contínuo e permanente (...)”. E, no entanto,

(...) não se pode, seguindo as evidências etnográficas, dissolver totalmente a dicotomia natureza/cultura (ou selvageria/domesticidade) porque ela segue operando, mesmo que construída sobre outras bases ou desenhada por linhas traçadas em lugares distintos. Assim, uma oposição entre seres próximos aos humanos (e afeitos ao seu convívio) e seres distantes dos humanos (e que recusam a coabitação) parece bastante difundida, talvez universal (Vander Velden 2018:43).

Cães de trabalho, para Cummins (2009:119), são aqueles que “são criados e treinados para desempenhar funções específicas para os humanos”. São animais dos quais “se solicita e se espera que estejam em lugares e posições particulares, que se comportem de maneiras específicas, e que subvertam seus sentimentos ou desejos de forma a atender as necessidades das pessoas; isso é e dá trabalho” (Coulter 2016:76). De outra parte, cães que não ocupam qualquer “posição” social, como cães ferais (Boitani

et al. 2017; Morey 2010), deixam de ser “os melhores amigos do homem” ou “bons trabalhadores” e passam a consistir em “espécie exótica invasora”, não importando como ali chegaram – no caso, a partir do abandono (humano), como parece ser o caso sempre. Por que os cães, quando fogem ao controle humano, passam de animais de estimação ou de trabalho a exóticos invasores e a ameaças à economia? Por que mesmo cães, que são os animais de estimação por excelência, “(...) enfrentam tratamentos muito desiguais, uma vez que, enquanto alguns são celebrados, outros são desvalorizados, sofrem abuso e/ou são mortos” (Coulter 2016:11)?

A passagem do selvagem/sem dono ao doméstico/com dono, mesmo que *mushers*, turistas e fueguinos não a percebam ou não se importem com ela, torna-se factível por meio do trabalho: como já apontado nesta dissertação, o trabalho (e somente ele) é capaz de transformar *perros salvajes* (um problema) em puxadores de trenós (trabalhadores que fazem dinheiro), assim como, por outro lado a perda de uma “função” (como no caso do cão de companhia deixado por alguém que deixou a cidade) transforma um pet em um *perro callejero* (outro problema). A passagem do selvagem ao doméstico – que, de certo modo, retoma o rumo da relação entre humanos e caninos nos seus primórdios, invertendo o processo seguinte, de asselvajamento – torna-se possível somente porque os *mushers* “contratam”, por assim dizer, esses animais ferais. Assim sendo, dedico-me no próximo capítulo aos cães trabalhadores de Ushuaia.

Capítulo 3 – Uma coreografia ontológica argentina: cães, trenós e humanos dançam tango.

Um cão de trenó parece ter sido feito pela natureza para viajar na neve e no gelo, como um camelo foi feito para o deserto, o cavalo para o campo aberto e a cabra para a montanha (Hanssen 1937:57).

O estudo das relações humano-animal, estes agora ocupando também a posição de sujeitos e agentes/atores, e não mais apenas de signos ou símbolos “bons para pensar” (Vander Velden 2015), estabeleceu-se como tema central não só na antropologia¹⁰³: na biologia (Coy 1994; Serpell 1996), na medicina veterinária (Coppinger & Schneider 2017; Leighton 2009; Overall 2008, 2009) e na primatologia (Rapchan & Neves 2014)¹⁰⁴, por exemplo, também se multiplicaram estudos sobre processos de coconstituição (ou constituição mútua) humanas e não humanas (Haraway 2008; Ingold 2000), o que gradativamente vem desvelando a fluidez das fronteiras entre humanos e animais (Kirksey & Helmreich 2010; Mullin 1999) e demonstrando que uma reflexão multiespecífica deve inclinar-se à interdisciplinaridade.

Conforme Vander Velden e Badie (2011), “oposições como humano e animal, ser vivo e artefato ou máquina, e povo e paisagem [perderam] muito de seus sentidos originais devendo ser reconstituídas a partir das ontologias locais por meio de investigação etnográfica” (Vander Velden & Badie 2011:19). Para se olhar para os animais é preciso, naturalmente, se olhar para os humanos – e vice versa, como sugerido

¹⁰³ Nas etnografias voltadas principalmente às cosmologias ameríndias (Costa 2013; Costa-Neto 1999; Garcia 2012; Léo Neto 2011; Pereira & Schiavetti 2010; Vander Velden 2012; Viveiros de Castro 2002), ao mundo rural brasileiro (Brandão 1999), à produção industrial (Rodeguero 2014; Siqueira 2014) e doméstica (Froehlich 2012), à saúde e biopolítica (Farage 2011; Lévi-Strauss 2004; Sordi & Lewgoy 2013) e à conservação da fauna (Machado 2013).

¹⁰⁴ Os estudos em outras áreas de conhecimento aqui mencionados desenvolvem-se em debate com a antropologia.

por Descola (1992, 1994, 1996): humanos e não humanos não são mais categorias estanques e dicotomizadas; não se olha mais para a natureza para se compreender a natureza, e para a sociedade para se pensar a sociedade (Schneider & Menasche 2014). Pelo contrário, “precisamos tomar as categorias natural e cultural da forma como as recebemos e tentar, simultaneamente, repensá-las e desfazê-las” (Kirksey & Helmreich 2010:563).

Ao refletir sobre a relação entre humanos e cães nas competições de *agility*, Haraway (2003:62) sugere que “ambos, cão e treinador, têm de ser capazes de tomar a iniciativa e responder um ao outro obedientemente. A tarefa é tornar-se suficientemente coerente em um mundo incoerente”. Substitua-se “dog” por “dogs” e “handler” por “musher”, a frase não perderá o seu sentido original: como as competições de agilidade, os passeios turísticos de trenó, na conjuntura aqui apresentada, são práticas que mobilizam, se não uma harmonia, ao menos um pacto de respeito e resposta entre humanos e cães para que o próprio trenó aconteça, mesmo porque um trenó não se desloca sozinho, e nem na ausência de algum de seus atores vivos. Disse-me Joel que entre *mushers* e cães de trenó “la relación es metafísica, no se explica con palabras” – é algo que, inclusive, vai além do corpo também. Nesse “mundo incoerente” (Haraway 2003) que é a prática do trenó, cães e humanos têm de se comportar e se comunicar coerentemente.

Além disso, como já apontado na introdução, os registros audiovisuais (fotos e vídeos) tomados ao longo da pesquisa de campo foram de grande pertinência para a corroboração de minhas reflexões, tão essenciais quanto à própria escrita etnográfica. São registros que capturaram práticas conjuntas e outros encontros que vão muito além das palavras, e que são dificilmente comunicados apenas com recurso a elas. A partir da simples observação (Root-Bernstein 2016), da fenomenografia (Vicart 2010) e da

utilização de ferramentas audiovisuais (Bear, Wilkinson & Holloway 2016), uma vez que cães não falam – mas certamente agem –, busquei elaborar uma etnografia multiespecífica através da qual animal e humano (e artefato) só podem ser compreendidos se olhados como mutuamente constituídos e constituintes nas suas práticas materiais e semióticas cotidianas. Através da observação e da linguagem, minha intenção foi desvelar essa relação muito particular entre cães e humanos, que se encontram, neste contexto, unidos pela prática do trenó:

Assim, cães se tornaram pacientes, trabalhadores, tecnologias e membros de família por sua ação, se não por opção, em grandes indústrias e sistemas de troca no capital vivo: (1) alimentos para animais de estimação, produtos e serviços; (2) agronegócio; e (3) biomedicina científica. Os papéis dos cães foram multifacetados, e eles não foram matéria bruta passiva à ação de outros. Para mais, cães não são animais imutáveis, confinados à supostamente ahistórica ordem da natureza. As pessoas também não saíram inalteradas das interações. As relações são constitutivas; cães e pessoas emergem como seres históricos, como sujeitos e objetos uns para os outros, precisamente através dos verbos de sua relação. Pessoas e cães emergem como parceiros mutuamente adaptados nas naturezasculturas do capital vivo (Haraway 2008:62).

De acordo com Hugo, “entrenamos los perros de trineo con genética”. Os cães, sejam Huskies Siberianos ou Alaskanos, são cães que “ancestralmente aman correr”. Aqui, “genética” diz respeito tanto a um “aperfeiçoamento”, a uma técnica de “optimización” do desempenho dos cães para o trabalho de puxar um trenó, quanto à própria “naturaleza” dos animais, às suas “características inherentes”, ao seu “pasado ancestral”: frases como “abrimos la genética de los perros (...)” e “es su naturaleza, su herencia de los lobos” eram constantemente e enfaticamente pronunciadas pelos *mushers*. Nesse sentido, desejo, neste terceiro capítulo, apontar e refletir sobre a

“dimensão relacional” (Sautchuk & Stoeckli 2012:228) do conceito de “genética” e, conseqüentemente, de “domesticação”, no contexto aqui exposto: por um lado, o “pasado originario” dos cães de trenó é um passado no qual já se encontravam domesticados e, por outro, os cães são “morfologicamente domesticados” (Ingold 1980:82) através do aperfeiçoamento genético, da seleção artificial – note-se, aqui, que esse aperfeiçoamento é pensado pelos *mushers* como “treinamento”, e, portanto, é como se as dimensões genética (biológica) e social não se separassem.

Ademais, aponto nesta dissertação que tanto *mushers* quanto outros humanos diretamente envolvidos com a prática do trenó (à parte os turistas) tendem a embaralhar técnica, humano e animal. Guardadas as devidas proporções do que foi sugestionado por Ingold (1980:106), que estava preocupado, à época, com as origens e a difusão da domesticação, há, na prática do trenó em Ushuaia, um entrelaçamento “(...) entre a ideia de se trazer os animais a serviço do homem, as técnicas que são aplicadas aos animais ao longo de seu emprego, e os próprios animais”.

Nesse sentido, para além da noção de *breeding*, que seria a “domesticação em sentido estrito” (Sautchuk & Stoeckli 2012:238), ou seja, uma técnica de seleção artificial (Ingold 1980:133), foi-me interessante também pensar a relação entre *mushers* e cães que puxam trenós a partir do que Haraway (2008) chamou de “dança de encontros”, “a coreografia ontológica que fala (...) sobre cães com valor agregado nos mundos da vida do biocapital” (Haraway 2008:67), e do “valor de encontro” dessa relação: assumam esses cães o papel de objetos (capital de reprodução controlada) ou de sujeitos (agentes de ações), o propósito, aqui, foi desvelar como as diferentes “naturezas” dos cães de trenó emergem nas práticas materiais e simbólicas que envolvem tanto cães quanto humanos. Minhas análises a respeito dessa coconstituição humano-canina, então, também estão englobadas pelo capital, já que, afinal, se trata,

acima de tudo, da indústria do turismo (e, além disso, cães são mercadorias) que sustenta a existência da prática do trenó puxado por cães no extremo sul da Argentina.

Por um lado, *mushers* e cães carecem, para que a prática do trenó seja possível, de uma relação estreita baseada na “confiança”, no “feeling”, no entendimento mútuo e numa comunicação incessante (*mushers* através de comandos não necessariamente verbais e cães através de grunhidos, sons e linguagem corporal); cães de trenó e *mushers* se conhecem e se fazem conhecer uns aos outros essencialmente através do convívio e da observação. Por outro, a prática do trenó no turismo é uma prática econômica, e os cães, inevitavelmente, nas palavras de Miguel, “son parte del negocio” – e, portanto, estão sujeitos a maus-tratos e abandono, tal como sucedeu em *Valle de Lobos*:

(...) animais não humanos são agentes em relação com as estruturas dominadas por humanos. Quer eles façam parte de uma espécie companheira ou não, a maioria dos animais não humanos é profundamente afetada por suas localizações dentro de uma distribuição de recursos que é profundamente distorcida para animais humanos, nas quais seus habitats e ecologias estão sujeitos aos interesses e depredações humanos, suas vidas são subordinadas às necessidades e desejos (carnívoros) dos humanos e as condições materiais e ecológicas para sua sobrevivência são frequentemente desconsideradas pela busca da vantagem comercial humana (Carter & Charles 2013:331).

No entanto, mesmo “mercadorias” podem ser amadas e cuidadas, e a mercantilização de animais é questão fundamental para a discussão do trabalho animal (e, aqui, sobretudo dos cães), já que esses animais não são apenas mercadorias, com valor de uso e de troca, mas também espécies de bens de capital – “lively capital”, tal qual sugerido por Haraway (2008) –, já que fazem (e valem) dinheiro. Em certo sentido,

são também “mascotas”, em quem se deposita amor, afeto e confiança (mas que, lembremos, também constituem um enorme mercado em todo o mundo). Sobre mercantilização e afeto no tráfico de animais silvestres no Brasil, escreveu Vander Velden o seguinte:

A mercantilização se opõe à familiarização ou ao aparentamento. Esta constatação é importante para repensarmos o tráfico de animais no Brasil: em princípio, ela concorda com a percepção, por parte dos oficiais de repressão nos Estados Unidos, de que ainda que o tráfico seja explicado por seus agentes por meio da linguagem do amor ou da paixão (pelos animais), esta não passa de um véu que esconde a verdadeira razão que move o tráfico, quer seja, a ganância e o lucro. Assim, onde há a busca pelo dinheiro não pode haver amor (familiar, pelo menos) pelos animais, o que seria, por definição, antitético. Seria esta a razão pela qual as instituições de combate ao tráfico de animais da fauna silvestre não conseguem compreender os afetos entretecidos entre humanos e não humanos nestes cenários? Porém isso não se trata, afinal, de reconhecer os afetos em certos contextos, mas não em outros? Há inúmeros exemplos de criadores comerciais e de agentes do tráfico de animais que manifestam seu amor ou seus sentimentos pelos animais: estaríamos no caminho certo, desvelando a falsidade desses sentimentos diante da materialidade bruta do comércio e do dinheiro? (Vander Velden 2018:113, itálicos no original).

Como sugeriram Carter e Charles (2013:328), “as capacidades de diferentes animais para mudar suas situações são expressas apenas através de sua posse comum de agência, e não pelo modo como estão posicionados em relações sociais de poder”. Como os autores, acredito que o contexto – no caso, uma relação entre humanos e cães largamente regulada pelo trabalho/capitalismo – e, conseqüentemente, as relações de poder envolvidas nele, são aspectos substanciais a serem levados em conta para pensarmos a agência animal: “Agência sempre é Agência nas relações com outros

Agentes e com o que esses outros Agentes desejam fazer” (Carter & Charles 2013:330).

Nesse sentido, o conceito de *agência* que adoto nesta dissertação é o seguinte:

Esta é uma concepção sociológica de agência que reconhece que outros animais são agentes no sentido de que suas ações são mediadas por sua localização dentro de uma rede definida de relações sociais. Argumentamos que as estruturas e, principalmente, o poder das relações, são centrais para essas redes e as possibilidades de ação que elas geram (Carter & Charles 2013:336).

De mais a mais, entre cães de trenó e turistas a relação é marcada tanto por um “fetiche” mercadológico quanto pela “humanización” dos cães. São “pobres coitados que trabalham o dia inteiro” e, portanto, vítimas de “desumanidade”; mas também são resumidos à estética: conforme pude observar em campo inúmeras vezes, muitos turistas ficam extremamente desapontados quando descobrem que seus trenós não serão puxados apenas pelos belíssimos Huskies Siberianos – retorno ao tema na terceira seção deste capítulo. Cães têm, por definição, um estatuto ambíguo (Vander Velden 2012): no contexto desta pesquisa, sejam os cães “parte del equipo” ou produto de um “perfeccionamiento genético”, mercadorias-fetiche ou “mascotas”, eles assumem, em suas relações tanto com *mushers* quanto com turistas, diferentes papéis – e tudo sem falar dos cães discutidos no capítulo anterior, aqueles que estão fora ou nas margens dessas relações que giram em torno da indústria turística na Terra do Fogo.

Discute-se muito acerca dos cães como animais de estimação na antropologia (Beck & Katcher 1996; Cohen 2002; Oliveira 2006; Segata 2012; Pastori 2012; Teixeira 2016), que tem se concentrado neles e pouco falado dos cães em outros contextos – incluindo o trabalho, o esporte e o mercado, temas caros a esta dissertação –, o que limita nossa compreensão do que é e do que pode um cão, e das relações que os

conectam aos coletivos humanos. Destarte, foi como naturezasculturas (*naturecultures*, *sensu* Haraway 2003, 2008) que as relações e práticas entre *mushers*, trenós e cães, bem como entre turistas, trenós e cães, foram pensadas ao longo dos trabalhos de campo e da escrita etnográfica. Nos *criaderos*, tanto em *Siberianos de Fuego* quanto em *Valle de Lobos*, *mushers* e cães formam “un equipo”, que carece, de acordo com Hugo, estar “siempre en sintonía, siempre en comunicación, es necesario que haya un *feeling*, una relación de confianza entre perros y mushers”:

Não pode haver apenas uma espécie companheira; tem de haver pelo menos duas para fazer uma. Está na sintaxe, está na carne. Cães são sobre a inescapável e contraditória história das relações – relações coconstitutivas nas quais nenhum dos parceiros preexiste à relação, e a relação nunca se realiza de uma vez por todas (Haraway 2003a:12).

Neste terceiro e último capítulo, então, tenciono explorar quatro grandes temas que me apareceram ao longo da pesquisa de campo a respeito das relações entre humanos (*mushers* e turistas, principalmente) e cães de trenó. Na primeira seção, abordo a criação dos animais como uma forma de codomesticação: cães e humanos têm de, “en equipo”, aprender a prática do trenó; humanos e não humanos precisam se conhecer e se fazer conhecer para lograr essa *assemblage* técnica muito particular. Além disso, aponto também para o reconhecimento, por parte dos *mushers*, de uma agência canina nos momentos em que cães “veteranos” ensinam, em conjunto com eles, cães “novatos” a puxar um trenó e a trabalhar em equipe.

Na segunda seção, volto-me para a centralidade da manipulação genética dos cães em sua criação. Em Ushuaia, cães de trenó são animais de trabalho geneticamente “programados” (e criados) para o desempenho da tarefa em questão – é nesse sentido

que, por exemplo, Hugo Flores cria e reproduz seus cães a partir de um “plano prévio”, baseado principalmente na observação, que visa o nascimento de animais cada vez mais hábeis e aptos para tracionar; em suas palavras, “entrenamos los perros con genética”. Além disso, há entre os *mushers* como que uma “naturalização” do comportamento canino, que, de acordo com eles, devem muito do que são aos lobos, a uma herança genética lupina.

Na terceira seção, volto-me para as relações entre os cães de trenó e os turistas – que, diferentemente dos *mushers*, têm em conta que “cães não são animais de trabalho”. Além disso, se para os *mushers* o desempenho dos cães no trenó nada diz respeito a sua estética – não são os cães mais bonitos que, necessariamente, puxam melhor –, para os turistas é ela que salta aos olhos. Huskies Siberianos eram sempre os mais acariciados e mais buscados para tirar fotos, por exemplo – interessante que isso também parece sugerir que se anseia, na Patagônia, por uma experiência “ártica”. Para mais, curioso foi notar que, por conta do valor denotado pelos turistas à estética, esta, automaticamente, também detém valor comercial: se os turistas, os grandes “patrocinadores” da prática do trenó em Ushuaia, gostam de cães bonitos, são eles que propagandeam, por assim dizer, a atividade, mesmo que possam não ser as peças-chave na *assemblage* técnica que permite a realização da própria atividade turística.

Por fim, na quarta e última seção, trato de discutir, a partir de minha etnografia, o que se entende (ou se pode entender) por trabalho animal. Na Terra do Fogo, o trabalho parece ser o meio pelo qual os cães passam de animais “selvagens” e “sem dono” para animais “domésticos” e “com dono”. Como já mencionado, cães ferais o deixam de ser quando aprendem a tracionar um trenó: quando, portanto, aprendem a trabalhar e adentram os domínios do que é humano (ou, pelo menos, humano-canino, pensando em coconstituições). Assim sendo, para os *mushers* o trabalho canino,

curiosamente, deriva tanto da “natureza” dos cães – uma vez que Huskies Siberianos e Alaskanos são “naturalmente” puxadores de trenós – quanto da “domesticação do selvagem”, por assim dizer. A “natureza”, ali, parece ostentar um papel ambíguo: ora deve ser conservada, ora domada. Mesmo para os turistas, que não admitem que esses cães passem suas vidas puxando trenós – mas que, diga-se de passagem, não hesitam em pagar pelo passeio –, o verdadeiro “problema” são aqueles outros cães, os “selvagens”, e não aqueles dos quais sentem pena: o verdadeiro incômodo, então, não é o trabalho, mas justamente sua ausência.

3.1 – Sobre codomesticação e uma educação para a atenção: aprendendo a puxar (e conduzir) um trenó.

La base del entrenamiento que yo realizo es mantener a los perros sanos y felices. La motivación por el ejercicio viene de parte de ellos. Mi trabajo es generar una atmósfera (clima, condiciones, peso, distancia) en la cual vayan generando más confianza en sí mismos salida a salida. Las rutinas que existen son infinitas y más de una puede lograr buenos objetivos (Miguel Isla Casares, set. 2018).

Cada *musher* cuida de seus cães à sua maneira – o ato de cuidar, aqui, diz respeito especificamente à convivência diária entre *mushers* e cães, que envolve cuidados com a saúde, a alimentação, o exercício e o afeto para com os animais. Tudo isso para que os cães, de acordo com Hugo, “tenham uma autoestima elevada”:

La autoestima tiene que ver con afecto, con cuidados. Un perro que tiene autoestima elevada es aquel que es bien cuidado, que recibe afecto humano. Y eso es visible en la apariencia física y en las expresiones de los perros. Todos necesitan ejercitarse, y por eso siempre estamos pensando en qué perros debemos poner para tirar o no. Aquí, todos ellos tienen actitud y autoestima elevada y están siempre en sintonía, siempre parejos (Hugo, ago. 2018).

A título de exemplo, disse-me Jorge que, após cada passeio, espera por volta de dez minutos para hidratar os animais (com uma mistura de água com ração), para que os batimentos cardíacos diminuam e os cães não bebam a água muito rapidamente; além disso, certo dia me pediu para observar que os cães em seu trenó, após um passeio, apresentavam diferentes comportamentos: os Huskies Siberianos estavam com a boca aberta e a língua para fora (para respirar e suar), enquanto que os Alaskanos não

estavam ofegantes – porque, de acordo com ele, Huskies Siberianos têm menor tolerância ao calor.

Hernan, por sua vez, remaneja os animais nas casinhas constantemente, para que não se entediem, e o faz sempre que percebe que algum deles parece estar, aos olhos do *musher*, estressado ou ansioso, “cuando están muy quietos, tristes, o dando vueltas sin parar”. De acordo com ele, não são todos os cães que sentem essa necessidade (de mudar de lugar). Bono, por exemplo, um de seus Huskies Alaskanos guia, é um cão que pode passar o ano todo na mesma casinha que não se importa (ou parece não se importar). E sempre que conversávamos, eu e os *mushers*, sobre os cuidados diários com os cães, as respostas geralmente começavam com “mira, mi manera de hacer esto es así (...)” e terminavam com “(...) pero cada *musher* tiene su manera”.

Em *Siberianos de Fuego*, os cães descansam por volta de dez a quinze minutos entre cada passeio; ficam deitados, brincando, latindo, às vezes brigando. Os *mushers*, por outro lado, conferem constantemente os animais e os trenós, certificando-se de que os cães estão confortáveis e os trenós em perfeitas condições – sem parafusos frouxos e sem defeitos nas borrachas dos esquis, por exemplo. Além disso, só substituem os animais no trenó quando se machucam ou não querem mais correr (quando os animais aparentam estar mancando ou permanecem deitados quando os *mushers* dão o comando que anuncia a iminência do próximo passeio), quando estão cansados ou dão as seis voltas máximas diárias¹⁰⁵. Disse-me Leo que “el musher es como un director técnico, y por eso necesitamos estar siempre atentos con nuestro equipo” – e a noção de “equipo”, neste contexto, é deveras interessante para se pensar a relação simbiótica entre cães, *mushers* e trenós. De acordo com Jorge, o único consenso entre eles é o de que todos

¹⁰⁵ Quando ficam idosos – por volta dos dez ou doze años de idade – os cães se “aposentam” (ou, melhor, são aposentados por Hugo).

“necesitan conocer a sus perros muy bien, y siempre entender lo que quieren decir con sus gestos” – e esse conhecimento aflora da convivência e da observação:

Cuando un perro hace cierto movimiento con la lengua, colocándola hacia fuera, quiere decir que está muy ansioso (Jorge, set. 2018).

A lo largo del recorrido, cuando los animales quieren defecar, lo percibimos a partir de sus gestos (Hugo, set. 2018).



Foto 67 – O descanso dos cães após um passeio. Acervo da pesquisadora.

O mesmo acontece com o que diz respeito à comunicação (oral e corporal, principalmente) entre o *musher* e seus cães: à parte os comandos “direita” (gee) e “esquerda” (haw), que são, de acordo com eles, universais e em língua *inuit*, comandos como “avançar” e “parar” divergem de *musher* para *musher*; para dar a largada, por

exemplo, Matias e Jorge utilizam a expressão “hop hop!”, Joel “ok!” e Hernan “adelante!”. De acordo com Joel, mais que o que se diz, o importante é como se diz, é a entonação:

La mejor forma de comunicarse con los perros es por monosílabos, y la forma en que se dice, la entonación, es muy importante. La fuerza con que se dice. No entendemos lo que ellos nos dicen, pero necesitamos entender que a menudo tampoco entienden lo que decimos a ellos con palabras (Joel, ago. 2018).

Sobre o mais importante ser “a força com que se diz”, a “entonação”, Kuhl notou algo semelhante entre os *mushers* de Minnesota e Ontario:

Os mushers discutiram o uso de comandos de voz verbais, como ‘gee’ para dizer aos [cães] líderes para virar à direita, ou ‘haw’ para indicar a esquerda. Muitos dos participantes explicaram, no entanto, que a comunicação com cães não é tanto sobre as palavras que são usadas, mas sobre as ‘dicas’ que os cães estão percebendo (Kuhl 2011:29).

Como já sugerido por Morey (2010:198), “evidências experimentais também indicam que cães podem perceber variações fonéticas sutis nos comandos humanos (...), o que sugere sensibilidade à acústica da fala humana”.

De mais a mais, algo curioso a se notar aqui é que nada parece confirmar essa origem inuíte dos comandos “direita” e “esquerda”, que também são utilizados com cavalos; ao que tudo indica, as origens etimológicas desses termos são desconhecidas: “os primeiros usos conhecidos da palavra ‘gee’ foram na Escócia, na década de 1620”, e “haw, como palavra de comando, foi usada pela primeira vez em 1777, mas suas

origens exatas não são precisas”¹⁰⁶. Como já mencionado ao longo da dissertação, discursos como esse parecem apontar para uma tentativa, por parte dos *mushers* e daqueles outros envolvidos com a prática, de “articalizar” a prática do *mushing* na Patagônia – e, por conseguinte, “articalizar” a própria Patagônia.

Em *Inuttut*¹⁰⁷, os comandos são “hara”, para a esquerda, “auk”, para a direita, “huit”, para partir, e “hau”, para vir (um cão)¹⁰⁸. De outra parte, sobre os cães de trenó nas expedições antárticas, Urruty (2009) apresentou as seguintes definições – e essa “confusão” a respeito das verdadeiras origens dos termos aponta para certa volubilidade destes e, mesmo, para algo como o “manejo” e ajuste das definições, por parte dos *mushers*, de forma a adequá-las àquelas suas ideias do “originário”, do “Ártico originário”, por assim dizer:

As ordens ou comandos de voz específicos para a direção de trenós tiveram sua própria evolução em nossa Antártida. Nem todos os instrutores usaram o mesmo código: por exemplo, alguns experimentaram com bons resultados as ordens que, ao que parece, eram tradicionais entre os inuit: “Auk” para a direita, “Irra” para a esquerda (pronunciado como um grunhido, “aigrr”). Não são os comandos que hoje utilizam muitos “mushers” nas corridas de trenó, que em vez disso dizem: “Gee” (pronuncia-se “shí”, para indicar a direita), e “Haw” (“jo”, para a esquerda) (Urruty 2009:9).

Ademais dos comandos, não nos esqueçamos dos trenós. De acordo com os *mushers*, os trenós de passeio são feitos com madeira da região, muito comumente *lenga*, e geralmente cada *musher* fabrica o seu, sozinho ou com alguma ajuda: “Los

¹⁰⁶ Disponível em: <<https://turningheadskennel.com/dog-sledding-commands-what-they-are-and-how-we-teach-them/>>.

¹⁰⁷ *Inuttut* é a língua falada pelos *Inuit* no norte da região de Labrador, no Canadá. É uma das línguas que, juntas, conformam a família linguística *Eskimo-Aleut*. Informações disponíveis em: <<http://www.labradorvirtualmuseum.ca/home/inuit.htm>>.

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://www.labradorvirtualmuseum.ca/english-inuttut.htm>>.

trineos que yo tengo son hechos por mi o por algún amigo. Actualmente en Sudamérica no hay ninguna industria donde adquirir equipo de mushing”¹⁰⁹ (Miguel, set. 2018). Em *Siberianos*, foi um marceneiro amigo de Hugo quem fez os trenós – infelizmente, não tive a oportunidade de conversar com ele –, e são os próprios *mushers* os encarregados pela manutenção destes; regularmente, são feitos reparos nas borrachas, responsáveis pelo atrito com o solo, e nos parafusos.



Foto 68 - Os trenós em *Siberianos de Fuego* são fabricados com canos, borracha, madeira e outros materiais reutilizáveis. Acervo da pesquisadora.

Arrumar, manter e fabricar um trenó constituem práticas que apontam para “(...) uma verdadeira experiência sobre o objeto” (Lévi-Strauss 2012:41). É um saber-fazer que se aprende na prática – principalmente, observando aqueles que já o sabem e experimentando novas técnicas e novos materiais. Cada um dos *mushers* tem “seu jeito”

¹⁰⁹ Aparentemente, ninguém em Ushuaia importa trenós do Hemisfério Norte – pelo menos, nenhum dos *mushers* me disse nada nesse sentido.

de fabricar e suas preferências por materiais distintos, especialmente no que se refere aos trenós de corrida – os de passeio parecem seguir mais ou menos um “padrão” (de tamanho e materiais utilizados, mas não necessariamente de forma, nem de processo). Os materiais que constituem um trenó “são termos de um sistema tecnológico” e “*serviram (...) e ainda podem servir* para o mesmo uso ou para um uso diferente, por pouco que sejam desviados de sua função primeira” (Lévi-Strauss 2012:52, itálicos no original).



Foto 69 - O mesmo acontece com os trenós em Valle de Lobos. Acervo da pesquisadora.

Um trenó pode ser mais leve, mais pesado e mais ou menos flexível: um trenó de passeio, por exemplo, pesa por volta de sessenta quilos e é mais “duro”, sem muita flexibilidade. Um trenó de competição, por outro lado, além de ser feito com outros materiais, como alumínio, plástico e algum tipo de madeira mais leve, tem

aproximadamente vinte quilos e é bastante flexível, para que o *musher* tenha um controle maior sobre o trenó e os cães ao longo do percurso – que nem sempre, ao contrário do que sucede nos passeios turísticos, apresenta trilhas abertas, bem conhecidas e de fácil acesso.



Foto 70 - Hugo e Nahuel reparando os trenós de passeio. Isso acontecia frequentemente, logo pela manhã, antes de os primeiros turistas chegarem ao *Criadero*. Acervo da pesquisadora.

Alguns dias antes do *Encuentro Musher*, Nahuel estava reparando seu trenó de corrida: de acordo com ele, o principal é ajustar a inclinação do trenó (da peça na qual se segura, com as mãos, o *musher*), uma vez que ela varia a depender de quem vai conduzi-lo. Além disso, após os reparos, ele passou algumas horas testando o trenó, verificando se os esquis (de alumínio e borracha) estavam deslizando perfeitamente e se a inclinação estava a seu gosto – e, também, aproveitando para fazer pequenas “exibições” e “manobras” para os turistas.



Foto 71 - Nahuel e seus amigos fazendo reparos no trenó de corrida de Nahuel, às vésperas do *Encuentro Musher*. Acervo da pesquisadora.

Há algo de “intuitivo” em fabricar e manter um trenó. Neste contexto, parece-me que o *musher* atua como um *bricoleur*; há algo de *bricolage* em seu trabalho: como já afirmou Lévi-Strauss (2012:33, itálico no original), “(...) o *bricoleur* é aquele que trabalha com suas mãos, utilizando meios indiretos (...)”. O *musher*, como *bricoleur*, está constantemente “improvisando” (sempre à sua maneira). As técnicas utilizadas, seja na fabricação ou no reparo do trenó, são sempre inventivas, e, no fim das contas, o *musher* está a todo o momento remendando, reciclando e reutilizando quaisquer materiais que lhe pareçam úteis no trenó – o mesmo vale para os arneses dos cães, que estão sempre sendo reparados com a ajuda de materiais como linha, agulha, retalhos de outros materiais e isqueiro:

(...) a poesia do *bricolage* lhe advém, também e sobretudo, do fato de que não se limita a cumprir ou executar, ele não “fala” apenas com as coisas (...), mas através das coisas: narrando, através das

escolhas que faz entre possíveis limitados, o caráter e a vida de seu autor. Sem jamais completar seu projeto, o *bricoleur* sempre coloca nele alguma coisa de si (Lévi-Strauss 2012:38, itálicos no original).



Foto 72 - O trenó de corrida de Josefina Cabral. Acervo da pesquisadora.



Foto 73 - O trenó de corrida de Hugo. Acervo da pesquisadora.

Os trenós de passeio em *Valle de Lobos* têm dois freios, um mais fraco, outro mais forte; em *Siberianos*, têm apenas um. Conforme pude observar durante um passeio de trenó, quando quer pará-lo, Hugo pisa no freio e diz “stop! stop!”, repetidamente. Os cães sentem o freio, escutam os comandos, desaceleram e, por fim, param de correr. O controle do *musher* sobre o trenó se baseia principalmente em seu peso e em seus movimentos: há dois apoios para os pés, um de cada lado do trenó, e, quando o *musher* quer que o trenó incline-se para algum dos lados, ele coloca todo seu peso e ambos os pés para o lado que deseja tomar. Os cães, por sua vez, sentem o meneio do *musher* através do trenó, escutam seus comandos e seguem o movimento:

Durante un paseo, sé cuándo los perros necesitan algo porque observo su comportamiento todo el tiempo. Yo voy silbando a lo largo del recorrido para que los perros sepan que estoy allí, junto com ellos, y siempre los aliento. Es para que ellos sientan mi presencia. Los perros también sienten los movimientos, y son ellos quienes nos dicen lo que quieren hacer, si quieren ir más rápido, más despacio, no es lo contrario (Hugo, set. 2018).

De acordo com Hugo, o trenó só funciona se há equilíbrio – dos cães, que devem, sempre, ser dispostos no *tiro central* a partir da “receita” dois cães nas primeiras posições e/ou dois cães nas últimas posições, para que os animais “no tiren para un lado”, e do *musher*, que tem de saber “servir-se de seu corpo” (Mauss 2003:401). O corpo, para Mauss (2003:407), é “o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem”. No caso da prática do *mushing*, o *musher* tem de conhecer seu corpo e dominar as técnicas de movimento necessárias para manter o trenó equilibrado: ele deve saber para que lado inclinar-se, a depender do ponto do trajeto e da manobra a ser realizada (se está em uma curva, em uma descida ou subida, por exemplo), da velocidade do trenó (e também se deseja ir mais rápido ou mais

devagar), e do próprio trenó (se é mais ou menos flexível, mais ou menos duro). Evidentemente, além disso o *musher* tem de conhecer e saber se comunicar corretamente com sua equipe de cães.

A importância de se conhecer os cães, o respeito por suas habilidades, a comunicação em mão dupla que é estabelecida entre cães e humanos e a importância da confiança e da parceria na relação foram algumas das questões exploradas por Kuhl (2011:22) a respeito das relações entre *mushers* e cães de trenó no Hemisfério Norte. Todos os aspectos supracitados, que surgiram em suas conversas, também assomaram em Ushuaia: como me disse Leo, cada cão entende melhor um tipo de comando – por audição (sons, assobios, comandos verbais), por visão (comandos gestuais) e por toques – e tem uma personalidade única. Portanto, é substancial conhecê-los individualmente, o “carácter” de cada um¹¹⁰, e saber quais são seus gostos e desgostos, amizades e inimizades, para que se logre a relação entre cães e *mushers*.

Para que a prática do trenó aconteça, então, *mushers* e cães precisam se conhecer e se fazer conhecer, estabelecer uma relação de confiança mútua e uma comunicação que se faça inteligível para ambos:

Algo que todos os *mushers* pareciam gostar de contar eram histórias sobre os diferentes caracteres dos cães. Obviamente, havia cães aos quais os *mushers* tinha um apego especial, por conta do carácter ou da personalidade do animal. Ficou claro, pelas histórias dos *mushers*, que eles sentiam que cada cão era único, possuidor de uma personalidade individual (...).

Por conta de os *mushers* acharem que seus cães eram indivíduos com personalidades, muito escutei a frase “você precisa

¹¹⁰ Busquei, no primeiro e terceiro capítulos desta dissertação, apresentar breves biografias de alguns dos cães de trenó com os quais convivi ao longo dos trabalhos de campo.

conhece-los”, quando os mushers estavam falando dos elementos de uma boa relação musher-cães de trenó (Kuhl 2011:26).

Como afirmado por Kuhl (2011:33) em seu contexto de pesquisa, sugiro aqui que os *mushers* em Ushuaia também têm em conta que seus cães são “seres sencientes e interativos”, uma vez que são “indivíduos com personalidade, capazes de comunicação interespecie e de participação ativa em uma parceria cão-humano”. Savalois, Lescureux e Brunois (2013), por sua vez, também concluíram algo similar sobre cães pastores na França:

Os treinadores-usuários em nosso estudo também veem o cão como um trabalhador. Eles consideram que o cão expressa sua identidade no trabalho e claramente levam em consideração o caráter do animal, sua história individual e suas características especiais, o que indica que eles reconheceram alguma subjetividade no cão.

(...)

Os treinadores se adaptam ao cão, dão um lugar fundamental ao treinamento contextual e às vezes usam as habilidades particulares de um indivíduo canino no trabalho. As práticas variam não apenas de acordo com as personalidades dos treinadores, mas também de acordo com as individualidades dos cães. Por exemplo, por um lado os treinadores criarão condições e referências estáveis para tornar um cão instável e tímido mais confiante; por outro lado, tenderão a ser mais severos e diretivos com cães resistentes e dominantes (Savalois, Lescureux & Brunois 2013:86-87).

Indubitavelmente, os *mushers* em *Siberianos* e em *Valle de Lobos* reconhecem e atentam para as “personalidades individuais” dos animais: sabem quais têm de ser tratados com “pulso firme”, como Flucky, Picante e Zeus, e quais são mais tímidos e inseguros, como Rafa. No entanto, será que essa atenção e diferença de tratamento não

diz respeito, talvez principalmente, porque os *mushers* carecem que os cães sejam e permaneçam bons trabalhadores? Tornar um cão tímido num cão confiante, por um lado, e um cão dominante num cão obediente, por outro, não é torná-los, primeiramente, bons trabalhadores? Afinal, “cães e homens envolvem suas subjetividades através de um vínculo social no contexto de uma produção social: o trabalho” (Savalois, Lescureux & Brunois 2013:88).

Para mais, como indicou Segata, (2012:44), “falar de si através de um animal talvez não se resuma a uma simples projeção simbólica, mas faça aparecer um processo de se traduzir no outro – de se fazer aparecer nele, de se transformar mutuamente”. Em nossas conversas, inclusive, os *mushers* muitas vezes “falavam” por seus cães, expressavam com palavras o que pensavam que os animais estavam sentido ou dizendo quando, por exemplo, latiam antes de serem alimentados ou quando se agitavam antes de um passeio de trenó – “vamos correr!”, “me escolhe para puxar o trenó!”:



Foto 74 - "Vamos comer!", era o que diziam os cães, de acordo com Hugo, quando latiam (incessantemente) quando estavam sendo alimentados. Acervo da pesquisadora.

Durante as entrevistas, os mushers frequentemente falavam por seus cães – expressando o que eles acreditavam que os cães estavam pensando e sentindo, bem como seus gostos, desgostos e motivações. Às vezes, durante as histórias eles até mesmo *citavam* o que os cães estavam pensando ou sentindo (Kuhl 2011:27, itálico no original).

No entanto, apesar de os *mushers* reconhecerem uma agência canina – tome-se como exemplo a fala de Miguel, na qual ele atribui intenção aos animais quando sugere que “la motivación por el ejercicio viene de parte de ellos” – e atribuírem aos cães personalidades individuais, a agência dos cães de trenó em Ushuaia afigurou-se, principalmente, quando da relutância canina em puxar um trenó, bem como na sua desobediência, por um lado, e em seu comportamento “geneticamente determinado”, por outro.



Foto 75 - Hernan se esforçando para atrelar ao trenó um cão que não queria correr. Acervo da pesquisadora.

São inteligentes porque desobedecem, ou desejam puxar um trenó porque são cães que “ancestralmente amam correr”. Por que os animais, neste contexto, parecem manifestar agência, intenção e personalidade quando, principalmente, não cumprem ordens? A resistência, aqui, parece fazer emergir a agência.

Por outro lado, de acordo com Hernan, não se ensina a ser *musher* e, para se aprender a prática, “el principal es gustar de perros y que ellos te acepten”. Além disso, como já mencionado, é através da observação que os fundamentos práticos do *mushing* são transmitidos, tal qual acontece entre os próprios cães quando estão aprendendo a puxar um trenó: aprendem, principalmente, observando uns aos outros, mas também através de latidos, grunhidos, rosnadas e mordidas. Conforme apontou Vander Velden (2016), a ideia de que se aprende fazendo é algo que aparece com certa frequência em contextos de uso de cães de caça – por exemplo, entre os Karitiana em Rondônia:

Caçadores humanos devem fazer seus cachorros bons caçadores, por meio de um conjunto de procedimentos (...) “fazer”, mais do que “ensinar” – como pensamos o treinamento de cães entre nós – porque os cachorros aprendem de fato a caçar na prática (Vander Velden 2016:28).

No contexto desta dissertação, então, a agência dos cães vai muito além do reconhecimento de uma “senciência” animal, de uma “individualidade” canina. No entanto, apesar de os *mushers* reconhecerem a substancialidade de um entendimento e conhecimento mútuos entre eles e seus cães, e que a prática mesma está sujeita ao êxito dessa “comunicação coerente”, a referência última é sempre o humano – que, no fim das contas, é (tem de ser) o líder da equipe:

No geral, os mushers acreditavam que sucedia entre eles e seus cães uma comunicação em mão dupla, cujos principais

componentes são linguagem corporal, sinais e a capacidade dos cães de ‘sentir’ coisas sobre o musher. Uma ideia comum que escutei foi que é *responsabilidade* do musher entender e se comunicar com os cães. Seis dos oito mushers disseram que era o musher quem tem de se adaptar aos cães, tanto para entender e ler a ‘linguagem’ dos cães quanto para se comunicar de maneira entendível para seus cães (Kuhl 2011:29, itálico no original).

Essa “responsabilidade” do *musher* de entender o que os cães querem e o que estão nos comunicando é algo que também apareceu em Ushuaia. No *Encuentro Musher*, Hugo chegou por último porque, de acordo com ele, teve problemas com os cães – que, ao longo do trajeto, optaram por cambiar o caminho e acabaram se perdendo:

El primer día, Fresa [husky Alaskana] estaba como líder con Lobo. La voluntad de las hembras siempre predomina, y Fresa decidió desviar del recorrido establecido y tomar otro camino. Además, Lobo estaba corriendo más rápido que ella y la sobrepasaba. Estos fueron errores míos, y no errores de los perros. Me equivoqué en poner Fresa como líder, mi lectura de su comportamiento fue equivocada. Puse la hembra más veloz, pero era tan veloz que corría por todos lados, fuera del trayecto. Pero el error no fue suyo. Fue mío (Hugo, set. 2018).

Aqui, ao assumir a responsabilidade para si, Hugo retira dos cães a culpa pelo que aconteceu e, conseqüentemente, a agência canina é considerada acessória: apesar de a decisão em tomar outro caminho tenha sido uma decisão dos cães, a responsabilidade pelo episódio foi do *musher*, que não soube escolhê-los corretamente, não soube “interpretarlos correctamente” – não houve cumplicidade, nem “intercambio de sensaciones”. Hugo retirou dos cães, de certa forma, a responsabilidade pela ação. De

acordo com ele, se os cães-guia mudam de direção é porque estão tomando sua própria decisão, e não a do *musher* – e isso é uma falta sua (humana).

Kuhl (2011:25) afirmou que “os mushers frequentemente afirmavam que uma boa relação de trabalho se baseava em realmente conhecer seus cães”. Em *Siberianos*, conhecer os cães também envolve elevar sua “autoestima” e dotá-los de “actitud”, e isso é, de acordo com os *mushers*, sua responsabilidade. Segundo Hugo, os cães precisam ter autoestima elevada, e estabelecer uma relação de confiança com o *musher* é o que lhes confere tal característica. Além disso, disse-me Hernan que os cães “absorben la energía positiva” das pessoas e, por isso, são felizes: “cães, como todos os animais, se comunicam através de energia, uma linguagem de emoções” (Greenebaum 2010:131). Essa autoestima, então, é algo que os cães recebem, ou criam, a partir de suas relações com os humanos:

Aquí los perros son felices. Míralos, todos expresan felicidad porque todos tienen autoestima elevada. Y la fórmula para que un perro tenga autoestima elevada es alimentación, afecto y ejercicios. Hay mucha socialización, los perros son felices porque absorben la energía positiva de los humanos (Hugo, ago. 2018).

Conforme já sugerido, para que a prática do trenó aconteça se faz necessária certa “harmonia operacional” entre *mushers*, cães e trenós. De acordo com Joel, a relação entre *mushers* e cães é tão forte, “es una relación metafísica”, que até mesmo a insegurança do *musher* é transmitida para os cães, e isso faz com que também sintam-se inseguros. Neste contexto, cães e humanos, a partir de um processo co-criativo (Brandt 2004), criam uma terceira linguagem, uma “linguagem metafísica”, por assim dizer. Nesse sentido, sugiro aqui que o que Brandt (2004) apontou sobre as relações entre humanos e cavalos é válido também para os *mushers* e os cães de trenó em Ushuaia:

(...) deve-se reconhecer que a linguagem verbal sempre será limitada em sua capacidade de explicar um sistema corporificado de linguagem não-verbal. Argumentei que os humanos podem entender o significado de gestos corporais em cavalos, e os cavalos podem entender o significado de gestos corporais em humanos. Juntos, eles co-criam um sistema de linguagem – uma linguagem própria – através da mediação do corpo. (...) É uma linguagem criada mutuamente, uma terceira língua que permite aos dois criar um mundo de significado compartilhado e promover um entendimento mais profundo um do outro (Brandt 2004:313).



Foto 76 - Sequência de fotos registrando a saída de Hernan e seus cães para um passeio.
Acervo da pesquisadora.

O desafio sempre é, de acordo com Haraway (2003), encontrar coerência entre mundos incoerentes. E essa harmonia, no contexto desta dissertação, só é lograda através da convivência e da observação mútua – ou seja, de uma codomesticação: de acordo com Fijn (2011:241), “ambos, animais humanos e não humanos, experimentaram simbiose, ou um processo de domesticação co-evolucionário”. Como

Kuhl (2011:35), sustento aqui que “a experiência direta levou os mushers a entender seus cães como seres sociais sencientes, com personalidades individuais e capacidade para relações que envolvem respeito, comunicação bidirecional, confiança e parceria”.

Não obstante, para além dessa parceria, a “dança de encontros” entre *mushers* e cães de trenó revelou-se muito mais intrincada. Haraway (2008:57), a respeito de cães pastores, afirmou que estes cães “podem ser e são estudados e criados especificamente para melhorar sua prontidão para aprender e executar esses tipos de trabalho. Para todos esses trabalhos, cães e pessoas têm de treinar juntos (...)”. Conforme Greenebaum (2010:134), “um dos maiores objetivos nos treinamentos de cães é aprender a se comunicar com eles efetivamente”. E, no entanto, de acordo com Hugo e Joel, diversamente do que sucede com cães de estimação, “adiestrados especificamente por los humanos” (Hugo, ago. 2018), os cães de trenó aprendem a técnica, sobretudo, entre si:

Para enseñarles, colocamos los cachorros¹¹¹ en el trineo junto con perros experimentados, para que éstos enseñen a los principiantes. Es a través de miradas, olores y ladridos que los perros se enseñan unos a otros. Nosotros enseñamos los comandos, los perros enseñan a tirar. Y formamos un equipo (Joel, ago. 2018).

Nesse mesmo sentido, sobre os cães de trenó nas expedições antárticas britânicas afirmou Bostelmann (1976a:260) o seguinte:

Os treinamentos começavam quando o cão tinha ao menos um ano de idade. O husky vai puxar naturalmente, mas um cão destreinado vai correr em todas as direções. Assim, o novo cão era colocado na parte de trás da equipe, bem próximo do trenó, para que se parasse ou corresse para os lados pudesse ser cutucado pela

¹¹¹ Cães mais novos e filhotes, em espanhol, são denominados de “cachorros”, e não “perros”.

estrutura à frente do trenó. (...) Os cães mais pesados tendiam a ficar na parte de trás da equipe, mas *qualquer cão que demonstrasse entusiasmo ou inteligência era colocado no primeiro par de lugares para treinar como líder* (Bostelmann 1976a:260, itálicos meus).

Como também notou Loovers (2015) entre os cães dos Gwich'in no Norte do Canadá, em Ushuaia os cães aprendem com os *mushers* (os comandos de virar para a direita, virar para a esquerda, correr e parar), e com os cães mais velhos e experientes:

Os cães, por exemplo, eram treinados no campo com cães idosos. Os cães mais velhos ensinavam os cães mais novos a se mover em equipe. Os Gwich'in também ensinavam os cães mais novos os comandos específicos para virar à esquerda, ou direita, bem como para partir e parar (Loovers 2015:402).

Contaram-me os *mushers* que, com mais ou menos um ano de idade, quando já estão formados tanto física quanto mentalmente, cães novatos são, conjuntamente com cães experientes, atrelados ao trenó e, então, tanto *musher* quanto cães ensinam o novato a puxar o trenó: comandos e trabalho em equipe, respectivamente. Além disso, “los perros-guía más viejos y experimentados, como Luna [uma Alaskana de nove anos], enseñan y nos ayudan a enseñar a los perros jóvenes a convertirse en perros-guía” (Hugo, set. 2018). Disse-me Hernan que Luna é como uma “docente”. Além disso, de acordo com ele, é gradativamente e com muita paciência que os “cachorros” são iniciados na prática do trenó:

Los primeros paseos tienen que ser siempre despacio, con calma. Hay un perro aquí que fue colocado para tirar y no se movió, se asustó. Ahora necesitamos esperar unos dos o tres meses para ponerlo a correr nuevamente, para que tenga tiempo de superar su miedo (Hernan, ago. 2018).

Neste contexto, quando estão falando de “entrenamiento” e “entrenar”, os *mushers* estão se referindo aos próprios passeios de trenó, uma vez que o treino e o *mushing* em si são práticas simultâneas. Como sugeriu Vander Velden (2016:30) sobre os cães caçadores entre os Karitiana, “o treinamento, de fato, parece se dar apenas na floresta, durante as caçadas, e não apenas com os caçadores humanos mas, sobretudo, com outros cachorros já experimentados nas técnicas de procurar, perseguir e matar”.

Esse “ensino prático canino” também apareceu nas relações entre os cães “aposentados” e aqueles que ainda trabalham: num dia qualquer em *Siberianos*, Sara, uma *husky* Alaskana de doze anos, foi aposentada. De acordo com Hugo, ela foi solta e ficou correndo por entre todos os outros cães, “saludándolos” e deixando-os mais tranquilos:

Mira, Sara fue suelta y está feliz, saludando a los otros [cães]. Ellos están agitados, ladrando. Y cuando se acerca, siempre feliz y sacudiendo la cola, ellos se tranquilizan, ¿ve? Pero cuando empezaren los paseos ella tendrá que ser nuevamente presa, sino va a correr detrás del trineo porque quiere tirar también. Quiere participar (Hugo, set. 2018).

Ela, Hummer e Gema, também Alaskanos aposentados, de treze e quinze anos respectivamente, são cães que têm como tarefa “enseñar a los demás [cães] a ser tranquilos unos con otros” (Hugo, set. 2018):

Gema y Hummer son los dos perros más viejos. Ellos tienen como función enseñar a los otros perros a socializar. Andan entre todos, sueltos y tranquilos, y transmiten buenas energías y tranquilidad. Así los perros aprenden a pelear menos y quedarse tranquilos entre ellos (Hernan, set. 2018).



Foto 77 - Gema, à direita, e Hummer, os dois Alaskanos aposentados que têm o papel de sociabilizar os outros cães. Acervo da pesquisadora.

Contudo, disse-me Hugo que esse ensino prático – ou, como sugerido por Ingold (2000), essa “educação para a atenção” – decorre, principalmente, da própria ancestralidade dos cães. Segundo ele, são cães que, genética e instintivamente, gostam e são inclinados a correr. Nesse sentido, os *mushers* remetem a agência canina principalmente ao que é domínio humano – ao que é controlado pelo humano; e pelos genes: os gostos e hábitos dos cães estão nos genes, vêm de seus ancestrais (no caso, os lobos). Atribuir as ações caninas à genética e à ancestralidade é também uma forma clássica de justificar ações sobre os animais. Se são geneticamente predispostos a correr e a puxar trenós, quais os problemas (éticos) colocados pelo uso dos cães no trabalho e outras atividades humanas, como o turismo? Os animais parecem, neste discurso, naturalmente feitos para fazê-lo – e esse é um dos argumentos do filósofo Francis Wolff (2010) em defesa das touradas: é da “natureza” dos touros a “bravura” e o “lutar”.

Como já mencionado, os cães aprendem os comandos de voz dos *mushers* e a prática do trenó simultaneamente. O que é curioso, no entanto, é que, ao mesmo tempo em que remetem a qualidade dos animais de correr/tracionar ao comportamento lupino, a uma “herança genética”, e à reprodução controlada, os *mushers* parecem creditar essa habilidade dos cães na tração a uma origem deveras longínqua: esses cães, para além de serem herdeiros dos lobos, já nasceram de alguma forma como puxadores de trenós. Parece, inclusive, que para os *mushers* esses animais não precisam sequer se “familiarizar” com o trenó – eles já nascem o conhecendo. Certo dia, Hugo contou-me que dois de seus Huskies Siberianos, os irmãos Nanuk e Nagao, eram de uma amiga sua. Certa feita, ela levou os animais até *Siberianos* para passear e, de acordo com ele, os cães não quiseram sair de lá: sentiram-se “em casa” ali, com a *jauría*, puxando trenós.

A própria “educação para a atenção”, o ensino prático que sucede entre os próprios cães, é uma consequência da genética desses animais. Por um lado, há a “herança genética dos lobos”. Os discursos e práticas dos *mushers* em Ushuaia, como também o verificaram Savalois, Lescureux e Brunois com treinadores de cães pastores na França, revelam um “eixo teórico comum” (Savalois, Lescureux & Brunois 2013:77), uma vez que o cão de trenó, para eles, gosta de correr, trabalhar em equipe e reconhece um macho-alfa (humano, neste contexto) porque descende do lobo – e que, por essa mesma razão, não necessita de treinamentos tais como os praticados com cães de estimação:

Os discursos e práticas dos treinadores-usuários revelaram um eixo teórico comum, retratando o cão pastor como um predador social descendente do lobo e que dirige a caça em direção ao seu líder de matilha. As habilidades de caça do cão são usadas para transformá-lo em uma ferramenta de trabalho, *por meio de educação e treinamento*

minimamente restritivos. Uma vez treinado, o cão deve se tornar um trabalhador autônomo, mas controlável, que ajuda os criadores de gado a liderar seu rebanho tranquilamente. (...) Eles esperavam que os cães fossem mais competentes que os humanos na compreensão dos comportamentos dos animais de criação, sugerindo que o cão é mais um assistente que uma ferramenta de trabalho (Savalois, Lescureux & Brunois 2013:77, itálicos meus).

De outra parte, há a manipulação genética desses animais: de acordo com Hugo, “entrenamos los perros con genética, y entrenar con genética es como hacer un plan previo”. Como afirmaram Savalois, Lescureux e Brunois (2013) a respeito dos cães pastores, sugiro, aqui, que, entre os cães de trenó, a reprodução controlada pode ser pensada a partir do que Haudricourt (2013) denominou de “ação direta positiva” – que, por sua vez, facultou uma “ação indireta negativa”, a saber, o comportamento/trabalho “natural” dos animais:

(...) a ação indireta negativa parece possível apenas porque é precedida por uma ação direta positiva: seleção genética, que molda as características comportamentais dos cães antes de seu desenvolvimento. (...)

(...) o homem observa, aprende do e com os animais, e desenvolve um processo relacional que lhe permite conduzi-los da maneira que deseja, com o mínimo de restrições (Savalois, Lescureux & Brunois 2013:86).

Para Haudricourt (2013:4), “a ação direta parece então levar ao artifício; a ação indireta aparenta um retorno à natureza”. Treinar cães de trenó com genética significa, afinal, “aperfeiçoar” a “natureza” desses cães, fazer um “plano prévio”, como me afirmou Hugo, de maneira a lograr (e continuar logrando, ao longo das gerações) cães que são “naturalmente” puxadores de trenó – por mais contraditório que isso possa

parecer. Afirmou Wishart (2018:3) que “a capacidade de trabalhar com cães e de transformá-los pode ser vista em muitas práticas de cruzamento no norte, onde a arte da domesticação está continuamente em prática”. Estendamos essa assertiva para o nosso Sul: assim sendo, é sobre tais questões que me debruço na próxima seção deste capítulo.

3.2 – “Entrenamos los perros con genética”: domesticação e naturalização dos cães na prática e no discurso do *mushing*.

Quero sugerir o quão grande e rico é o mundo do genoma canino, quantos tipos de investimento – emocional, intelectual, ético, comunitário, institucional, narrativo, financeiro e político – são feitos na genética canina, o quão cheio de atores fascinantes são esses mundos genéticos dos animais de companhia, e como algumas questões incômodas nos estudos científicos e na antropologia podem ser abordadas com um olho canino (Haraway 2003b:111).

Há pouco tempo, li por acaso a seguinte matéria:

“Por que as características dos cães são diferentes?”. Os cães, de acordo com sua raça, possuem traços de características dominantes herdada de seus ancestrais, os lobos. A defesa do lar vem da propensão dos lobos de excluir outros canídeos de um território; o pastoreio é, originalmente, uma técnica de caça para cercar presas; marcar um lugar (o cão imóvel, uma pata levantada) é uma atitude do filhote lupino quando ele é surpreendido. Cada uma dessas qualidades, mais ou menos fortemente desenvolvida conforme as raças, não resulta de um treinamento, mas são registradas no patrimônio genético, transmitido de uma geração à outra. Pesquisadores acaba de descobrir um grupo de genes envolvidos no desenvolvimento do cérebro dos cães e que explicam essa hereditariedade¹¹².

Em *Siberianos de Fuego*, quando um trenó saía para um passeio, os outros cães, que ficavam presos às suas casinhas ou atrelados a um trenó parado, começavam a uivar e a latir. Como um passeio dura, em média, vinte minutos, após certo tempo da partida do trenó os cães se aquietavam e voltavam a fazer o que estavam fazendo antes –

¹¹² Disponível em: <https://www.caminteresse.fr/nature/pourquoi-le-caractere-des-chiens-differe-t-il-1174591/>.

dormir, observar, brincar, ou simplesmente nada¹¹³. Alguns, no entanto, continuavam alertas, como se atentassem para algo. Quando viam, ao longe, o trenó retornando, os cães voltavam a uivar e a se agitar. Como tal cena era corriqueira, era algo que presenciava continuamente em minhas visitas, perguntei a Hernan o porquê de os animais agirem da forma como agiam – por que latiam, uivavam e se inquietavam tanto quando um trenó partia ou retornava. E a resposta foi a seguinte:

Como los lobos, los perros aúllan cuando sale un trineo porque extrañan los que salieron. Porque todos los perros aquí forman una familia, una jauría, y se extrañan unos de otros. Es una herencia de los lobos, como demarcar territorio y gustar correr (Hernan, ago. 2018).

Sobre as brigas que frequentemente aconteciam no *Criadero* – era muito comum que, quando um cão se soltava de sua casinha ou do próprio trenó, corresse diretamente até um cão específico para brigar (conforme Jorge, os cães já sabem com quem “tienen bronca”) –, disse-me Hernan que:

Las peleas son los mayores problemas que los perros pueden tener. Como los lobos, los perros de trineo atacan lo más débil, lo que cae primero. Y a veces los perros se lastiman. Con un perro de fuera, puede haber muerte. Pero entre los perros de la jauría, ellos apenas se lastiman (Hernan, out. 2018).

De maneira a demonstrar o entendimento dos *mushers* a respeito do comportamento canino e como o remetem, muitas vezes, à sua ancestralidade lupina,

¹¹³ Sobre a “letargia” dos cães de trenó, foi sugerido por um psicólogo (Delude 1986:166) que “in the absence of human intervention, the small amount of activity that is displayed by dogs is primarily centered on the incidence of sunrise and sunset, creating a crepuscular pattern similar to that of captive wolves”. Ou seja: tudo o que fazem ou não fazem os cães parece ser resultado de sua herança genética lupina.

seu “passado originário” e seus “instintos”, menciono aqui um último exemplo – ponderações como essas eram extremamente comuns em nossas conversas:

La hembra, cuando va a dar crea, va lejos, se aleja de la jauría y hace una cueva para tener sus cachorros. Ella busca un lugar donde se sienta segura. Es algo instintivo, ancestral. Los perros tienen su propio ritmo, su propio tiempo, diferente al nuestro, y querer que ella tenga sus cachorros dentro de una perrera o mismo presa, es cambiar su ritmo y su instinto (Hugo, set. 2018).

Afirmou-me Joel que os cães de trenó gostam de viver em grupo, “en familia”: gostam de “viver en jauría”, diferente dos cães domésticos. Conforme ele, *jauría*, como *familia*, é o termo que designa um conjunto de cães no qual os laços não são necessariamente consanguíneos e as posições e papéis dos cães no grupo não são fixos – disse-me o *musher* que não há, por exemplo, um macho-alfa específico, os anciãos e os cães protetores, tal como sucede em uma alcateia. *Família*, inclusive, foi um termo muito utilizado pelos *mushers* para se referir ao conjunto total de cães nos *criaderos*. Assim, uma família de cães de trenó não é ditada necessariamente pelo parentesco: em *Siberianos*, por exemplo, os 137 cães de trenó formam uma grande *jauría*/família.

De acordo com Hugo, por conta da ancestralidade lupina dos cães – especialmente dos “perros nórdicos”, categoria utilizada por ele para se referir aos cães de trenó “puros”, como o Husky Siberiano – o comportamento canino é, naturalmente, parecido com o comportamento dos lobos. Viver em grupo, gostar de correr, demarcar território e ter um macho-alfa (que é humano, neste contexto) são todas características herdadas geneticamente dos lobos. Disse-me Hugo que “el aullido de los perros de trineo es un legado de los lobos” e, como fazem estes, os cães, quando chegam de um

passeio, gostam de demarcar território “como si estuvieran en un nuevo lugar, aún inexplorado”:

La línea de los perros nórdicos, lo único que les interesa es vivir en jauría, estar en un lugar en que ellos puedan disfrutar, correr, les gusta mucho correr. Hay toda la línea de decanos lupus, los lobos, los chacales, los perros primitivos y después las subespecies, que el hombre hay ido cruzando, haciendo mutaciones. A mí me gusta mucho trabajar con el nórdico porque vendrían a ser la esencia, el principio de todo, todos los demás son razas que el hombre ha inventado (Hugo, ago. 2018).

Apesar de não ter tido a oportunidade de observar em *Siberianos* a atividade do carro puxado por cães, que acontece somente no verão, e, portanto, não deter dados suficientes para uma comparação, sugiro que o trenó não encerra sozinho, em si mesmo, nenhum tipo de agência. No entanto, quando cães, *mushers* e trenó se entrelaçam em “un equipo”, quando estão juntos na prática, o trenó, em conjunto com cães e *musher*, certamente tem agência – assim como o carro, a bicicleta e o ski. Como sugere Ingold (2000:320), “ferramentas são como palavras: elas mediam relações entre sujeitos humanos e agências não humanas igualmente intencionais, com os quais eles se percebem envolvidos”.

À parte os trabalhos supracitados de Kemp (1999), Kuhl (2011) e Tester (2010), bem como a coletânea de Losey, Wishart e Looovers (eds. 2018), os estudos sobre cães de trenó afloram, desde o século passado, nos campos da medicina veterinária (Cantor 1997; Davis 2003; Hinchcliff et al. 2000), biotecnologia (Kemp, Reynolds & Duffy 2005) e genética (Huson et al. 2010, 2012), nos quais prepondera essa ideia de raças de cães de trabalho geneticamente determinadas para o desempenho de tarefas específicas, como o pastoreio e a prática do trenó:

Os cães que estudamos eram cães de trenó, cães de guarda e cães pastores. Cada um deles foi selecionado para desempenhar tarefas diferentes. A observação detalhada dessas tarefas pode fornecer informações sobre a derivação do comportamento específico de cada raça (Coppinger & Schneider 2017:22).

E mais:

Os cães de trenó de corrida modernos são uma boa ilustração de como cães de trabalho são selecionados e como uma raça é criada. As primeiras corridas de cães foram testes recreativos da proeza de cães trabalhadores e puxadores de carga e dos manejadores que transportavam pessoas, carga e correio nas fronteiras nevadas da América do Norte e da Ásia. Estes testes rapidamente evoluíram para corridas de velocidade e os cães passaram a ser selecionados para tal (Coppinger & Schneider 2017:22).

De lesões gástricas (Davis 2003), mudanças no sangue (Querengaesser, Iben & Leibetseder 1994) a “estresse oxidante” (Hinchcliff et al. 2000) e estudos sobre o plasma de cães de trenó (Kemp, Reynolds & Duffy 2005), a ideia central é a de que estes animais foram criados seletivamente para desempenhar tarefas específicas (Phillips, Coppinger & Schimel 1981:135) – no caso, tracionar um trenó. Ademais, como já afirmado nesta dissertação, “o Husky Alaskano foi criado especificamente para o desempenho de resistência e é extremamente resistente” (Miller et al. 2014:1502).

Mas o determinismo genético nos estudos e práticas com animais não é nenhuma novidade. Ao contrário do que acontece na “cultura”, falar sobre comportamentos geneticamente predeterminados na “natureza” não é ética nem moralmente condenável: apesar de toda uma “mobilização” de diversos setores da sociedade, que mais ou menos partilham da ideia de “animais como sujeitos, indivíduos, seres sencientes”, no mundo

moderno, ao fim e ao cabo, animais continuam sendo natureza e, portanto, sujeitos às práticas e técnicas humanas, tais como a seleção artificial e a reprodução controlada. E, curiosamente, nesse sentido, como híbridos natural-culturais (Latour 2013) ou como naturezasculturas (Haraway 2008), os cães de trenó, bem como outros animais em outros contextos, acabam constituindo-se mais de cultura que de natureza: devem o que são, devem sua “natureza”, principalmente, ao que lhe é outorgado pelo humano.

Mas, mais curioso ainda, não são vistos assim, uma vez que são, de acordo com os *mushers*, “naturalmente” propensos a correr e a puxar um trenó – aliás, esses cães parecem ser naturalmente “feitos” para tracionar, uma vez que emergem, desde sempre, puxando um trenó. São perfeitos híbridos naturalculturais, pois, na sua origem, parece que natureza e cultura não se distinguem: eles já surgem acoplados aos trenós. É deveras interessante esta espécie de “mito de origem” dessas raças; as mais “ancestrais” parecem ser as mais adaptadas a uma ação desenhada por seres humanos.

Certos domínios da ciência, inclusive, atribuem ao humano o aparecimento de novas espécies, como o “coywolf”, uma mistura de coiote, lobo e cão doméstico que surgiu na região sul do Canadá há aproximadamente dois séculos e que, hoje, somam mais de um milhão de indivíduos nos Estados Unidos¹¹⁴. De acordo com a reportagem na revista *The Economist*, os lobos, após a drástica redução de sua população por conta de um conjunto de “fatores humanos”, viram-se forçados pelas circunstâncias (humanas) a cruzar com indivíduos das outras espécies:

A derrubada de florestas para a agricultura, juntamente com a perseguição deliberada que os lobos frequentemente sofrem pelas mãos do homem, tornaram a vida difícil para as espécies. Porém, o mesmo desmatamento permitiu que os coiotes se espalhassem, a partir

¹¹⁴ Disponível em: <<https://www.economist.com/science-and-technology/2015/10/31/greater-than-the-sum-of-its-parts>>. Acesso em: 28/01/2018.

de sua terra natal, pelas áreas até então exclusivas dos lobos e trouxessem consigo, também, os cães que acompanhavam os agricultores.

Mesmo em uma “reprodução descontrolada”, como o cruzamento entre espécies, o fator humano se faz presente e continua determinando o comportamento animal a partir de sua genética, de sua “natureza”: graças a nós, o híbrido *coywolf* “reúne características das partes. Os lobos preferem caçar em florestas, os coiotes, em campos abertos. O cruzamento resultou num animal adaptado a perseguir suas presas tanto em áreas desmatadas como em matas fechadas”¹¹⁵. Como diz o título da matéria no *The Economist*, “maior que a soma de suas partes” (“greater than the sum of its parts”).

Como sugere Haraway (2003), é a partir da convivência entre as espécies companheiras que devemos buscar pensar o biopoder, a biossocialidade e a tecnociência no mundo. Por conta de sua íntima relação com cães e competições de agilidade canina, as reflexões de Haraway afluem especialmente para os cães e as relações que nós, humanos, tecemos com eles, e faz isso a partir de sua noção de espécies companheiras. Mas, para além dos cães, seus argumentos (Haraway 2003, 2008) dizem respeito às conexões entre as espécies: são, sobretudo, sobre ultrapassar o excepcionalismo humano e considerar a tecnologia como uma parte das nossas relações com outros humanos e não humanos.

No contexto desta dissertação, a tecnologia sobre a qual fala Haraway acontece a céu aberto: a centralidade da genética canina nos discursos dos *mushers* e os resultados empíricos dessa tecnologia na reprodução controlada dos animais diferem das tecnologias genéticas de laboratório – note-se, no entanto, que são igualmente

¹¹⁵ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/hibrido-de-coiote-lobo-cao-avanca-nos-eua-17972645>>. Acesso em: 28/01/2018.

complexas e eficientes. Apesar de os discursos e princípios serem basicamente os mesmos, nos *criaderos* as experiências se respaldam na observação – no “talento observado” (“observed talent”) (Coppinger & Schneider 2017:24) – e no convívio com os animais, e não em pesquisas laboratoriais – apesar de a linguagem, a *framework*, serem a do laboratório (de genética). Isso também foi notado por Leal (2018:39) com os criadores e criações bovinas no Brasil: “(...) em zootecnia eram os práticos – criadores – quem abriam caminhos para os teóricos. As fazendas, deste modo, eram os maiores laboratórios dos zootecnistas”. Além disso, apesar de os *mushers* almejavam por um ambiente controlado e fechado, tal qual um laboratório, na prática isso não acontece: a título de exemplo extremo, tome-se o episódio de abuso e crueldade em *Valle de Lobos*.

Mas, mesmo que abandono e maus-tratos não façam parte da equação, mesmo que não haja uma reprodução “descontrolada”, que fêmeas e machos não convivam juntos e sem restrição alguma, o controle humano sobre a procriação canina nem sempre é logrado: em *Siberianos*, por exemplo, certa feita um *perro salvaje* que perambulava pelas bandas conseguiu transpor os limites dos canis fechados e cruzou com uma Alaskana no cio – e os dois filhotes, hoje já adultos, trabalham na prática do trenó, mesmo sendo fruto de um cruzamento indesejado:

Aquí cuidamos mucho de las hembras em el celo. Ellas quedan atrapadas, separadas de los otros perros, para que no haya ninguna cruce indeseada. Y siempre cruzamos una hembra solamente con un macho, nunca con más de uno. Esto es una cuestión de ética, pero sé de muchos lugares que lo hacen. Aquí ya ocurrió un accidente, hace unos años un perro salvaje logró saltar por la cerca del perrero y cruzó con una de nuestras Alaskanas. Bigote es uno de los cachorros, y tira el trineo muy bien (Hugo, ago. 2018).

Ao contrário do que costuma acontecer entre cães de estimação, aos quais “atribuímos (...) uma homogeneidade própria de uma programação biológica essencial, cujas pequenas diferenças resultam (...) [de] pequenas possibilidades de arranjos e rearranjos genéticos” (Segata, 2011:92), os cães que puxam trenó parecem ser o oposto, apesar de, em princípio, a lógica ser a mesma. De acordo com Hugo, a principal diferença entre um cão doméstico e um cão de trenó é a genética e, quanto mais “aberta” e diversificada for essa genética, melhor, uma vez que esses cães têm de encerrar características específicas (como força, velocidade e resistência) para desempenhar seu trabalho no trenó acertadamente, e obtêm-se tais características a partir, principalmente, de cruzamentos entre raças diferentes – como, por exemplo, entre uma Alaskana e um Greyster (volto ao assunto mais adiante).

Disse-me Leo que a estética dos cães não tem importância – no entanto, isso não é completamente verdade, e retorno ao tema na próxima seção. Conforme os *mushers*, o que importa são as qualidades físicas e psicológicas dos cães, “su genética”. A aparência física dos cães, nesse sentido, remete aos muitos cruzamentos diferentes ao longo das gerações. É difícil encontrar Huskies Alaskanos que se pareçam uns com os outros, diferente do que costuma acontecer entre os Huskies Siberianos, que são extremamente parecidos. Mesmo cães que são irmãos são muito diferentes entre si, e mesmo de seus pais:

Estos dos peros son hermanos. Rupert es estéticamente considerado hermoso, tiene un pelaje hermoso, tiene ojos hermosos, pero es perezoso y tonto, no sabe muy bien lo que está haciendo en el trineo. Lion es inteligente y rápido, es un buen tirador. Pero es estéticamente considerado feo, sin gracia. Lion tiene la genética de sus padres, que también son muy buenos en el trineo. Rupert, no (Leo, out. 2018).



Foto 79 - Ao centro, Rupert, Alaskano com pelagem "incomum", preta e branca. A seu lado, Lion, seu irmão, com pelagem "comum" (para um Alaskano). Acervo da pesquisadora.

Assim, o que os criadores de raças caninas com pedigree fazem para lograr cães esteticamente padronizados e em acordo com as normas da cinofilia, os *mushers* nos *criaderos* fazem, inversamente, para lograr cães com comportamentos específicos para a prática do trenó. De acordo com Leo, para um cruzamento, observa-se até mesmo a forma como os cães respiram: os cães precisam saber respirar e “los Alaskanos respiran mejor que los Siberianos, fueron genéticamente seleccionados para durante mucho tiempo para esto”. Os primeiros “fecham” a genética, de forma a criar e manter intacto um padrão estético; os últimos a “abrem”: há, neste contexto, uma tensão entre “raceamento” e especialização, uma vez que os melhores cães de trenó são aqueles com a genética “mais aberta”, ou seja, os mais “geneticamente misturados”¹¹⁶.

¹¹⁶ Sobre a reprodução do gado Zebu, Leal (2018) apontou para o uso da tecnologia do *inbreeding*, “(uso de um mesmo reprodutor em acasalamentos com suas descendentes diretas, filhas, netas e bisnetas a fim de conservar e transmitir o sangue ao longo das gerações) e a organização de livros de registro genealógico, os Pedigrees” (Leal 2018:31), como técnicas de manutenção e “purificação” do sangue dos animais. Sobre o gado Pé-Duro, por outro lado, Leal ressalta a “(...) importância do ‘saber-fazer’ das práticas agropecuárias *rústicas* dos sertanejos que tornaram esse gado como tal” (Leal 2018:45, *italico* no original).



Foto 80 - O Husky Alaskano e sua genética "aberta". Acervo da pesquisadora.



Foto 81 - O Husky Siberiano e sua "ancestralidade lupina". Acervo da pesquisadora.

Tundra, por exemplo, é uma Alaskana que Hugo considera geneticamente “boa” para a procriação:

Por ejemplo, Tundra. Tundra es una perra muy fuerte, es muy sana, muy alegre, ella sobresale por su capacidad de resistencia. Entonces ella, cuando tiene un celo, tendremos que elegir un macho. Pero estoy pensando que puede ser uno de aquí, porque acá hay seis machos buenos, me gusta Lobito, me gusta Picante, me gusta Lion, pero también me gusta Plomo, pero también me gusta Kremlin. Entonces es un tema, yo tengo que ver cuándo se va poner en celo, y yo tengo que decidir con quién cruzarla. Pero también fui a un otro centro invernal, a Llanos del Castor, de visita, a la noche, y me gustó un perro de ellos, un *Greyster*¹¹⁷, uno me gustó, y está bueno cruzar a esta hembra con este perro, así la genética se abre (Hugo, set. 2018).

Tundra é uma Alaskana de cinco anos que já foi mãe. Em *Siberianos*, afora as fêmeas “boas”¹¹⁸, como Tundra, todas as outras são esterilizadas – o mesmo vale para os machos¹¹⁹. Em meados de setembro, Hugo me disse que ela logo entraria no cio, e que ele estava já há algum tempo pensando com que macho iria cruzá-la – há seis machos “bons” (com boa genética¹²⁰) no *Criadero*, mas o que Hugo realmente queria era cruzar Tundra com Tanque, um cão *Greyster* do centro invernal *Llanos del Castor*. Enquanto que Alaskanos podem alcançar os quarenta quilômetros por hora, um *Greyster* pode chegar aos quarenta e cinco.

¹¹⁷ Raça criada na Noruega para a prática do trenó, uma mistura de Husky Alaskano com Greyhound.

¹¹⁸ De acordo com Hugo, as fêmeas “boas” são, quase sempre, as que ocupam as posições de guia nos trenós.

¹¹⁹ Hribal (2003:449-450), sobre cavalos de trabalho, afirmou o seguinte: a castração “not only deprived reproductive abilities but, as advocates always stressed, impaired the strength and force of ‘troublesome’ workers”. Em *Siberianos*, muitos dos cães (principalmente machos) eram castrados (não somente, mas também) por conta de sua “agressividade”, “agitação” e “busca por problemas”.

¹²⁰ Um cão que tem “boa genética” é aquele que tem resistência, força, atenção e outras características desejáveis para o desempenho da prática do trenó.



Foto 82 - Tundra, a Alaskana com genética "boa". Acervo da pesquisadora.

De acordo com Hugo, apesar de serem mais velozes, fortes e resistentes que os Alaskanos, os Greysters são cães de pelo curto e não têm subpelos, e, portanto, têm menos resistência às baixas temperaturas. Mas, como me afirmou, “a veces me gusta cruzar mis perros con los de otros criaderos para abrir una familia genética”: ele tencionava, com o cruzamento entre Tundra e Tanque, produzir cães com subpelos, atitude e inteligência (genética Alaskana), por um lado, e maiores, com mais estrutura e mais resistência (genética Greyster), por outro. Saúde, atitude, estrutura e resistência são as principais características observadas por Hugo, quando vai cruzar seus cães:

Busco estas cruzas por tres motivos. Primero, para que la práctica del trineo no muera. Segundo, para que los perros de trineo no dejen de existir en Patagonia, como ocurrió con los perros polares argentinos¹²¹. Y, tercero, para abrir la genética. Pero en primer lugar

¹²¹ Estabelece-se, portanto, uma relação entre o Perro Polar Argentino e os cães de trenó: é como se uns fossem a continuidade dos outros, de certo modo.

los perros tienen que tener salud, eso es lo más importante. Quiero hacer cruces que abran la genética, pero que preserven y mejoren la salud de los nobles [dos cães] (Hugo, set. 2018).



Foto 83 - Um cão Greyster de *Llanos del Castor*. Fonte: *Llanos del Castor*.

Se o cruzamento entre Tundra e Tanque tivesse logrado, e se houvessem nascido duas ou três fêmeas “boas”, Hugo poderia ter, posteriormente, cruzado essas fêmeas com seus cães e, conseqüentemente, poderia abrir ainda mais a genética de seu *Criadero*. Mas o cruzamento não aconteceu. Sobre os cruzamentos entre dois *criaderos* diferentes, Hugo me afirmou ser necessário haver interesse de ambas as partes. De acordo com ele, nunca teve boas relações com os *mushers* de *Valle de Lobos* e os cães de *Tierra Mayor* não tem um bom “carácter” (são muito agressivos uns com os outros).

No caso de *Llanos del Castor*, faltou interesse por parte do proprietário: conforme a “ética” dos criadores de cães, o dono do macho tem direito a escolher apenas um filhote, e, em troca da cruz, pode ou não exigir alguma outra remuneração; é feita uma negociação. Conforme já indicado acima, sobre essa “ética” Hugo também

me declarou que não gostava de cruzar uma fêmea com mais de um macho, pois era “una cuestión ética”, algo que não se deve fazer na criação de cães, mas que, apesar disso, alguns *criaderos* o faziam. Já em minhas últimas semanas em campo fiquei sabendo por um dos *mushers*, por acaso e fortuitamente, que haviam cruzado Mirka, uma Alaskana, com dois cães diferentes, e que isso havia acontecido para que os filhotes nascessem mais “diversificados” geneticamente. Hugo, então, apesar de, em princípio, defender – e o defende categoricamente – uma “ética”, um conjunto de regras morais (humanas) que devem ser seguidas para a preservação do “bem estar” dos animais, na prática justapõe a tudo isso a genética e a prática do *trenó* e, conseqüentemente, o viés econômico produzido pelo *mushing* no turismo.

As falas dos *mushers* eram, em geral, sempre biologicamente enviesadas. A genética, ali, pareceu-me ser a essência de como se pensa a prática canina do *trenó*. Quando perguntava sobre os cães e como eles apreendiam o ato de puxar um *trenó*, ouvia, frequentemente, que “es su naturaleza”, “es su genética”. Em contrapartida, é curioso que nos *criaderos*, especialmente em *Siberianos de Fuego*, ao mesmo tempo em que os *mushers* manipulam geneticamente seus cães através da procriação controlada, eles prezam pela “pureza” dos cães do Ártico, como o Husky Siberiano, e reprovam, em certa medida, as hibridizações que eles mesmos produzem. Como já mencionado, contou-me Hugo que gosta de trabalhar com o “perro nórdico” porque ele é a essência – as outras raças foram inventadas pelo homem –, além do que, no “pasado originario” os cruzamentos eram “naturais”, não havia qualquer tipo de controle ou interferência humanos¹²². Jorge também me disse algo parecido: para ele, os cães (dentre eles os próprios Huskies Alaskanos) perderam a sua “essência”.

¹²² Curiosa essa “salada” de ideias: para os *mushers*, por um lado, os cruzamentos dos cães no “pasado originario” eram “naturais” e sem controle humano (e isso era algo “bom”, que resguardava a “essência”

Mas qual cachorro não foi o homem que inventou? Ou não foi inventado junto com o homem, coevoluindo (Haraway 2003, 2008; Menache 1998)? Haraway é, claramente, resistente à ideia de que animais são apenas capazes de reagir ou responder a estímulos – e, portanto, desprovidos de um status moral e de uma história. E isso vale tanto para o uso de animais em pesquisas de laboratório e sua reprodução controlada (incluídas aqui as tecnologias de clonagem) quanto para as técnicas de adestramento canino (sobre as quais ela tem um vasto conhecimento), para a caça e para os treinamentos de animais em zoológicos. O conceito de espécies companheiras, então, é sobre coconstituição, responsabilidade e prática. É sobre essa noção de agência como resistência que trato a seguir.

Para os *mushers*, a agência dos cães na prática do trenó se manifesta especialmente nos momentos em que estes se negam a puxá-lo. Quando, por outro lado, demonstram querer, quando “quieren ser elegidos” e ficam latindo, pulando, saltitantes e “contentos”, o principal argumento dos *mushers* é que “son perros que ancestralmente, geneticamente, instintivamente, originariamente, aman correr” – a explicação é “genética”, conforme já exposto nesta dissertação. Em *Siberianos*, os cães latem, pulam, uivam e ficam constantemente agitados: perguntei a Hernan o porquê de isso acontecer, e ele me afirmou que fazem isso pois todos querem sair, todos querem ser escolhidos. Jorge, por outro lado, disse-me que “los perros tienen ganas [vontade própria], y, a veces, no quieren tirar el trineo, y eso debe ser respectado”.

Duas situações que se repetiram copiosamente em *Siberianos de Fuego* ao longo de minha permanência em campo me chamaram a atenção. Na primeira delas, um cão

dos animais); por outro, os cruzamentos “descontrolados” em *Valle de Lobos* constituíram irresponsabilidade e maus-tratos (erros humanos que devem ser punidos). Gostaria de deixar claro que de maneira alguma estou defendendo o que sucedeu em *Valle de Lobos*: muito pelo contrário. Minha intenção, aqui, é somente apontar para algumas das ambiguidades e confusões que os *mushers*, sem perceber, carregam em seus discursos.

foi solto e, sabendo que havia sido escolhido para puxar o trenó, correu em direção a ele, e esperou o *musher* colocar-lhe o arnés¹²³; na segunda, o cão foi solto de sua casinha e explicitamente não queria puxar o trenó, uma vez que não saía do lugar e deitava-se no chão, de forma a dificultar o trabalho do *musher* de levá-lo até o trenó e atrelá-lo¹²⁴. Para os *mushers*, os cães participam ativamente da relação porque querem ou não puxar o trenó; por um lado, a agência vem da genética e, por outro, a agência vem de uma resistência, de uma reação a um estímulo – e, como apontado por Haraway (2003, 2008), reagir é algo muito diferente de agir:



Nosotros solamente elegimos genéticamente animales que ancestralmente han corrido. Tenemos los siberian husky y los alaskan husky. La diferencia es que el siberian husky es un puro, una raza reconocida mundialmente, y el alaskan es una mistura, un mestizo, que se logró para ganar velocidad (Hugo, ago. 2018).

Para mí, los mejores [cães] son aquellos que no obedecen. Un perro que hace todo bien, que te obedece siempre, no es el mejor. Me gusta mucho los perros desobedientes, que tienen ganas (Hugo, set. 2018).

Con respecto a las cruzas, buscase los perros que tengan las cualidades para que en el menor tiempo posible, tengas un buen

¹²³ Ler código QR abaixo (esquerda) para ter acesso ao vídeo.

¹²⁴ Ler código QR abaixo (direita) para ter acesso ao vídeo.

equipo. No son todos iguales, hay una grande diversidad de características [físicas]. Pero también tienen diferentes comportamientos, y la persona del *musher*, su objetivo, es armar un equipo para que corran. Es como un director técnico que tiene, muchas veces, enfrentarse con perros que no quieren tirar. Los perros tienen ganas y por esto a veces no quieren tirar (Leo, ago. 2018).

Hugo, certo dia, afirmou-me que as fêmeas têm filhotes apenas no verão (os cruzamentos, então, costumam acontecer entre novembro e dezembro) porque “debe ser traumático querer, al mismo tiempo, estar con sus cachorros y tirar el trineo”. No contexto em que se insere esta dissertação, até a biologia dos cães é definida, pelos *mushers*, pelo trabalho ou pelo querer trabalhar¹²⁵. Apesar disso, sugiro aqui que o olhar relativamente biológico dos *mushers* sobre os animais, bem como a manipulação humana nos cruzamentos, não retira desses cães a sua agência. As práticas caninas e humanas, e mesmo os discursos dos *mushers*, por vezes, apontam nesse sentido: eles dedicam-se ao percurso, eles desejam puxar o trenó, eles são hábeis. Como já afirmado por Haraway (2003), cães não mudam apenas biologicamente, assim como humanos não mudam apenas culturalmente.

No *Encuentro Musher*, quando os cães de Hugo *escolheram* alterar a rota, isso não diz respeito apenas a seu erro na ocasião em que escolheu os cães que participariam da corrida, no momento em que deveria “interpretar os comportamentos caninos”, de forma a montar a “melhor” equipe. Não. A escolha dos animais em tomar outro caminho foi uma escolha independente, e, mesmo atribuindo a culpa inteiramente para si, Hugo reconheceu, quando me disse “os cães escolheram”, que houve uma tomada de

¹²⁵ Como sugeriu Coulter (2016:64), o trabalho das mães animais (no caso desta dissertação, caninas) pode, em certo sentido, assegurar “(...) future generations of workers for a capitalist system as human social reproductive labor does”.

decisão – uma escolha, e não uma ação de resistência ou desobediência – exclusivamente canina. Nesse sentido, sugiro neste contexto que a agência, na prática do trenó, tem de ser pensada sempre como uma agência distribuída, e não localizada. No entanto, há uma ambiguidade aqui: como os cães manifestam ações “ancestrais” e são “eleitos” ou “feitos geneticamente”? As narrativas aqui parecem combinar natureza e cultura de um modo singular: esses cães são natureza e cultura ao mesmo tempo, e os *mushers* aparentam operar com esta ambiguidade discursiva sem perceber, ou sem se importar com ela.



Foto 84 - Leo e seus cães retornando de um passeio. Na prática do trenó, cães e humanos trabalham juntos. Acervo da pesquisadora.

Por mais que, nas relações semióticas entre *mushers* e cães de trenó, alegadamente prevaleça o discurso convicto de que estes são o que são, fazem o que fazem e agem da forma que agem (ou reagem) por conta do que lhes é conferido pelo humano, nas relações práticas parece imperar certa controvérsia. A convicção dos *mushers* a respeito dessa “natureza” canina previamente (e humanamente) estabelecida dá lugar, muitas vezes, ao reconhecimento de uma agência despegada dessas ideias de que os cães são genética e inerentemente puxadores de trenó e de que simplesmente reagem a estímulos externos (humanos) – de que, em síntese, são seres despojados de um status agentivo. Os cães *amam*, *escolhem*, são ou não são *hábeis* na prática do trenó, *se traumatizam* e *causam* conflitos – e, principalmente, *fazem* os humanos pensarem, por exemplo, em quais cães formariam a melhor equipe de corrida. Anderson et al. (2017) e Loovers, Losey e Wishart (2018:286), para os contextos específicos no Hemisfério Norte, se perguntaram se “seria mesmo possível manter contrastes rígidos, caracterizando a domesticação ou como dominação ou como [processo] mútuo”. Faço a mesma pergunta aqui, no contexto dos cães de trenó na Terra do Fogo: entre cães de trenó e humanos, controle/dominação e coevolução/simbiose, ambos, fazem parte da equação.

Cabe aqui uma autorreflexão: não fazemos o mesmo com nossos animais de estimação? Não remetemos, muitas vezes, sua personalidade e comportamento – como preguiça, teimosia, bondade e ciúme – à sua raça (ou à falta dela) – e, portanto, à genética? Vira-latas não são os melhores cães por serem os mais “bonzinhos” e “carinhosos” porque não têm raça definida? E Basset Hounds não são todos teimosos e com “personalidade difícil”, simplesmente pelo fato de serem Basset Hounds? Ao mesmo tempo em que lhes reconhecemos um “caráter”, uma personalidade muito singular, não raramente nossos discursos se pautam pela ideia de que “tal

comportamento advém da raça” – e, portanto, dos genes. Convivo com um Basset Hound e já me surpreendi, e ainda me surpreendo frequentemente, reproduzindo tais percepções.



Foto 85 - Vicente, o Basset Hound teimoso, preguiçoso e temperamental. Acervo da pesquisadora.

Depois de ponderar sobre as relações entre *mushers* e cães de trenó, passemos aos turistas – que também têm muito a nos dizer. Contrariamente ao que foi explorado até o momento nesta dissertação, turistas e cães de trenó relacionam-se de maneira diversa – simetricamente inversa, quem sabe: por um lado, vigora o valor e o gosto estéticos; por outro, o discurso do “cão de trenó é ancestralmente cão de trabalho” dá lugar, entre os turistas, à prédica “cães não são cavalos, não nasceram para trabalhar” (como se cavalos tivessem, estes sim, nascido para trabalhar). Destarte, vamos à próxima seção.

3.3 – A prática no turismo, para o mercado, e os turistas: sobre valor de encontro e capital vivo.

Acá [Sala Antártica] hay un poquito de historia de estos perros [das expedições antárticas] que lamentablemente nadie habla, y todo mundo hay hablado de los expedicionarios, de los conquistadores, y si habla casi nada de los perros polares. Así que acá hacemos un poquito de reconocimiento de estos perros. (...) Los alaskan huskies llegaron con los competidores extranjeros, los norteamericanos y los franceses. El alaskan husky es una cruce, es un perro de genética muy interesante. Un siberian husky puede correr hasta veinte quilômetros, en cambio un alaskan husky puede ir hasta veinte y cinco, treinta quilômetros de velocidad. Por esto es utilizada esta especie canina en las competencias. Aquí nosotros hacemos una valorización de los perros, es gracias a ellos que nosotros podemos, por ejemplo, conocerlos ustedes. (...) Nosotros no entrenamos perros, nosotros lo que hacemos, manejamos la genética de animales que instintivamente quieren correr. Hacemos un trabajo de observación para ver cuáles son más atentos y cuáles son más dispersos. Los que son más dispersos van a ir atrás y los que son atentos van como perros líderes. (...) Así que en verano tenemos un carro y también hacemos salidas con grupos de veinte, treinta perros sueltos por el valle. Los perros siguen disfrutando todo el año, el lugar, el turbal, el valle y el bosque. Esta es la finalidad. Es por esto que los perros tienen una actitud y una autoestima muy linda (Hugo, ago. 2018).

Durante minha permanência em campo, grandes grupos de turistas chegavam diariamente em *Siberianos*, sempre por volta das dez horas da manhã. Em média, eram grupos de dez a quinze pessoas cada – que, não raro, se somavam em mais de cinquenta turistas, das mais diversas nacionalidades. Assim que chegavam ao *Criadero*, eram todos encaminhados à sala administrativa para que pagassem pelos passeios (1300 pesos por adulto, 900 pesos por criança de até 12 anos) e escutassem um breve discurso de Hugo (ver, na epígrafe desta seção acima, a transcrição parcial de um deles).



Foto 86 - Hugo com dois filhotes na Sala Antártica, 2016. Fonte: *Siberianos de Fuego*.

Por mais que, entre uns e outros, os discursos diários de Hugo apresentassem pequenas variações, os temas eram sempre os mesmos e seguiam certa ordem. Primeiro, os cães de trenó dos “pueblos originarios” – que não são originários da Terra do Fogo ou da Argentina, recordemos – ou dos primeiros expedicionários antárticos; em seguida, os Perros Polares Argentinos; logo após, os Huskies Alaskanos e sua “genética interessante”; e, por fim, o desenrolar da prática no *Criadero* e o fato de que, ali, “no se entrenan los perros”, a não ser com genética. Em suas pequenas conferências, Hugo ufanava constantemente os turistas, enaltecendo-os por serem os principais “patrocinadores” e viabilizadores da prática turística do trenó em Ushuaia. Como me disse ele, “quanto mais gente aparecer, melhor, é mais dinheiro para os cães”. Além disso, a própria manipulação genética dos animais e o fato de que aqueles são cães que “ancestralmente amam correr” e que, portanto, não carecem de treinamento para puxar

um trenó, são argumentos que, em seus pronunciamentos para os turistas, são dotados de um sentido propagandístico.

No entanto, a prática do trenó no turismo, para além de ser uma atividade comercial – e ela o é, evidentemente; tome-se o que sucedeu em *Valle de Lobos* – também se configura como uma prática que tem um “valor de encontro” que ultrapassa a dimensão econômica. Conforme Leo, o turismo é uma forma de viabilizar a prática do trenó, uma vez que é preciso dinheiro (e muito) para a própria manutenção dos animais – como já mencionado, os cães consomem de uma a uma tonelada e meia de alimento seco por mês:

Los perros demandan, además de tiempo y atención, dinero. Tiene que ver la comida para ellos, los accesorios, el lugar, todo preparado. Entonces se necesita de dinero. Si tuviera un gran sponsor, que diga “yo le doy toda la comida, yo le compro los accesorios y todo más”, se podría hacer más carreras. Pero por el momento, la actividad turística es lo que tiene aquí lo más esencial para el mantenimiento y progreso del lugar (Leo, ago. 2018).

Ouvi algo similar em *Valle de Lobos*. De acordo com Marlene, sem o turismo não é possível manter os cães de trenó – mas, disse-me ela que as práticas e relações com os cães vão muito além:

Si el perro de verdad disfruta, vos ve que está contento, que disfruta. Ahora si el perro no tiene animo a salir, no quiere. Y no lo veo turístico [a prática do trenó] porque es lo que les da de comer, porque si no sacan gente, no comen. Es más allá de eso, de lo que es turismo o no. No es turístico “turístico”, de esto depende la vida de los perros, la visión que tienen los administradores es muy diferente de la visión de los mushers (Marlene, ago. 2018).

Curioso que os cães, de fato, comem por causa do turismo, mas foram trazidos até aqui por qual outra razão senão a própria atividade turística? Há um sentido de naturalização aqui, como se os cães não tivessem sido deslocados até a região. Conforme já apontado nesta dissertação, os cães de trenó chegaram a Ushuaia em meados da década de 1990; de acordo com Hugo, foram levados até ali por competidores norte-americanos e franceses que, posteriormente, foram embora e deixaram seus cães (alguns, pelo menos) nos centros inverniais. Mesmo que, a princípio, a finalidade tenha sido desportiva, os animais somente permaneceram (e procriaram) na Terra do Fogo por conta de um interesse turístico e, portanto, econômico.

A prática turística do trenó, então, além de ser a principal atividade econômica daqueles que trabalham no setor, é a maneira pela qual essas mesmas pessoas conseguem manter os animais (e, por consequência, a própria prática), e fazem isso porque gostam e desejam preservar o *mushing* em Ushuaia. Por outro lado, a opinião dos turistas é algo de extremo valor para os *mushers* – especialmente para Hugo, que é o proprietário do *Criadero*: estão sempre perguntando para os turistas se gostaram do passeio, se estão felizes com a experiência e se tudo correu bem.

Os cães de trenó, de fato, em certos contextos e momentos, são commodities, “lively capital”, e têm valor comercial. Huskies Alaskanos “profissionais”, por exemplo, chegam a custar mais de quinze mil dólares; além disso, Hugo me contou que já comprou Huskies Siberianos “bons” em Buenos Aires, e que eles custaram por volta de vinte a quarenta mil pesos cada um – por outro lado, também me disse que tem um cão no *Criadero* que tem um “gran pedigrí, ya ha ganado premios, pero no tira [um trenó] una mierda”. Conforme sugerido por Haraway, “na carne e no signo, cães *são* commodities de um tipo central para a história do capitalismo” (Haraway 2008:52, *itálico no original*). Em Ushuaia, no entanto, esse valor comercial dos cães não é algo

patente; o que “custa”, o que tem valor comercial, é, principalmente, o trabalho canino – é o passeio turístico per se:

Como los pueblos originarios, nosotros también tenemos el trineo como forma de supervivencia. No llevamos comida, carga, ni dependemos de ellos para la locomoción. Pero llevamos turistas (Hugo, set. 2018).

Miguel também me disse algo deveras interessante a respeito da prática turística do trenó:

Creo que la diferencia más considerable entre el plano deportivo y el turístico se manifiesta en la atención del musher. Cuando trabajamos con turistas la atención nuestra se divide entre ellos, prestar un buen servicio, informativo, seguro y entretenido, y los perros. En lo deportivo el foco es cien por cien musher/perros (Miguel, set. 2018).

No entanto, coincidentemente ao trabalho, a estética e a aparência de bem estar dos animais também têm seu valor comercial. A disposição dos cães nas casinhas em *Siberianos* me chamou a atenção. Chegando ao *Criadero*, caminha-se em direção à sala da administração por uma pequena trilha; à esquerda, está o chalé e, à direita, fileiras e mais fileiras de cães. Desde minha primeira visita notei que, de imediato, quem entra no *Criadero* se depara somente com Huskies Siberianos. Cheguei até a pensar que Huskies Siberianos e Alaskanos ficavam separados uns dos outros; mas não: as primeiras fileiras de cães são, deliberadamente, compostas sobretudo por Huskies Siberianos, de forma a que estes se destaquem dos demais animais. Além disso, certo dia cheguei ao *Criadero* e constatei que Lalo, um dos filhotes de Husky Siberiano que, em companhia de sua irmã, Nona, ocupava uma das primeiras casinhas, não estava em seu lugar de costume.

Perguntei a Hernan o que havia acontecido, e ele então me disse que Lalo estava passando mal (havia comido muito rápido) e, por conseguinte, havia sido levado da vista dos turistas e preso em uma casinha mais afastada.



Foto 87 - Lalo, à esquerda, e Nona, os jovens irmãos Huskies Siberianos. Acervo da pesquisadora.

Esse episódio, bem como o fato de os Huskies Siberianos ocuparem as “melhores” casinhas do *Criadero*, apontam para certa “commoditização” dos animais. Não há dúvidas de que Hugo trabalha com cães de trenó porque gosta, porque tem um apreço pessoal pela prática; contudo, manter 137 cães exige recursos, e o fluxo de entrada desses recursos depende da quantidade de turistas que visitam o lugar anualmente. Dashper (2014), sobre as relações entre humanos e cavalos de corrida no Reino Unido, sugere que estes assumem, para aqueles, os papéis tanto de parceiros quanto de commodities. As relações, então, estão sempre oscilando, são ambivalentes, e os cavalos ocupam uma posição liminar: nem parceiros, nem commodities, mas algo

entre ambas as categorias. Sugiro que o mesmo acontece com os cães de trenó na prática turística: cães e *mushers*, por um lado, têm de formar uma equipe para que a própria prática do trenó seja possível; mas, adicione-se o turista ao conjunto e a relação de “parceria”, a depender da situação, desloca os animais para a condição de commodities:

(...) há certa preocupação com o bem-estar dos animais, mas apenas na medida em que esse bem-estar contribui para a viabilidade das operações turísticas. Animais saudáveis e em boa forma são, simplesmente, melhores para os negócios.

(...)

Turistas felizes (estar feliz significa não ter que ver animais sem saúde [...]) contribuem com mais dinheiro para a economia (Fennell 2013:326).



Foto 88 - Placa em *Siberianos de Fuego*: "proibido não ser feliz!". Acervo da pesquisadora.



Foto 89 - Placa em Siberianos de Fuego: "zona anti-stress!". Acervo da pesquisadora.

De acordo com Hugo, a “fórmula perfeita” da prática turística do trenó é “perros y turistas necesitan estar felices”. Matias, por outro lado, afirmou que os turistas muitas vezes não se importam com o bem estar dos animais, só desejam fazer os passeios; ou, quando se importam, é no sentido de encarar a prática do trenó como maltrato. Além disso, em entrevista para um periódico argentino, Gato Curuchet atestou o seguinte:

Hoy la sensibilidad de la sociedad es tremenda con el tema de las mascotas¹²⁶ y esta es una actividad que viene castigada desde Estados Unidos y está mal vista.

(...) La actividad de trineo con perros siempre fue castigada porque la gente no quiere que se trabaje con animales.

¹²⁶ Disse-me Miguel certa vez que “el título de perro de trabajo o mascota creo que se relaciona más con la intención del propietario. Todos mis perros tienen la capacidad de vivir tanto como mascota como perro de trabajo. Ellos son perros”.

(...) Creo que con los años esta actividad va a terminar y es muy irónico, porque cuidamos todo lo que no comemos, y con lo que comemos no hay protección animal.

(...) creo que en tres o cuatro años, la actividad va a ser muy leve. Es una lástima, porque se acaba un perro sumamente interesante. Esto [a práctica do trenó] no es un negocio, porque se trabajan dos meses, y hay pasión detrás de esto. Si fuera un negocio tendríamos motos de nieve¹²⁷.

Curuchet concedeu esta entrevista em fins de fevereiro de 2018, e o mote principal eram as denúncias contra *Valle de Lobos*. Ele, além de se retratar pelo ocorrido, também lamenta “perjudicar a los compañeros que tengo en los valles [centros invernales]”. Sem olvidar da situação lastimosa em que se encontravam os cães em *Valle de Lobos*, algo na declaração de Curuchet, em cotejo com meus dados de campo, me fez ponderar.

De acordo com ele, “la actividad de trineo con perros siempre fue castigada porque la gente no quiere que se trabaje con animales”. Esse é um discurso que também escutei muitas vezes ao longo de minha permanência em Ushuaia. Para os *mushers*, grande parte dos turistas (e mesmo dos residentes da cidade) considera a prática como um maltrato. Ariel, por exemplo, logo quando nos conhecemos, me afirmou o seguinte:

A mí no me gustan los perros de trineo. El perro no es un caballo, un asno. Para eso el hombre inventó la máquina, la moto de nieve. La práctica del trineo fue importada, los perros *Siberianos* no son de aquí, son actividades importadas. A veces importamos cosas buenas, a veces importamos cosas malas, como el castor (Ariel, ago. 2018).

¹²⁷ Disponível em: <<https://www.diarioprensa.com.ar/me-estoy-cargo-viajo-marzo-remarco-curuchet/>>. Acesso em: 25/08/2018.

Lucho, que antes de trabalhar como fotógrafo visitou o *Criadero* na posição de turista, atestou-me:

Al principio tenía un poco de desconfianza, a mí me gustan mucho los perros, fui voluntario de un lugar donde rescatan perros durante mucho tiempo. Pero después de hacer la vuelta en trineo y ver como los perros disfrutan esta actividad me di cuenta que son perros que nacen para esto. Soy residente de Ushuaia y me interesaba tener la experiencia, lo que más me gusta de ella es ver como los perros disfrutan la actividad y lo importante que es saber complementarse el *musher* con cada perro y saber cuál es su posición en el tiro (Lucho, ago. 2018).

Dos turistas, por sua vez, sempre ouvia frases como “que dó desses cachorros!”, “coitadinhos, trabalham a vida toda!”, “estou pagando para ver o animal sofrer”. Conversando comigo, uma turista brasileira disse que ia andar de trenó com as amigas:

Coitados dos cachorros, ficam presos o dia inteiro. Mas eles são cachorros de neve, né? Esse aqui não é Husky Siberiano, né? É vira-lata? [apontando para Mona, uma Husky Alaskana].

Já que tô aqui vou andar. Eles já tão acostumados com essa vida, nasceram e já ficaram presos¹²⁸. Eles gostam de puxar o trenó porque ficam presos o dia todo né, é o exercício deles. Eles não têm com o que comparar essa vida que levam né? Eles não têm um comparativo, então tá tudo bem pra eles aqui. Tenho dó, mas vou andar de trenó. São todos dóceis, mas é porque são carentes né? (Turista brasileira, out. 2018).

¹²⁸ Novamente, a naturalização dos cães: já nasceram presos e trabalhando. É como se nascer de um jeito justificasse o sofrimento até o fim de suas vidas: talvez o mesmo pensassem os capitalistas ingleses a respeito da classe operária nos séculos XVIII e XIX, para, uma vez mais, recorrer à analogia a mim sugerida por Piero Leirner.

Nessa sequência, um episódio é digno de ser narrado aqui. Certo dia, um grupo de turistas brasileiros (três casais de senhoras e senhores com os seus sessenta, setenta anos) chegou a *Siberianos* para fazer o passeio de trenó. Uma das senhoras, logo que viu os cães, disse em bom tom: “que dó, ficam amarrados dirigindo o trenó o dia inteiro!”. Em seguida, pediu ao marido que tirasse inúmeras fotos dela, sempre sorridente, com os animais, especialmente com os Huskies Siberianos; tirou foto abraçando, beijando e carregando os cães. Essa mesma turista, pouco tempo depois, disse aos seus companheiros de viagem que iria sozinha no trenó “para que os cachorros não sofram tanto [com o peso]”. Quando finalmente foi fazer o passeio, sentou-se no trenó (com mais uma de suas amigas) e começou a gritar: “rápido, rápido! Quero com muita emoção!”. Saíram, então, seu trenó e mais dois (com os outros quatro membros de seu grupo). No retorno do passeio, estavam ela e suas duas amigas no mesmo trenó.

Descrevo este episódio para apontar o seguinte: por mais que os turistas, discursivamente, aparentem “condenar” a prática do trenó e considerá-la um maltrato, na prática essa reprovação dá lugar ao divertimento máximo, ao completo usufruto do serviço pelo qual estão pagando (muito bem). Os cães, que inicialmente “não são, de jeito nenhum, animais de trabalho”, transformam-se em meros artefatos de entretenimento – são parte do passeio, parte do trenó. Essa “objetivação” dos animais é algo tão patente entre aqueles que não trabalham direta ou indiretamente com a prática do trenó que, certa feita, turistas perguntaram a Nico se as mantas de pele (de carneiro) que cobrem os sofás da sala administrativa eram de pele de cachorro. E note-se que essa postura dos turistas também marcava suas relações com os próprios *mushers*, que me diziam, com certa frequência, que os turistas eram arrogantes e que os tratavam muito mal, “con superioridad”. Tais questões serão mais bem desenvolvidas na sequência desta dissertação.

Para mais, algo que muito apareceu nos discursos dos *mushers* e daqueles que também trabalham na prática de maneira indireta, como Lucho e Nico, foi a assertiva de que os turistas, advindos principalmente dos grandes centros urbanos, “humanizam” os cães:

Hay turistas que les gusta, otros que tienen dudas pero al conocer e interiorizarse sobre ella lo entienden, y hay otros que directamente están en contra y no les gustan los perros de trabajo y consideran que todo es maltrato.

Como todo, hay de todo... hay turistas que sienten que es maltrato y nunca van a entender. Pero considero que tiene que ver con una moda de urbanizar y humanizar los perros. No entender en general a los perros de trabajo, es gente que también se opone al trabajo de los perros de campo. ¡Pero también hay turistas que disfrutan! (Lucho, ago. 2018).

Hugo sempre me dizia que humanizar os cães, como fazem com os cães de estimação, com as “mascotas”, é algo negativo. De acordo com ele, as pessoas muitas vezes pensam que empregar os cães na prática do trenó é um maltrato; mas “ellos son perros, esto no es un maltrato, humanizarlos es que es maltrato”. Nico, por sua vez, afirmou-me que maltrato é produzir (geneticamente) um cão que caiba dentro de uma bolsa, como um Pinscher, e deixar os cães gordos, sem saúde. Como me disse ela, “hay gente que dice que ama perros y tiene perros demasiado gordos, y piensan que están bien, eso son malos tratos”:

Desde Chihuahuas do tamanho de minúsculas xícaras de chá, cujos crânios geralmente não têm volume para conter seus cérebros, a enormes Lébreles Irlandeses propensos a doenças cardíacas e inchaços, humanos moldaram cães para atender nossas necessidades particulares e, nesse processo, criaram “monstros”. Humanos e cães viveram lado a lado por milhares de anos antes que os humanos começassem a se

envolver e práticas intensivas de reprodução seletiva (Hobgood-Oster 2014:107).

Como sugeriu Kulick (2009:484), a obesidade, assim como outros problemas humanos, “atravessou a fronteira das espécies” e passou a ser um problema (animal) social:

Atualmente testemunhamos a transformação da obesidade dos animais de estimação de um fenômeno trivial ou preferência estética idiossincrática em um problema social que vem mobilizando os meios de comunicação de massa, a opinião pública e uma ampla variedade de especialistas – e que é tão sério que impele e justifica a intervenção de aparatos do Estado, como os tribunais e a polícia (Kulick 2009:484).

De acordo com Hugo, nas grandes cidades como Buenos Aires e São Paulo, as pessoas compram Huskies Siberianos por conta da estética, sem pensar se os animais vão ou não sofrer por conta do clima; em Piracicaba, por exemplo, cidade localizada no interior do estado de São Paulo, onde nasci e vivi boa parte da vida, já me deparei com muitos Huskies Siberianos, e, no verão, os termômetros batem facilmente os trinta e cinco graus positivos. Isso não constitui maus-tratos? O que, de fato, são maus-tratos? Disse Hugo que Huskies Alaskanos e Siberianos não são (ou não deveriam ser) “mascotas”, uma vez que precisam de muito espaço, exercício, e não podem passar muito tempo sozinhos, pois gostam de viver “en jauría”.

Por que turistas, eventualmente portenhos ou paulistanos, que podem, quiçá, ter como pet um Husky Siberiano, consideram o emprego de cães na tração de trenós um maltrato, por um lado, e não o consideram, por outro, a existência desses mesmos cães, que sofrem como o calor, em cidades quentes? Mesmo entre os fueguinos, que

convivem com a existência da prática do trenó diariamente, há certa controvérsia: para Ariel e Aixa, por exemplo, a atividade é exploração animal. Disse-me Ariel que, antes, em outras circunstâncias, tudo bem: no Alasca, “era até uma necessidade”. Mas, agora, não é mais: cães, ao contrário de burros e cavalos, não são animais de carga, nem “de tiro”. Para ele, cães podem trabalhar em muitas outras atividades, como na terapia, na segurança e no pastoreio; mas não puxando trenós. O que faz com que certos trabalhos sejam considerados exploratórios e outros não? Ademais, quem disse que cavalos e burros são animais de carga, e cães não são?

Nas sociedades modernas, cães são, por excelência, animais de estimação – e, como já indicado por Kulick (2009) e Oliveira (2006), funcionam como importantes marcadores sociais. Para além das necessidades fisiológicas e psicológicas dos animais, predomina o valor denotado à estética. Em campo, frequentemente ouvia turistas exaltando a beleza dos Huskies Siberianos: “esse eu queria pra mim, tem olho azul, olha! Esse é só pra enfeitar [o *Criadero*]”; “tadinho, tão lindo, tá aqui pra trabalhar”; “tira foto desse aqui, é maravilhoso!”; e por aí vai. A estética, para os turistas, é aspecto muito importante. Pude observar, em diversas ocasiões, sua decepção quando descobriam que os trenós não eram puxados somente por Huskies Siberianos. A título de exemplo, certa feita dois rapazes brasileiros, ao se depararem com o trenó que os levaria a passeio (composto predominantemente por Huskies Alaskanos), pediram ingenuamente a Hernan que os cães fossem todos substituídos por Huskies Siberianos. Além disso, algumas (boas) vezes escutei turistas conversando entre si sobre os Huskies Alaskanos, perguntando-se se os animais não eram cães resgatados das ruas de Ushuaia (e, portanto, vira-latas) e treinados ali para puxar trenós, e, até mesmo, se não eram lobos – que, de resto, não existem nesta parte do globo.

Disse-me Leo que os turistas preferem os Huskies Siberianos por conta da estética; “para ellos, los Siberianos son bellos y los Alaskanos, feos”. Mas, ao fim e ao cabo, a estética também é deveras importante para o próprio *Criadero*, para Hugo e para os outros *mushers*. Uma vez que turistas se importam com isso, e são eles os principais “patrocinadores” do lugar e, como disse Leo, da própria prática do trenó, atraí-los com estética é algo corriqueiro e mesmo inevitável.



Foto 90 - Uma das propagandas no *Criadero Siberianos de Fuego*, na qual só aparecem Huskies Siberianos. Acervo da pesquisadora.

Não obstante, Hugo afirmou-me que o fato de os turistas pedirem que seus trenós sejam puxados somente por Huskies Siberianos é um problema causado pelas agências de turismo. De acordo com ele, as agências, para vender mais, ludibriam os

clientes atestando que, nos centros inverniais, os passeios são em trenós puxados apenas pela raça supracitada – e, no entanto, mesmo que Hugo culpe as agências turísticas, notei que as propagandas no próprio *Criadero* (reproduzidas nas fotos abaixo) destacam Huskies Siberianos em detrimento dos Huskies Alaskanos (junte-se a isso o fato já mencionado de os Siberianos ocuparem as casinhas de maior visibilidade).

Como atestado por Teixeira (2016) no circuito da cinofilia, deixo aqui indicado, com base em meus dados etnográficos, que a prática turística do trenó em Ushuaia, mesmo consistindo em atividade substancialmente comercial, se esteia, ao menos em *Siberianos de Fuego*, em uma “economia de afetos”:

A relação dos criadores com os animais parece ser fator determinante e antecessor à cinofilia como um ‘negócio’, emergindo da disposição humana de conviver com esta espécie de uma forma suficientemente envolvente a ponto de tornar-se uma ocupação profissional (Teixeira 2016:112).

Ali, *mushers* e cães se engajam no turismo principalmente porque esta foi a melhor solução encontrada pelos primeiros para que pudessem manter seus cães e, por conseguinte, a própria prática – e o fazem porque gostam. De fato, há, sim, uma “naturalização”: cães de trenó estão ali porque foram levados até ali, bem como o foram a prática, as tecnologias e todo o conhecimento envolvido nela; mas, como me afirmaram os *mushers* em diversos momentos, cães e trenós “já são parte da cultura fueguina”, e “temos que, a todo custo, mantê-los nessa posição”. De mais a mais, para que possamos compreender cães e *mushers* na prática do trenó carecemos prestar atenção no que estes, em conjunto, praticam e constituem nos momentos em que estão manejando e puxando um trenó. Proponho, como Teixeira o fez no contexto de sua pesquisa, que:

O que está em jogo no concurso de beleza canina é menos o animal e mais a *relação* do cão com o seu respectivo humano, pois a figura humana que o acompanha é também parte do que ali está sendo avaliado, em fato, não somente o animal, mas o ‘organismo’ que se forma na união interespecífica. Percebe-se, então, que a relação interespecífica é fulcral no ramo cinófilo, uma vez que todas as práticas ali envolvidas pressupõem a ação de ‘organismos-pessoas’, híbridos como a simbiótica relação entre *handler*, animal e ambiente (Teixeira 2016:111, itálico no original).



Foto 91 - Hernan e seus cães saindo para um passeio. Fotografia de Luciano Campregher.

Gostaria de finalizar esta seção com algumas palavras de Lucho, que nasceu e morou em Ushuaia por muitos anos e, portanto, pôde acompanhar – nas posições de residente, turista e, posteriormente, fotógrafo do *Criadero* – a evolução da prática do trenó na Terra do Fogo:

Es una gran actividad, sería bueno que los niños residentes tengan más acceso a ella, porque en muchas ocasiones los residentes

no conocen la actividad o no la hacen por el precio. Y que ojalá el estado controle a los centros que utilizan perros de trineo para que los tengan en buenas condiciones, tanto por el bien de los perros como por el bien de la actividad en general (Lucho, ago. 2018).

Após refletir sobre os diferentes estatutos que os cães de trenó vêm a assumir da perspectiva dos turistas, bem como, nas seções anteriores, sobre os distintos status dos animais na prática do trenó e as relações coconstituídas entre eles e os *mushers* e entre os próprios animais entre si, chegou o momento de ponderarmos sobre o trabalho animal – que, afinal, foi a categoria analítica suscitada por minha etnografia com os cães de trenó e aqueles humanos envolvidos na prática, e que, portanto, guiou tudo o que foi escrito nesta dissertação até agora. Passemos, então, para as próximas discussões.

3.4 – O animal e o trabalho.

El perro de trabajo se puede clasificar en distintas modalidades. Por ejemplo, un perro pastor. Un perro que es pastor es un perro de trabajo. Y un perro rescatista es un perro de trabajo. Y un perro de búsqueda, de sobrevivientes, de explosivos, de droga, también es un perro de trabajo. El humano tiene un objetivo. Y hasta que el perro tenga un año, tiene que haber una conexión entre el entrenador y ese perro para lograr este objetivo, y lo va seducir con premios [comida]. El perro vaquero [pastor] nace siendo vaquero. Le gusta juntar animales. Instintivamente nace con esa particularidad. Y el perro de trineo es un perro que también es un perro de trabajo, también tiene concebido dentro de su genética, su instinto ancestral, los aborígenes los concibieron para esto, para tirar (Hugo, set. 2018).

Tal e qual na matéria da revista francesa supracitada (página 210), em que se declara que as raças caninas têm características específicas geneticamente herdadas dos lobos, como por exemplo a inclinação “natural” dos cães pastores decorrer do fato de o pastoreio advir originalmente de uma técnica lupina de caça¹²⁹, que foi transmitida geneticamente, Hugo certo dia me afirmou que “así como los perros de trineo sienten la necesidad de correr y tirar, el border collie es un perro que siente la necesidad de agrupar, y es por eso que es un perro pastor tan bueno”.

Nesse mesmo sentido, ouvi de uma conhecida a seguinte história: um de seus familiares morava em um sítio, e ele adotou um cão da raça Blue Heeler (boiadeiro australiano). O cão, que costuma ser bastante utilizado no pastoreio, foi criado como cão de estimação e nunca havia visto ou convivido com outros animais. No entanto, nesse sítio se criavam ovelhas – em grande número. De acordo com minha conhecida, tão

¹²⁹ Interessante notar que uma técnica de caça se transformou em uma técnica de pastoreio herdada geneticamente.

logo avistou as ovelhas o cão correu em sua direção e, como se já soubesse o que tinha de fazer, começou a circulá-las de forma a agrupá-las. E as ovelhas, curiosamente, como se também soubessem o que tinham de fazer, foram se aproximando umas das outras até formarem um grande agrupamento. Ambos os animais agiram como se estas fossem suas “atitudes naturais” – como se soubessem, “instintivamente”, o que tinham de fazer.

De acordo com as narrativas acima, cães de trenó e cães pastores têm, ambos, “características inerentes” que os fazem, respectivamente, puxadores e “agrupadores” naturais. No entanto, o que gostaria de destacar aqui é o fato de que esses cães também são tidos como animais “naturalmente” trabalhadores – como se houvessem, de fato, nascido para trabalhar. Para Hugo e para os outros *mushers*, cães de trenó têm predisposição para correr, e isso se explica geneticamente. Os cães aprendem na prática a puxar um trenó, mas só aprendem porque correr, ir sempre “adelante”, é uma de suas características naturais, instintivas e inerentes:

El trineo también remete los perros a su pasado, pero ellos pueden y les gusta mucho tirar otros objetos, cómo un esquí, una bici o un carro. El trineo es algo milenario, es especial, pero no es el objeto en sí, es la práctica, la acción de correr y tirar, que los encanta. Es su trabajo (Hernan, ago. 2018).

Isso também foi apontado por Kuhl no Hemisfério Norte:

Embora nem sempre tenha sido declarado explicitamente nas entrevistas, ficou claro que *o papel do cão na parceria era trabalhar/puxar*. Essa ideia surgiu quando os participantes explicavam que *os cães de trenó são instintivamente levados a correr, gostam de puxar e são naturalmente puxadores desde o nascimento* (Kuhl 2011:32, itálicos meus).

E sugerido por Coppinger e Schneider:

A capacidade de executar uma tarefa específica está profundamente enraizada na capacidade de treinamento, com a condição de que o animal tenha a estrutura e a disposição a serem treinadas. A palavra “disposição” é usada no sentido de ter, ou não, padrões motores inatos que facilitam ou prejudicam a performance treinável (Coppinger & Schneider 2017:27).

Além disso, é interessante notar também que, quando os *mushers* estão falando sobre a prática do trenó e a forma como ela é “apreendida” pelos cães, por assim dizer, eles sempre se referem, como já apontado ao longo desta dissertação, a um “pasado originario”: para Hugo, ao puxar um trenó, “los perros vuelven a sus orígenes”. E, nesse sentido, essa origem é uma origem já domesticada, uma vez que alude aos primeiros cães que puxavam trenós no Ártico, dos povos Inuítes e siberianos, há milênios: para os *mushers*, a origem desses cães é já puxando um trenó, já trabalhando – e curioso que, ao remeterem os cães de trenó a um “pasado ancestral”, eles também remetem os povos Inuítes e siberianos às “origens” (apagando, no mesmo ato, a história desses grupos nativos do norte e os povos indígenas fueguinos). Ademais, de acordo com eles, o trenó também tem esse mesmo efeito sobre a “memória ancestral” desses animais; da mesma forma que a prática, que o ato de correr e ir “adelante”, o trenó em si mesmo também reporta os cães a esse passado originário, domesticado – é como se os cães, além de já “nascerem para o trabalho”, já nascessem conhecendo o trenó:

El trineo hace parte de este pasado ancestral, porque era y aún es una herramienta de trabajo muy importante y presente en la vida de los pueblos originarios. A los perros les gusta tirar otras cosas también, como bicicletas y esquís, pero a ellos lo que más les gusta es correr, sin duda. Esto es el más importante. Pero vuelven a sus

orígenes con los pueblos esquimos cuando tiran un trineo (Hugo, ago. 2018).

O trabalho animal, apesar de consistir em tema relativamente debatido nas Ciências Humanas (Cf. Barreto 2015; Coulter 2016; Cummins 2009; Haraway 2003, 2008; Hobgood-Oster 2014; Losey, Wishart & Loovers 2010; Morey 2010; Porcher 2014; Warren 2013), ainda carece de maior consideração: “(...) as realidades diversas e complexas das relações de trabalho entre humanos e animais ainda permanecem relativamente sem investigação” (Coulter 2016:1). Que sabemos nós sobre cães (e animais em geral) de trabalho? Sem embargo, Ingold (1980:88) há tempos já havia afirmado que “(...) o animal doméstico a serviço do homem constitui o trabalho em si, e não seu instrumento, e, portanto, a relação entre homem e animal não é, neste caso, técnica, mas social”.

Foi-me deveras interessante, nesta dissertação, refletir sobre as relações entre os cães (de trenó, ferais e abandonados) e os humanos (*mushers*, turistas e outros habitantes de Ushuaia) a partir da categoria “trabalho animal”. Foi a partir dela que me foi possível desvelar a fluidez dos diversos “estados” e “devires” dos cães – ou os distintos “produtos” de diferentes relações (ou engajamentos) materiais e semióticos – na Terra do Fogo, bem como as ambiguidades do que, para esses humanos, seriam (ou estariam) naturezas e culturas, selvagens e domesticados:

Ao reconhecer o nexos natureza-trabalho e o trabalho animal, somos encorajados a pensar em espécies inteiras e em animais individuais. Reconhecemos, mas ultrapassamos, fronteiras como "selvagem" e "domesticado" e "ambiente" versus "animais", em favor de uma abordagem mais integrada. Ao usar o trabalho animal como um mecanismo conceitual, também complicamos outros binários como "urbano" e "rural", na medida em que seres humanos e animais

vivem, trabalham, se movem, são movidos e mortos por entre os espaços em uma dinâmica mais fluida (Coulter 2016:12).

É muito curioso, por exemplo, que para os *mushers* a “vocação” natural dos cães de trenó para o trabalho – que, como já disse Marx, é social e, portanto, humano – é resultado da herança genética dos lobos e dos genes caninos “ancestrais” e “manipulados”, e que, por outra parte, ao mesmo tempo em que definem a prática do trenó como uma exploração animal, os turistas não hesitam em pagar pelo passeio. É um constante “jogo” de categorias, e, ao que tudo indica, *mushers*, turistas e fueguinos não parecem perceber a estranha combinação conceitual que carregam em suas reflexões. Talvez isso aconteça porque “(...) o cão não é percebido como sendo totalmente de natureza (sendo um animal doméstico) nem de cultura (sendo essencialmente um lobo, compartilhando o DNA dessa espécie)” (Cummins 2009:99).

O trabalho, neste contexto, parece operar como um regime de domesticidade. Piero Leirner, em manuscrito não publicado, sugeriu que “o consumo da força de trabalho animal (...) é tão produtivo quanto o da força de trabalho humana”. Além disso, para ele “(...) os bois saíram da condição conhecida como a de ‘wild pets’ justamente porque empenharam como condição de sua domesticação o seu engajamento na forma de (...) produtor de suas próprias condições de produção” (Leirner s/d). Parece-me que cães de trenó, no contexto desta dissertação, também. Eles também são produtores de suas próprias condições de produção: sem eles, não haveria prática turística (econômica) do *mushing* em Ushuaia. Ao mesmo tempo, outro aspecto que parece corroborar essa reflexão é o próprio status dos *perros salvajes*: no que lhes concerne, esses animais saíram de sua condição de “animal doméstico” justamente porque perderam sua

condição de “produtor de trabalho” – seja puxando trenós ou trabalhando “informalmente” (Coulter 2016:77) nos lares fueguinos.

Nesse mesmo manuscrito, Leirner afirmou que:

Tudo que precisamos para que bois estabeleçam essa incrível relação tautológica é fazê-lo concordar em ser um animal doméstico: participar desse ato ímpar de agir com(o) humano, dispendendo sua vida no trabalho. Mas não só: ele precisa também nos fazer concordar que passemos a dispendar nossas energias nele, tornando-o, quiçá, o centro de nossas existências (Leirner s/d).

Se substituíssemos “bois” por “cães de trenó”, a reflexão continuaria sendo válida. Em *Siberianos*, parece ter sido firmado um pacto de trabalho entre cães e humanos, no qual os cães também aceitaram trabalhar com os *mushers* e, portanto, aceitaram suas condições de trabalho e as relações de poder amparadas pela atividade econômica em questão – a prática do trenó puxado por cães no turismo em Ushuaia:

(...) as lentes do trabalho animal ilustram a interconectividade da natureza e da cultura e a importância do contexto. Isso inclui reconhecer que fatores estruturais moldam e constroem pessoas e animais, e que ambos têm agência. Significa ver que pessoas e animais interagem em espaços e relações de trabalho, que elementos e seres da natureza são moldados em espaços de múltiplas espécies, que animais trabalhadores se adaptam às demandas e necessidades humanas e que os animais moldam locais de trabalho multiespecíficos (Coulter 2016:11).

O trabalho, ali, é a labuta diária, é o comprometimento humano e canino em realizar as tarefas demandadas. No caso dos cães, essa tarefa é (querer) tracionar um trenó, fazê-lo corretamente, e conhecer e respeitar os *mushers*; no caso dos *mushers*, é

cuidar dos animais (alimentá-los, recolher seus dejetos, demonstrar afeto), saber montar as equipes, conhecer e respeitar os animais, conduzir o trenó prudentemente e garantir que os genes “ancestrais” dos cães, aqueles que os fazem animais de trabalho “naturais”, sejam preservados e passados adiante. Ademais, o trabalho também é sofrer e se cansar juntos – ao final da temporada, *mushers* e cães já estão cansados de trabalhar. Como afirmou Porcher, “o trabalho com animais envolve alegria e dor” (Porcher 2014:3). É nesse sentido que Hribal (2003:450) sugere que “(...) a exploração de humanos e outros animais estão interconectadas”. Para ele e para outros autores, como Porcher, os animais são parte da classe trabalhadora:

(...) o que chamamos de domesticação é acima de tudo o processo cooperativo de inserção de animais na sociedade humana através do trabalho, que envolve, como Marx escreveu, elementos de exploração e alienação, mas também e, mais particularmente, a perspectiva de emancipação (Porcher 2014:1).

Como partes de um mesmo sistema de produção, cães e *mushers* trabalham, vivem juntos e coabitam um mesmo espaço. Como já mencionado nesta dissertação, o próprio trabalho no turismo é, ao menos em parte, uma alternativa para que aqueles (humanos) interessados nesse tipo de relação (os *mushers*) possam mantê-la em Ushuaia. Como Porcher o fez pensando em outros contextos, sugiro aqui que o que se ganha (pecuniariamente falando) com essa prática econômica na Terra do Fogo serve, talvez principalmente, para a preservação dessa coabitação *suis generis* dos *mushers* com seus cães:

Viver juntos é uma justificativa fundamental do trabalho. A posição que desenvolvi utiliza múltiplas racionalidades do trabalho na criação de animais como evidência: relacional, relativa à identidade, econômica, técnica, moral (...). *Os animais não servem apenas para*

gerar renda; é a renda que serve a coabitação com os animais de criação (Porcher 2014:4, itálicos meus).

Ademais, afirmou Coulter (2016:74) que “todo trabalho envolve corpos” e, portanto, “os corpos dos animais desempenham um papel central em praticamente todo o trabalho que realizam”. No caso dos cães de trenó, seus corpos são, a todo o momento, acionados das mais diversas maneiras – quando estão tracionando o trenó e comunicando-se entre si, com os *mushers* e com os turistas:

Indiscutivelmente, para muitos animais seus corpos ou partes deles são parte desses animais e instrumentos (ou ferramentas) essenciais de/para o trabalho. Por exemplo, as fortes habilidades olfativas dos cães foram recrutadas para procurar e detectar pessoas vivas (perdidas ou em fuga), restos humanos, explosivos, armas, drogas e outros animais. Os cães foram postos a trabalhar usando seus narizes em comunidades rurais e urbanas, nas fronteiras, aeroportos e portos, em zonas de guerra, em áreas de conservação e parques e até na água. Assim, aqui *os corpos dos animais estão, simultaneamente, sendo usados diretamente por esses cães e por pessoas que estão entarefando-os com um trabalho específico* (Coulter 2016:74, itálicos meus).

Os corpos animais, então, têm papéis fundamentais nas relações de trabalho: são, como sugeriu Coulter, utilizados tanto pelos próprios animais quanto por aqueles humanos com os quais têm de se relacionar. Além disso, como os *mushers*, os cães também precisam saber “servir-se de seus corpos” (Mauss 2003). No contexto desta dissertação, o trabalho dos cães é puxar trenós na atividade turística: eles, portanto, investem sua força, resistência e inteligência no ato. O que é este trabalho? Certamente, não é somente tracionar – e trabalhar sobre – um artefato. Antes, parece-me que, como a prática se trata de uma *assemblage* coconstituída por cães, *mushers* e trenós, devemos

nos atentar para o fato de que o trenó não é agenciado apenas pelo humano: cães, também, têm poder de agenciamento – e os *mushers*, em seus discursos, reconhecem isso, mesmo, aparentemente, sem perceber. O trenó é uma máquina de transporte, e ela só funciona quando a equação *musher-trenó-cães* está completa.

Por melhor e mais experiente que seja um *musher*, um trenó sem tração canina não sai do lugar – por outro lado, um trenó com tração canina e sem condução humana funciona: mas por que cães tracionariam um trenó sem a presença humana? *Para quem* estariam puxando o trenó? A agência, portanto, acontece na performance do trio, ela emerge e se distribui na relação. Trata-se, afinal, de um ciborgue, que tem de acompanhar, sempre, uma coreografia muito (e multi) específica para lograr o que se propôs a fazer. A técnica não diz respeito somente a um objeto técnico; antes, ela diz respeito a uma objetivação da técnica – a partir de uma relação de cooperação no trabalho:

Nenhum coletivo de trabalho é eficiente sem a coordenação decorrente de procedimentos, mas, além disso, nenhum coletivo é eficaz sem cooperação. A cooperação não pode ser imposta, é condicionada à liberdade individual. Um animal que não deseja cooperar não pode ser obrigado a fazê-lo. Pode ser forçado por ameaças ou violência, mas pode obedecer, como os trabalhadores das fazendas industriais sabem muito bem, enquanto recusa aquiescência (Porcher 2014:6).

Certo dia, disse-me Hugo que “el hombre ha evolucionado, y los perros han evolucionado”. No contexto aqui apresentado, cães e *mushers* coevoluíram porque trabalharam (e agiram) juntos. Em certo sentido, para Hugo (co)evoluir é cooperar. Por outro lado, como afirmou Hribal (2003:436), “os animais não se tornam propriedade ‘naturalmente’, assim como os humanos ‘naturalmente’ não vendem seu trabalho. Pelo

contrário, há uma história ativa aqui – uma história de expropriação, exploração e resistência”. Em *Siberianos*, a resistência canina em puxar um trenó é entendida como um momento agentivo, e são nesses momentos que os animais estão, principalmente, “dizendo” e “tentando fazer” alguma coisa. Hribal observou o mesmo:

A maioria dos proprietários, gerentes ou observadores de animais trabalhando – seja através de suas palavras escritas ou de suas oposições – admitiu completamente a presença de tal resistência. Esses atos podem ser maliciosamente violentos na forma. (...) Ou podem ser não-violentos, como recusar-se a trabalhar ou, pelo menos, a trabalhar duro (Hribal 2003:449).

No entanto, abalizar a agência canina apenas como um ato de resistência ou, quiçá, como uma reação a um estímulo, é uma conduta um tanto questionável e controversa. É por isso que, como sugere Hribal, proponho aqui que pensemos os “atos de resistência” caninos, para além da ideia de “reagir”, como atos constituintes de uma *negociação* entre humanos e animais – e, portanto, atos que envolvem agência de ambas as partes:

Burros ignoraram comandos. Mulas arrastaram seus cascos. Bois se recusaram a trabalhar. Cavalos quebraram equipamentos. Galinhas bicaram as mãos das pessoas. Vacas chutaram os dentes dos agricultores. Porcos escaparam de seus currais. Cães roubaram comida extra. Ovelhas saltaram sobre cercas. Além disso, cada um desses atos de resistência foi completamente reconhecido pelo agricultor, proprietário, motorista, supervisor ou gerente como exatamente isso: *atos de resistência*. (...) De fato, se alguém desejava obter uma quantidade adequada, oportuna e lucrativa de trabalho de tais criaturas, sempre havia que haver algum grau de negociação envolvido (Hribal 2007:103, itálicos no original).

Savalois, Lescureux e Brunois (2013) com os cães pastores na França, propuseram algo semelhante:

O tipo de ação predominante usado pelos treinadores parece ser o resultado de uma *negociação com o cão*, de acordo com suas respectivas necessidades, interesses e habilidades. (...) Eles descreveram a lida com os animais de criação como o contexto favorável para o cão expressar para o que ele foi feito, usando as noções de "prazer" e "libertação" do cão no trabalho; eles disseram que estavam trocando um serviço para o criador de animais de criação com a satisfação da necessidade de um cão (Savalois, Lescureux & Brunois 2013:87).

No entanto, há aqueles animais que se encontram fora dos domínios do que é humano – e, por conseguinte, das relações e estruturas de poder que lhes conferem qualquer grau (ou possibilidade) de agência. Aqui, limito-me a pensar exclusivamente os cães e seus diferentes estatutos. Na Terra do Fogo, são os denominados *perros salvajes* os cães que melhor refletem essa condição. Como sugerido por Osório (2013:169), “(...) para aqueles [animais das ruas] que não se permitem domesticar, o grupo [de protetores de animais] guarda o adjetivo feral, que significa em estado selvagem”. No contexto aqui apresentado, cães que vivem nas ruas de Ushuaia não são necessariamente classificados como “selvagens” ou “ferais”, apesar de também consistirem, como os *perros salvajes*, em um problema social.

Cães nas ruas de Ushuaia estão/são localizados em categorias transitórias, entre aqueles que têm donos – cães de estimação – e aqueles que vivem em *jaurías* e atacam os rebanhos fueguinos – os cães ferais por excelência. *Perros callejeros* podem ser cães abandonados, fujões, e mesmo soltos deliberadamente por seus donos para um breve passeio. E, contudo, como entre os protetores de animais supracitados, em Ushuaia “(...)

o processo de domesticação só faz sentido se o animal se torna propriedade” (Osório 2013:157) – ou *pode vir a* se tornar, como é o caso dos cães nas ruas. Para aqueles que já perderam seu estatuto de animal doméstico, guarda-se os adjetivos *salvaje* ou *asilvestrado*.

Por um lado, cães ferais tornaram-se ferais em virtude do abandono; devem, portanto, sua “natureza” a uma prática “cultural”. Por outro, cães de trenó são, para os *mushers*, “naturalmente”, “originariamente”, bons trabalhadores; para os turistas, ou são “coitadinhos” que não deveriam trabalhar – pois cães são animais de estimação, não de trabalho – ou despertam interesse e fascínio por serem muito parecidos com lobos – em outras palavras, por serem (quase) selvagens. Talvez, despertem interesse justamente por sua condição de “quase selvagens”, por representarem, de certa maneira, a domesticação do selvagem (através do trabalho). Sobre o Patou (raça canina utilizada no pastoreio), escreveu Cummins (2009:120) que “enquanto domesticado, o Patou nos faz lembrar do selvagem”. Em certo sentido, é como se a própria ideia de trabalho – e, no caso dos *perros salvajes*, de feral – fosse intuitiva, independente da experiência e da prática – como se ela nada tivesse que ver, originariamente, com o humano.

Sem embargo, proponho nesta dissertação que estes cães são, conforme Sordi (2017) e Digard (2012), animais que passaram por um processo de feralização ou marronagem, e, como o fez Sordi em seu contexto de pesquisa, sugiro que o cão selvagem na Terra do Fogo, acima de tudo, aponta não para uma dicotomia entre doméstico/selvagem, mas para a porosidade do regime de domesticidade do qual aparentemente foi excluído:

(...) o feral não é o oposto do doméstico – papel este exercido pelo selvagem –, mas o indício de suas fissuras e contradições. Assim, mais do que qualquer coisa, *o feral é o modo com o qual o selvagem*

habita a domesticidade desde dentro, e não o encontro ou a hibridização entre dois domínios distintos (Sordi 2017:288, itálico no original).

Foi a partir dessa pletora canina – e da fluidez dos status desses animais – que me foi possível refletir sobre a existência de um espectro que vai do doméstico ao selvagem, passando por categorias intersticiais, e elaborar um modelo que fosse capaz de captar a vicissitude dos cães nessa estrutura político-econômica-social:

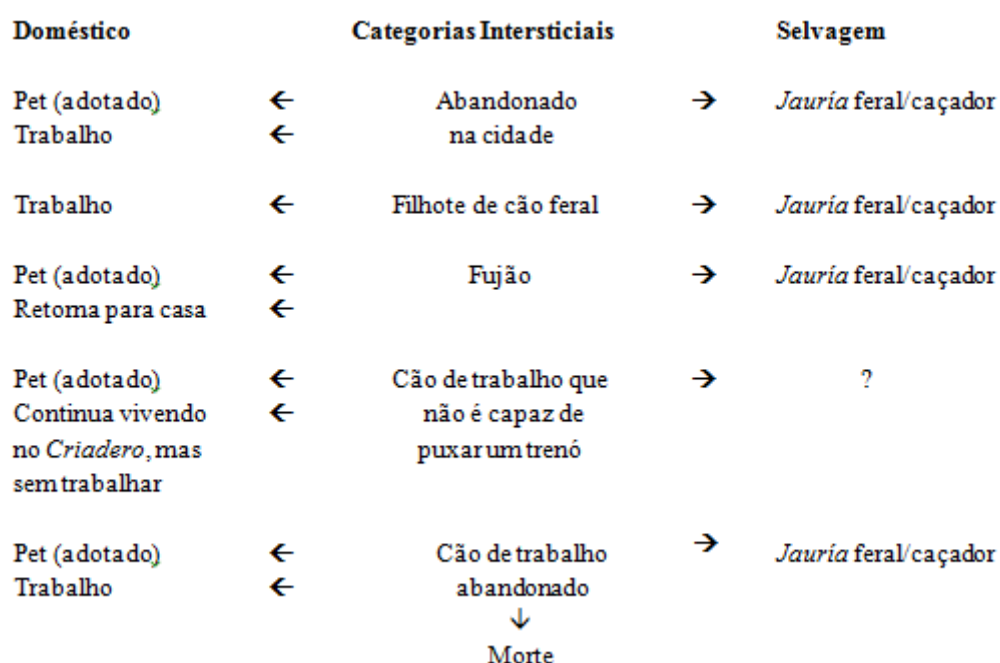


Figura 16 - Modelo das categorias e estatutos dos cães na Terra do Fogo. Elaborado pela pesquisadora.

Por motivos comparativos – e mesmo para corroborar minhas reflexões –, reproduzo aqui o modelo elaborado por Boitani et al. (2017:343) para pensar as categorias de cães encontradas por eles na Itália central – bem como os processos de feralização desses animais. De acordo com eles, as quatro categorias de cães que

encontraram – de posse restrita, de posse irrestrita, cão vadio e cão feral¹³⁰ – não são estanques; como também pode observar na Terra do Fogo, elas estão sempre variando ao longo da vida do animal:

Essas quatro categorias, no entanto, não são exclusivas. Não apenas a distinção entre selvagens, vadios/comunitários/da vila e outros cães que deambulam livremente geralmente é uma distinção de grau, mas os cães também podem mudar de status durante a vida. Vadios e selvagens parecem descrever categorias robustas, pelo menos no que diz respeito à dimensão social da relação entre homem e cão. Cães vadios mantêm laços sociais com humanos, mesmo quando não têm um dono óbvio. Cães selvagens vivem com sucesso sem qualquer contato com humanos, e seus laços sociais, se existirem, são com outros cães (Boitani et al. 2017:343).

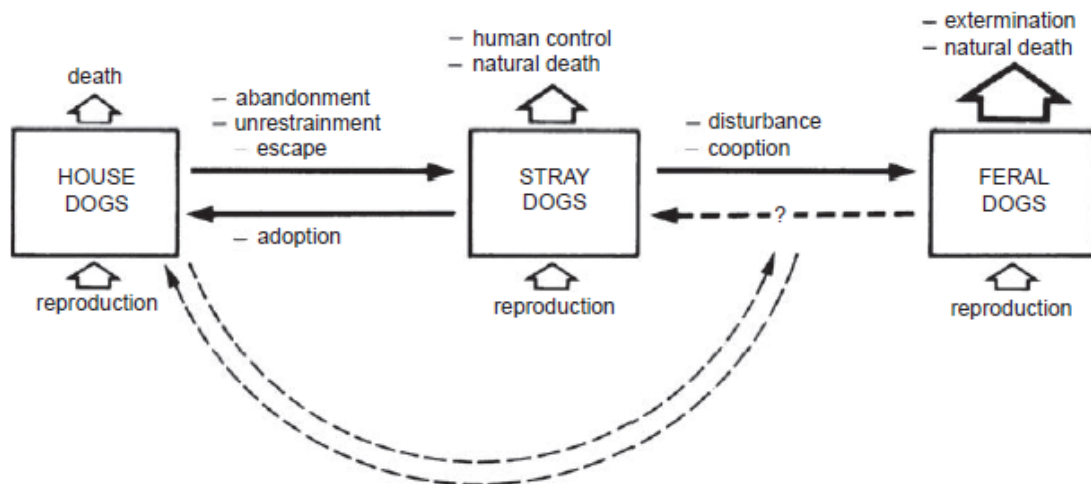


Figura 17 - Modelo de feralização. Fonte: Boitani et al. (2017).

Começamos pelo cão abandonado na cidade. Esse cão pode ser apenas um “fujão”: um cão que escapou ou foi solto deliberadamente por seus donos para uma voltinha. Mas pode ser também o produto direto de um abandono ou o fruto de um

¹³⁰ No original: *owned restricted, owned unrestricted, stray, feral dogs*.

cruzamento entre cães que já se encontravam em estado de abandono. Nessas situações, ele pode ser adotado e se tornar (novamente) um pet, pode ser integrado a uma *jauría* de *perros salvajes* ou pode continuar vivendo nas ruas, como cão abandonado. Pode, além disso, ao invés de ser deixado nas ruas, ser levado até um *criadero* e se tornar um cão de trabalho – o que foi o caso, por exemplo, de Nanuk e Nagao. Para os fins a que me proponho, adoto aqui a definição de Boitani et al. de “stray dog” para pensar a categoria “abandonado na cidade”:

(...) inclui cães que ainda têm um vínculo social com humanos (possivelmente abandonados ou nascidos em ambientes humanos) e cães com diferentes graus de medo/tolerância em relação aos humanos. Cães vadios vivem perto de localidades humanas nas quais encontram comida e abrigo, independentemente de esses recursos serem fornecidos intencionalmente por humanos ou casualmente associados a eles (por exemplo, doações, áreas de depósitos de lixo ou lixeiras para comida, estruturas para abrigo etc.) (Boitani et al. 2017:343).

Por sua vez, o *perro salvaje*, se ainda filhote, pode ser incorporado a uma *jauría* de cães de trenó (como foi o caso de Lonely) ou pode continuar tornando-se (crescendo) um *perro salvaje*. Depois de adulto, um cão asselvajado já não tem mais possibilidade de mobilidade: ele viverá e morrerá (provavelmente, será morto) com o mesmo estatuto. Sobre a dificuldade de se adotar e se aceitar um cão já adulto/idoso, Hernan certo dia me disse que, em *Siberianos*, os cães que não conseguem puxar um trenó (que não são bons trabalhadores) são sempre colocados para adoção – e são sempre colocados para adoção quando são jovens, pois “a la gente no les gusta adoptar perros viejos”.

O cão de trabalho que não consegue se fazer um “bom trabalhador”, então, é colocado para adoção – ou continuam morando no *criadero*, mas sem trabalhar.

Interessante notar que nem mesmo as categorias “cão de trenó”, ou “cão de trabalho”, são estanques. Sobre as adoções, Hernan me disse que são cães que não sabem puxar trenó, que não aprendem de jeito nenhum. Ele me deu como exemplo uma Husky Siberiana fêmea, jovem, que, apesar de gostar de puxar trenó, não sabe, não consegue: de acordo com o *musher*, ela é pesada, desengonçada, briga muito com as outras fêmeas e não faz força. Ela está para adoção. Curioso que, apesar de Hugo estar sempre dizendo e repetindo, para os turistas, que esses cães de trabalho não deveriam ser *mascotas*, ele mesmo doa alguns deles (os que não são considerados hábeis para trabalhar) para que venham a se tornar animais de estimação.

Há um cão Labrador vivendo em *Siberianos*. Certo dia, Tito (esse é seu nome) apareceu no *Criadero* e ali ficou. Disse-me Hugo que Tito se sente parte da *jauría*, que ele pensa que é um Husky. No entanto, de acordo com Hernan, Tito não traciona trenós: uma vez o cão foi atrelado ao trenó para puxar, e ele trabalhou bem. Mas colocá-lo para puxar poderia ser visto como maltrato, já que um Labrador não é um cão de trenó. Ele pode trabalhar em outras funções, como em práticas terapêuticas, mas não como animal de transporte. Hernan me disse que é o único cão ali que lhe dá pena, porque é um cão que precisa estar com uma família humana, e não no *Criadero*. Aqui, algo a se pensar: por que um Labrador não pode ser um cão de trenó/trabalho, mas um cão selvagem pode? Será que é porque um cão selvagem, estando fora dos domínios do que é humano e, portanto, consistir em um ser desprovido de qualquer status moral, está suscetível a qualquer tipo de tratamento, é uma espécie de matéria-prima canina aguardando ser moldada pelo engenho humano?



Foto 92 - À direita, Tito, o Labrador que vivem em *Siberianos de Fuego*. Acervo da pesquisadora.

Finalmente, há o cão de trabalho que é abandonado (como aconteceu em *Valle de Lobos* e no Canadá). Ele pode ser resgatado e adotado por uma família humana, pode ser resgatado e incorporado a uma nova *jauría* de cães de trenó (como aconteceu com Picante, por exemplo), ou pode, lamentavelmente, vir a morrer – seja por inanição, práticas canibais ou intencionalmente (levando um tiro ou uma facada, por exemplo). Tal-qualmente, o *perro salvaje* adulto, já sem qualquer possibilidade de “salvação”, tem o mesmo fim que os cães de trabalho renegados – aqueles que não foram adotados ou resgatados. Afinal de contas, todos os cães podem ser *mascotas* (à exceção dos cães ferais, que não podem ser nada a não ser um problema), mas nem todos podem ser cães de trenó/trabalho (como o Labrador Tito e mesmo os Huskies que vão para adoção por não saberem ou não conseguirem trabalhar).

Uma última – mas não menos importante – ponderação. O grande articulador desta dissertação foi o conceito de trabalho animal, e minhas reflexões a respeito do que constitui, afinal, o trabalho canino, afloraram ao longo de (praticamente) todo o texto. Para os *mushers*, a “natureza” dos cães de trenó é correr, ir “adelante” e tracionar, ao passo que, para eles e para outras pessoas com as quais tive a oportunidade de conversar, a “natureza” dos cães pastores é agrupar – ambos são, pois, “naturalmente” trabalhadores. O trabalho humano, por sua vez, consistia em principalmente “preservar” essa “natureza” canina por meio da reprodução controlada dos animais – pela “manutenção” de seus genes “ancestrais”:

Enquanto o [cão de estimação] é uma espécie de "hominoide" ou um substituto afetivo para um membro perdido da família humana, o [cão de trabalho] expressa "para o que ele foi feito" no trabalho. Segundo os treinadores, o cão pastor é considerado como um cão e é respeitado por sua natureza.

(...)

Assim, o cão pastor é realmente considerado e tratado em referência ao trabalho que ele/ela produz. O cão assume o status de um assistente, um agente controlável e autônomo que ajuda o criador de animais de criação a se tornar o líder de seu rebanho (Savalois, Lescureux & Brunois 2013:84, *itálicos meus*).

Diante disso, pergunto-me: será que não estamos diante de categorias de trabalho canino (correr/tracionar e agrupar) que, afinal, dizem respeito à “natureza” desses cães? Ou seja: será que o trabalho canino não é classificado a partir do que esses cães alegadamente “nasceram” para fazer? De mais a mais, creio que a pesquisa que aqui se apresentou tem competência para contribuir para os estudos sobre o trabalho animal na antropologia. Além de constituir em tema ainda pouco explorado (sobretudo

no Brasil e na América Latina), os resultados alcançados com esta etnografia, que apontaram para a fluidez das categorias doméstico/de trabalho, selvagem/feral e aquelas intersticiais, como “cão abandonado” (ao menos na Terra do Fogo), podem servir para que possamos pensar, em contextos brasileiros ou não, o trabalho canino (ou animal), bem como para o alargamento das nossas próprias noções acerca do que são e do que podem os cães – seja o contexto qual for. Anseio, também, que este trabalho auxilie, de alguma forma, as reflexões sobre as condições de trabalho dos milhões de animais trabalhadores espalhados pelo planeta, seja no nosso norte, o Sul, seja no outro Norte.



Foto 93 - Em meados de outubro, com o derretimento da neve e a chegada da primavera, cães e *mushers* podem, finalmente, descansar por algumas semanas. Acervo da pesquisadora.

Considerações finais:

“Lá fora fazia quase 100 graus Fahrenheit¹³¹ – mas os cães não tinham como escapar do calor sufocante”. Assim se inicia uma reportagem, publicada em julho de 2018, sobre as condições de vida de um grupo de aproximadamente duzentos cães de trenó em um canil em Ontario, no Canadá. De acordo com Kristen Warfield, a autora da reportagem, esses cães passavam os verões escaldantes presos por correntes em barris de plástico, em locais sem sombra alguma. Os animais passavam seus dias andando em círculos e latindo sem parar – “enlouquecendo de tédio” (“going crazy from boredom”). Os maus-tratos aconteceram no Canil *Chocpaw Expeditions*, um canil especializado em cães de trenó.



Foto 94 - "Uma visão aérea do Canil Chocpaw, como mostrado no filme “Sled Dogs””. Fonte: <<https://www.thedodo.com/close-to-home/sled-dogs-summer-heat-cruelty>>.

¹³¹ Cerca de 38 graus Celsius.

Conforme Warfield, “os cães são usados para passeios em trenós puxados por cães no inverno – mas no calor escaldante do verão, quando não há neve ou turistas, essa é a realidade deles”. Maus-tratos contra cães de trenó não são, afinal, muito incomuns, e o que sucedeu em Ontario, em *Valle de Lobos* e nas Olimpíadas de Inverno em Vancouver (Fennell 2013) apontam, infelizmente, para certa recorrência desse tipo nefasto de relação. Fern Levitt, cineasta¹³² canadense e defensora de cães de trenó, afirmou para Warfield: “Isso é típico da indústria de cães de trenó. Os mushers chamam isso de ‘o período de descanso’ dos cães, que vai de maio a outubro, durante o qual os cães simplesmente ficam lá sentados. Eles estão enlouquecendo de tédio”.

Em Ushuaia, como já mencionado, o único *criadero* de cães de trenó que não era administrado por uma agência turística era *Siberianos de Fuego*. Até mesmo Miguel, um grande entusiasta da prática e dos cães, com os quais mantém uma relação de extremo respeito, disse-me que, dentre os centros invernais e *criaderos* da cidade, apenas em *Siberianos* os cães tinham as condições e os tratamentos adequados: “con Hugo, es diferente”. Além de *Valle de Lobos*, tive uma única oportunidade de visitar as dependências dos cães em *Llanos de Castor*: eram canis fechados e afastados dos turistas, e assemelhavam-se um pouco aos canis de Valle de Lobos. Os cães dividiam esses canis, e, portanto, não tinham um “espaço individual”. Ademais, além dos cães da raça Greyster, que é a raça criada em *Llanos del Castor*, havia alguns poucos Malamutes do Alasca, que ficavam, lamentavelmente, separados dos outros cães, longe uns dos outros, em casinhas de madeira dispostas na entrada do centro invernal.

¹³² Levitt, em 2016, dirigiu e produziu o filme “Sled Dogs”, no qual expõe as condições em que vivem os cães de trenó no Canadá durante o período em que não há passeios de trenó.



Foto 95 - Um dos cães Malamute do Alasca que vivem em *Llanos del Castor*. Acervo da pesquisadora.

Nas considerações finais desta dissertação, não vem ao caso discutir sobre a vida e as relações entre cães e humanos em *Llanos del Castor* – não disponho de dados para tal. De todo modo, creio que pensar sobre o que aconteceu no Canadá e em *Valle de Lobos*, bem como nas condições de vida dos cães em *Llanos del Castor* e mesmo em *Siberianos de Fuego*, nos alerta e deixa patente a necessidade de nos perguntarmos: o que, afinal, constituem maus-tratos? Qual é o limite, se é que existe um? Quais são as linhas que divisam um maltrato ou um abuso de uma relação de trabalho respeitosa? O que torna as relações entre cães e *mushers* em *Siberianos* “aceitáveis” (ou, por que os turistas não fazem denúncias e continuam pagando pelos passeios)? E por que, na Terra do Fogo, cães selvagens incomodam tanto, ao passo que cães de trenó e cães abandonados, não?

Minha intenção, ao elencar todas essas conjunturas que envolvem cães de trabalho e humanos, seja no Hemisfério Sul ou no Norte, é refletir sobre o tema do trabalho animal, que, ainda, é deveras “cabeludo” (ou quiçá, “peludo”) e carece de muito mais investigação – mesmo porque o trabalho canino, em meu contexto de pesquisa, incentivou-me a ponderar sobre diversas outras questões a respeito da complexa e multifacetada relação entre humanos e cães. Por um lado, cães de trenó e *mushers*, envolvidos em uma relação de trabalho, se conhecem e se fazem conhecer uns aos outros através do convívio e da observação. Juntos, humanos e animais inventam uma terceira linguagem, “uma linguagem própria” (Brandt 2004), de maneira encontrar coerência entre mundos incoerentes (Haraway 2008). *Mushers* aprendem a prática do *mushing* na prática e com outros *mushers*; cães de trenó aprendem a tracionar um trenó na prática e entre si. São treinados, também, “com genética”, uma vez que são cães que “naturalmente amam correr e tracionar”, e basta que os *mushers* preservem os genes desses animais para que cães de trenó continuem nascendo e tracionando. Cães de trenó são, afinal, cães *de trenó*.

Por outro lado, a prática do trenó em Ushuaia é uma prática econômica, e os cães, como me afirmou Miguel, “son parte del negocio”. E assim o é: para além dos cães, *mushers* também precisam satisfazer turistas (que pagam caro pelos passeios, vale lembrar) – para que, veja-se, continuem conseguindo alimentar e manter os cães! Turistas felizes e satisfeitos (mesmo que, de início, jurem “abominar” essa “exploração animal”, “pobres coitados, esses cachorros, passam a vida presos aqui e trabalhando”) significam, de acordo com Hugo, mais dinheiro para os animais. E ele, certamente, não estava me embromando: diga-se o que for, Hugo vive para (e, claro, do trabalho de) seus cães de trenó (e isso, conseqüentemente, contribui também para a economia local).

De outra parte, há os cães selvagens e o incômodo que trazem para a população fueguina – que, vale dizer, não se revolta e não demonstra piedade quando um *perro salvaje* é abatido nas *estancias*. Muito pelo contrário. Na Terra do Fogo, cães se tornaram ferais – e “espécie exótica invasora” – a partir de práticas humanas – o abandono nas cidades e nas zonas rurais, por exemplo. Quando ainda são filhotes, nem tudo está perdido para eles: ainda podem ser “salvos” pelos humanos e podem se tornar cães de trabalho, como foi o caso de Bigote. Podem, pois, adentrar os domínios sociais e as estruturas de poder daqueles mesmos seres que, um dia, largaram a sua própria sorte seus companheiros caninos – e aqui, não estou falando de Hugo ou qualquer outro *musher*, mas sim dos humanos genericamente.

Cães na Terra do Fogo têm, em sua maioria, estatutos flutuantes: nada em suas vidas é certo. Podem passar de animais de estimação a animais de rua em um piscar de olhos; podem, também, pular do doméstico ao selvagem sem passar por qualquer status intersticial – e, quando nessa posição, a única real “solução”, mesmo que latente, é seu extermínio:

Sem dúvida alguma a posse responsável é a solução última para resolver o problema dos cães sem controle. Sem embargo, existe consciência de que o tempo necessário para se lograr que a posse responsável reduza a presença de cães sem controle será de muitos anos. Esse tempo excede o que podem esperar tanto a biodiversidade nativa da Terra do Fogo quanto a produção animal tradicional. Sem tomar *medidas adicionais* além da generalização da posse responsável, se estará condenando a fauna nativa, as atividades produtivas no âmbito rural, a segurança pública e impactos irreversíveis (Schiavini & Narbaiza 2015:6, itálicos meus).

Pergunto-me o que os pesquisadores supracitados quiseram dizer com “medidas adicionais”. Ao que parece, alguns fazendeiros na Terra do Fogo já estão utilizando

cercas elétricas e cães protetores para defender seus rebanhos dos ataques dos cães selvagens. Não obstante, Schiavini e Narbaiza alegam ser necessário o uso de outros métodos preventivos, como substâncias tóxicas e novas armadilhas – mas, diga-se, essas novas ferramentas de contenção têm de ser utilizadas corretamente: “o desespero do produtor para resolver este problema, somado à falta de opções ou ferramentas, em ocasiões pode força-los a usar técnicas inadequadas como substâncias tóxicas ilegais, *que produzem impacto incidental em outras espécies*, como a raposa-andina ou aves carniceiras [autóctones]” (Schiavini & Narbaiza 2015:4, *itálicos meus*).

O que se guarda para cães que perderam seu lugar na sociedade humana? O que faz com que uma suposta “exploração” animal, em *Siberianos de Fuego*, comova mais que o abate real de cães ferais? Por que se fazem filmes a respeito da exploração canina (como sucedeu no Canadá) e nada se diz sobre a eliminação (de certa forma, legalizada) dos ditos “exóticos invasores”? Quiçá – e espero, com esta dissertação, ter contribuído com algumas respostas – seja porque nada se preserva de humano nesses cães selvagens. Em outras palavras, para que serve (e, afinal, o que é) um humano sem qualquer função social?

Por que teria Leirner me sugerido que a rotina (e, por conseguinte, o sofrimento e a exploração) dos cães de trenó na Terra do Fogo se assemelha à do operariado inglês dos séculos passados? De onde vem a desaprovação dos turistas à prática do trenó puxado por cães, e sua posterior aquiescência e usufruto da força de trabalho dos animais? Arrematando as discussões aqui apresentadas, sugiro que muito do que refletimos sobre o trabalho animal nos serve, ou pode vir a nos servir, para pensarmos o próprio trabalho humano: afinal, o quanto de sofrimento e de maus-tratos não haverá em todo trabalho, em toda exploração da força de trabalho, seja ela humana ou não

humana? Parece-me, desta forma, que carecemos, ainda, refletir muito mais sobre o trabalho animal.

Referências bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. 2007. *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

ANDERSON, David G.; LOOVERS, Jan Peter Laurens; SCHROER, Sara Asu & WISHART, Robert P. 2017. “Architectures of domestication: on emplacing human-animal relations in the North”. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 23: 398-418.

ARLUKE, Arnold & SANDERS, Clinton R. 1996. *Regarding animals*. Philadelphia: Temple University Press.

BALZAR, John. 2000. *Cruzando o Yukon: uma das mais difíceis aventuras do mundo*. São Paulo: Alegro.

BARRETO, Eric Silveira. 2015. “‘Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro’: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro”. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pelotas – Pelotas.

BEAR, Christopher; WILKINSON, Katy & HOLLOWAY, Lewis. 2017. “Visualizing Human-Animal-Technology Relations: field notes, still photography, and digital video on the robotic dairy farm”. *Society and Animals*, 25(3): 1-32.

BECK, Alan M. 2002. *The ecology of stray dogs: a study of free-ranging urban animals*. Baltimore: York Press.

BECK, Alan & KATCHER, Aaron. 1996. *Between pets and people: the importance of animal companionship*. Indiana: Purdue University Press.

BOITANI, Luigi; FRANCISCI, Francesco; CIUCCI, Paolo & ANDREOLI, Giorgio. 2017. “The ecology and behavior of feral dogs: a case study from central Italy”. In: J. Serpell (ed.), *The domestic dog: it's evolution, behavior and interactions with people*. New York: Cambridge University Press. pp.342-368,

BORRERO, Luis. 2001. *El poblamiento de la Patagonia: Toldos, milodones y volcanes*. Buenos Aires: Emecé.

BORROTO-PÁEZ, Rafael. 2009. “Invasive mammals in Cuba: an overview”. *Biological Invasions*, 11(10): 2279-2290.

BOSTELMANN, R. W. 1976a. "Work with sledge dogs in the Antarctic". *Journal of Small Animal Practice*, 17: 255-260.

_____. 1976b. "The management of sledge dogs in the Antarctic". *Polar Record*, 18(112): 25-35.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1999. *O afeto da terra: Imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sítiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis*. Campinas: Editora da Unicamp.

BRANDT, Keri. 2004. "A language of their own: an interactionist approach to human-horse communication". *Society & Animals*, 12(4):299-316.

CANTOR, Glenn H. et al. 1997. "Salmonella shedding in racing sled dogs". *Journal of Veterinary Diagnostic Investigation*, 9(4): 447-448.

CARTER, Bob & CHARLES, Nickie. 2013. "Animals, Agency and Resistance". *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 43(3): 322-340.

CASSIDY, Rebecca & MULLIN, Molly (eds.). 2007. *Where the wild things are now: domestication reconsidered*. Oxford: Berg Publishers.

CHAPMAN, Anne. 1986. *Los Selk'nam: la vida de los Ona*. Buenos Aires: Emecé.

_____. 2012. *Fin de un mundo: Los Selk'nam de Tierra del Fuego*. Santiago de Chile: Pehuén.

COHEN, Susan. 2002. "Can pets function as family members?". *Western Journal of Nursing Research*, 24(6): 621-638.

CONSTABLE, PETER D. et al. 1994. "Athletic heart syndrome in dogs competing in a long-distance sled race". *Journal of Applied Physiology*, 76(1): 433-438.

COPPINGER, Raymond. 2008. "Selection for performance in working dogs". *Journal of Veterinary Behavior*, 3(4): 189-189.

COPPINGER, Raymond & SCHNEIDER, Richard. 2017. "Evolution of working dogs". In: J. Serpell (ed.). *The domestic dog: its evolution, behavior and interactions with people*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 21-47.

COSTA, Luís. 2013. "Alimentação e comensalidade entre os Kanamari da Amazônia Ocidental". *Mana*, 19(3): 473-504.

COSTA-NETO, Eraldo. 1999. "Recursos animais utilizados na medicina tradicional dos índios Pankararé que habitam no Nordeste do estado da Bahia, Brasil". *Actual Biol.*, 21(70): 69-79.

COULTER, Kendra. 2016. *Animals, work, and the promise of interspecies solidarity*. New York: Palgrave Macmillan.

COY, Jennie. 1994. "Animals' attitudes to people". In: T. Ingold (ed.), *What's an animal?* New York: Routledge. pp. 77-83.

DASHPER, Katherine. 2014. "Tools of the trade or part of the family? Horses in competitive equestrian sport". *Society & Animals*, 22:352-371.

DAVIS, M. S. et al. 2003. "Prevalence of gastric lesions in racing Alaskan sled dogs". *Journal of veterinary internal medicine*, 17(3): 311-314.

DELUDE, Lloyd A. 1986. "Activity patterns and behaviour of sled dogs". *Applied Animal Behaviour Science*, 15: 161-168.

DESCOLA, Philippe. 1992. "Societies of nature and the nature of Society". In: A. Kuper (org.), *Conceptualizing Society*. London: Routledge. pp. 107-126.

_____. 1994. *In the society of nature: a native ecology in Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1996. "Constructing natures: Symbolic ecology and social practice". In: P. Descola & G. Pálsson (orgs.), *Nature and Society: Anthropological perspectives*. London: Routledge. pp. 82-102.

DIGARD, Jean-Pierre. 2012. "A biodiversidade doméstica, uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal". *Anuário Antropológico*, 37(2):205-223.

FARAGE, Nádia. 2011. "De ratos e outros homens: resistência biopolítica no Brasil moderno". In: C. Lépine; A. Hofbauer & L. Schwarcz (orgs.), *Manuela Carneiro da Cunha: o lugar da cultura e o papel da antropologia*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue. pp. 279-309.

FENNELL, David. 2013. "Tourism and animal welfare". *Tourism Recreation Research*, 38(3): 325-340.

FIJN, Natasha. 2011. *Living with herds: human-animal coexistence in Mongolia*. New York: Cambridge University Press.

FOGLE, Bruce. 2009. *Guia Ilustrado Zahar: cães*. Rio de Janeiro: Zahar.

FROEHLICH, Graciela. 2012. “Do porco não sobra nem o grito”: classificações e práticas, saberes e sabores no abate doméstico de porcos. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria.

GALLARDO, Carlos. 1910. *Los Onas: una visión de principios del siglo de un pueblo hoy extinguido*. Buenos Aires: Zagier y Urruty Publicaciones.

GARCIA, Uirá. 2012. “O funeral do caçador: caça e perigo na Amazônia”. *Anuário Antropológico*, II:33-55.

GORRELL, Gena K. 2003. *Working like a dog: the story of working dogs through history*. Toronto: Tundra Books.

GRANDJEAN, Dominique & VAISSAIRE, Pierre (orgs.). 2001. *Enciclopédia do Cão Royal Canin*. Paris: Aniwa Publishing.

GREENEBAUM, Jessica. 2010. “Training dogs and training humans: symbolic interaction and dog training”. *Anthrozoös*, 23(2): 129-141.

GUILLARDI, Bruno Luiz. 2019. O manejo de javali como política pública: uma análise do manejo através das condições determinadas pelo poder público e as perspectivas dos manejadores frente essas condições e também sobre os javalis. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos – São Carlos.

GUSINDE, Martin. 1982 [1937]. *Los indios de Tierra del Fuego*. Buenos Aires: Centro Argentino de Etnología Americana.

HANSEN, Helmer. 1937. “Sledge dogs on Amundsen’s south polar journey”. *Polar Record*, 2(13): 57-59.

HARAWAY, Donna J. 2003a. *The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press.

_____. 2003b. “For the love of a good dog: webs of action in the world of dog genetics”. In. A. Goodman; D. Heath & S. Lindee (eds.), *Genetic Nature/Culture: Anthropology and Science beyond the Two-Culture Divide*. Berkeley: University of California Press. pp. 111-131.

_____. 2008. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

HAUDRICOURT, André-Georges. 2013. “Domesticação de animais, cultivo de plantas e tratamento do outro”. *Série Tradução UNB*, 7: 1-13.

HELTON, William S. (ed.). 2009. *Canine ergonomics: the science of working dogs*. Boca Raton, Florida: Taylor & Francis Group.

HINCHCLIFF, Kenneth W. et al. 2000. "Oxidant stress in sled dogs subjected to repetitive endurance exercise". *American journal of veterinary research*, 61(5): 512-517.

HOBGOOD-OSTER, Laura. 2014. *A dog's history of the world: canines and the domestication of humans*. Waco, Texas: Baylor University Press.

HRIBAL, Jason. 2003. "'Animals are part of the working class': a challenge to labor history". *Labor History*, 44(4): 435-453.

_____. 2007. "Animals, agency and class: writing the history of animals from below". *Human Ecology Review*, 14(1): 101-112.

HUSON, Heather J. et al. 2010. "A genetic dissection of breed composition and performance enhancement in the Alaskan sled dog". *BMC genetics*, 11(1): 71-71.

_____. 2012. "Breed-specific ancestry studies and genome-wide association analysis highlight an association between the MYH9 gene and heat tolerance in Alaskan sprint racing sled dogs". *Mammalian genome*, 23(2): 178-194.

INGOLD, Tim. 1974. "On reindeer and men". *New Series*, 9(4): 523-538.

_____. 1980. *Hunters, pastoralists and ranchers: Reindeer economies and their transformations*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1994. "Introduction". In: T. Ingold (ed.), *What is an animal?* London: Routledge. pp. 1-16.

_____. 2000. *The perception of the environment: essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.

_____. 2011. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge.

IRVINE, Leslie. 2004. *If you tame me: understanding our connections with animals*. Philadelphia: Temple University Press.

KEMP, Scott; REYNOLDS, Arleigh & DUFFY, Lawrence. 2005. "In the Plasma of Alaskan Sled Dogs". *American journal of biochemistry and biotechnology*, 1(2): 111-114.

KEMP, Sharon. 1999. "Sled dog racing: the celebration of co-operation in a competitive sport". *Ethnology*, 38(1): 81-95.

KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. 2010. "The emergence of multispecies ethnography". *Cultural Anthropology*, 25(4): 545-576.

KOHN, Eduardo. 2007. "How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies engagement". *American Ethnologist*, 34(1): 3-24.

KOSKI, Leena & BÄCKLUND, Pia. 2015. "On the fringe: the positions of dogs in Finnish dog training culture". *Society & Animals*, 23: 24-44.

KUHL, G. 2011. "Human-sled dog relations: what can we learn from the stories and experiences of *mushers*?" *Society & Animals*, 19: 22-37.

KULICK, Don. 2009. "Animais gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies". *Mana*, 15(2), 2009: 481-508.

LATOUR, Bruno. 2013. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34.

LEAL, Natacha. 2018. "Dos manuais que fazem raça: técnicas e enunciados sobre purezas zootécnicas". *R@U*, 10(1):25-52.

LEIGHTON, Eldin A. 2009. "Secrets of producing high-quality working dogs". *Journal of Veterinary Behavior*, 4: 212-215.

LEIRNER, Piero de Camargo. "Trabalho animal: notas preliminares a partir de Marx e Engels". *Manuscrito não publicado*.

LÉO NETO, Nivaldo. 2011. *'Na lição da abeia-mestra': análise do complexo simbólico e ritualístico do mel e das abelhas sem ferrão entre os índios Atikum*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Campina Grande – Campina Grande.

LEROI-GOURHAN, André. 1971. *O homem e a matéria (evolução e técnicas)*. São Paulo: Edições 70.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2004. "A lição de sabedoria das vacas loucas". *Novos Estudos*, 70: 79-84.

_____. 2012. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus.

LIEN, Marianne Elisabeth & LAW, John. 2011. "Emergent aliens?: on salmon, nature and their enactment". *Ethnos*, 76(1):65-87.

LOOVERS, Jan Peter. 2015. "Dog-craft: a history of Gwich'in and dogs in the Canadian North". *Hunter Gatherer Research*, 1(4):387-419.

LOPONTE, Daniel & ACOSTA, Alejandro. 2016. "Nuevos registros prehispánicos de *Canis familiaris* (Carnivora, Canidae) en la cuenca del Paraná, Argentina". *Mastozoología Neotropical*, 23(2): 431-454.

LOSEY, Robert; WISHART, Robert & LOOVERS, Jan Peter Laurens (eds.). 2018. *Dogs in the North: stories of cooperation and co-domestication*. New York: Routledge.

MACHADO, Carlos José Saldanha (org.). 2013. *Animais na sociedade brasileira: práticas, relações e interdependências*. Rio de Janeiro: E-papers.

MAIDA, Juan Carlos. 2015. "Breve historia del Perro Polar Argentino". *Revista de Medicina Veterinaria*, 96(2):15-18.

MALDONADO, Margarita Angélica. 2018. *Entre dos mundos: pasado y presente de los habitantes selk'nam – Haus de Tierra del Fuego*. Ushuaia: Editora Cultural Tierra del Fuego.

MAUSS, Marcel. 2003. "As técnicas do corpo". In: M. Mauss, *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 399-422.

MENACHE, Sophia. 1998. "Dogs and human beings: a story of friendship". *Society & Animals*, 6(1): 67-86.

MILLER, Benjamin F. et al. 2014. "Participation in a 1,000-mile race increases the oxidation of carbohydrate in Alaskan sled dogs". *Journal of Applied Physiology*, 118(12): 1502-1509.

MOREY, Darcy. 2010. *Dogs: domestication and the development of a social bond*. Cambridge: Cambridge University Press.

MULLIN, Molly. 1999. "Mirrors and windows: sociocultural studies of human-animal relationships". *Annual Review of Anthropology*, 28: 201-224.

OLIVEIRA, Samantha B. C. 2006. *Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro.

ORQUERA, Luis Abel & PIANA, Ernesto Luis. 2015. *La vida material y social de los Yámana*. Ushuaia: Monte Olivia.

ORQUERA, Luis Abel; PIANA, Ernesto Luis; FIORE, Dánae & ZANGRANDO, Atilio Francisco. 2017. *Diez mil años de fuegos: arqueología y etnografía del fin del mundo*. Ushuaia: Monte Olivia.

OVERALL, Karen L. 2008. "Working dogs and the science they inspire". *Journal of Veterinary Behavior*, 3: 141-142.

_____. 2009. "Thoughts of working dogs". *Journal of Veterinary Behavior*, 4:211-211.

PASTORI, Érica Onzi. 2012. *Perto e longe do coração selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

PEREIRA, Jussara; SCHIAVETTI, Alexandre. 2010. "Conhecimentos e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas 'Tupinambá de Olivença' (Bahia)". *Biota Neotropical*, 10(1): 175-183.

PETRIGH, Romina S. & FUGASSA, Martín. 2013. "Molecular identification of a Fuegian dog belonging to the Fagnano Regional Museum ethnographic collection, Tierra del Fuego". *Quaternary International*, xxx: 1-5.

PHILLIPS, Carleton J.; COPPINGER, Raymond P. & SCHIMEL, David S. 1981. "Hyperthermia in running sled dogs". *Journal of Applied Physiology*, 51(1): 135-142.

PORCHER, Jocelyne. 2014. "The work of animals: a challenge for social sciences". *Humanimalia*, 6(1): 1-9.

PREVOSTI et al. 2011. "Constraining the time of extinction of the South American fox *Dusicyon avus* (Carnivora, Canidae) during the late Holocene". *Quaternary International*, 245: 209-217.

QUERENGAESSER, Andreas; IBEN, Christine; LEIBETSEDER, Josef. 1994. "Blood changes during training and racing in sled dogs". *The Journal of nutrition*, 124(12): 2760S-2764S.

RAPCHAN, Eliane Sebeika; NEVES, Walter Alves. 2014. "Etnografias sobre humanos e não humanos: limites e possibilidades". *Revista de Antropologia*, 57(1): 33-84.

RODEGUERO, Miriam. 2014. "Antes da carne: sobre trabalhadores, animais e consumo em um frigorífico no interior paulista". *Trabalho apresentado na 28a RBA*, Natal.

ROOT-BERNSTEIN, Meredith. 2015. "Personal reflections on natural history as common ground for interdisciplinary multispecies socio-ecological research". *Geo: Geography and Environment*, 3(1): 1-6.

SANDERS, Clinton R. 2003. "Actions speak louder than words: close relationships between humans and non-human animals". *Symbolic Interaction*, 26(3): 405-426

SANTOS, Bruno Silva. 2018. "Dó e alegria: relações entre os Guarani-Mbya e seus cães no Jaraguá/SP". *Ambivalências*, 5: 49-81.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel & STOECKLI, Pedro. 2012. "O que é um humano? Variações da noção de domesticação em Tim Ingold". *Anuário Antropológico*, II: 227-246.

SAVALOIS, Nathalie; LESCUREUX, Nicolas & BRUNOIS, Florence. 2013. "Teaching the dog and learning from the dog : interactivity in herding dog training and use". *Anthrozoös*, 26(1): 77-91.

SCHIAVINI, Adrián & NARBAIZA, Carla (eds.). 2015. "Conflictos derivados de las poblaciones caninas en Tierra del Fuego". *Informe realizado por solicitud del Comité de Emergencia Agroganadero y de Alerta Sanitaria de Tierra del Fuego*.

SCHIAVINI, Adrián; CARRANZA, María; DEFERRARI, Guillermo; ESCOBAR, Julio; MALMIERCA, Laura & PIETREK, Alejandro. 2016. "Erradicación de especies invasoras: ciencia, actitud y entendimiento. El castor en Tierra del Fuego". *Mastozoología Neotropical*, 23(2): 279-288.

SEGATA, Jean. 2011. "Pessoas, coisas, animais e outros agentes: sobre os modos de identificação e relação entre humanos e não-humanos". *Revista Caminhos*, 2(1): 87-119.

_____. *Nós e os outros humanos, os animais de estimação*. 2012. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis.

SCHNEIDER, Maurício; MENASCHE, Renata. 2014. "Os estudos rurais à luz de outras possibilidades: pistas a partir da Antropologia Simétrica". *Tessituras*, 2(2): 246-268.

SCHWARTS, Marion. 1998. *A history of dogs in the early Americas*. New Haven: Yale University Press.

SERPELL, James. 1996. *In the company of animals: a study of human-animal relationships*. New York: Cambridge University Press.

SILVA, Alexandre Christófaro et al. 2009. “Turfeiras da Serra do Espinhaço Meridional - MG: I - caracterização e classificação”. *Rev. Bras. Ciênc. Solo*, 33(5): 1385-1398.

SIQUEIRA, Débora. 2014. “A gente sabe o sistema como é criado: a carne de porco entre a casa e a agroindústria na região de Chapecó – SC”. *Trabalho apresentado na 28a RBA*, Natal.

SORDI, Caetano. 2017. *Presenças ferais: invasão biológica, javalis asselvajados (Sus scrofa) e seus contextos no Brasil Meridional em perspectiva antropológica*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

SORDI, Caetano & LEWGOY, Bernardo. 2013. “O que pode um prion? O caso atípico de vaca louca no Brasil e seus desdobramentos”. *Antropológicas*, 24(1):125-143.

STRECKER, Lisa. 2018. “Northern relations: people, sled dogs and salmon in Kamchatka (Russian Far East)”. In: R. Losey, R. Wishart & J. P. Looers (eds.), *Dogs in the North: stories of cooperation and co-domestication*. New York: Routledge. pp. 61-86.

STREET, John M. 1962. “Feral animals in Hispaniola”. *Geographical Review*, 52(3): 400-406.

TEIXEIRA, Ivana. 2016. “A relação entre homens e animais no mundo da cinofilia: uma análise antropológica”. In: C. Bevilaqua & F. Vander Velden (orgs.), *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*. Curitiba: Editora da UFPR & São Carlos: EdUFSCar. pp. 103-117.

TEIXEIRA, Jorge Luan & AYOUB, Dibe. 2016. “Cachorros que atacam criação: reflexões éticas sobre a mobilidade e a vida social dos animais em ambientes rurais”. *Iluminuras*, 17(42): 136-165.

TESSONE, Augusto. 2014. “Conductas mortuorias en el Canal Beagle, una visión desde el registro etnohistórico y etnográfico”. In: J. Oría & A. Tivoli (eds.), *Cazadores de mar y tierra. Estudios recientes en arqueología fueguina*. Ushuaia: Editora Cultural Tierra del Fuego. pp. 149-167.

TESTER, Frank James. 2010. “Mad dogs and (mostly) Englishmen: Colonial relations, commodities, and the fate of Inuit sled dogs”. *Études/Inuit/Studies*, 34(2): 129-147.

TIVOLI, Angélica Montserrat. 2014. “Las aves en la alimentación y tecnología de los pueblos originarios de la región del Canal Beagle”. In: J. Oría & A. Tivoli (eds.), *Cazadores de*

mar y tierra. *Estudios recientes en arqueología fueguina*. Ushuaia: Editora Cultural Tierra del Fuego. pp. 85-107.

URRUTY, Emilio. 2009. *Poncho: La legendaria vida de un Perro Polar Argentino*. Buenos Aires: Universidad Tecnológica Nacional.

VANDER VELDEN, Felipe Ferreira. 2012. *Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana*. São Paulo: Alameda.

_____. 2015. “Apresentação ao Dossiê animalidades plurais”. *R@u - Revista de Antropologia da UFSCar*, 7(1): 7-16.

_____. 2016. “Como se faz um cachorro caçador entre os Karitiana (Rondônia)”. *Teoria e Cultura*, 11(2): 25-35.

_____. “Animais exóticos de origem europeia ou africana entre povos indígenas nas terras baixas da América do Sul”. *Manuscrito não publicado*.

VANDER VELDEN, Felipe Ferreira; BADIE, Marilyn Cebolla. 2011. “A relação entre natureza e cultura em sua diversidade: percepções, classificações e práticas”. *Avá*, 19: 15-47.

VICART, Marion. 2010. « Où est le chien? À la découverte de la phénomenographie equitable ». *De Boeck Supérieur*, 2(108) : 89-98.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

WARREN, Cat. 2013. *What the dog knows: the science and wonder of working dogs*. New York: Simon & Schuster.

WILLERSLEV, Rane. 2007. *Soul hunters: hunting, animism, and personhood among the Siberian Yukaghirs*. Berkeley: University of California Press.

WILLIAMS, Tully. 2007. *Working sheep dogs: a practical guide to breeding, training and handling*. Australia: Landlinks Press.

WISHART, Robert. 2018. “Telling stories of co-domestication and cooperation: an introduction”. In: R. Losey, R. Wishart & J. P. Looovers (eds.), *Dogs in the North: stories of cooperation and co-domestication*. New York: Routledge. pp. 1-27.

WOLFE, Cary. 2011. “Moving forward, kicking back: the animal turn”. *Postmedieval: a journal of medieval cultural studies*, 2: 1-12.

WOLFF, Francis, 2010. *Cincuenta razones para defender las corridas de toros*.
Córdoba: Almuzara.